

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM
HISTÓRIA

IDAURO DE OLIVEIRA CAMPOS JÚNIOR

**PROTESTANTISMO E DITADURA CIVÍL-
MILITAR: SILÊNCIO, APOIO E LEGITIMAÇÃO.**

Niterói

2018

IDAURO DE OLIVEIRA CAMPOS JÚNIOR

LINHA DE PESQUISA: IDEOLOGIA E PESQUISA

**PROTESTANTISMO E DITADURA CIVÍL-MILITAR: SILÊNCIO, APOIO E
LEGITIMAÇÃO.**

Protestantismo e Ditadura Civil-Militar no Brasil: Silêncio, apoio e legitimação. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História do Brasil do Curso de Mestrado da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil. Área de concentração: História política e religiosa. Linha de Pesquisa: Ideologia e Política.

Orientador: Marcelo Timótheo da Costa.

Niterói

2018

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universo
Campus Niterói

C198p Campos Júnior, Idauro de Oliveira.

Protestantismo e ditadura civil-militar: silêncio,
apoio e legitimação / Idauro de Oliveira Campos
Júnior. - Niterói, 2018.

237 p. : il.

Bibliografia: p. 184-204.

Dissertação apresentada para obtenção do título de
Mestre em História - Universidade Salgado de
Oliveira, 2018.

Orientador: Dsc. Marcelo Timotheo da Costa.

1. Brasil - História. 2. Brasil - História - Golpe civil- militar, 1964. 3. Brasil - Política e governo - 1964-1985. 4. Protestantismo - Brasil. 5. Igreja - Atividades políticas - Brasil. 6. Igreja e problemas sociais - Brasil. 7. Congregações evangélicas - Brasil. I. Título. II. Subtítulo: silêncio, apoio e legitimação.

CDD 981

Bibliotecária: Elizabeth Franco Martins CRB 7/4990

IDAURO DE OLIVEIRA CAMPOS JUNIOR

**“PROTESTANTISMO E DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL:
SILÊNCIO, APOIO E LEGITIMAÇÃO”**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 14 de setembro de 2018 pela banca examinadora, composta pelos professores:



Prof. Dr. Marcelo da Silva Timotheo da Costa

Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof. Dr. Marcos José de Araújo Caldas

Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)



Prof. Dr. João Azevedo e Dias Duarte

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)

Resumo

Este trabalho visa apresentar a relação do protestantismo com a sociedade brasileira e suas reações no período da Ditadura Civil-Militar. Representado especialmente nesta pesquisa pelo congregacionalismo, segmento do protestantismo de missão, presente no Brasil desde 1855, e que, apesar de ter na democracia eclesiástica uma das suas marcas, evidenciou durante os anos de ditadura alinhamento ideológico e apoio manifestados através de notas editoriais publicadas na imprensa confessional e também por meio de movimentos de aproximação com o Governo, contribuindo para a sua legitimação perante a sociedade.

Palavras-chaves: Congregacionalismo, Protestantismo, Congregacionais, Puritanos. Legitimação, Ditadura Civil - Militar.

Abstract

This work aims to present Protestantism's relationship with Brazilian society and its reactions during the period of Civil – Military Dictatorship. It's especially represented in this research by Congregationalism, a branch of Missionary Protestantism, which is present in Brazil since 1855, and although having in ecclesiastical democracy one of its marks, had evidenced during Dictatorship's years, an ideological alignment manifested through editorial notes published in confessional press and also through movements of approximations with Government, contributing to its legitimization before society.

Keyword: Congregationalism, Protestantism, Congregational, Puritanism, Legitimazation, Civil - military Dictatorship.

Aos congregacionais de todo o Brasil

Agradecimentos

Ao Deus Trino e Eterno, pela vida e tantas oportunidades na mesma;

Aos meus pais, Idauro e Rose (ambos *in memoriam*), os amarei para sempre!

À minha esposa, Sandra, todo o meu amor!

À minha filha, Simone, alegria de meu viver!

Ao meu amigo e colega de ministério e de academia, Rev. Ubirajara Sampaio Bragança, maior incentivador para que fizesse este curso!

Ao meu amigo Sidney Azevedo, sempre na torcida por mim!

À Joelma Castelette, secretária eclesiástica da Igreja Congregacional de Niterói, por todo o apoio no controle de minha agenda ministerial.

À Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, por proporcionar um ambiente de excelência acadêmica;

Aos professores Francisco Falcon, Marcelo Timótheo, Marcia Amantino, Karoline Carula e Marly Vianna, como aprendi com vocês!

Ao professor e orientador, Marcelo Timotheo da Costa; foi uma bela jornada! De grande aprendizado e honra para mim! Um mestre que concilia, como poucos, erudição, elegância e bom humor! Obrigado pelas aulas inesquecíveis!

Aos professores João Dias Duarte e Marcos José de Araújo Caldas, membros da banca de qualificação, pela leitura atenta e enriquecedoras sugestões.

Ao Rev. Manoel Bernardino e às irmãs Dilma Monteiro e Esther Marques Monteiro pelo acesso ao acervo das bibliotecas das Igrejas Evangélicas Congregacionais de Vivente de Carvalho e Fluminense, respectivamente. Uma riqueza!

Aos ministros congregacionais Hélio Martins, José Bonifácio, Vanderli Lima Carreiro, Daniel Lima e Manoel Bernardino e ao irmão Delmo Lemos pelas entrevistas concedidas.

À União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil: minha pertença religiosa! 25 anos de formação cristã, ensinando-me a enxergar a vida pela perspectiva do Evangelho de Jesus Cristo!

Abreviaturas

ACM - Associação Cristã de Moços

AIECB – Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

AERP - Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República

CBB – Convenção Batista Brasileira

CEB – Confederação Evangélica do Brasil

CEI - Centro Ecumênico de Informação

CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviço

CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNV – Comissão Nacional da Verdade.

CMI – Conselho Mundial de Igrejas

COMEC – Confederação de Mocidade Evangélica Congregacional

DEBA Departamento de Educação Básica de Adultos

DOI-COI - Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna.

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICAR – Igreja Católica Apostólica Romana

IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil –

IPMs - Inquéritos Policiais Militares

IPI – Igreja Presbiteriana Independente.

IPRB – Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil

JOC – Juventude Operária Católica

JUC - Juventude Universitária Católica

LEC – Liga Eleitoral Católica

MPLA – Movimento Popular de Libertação da Angola

OMBB - Ordem dos Ministros Batistas do Brasil (OMBB)

PCB- Partido Comunista Brasileiro

PDC – Partido Democrata Cristão.

PRD - Partido Republicano Democrático

PRT - Partido Republicano Trabalhista

POMN Presbitério Oeste de Minas Gerais

PUC - Pontifícia Universidade Católica

SNI – Serviço Nacional de Informação

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

UESA - União Evangélica Sul-Americana

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

UIECB – União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil

UIECCB – União das Igrejas Evangélicas Cristãs e Congregacionais do Brasil

UNESP – Universidade Estadual Paulista

USP – Universidade de São Paulo

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Sumário

Introdução	1
Capítulo I - Os Congregacionais: breve síntese histórica	14
1.1. A Origem na Inglaterra	14
1.2. Os Congregacionais e as Colônias Americanas	16
1.3. Congregacionalismo: Uma teoria social	20
1.4. Contribuições Teológicas da Reforma Protestante	33
1.5. O Protestantismo na Sociedade Brasileira	34
1.6. Os Congregacionais no Brasil: A Canção e o Silêncio	36
Capítulo II - Protestantismo e a Sociedade Brasileira	43
2.1. A Comissão Nacional da Verdade e as Igrejas	43
2.2. O Protestantismo.....	46
2.3. A Inserção Protestante no Brasil: Tipologias e Consolidação	48
2.4. A Confederação Evangélica do Brasil: A face de um protestantismo engajado	65
2.5. O Silêncio dos Congregacionais: Uma surpresa	70
2.6. Os Congregacionais em 1964: O alinhamento com o Golpe Civil-Militar	72
2.7. Os Problemas Denominacionais do fim de uma década intensa	92
2.8. O Silêncio Congregacional da década de 1970	102
2.9. As chaves para entender o silêncio	107
Capítulo III – O Apoio Protestante e a Legitimação da Ditadura Civil-Militar	127
3.1. O Apoio Religioso: Igreja Católica Apostólica Romana	129
3.2. Religião no Ordenamento Social	140
3.3. A Religião e os Regimes Autoritários	142
3.4. E os protestantes?	148
3.5. A Religião Protestante no Ordenamento Social Brasileiro	148
3.6. O Apoio Protestante à Ditadura Civil-Militar: Legitimidade, Consenso e Participação	165

Considerações Finais	181
Referências	184
Anexos	205

Introdução

A religião é social e a sociedade é religiosa. Trata-se, portanto, de um “fato social”¹. Estudar fenômenos e personagens religiosos deixou de ser uma tarefa apenas das matrizes confessionais e cada vez mais historiadores, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos, pesquisadores das Ciências da Religião, comprometidos ou não com alguma pertença, e das mais diferentes escolas e linhas teóricas, dedicam tempo para entender os movimentos religiosos e suas relações com o poder político e sua influência na economia e impacto social. Exemplos, alguns já destacados na introdução da obra de Silas Luiz de Souza “Protestantismo & Ditadura: os presbiterianos e o governo militar no Brasil (1964 – 1985)”², que compõe o referencial teórico desta dissertação, não faltam conforme serão registrados na sequência abaixo.

Christopher Hill, historiador marxista, escreveu importantes obras sobre a revolução inglesa e sua íntima relação com o movimento puritano, uma expressão do protestantismo inglês. Entre tais, destacam-se: “A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII”³, “O Século das Revoluções”⁴, “O Mundo de Ponta Cabeça”⁵, “O Eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa”⁶. Hill procura entender como os anseios religiosos dos puritanos interferiram no processo político da nação inglesa.

Lucien Febvre, por sua vez, tem sua “opinião sobre Lutero”⁷ publicada no Brasil em 2012, embora o texto original remeta ao ano de 1927, obra na qual o historiador francês, fundador da célebre *École des Annales*, mostra os elos das inquietações do monge agostiniano no ambiente político, dominado pelos príncipes, e as convulsões sociais tipificadas nos anseios de Thomas Müntzer e demais camponeses anabatistas que viam nas teses luteranas, mesmo a contragosto do pai da Reforma, a aurora de redenção social e posse definitiva da terra.

¹ Para David Émile Durkheim “a religião é uma coisa iminentemente social”. DURKHEIM, David Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.38.

² DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura: os presbiterianos e o governo militar no Brasil (1964- 1985)*, 2014.p.17-68.

³ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

⁴ HILL, Christopher. *O Século das Revoluções: 1603-1714*. São Paulo: Unesp, 2012.

⁵ HILL, Christopher. *O Mundo de Ponta a Cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁶ HILL, Christopher. *O Eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁷ FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.p.11.

Jacque Le Goff com sua obra sobre São Francisco de Assis⁸ situa o prestigiado personagem católico em seu contexto maior, revelando os traços geográficos, as tramas religiosas, as transformações sociais, políticos e econômicas da Península Italiana assim como da própria Europa do século XIII.

Leandro Karnal lança luz sobre a teia religiosa que compôs a formação social dos Estados Unidos da América. Em seu livro, “Os Estados Unidos da América: das origens ao século XXI”⁹, lá estão os puritanos como os “Pais Peregrinos” que, embora não tenham sido os fundadores de toda a nação¹⁰, foram tomados pela historiografia como “os modelos de colonos”¹¹, nos ideários religioso, educacional e na própria concepção de “progresso”¹².

Christopher Dawson, em “A Divisão da Cristandade: Da Reforma Protestante a Era do Iluminismo”¹³, segue mostrando as imbricações na formação dos Estados Nacionais com a fragmentação do cristianismo em diversos grupos, a partir da Reforma Protestante, e como que as questões teológicas contribuíram na construção da modernidade ocidental. Modernidade esta que nasce próxima à Reforma e esta - com a celebração dos seus 500 anos (1517 – 2017) - é lembrada em estudos recentes com propostas de se entender o intercâmbio entre a modernidade que marcou a Europa Ocidental a partir do século XVI e o protestantismo. Um dos esforços recentes nessa direção foi empregado com a publicação da obra “As Relações entre Protestantismo e Modernidade: história e memória”¹⁴, de Ronaldo Cavalcante¹⁵.

Foi reconhecendo as relações mais do que intensas entre igreja e sociedade que o teólogo norte-americano H. Richard Niebuhr publicou em 1929 sua importante obra, “As Origens Sociais das Denominações Cristãs”¹⁶, onde temas como “As Igrejas dos Deserdados”, “as Igrejas da Classe Média”, “O nacionalismo e as Igrejas”, “O regionalismo e o denominacionalismo na América”, “As Igrejas de Imigrantes” e “Denominacionalismo e segregação racial”, intitulam os seus capítulos reconhecendo

⁸ LE GOFF, Jacque. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

⁹ KARNAL, Leandro. [et al]. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XX*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

¹⁰ KARNAL, Leandro. [et al]. *História dos Estados Unidos...* p.46.

¹¹ KARNAL, Leandro. [et al]. *História dos Estados Unidos...*

¹² KARNAL, Leandro. [et al]. *História dos Estados Unidos...* p.47-51.

¹³ DAWSON, Christopher. *A Divisão da Cristandade: Da Reforma Protestante a Era do Iluminismo* São Paulo: É Realizações Editora. 2014. p.204.

¹⁴ CAVALCANTE, Ronaldo. *As Relações entre Protestantismo e Modernidade: história e memória*. São Paulo: Paulinas, 2017.

¹⁵ Doutor em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade de Salamanca e estágio pós - doutoral pela Faculdade da Escola Superior de Teologia da Universidade Luterana de São Leopoldo (RS).

¹⁶ NIEBUHR, H. Richard. *As Origens Sociais das Denominações Cristãs*. São Paulo: ASTE, 1992.

sua dívida para com a História e a Sociologia, assim como para com pensadores como Richard Henry Tawney, Ernst Troeltsch, Max Weber, Adolf von Harnack.

Peter Berger, em “Um Rumor de Anjos”¹⁷, obra escrita em 1969 no contexto ocidental protestante americano e europeu, sinalizou o despertar da sociedade por temas relacionados à religião com suas inter-relações sociais.

No Brasil, a relação igreja e sociedade e seus desdobramentos políticos, econômicos e sociais motivaram também a abordagem cuidadosa de alguns intelectuais que analisaram a importância e as proposições da Igreja Católica Apostólica e sua leitura da conjuntura social, política e econômica do país. Autores de obras inteiras, capítulos de livros e/ ou artigos, que, consideráveis, ajudaram a entender a religiosidade brasileira, tais como Thomas C. Bruneau em “Catolicismo Brasileiro em Época de Transição”¹⁸; Sergio Lobo de Moura e José Maria Gouvêa de Almeida, em “A Igreja na Primeira República”¹⁹; Scott Mainwaring, com “A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916 – 1985)”²⁰; José Oscar Beozzo, “A Igreja entre a Revolução de 1930, O Estado Novo e a Redemocratização”²¹; Antônio Flávio de Oliveira Pierucci, Beatriz Muniz de Sousa e Candido Procópio Ferreira de Camargo em “Igreja Católica: 1945 – 1970”²²; Leonardo Boff, em “E a Igreja se fez povo”²³.

Biografias de católicos engajados também deixaram o registro da iniciativa de intelectuais religiosos que assumiram a dimensão pública de sua fé, fazendo questão de pensar a sociedade tendo como ponto de partida a reflexão cristã. É o caso, por exemplo, de Marcelo Timótheo da Costa com sua biografia sobre Alceu Amoroso Lima²⁴.

Apesar das obras citadas é fato que quando comparamos a produção acadêmica que reflita e reconheça a participação da religiosidade cristã brasileira e sua relação com

¹⁷ BERGER, Peter. *Um rumor de anjos*. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural 2ª edição. São Paulo: Vozes, 1997.

¹⁸ BRUNEAU, Thomas C. *Catolicismo Brasileiro em Época de Transição*. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

¹⁹ DE ALMEIDA, José Maria & DE MOURA, Sergio Lobo. *A Igreja na Primeira República*. IN: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. Vol. 2. São Paulo: Difel, 1985.

²⁰ MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916 – 1985)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

²¹ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização*. In FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. Vol. 2. São Paulo: Difel, 1984.

²² IERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja católica: 1945-1970*. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III. Vol. 2. São Paulo: Difel.

²³ BOFF, Leonardo. *E a igreja se fez povo*. São Paulo: Circulo do Livro, 1986.

²⁴ COSTA, Marcelo Timotheo da. *Alceu Amoroso Lima*. Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

a construção da sociedade, o número ainda está aquém em relações a outros temas estudados na História Social, especialmente nas universidades públicas, porém, até mesmo nas particulares. A religião, embora presente e importante, foi colocada em zona periférica. Soma-se ao problema o tímido alcance das dissertações e teses, que não sendo publicadas, não chegam ao grande público de leitores e que seguem, então, acreditando na ideia de que religião é apenas expressão privada e individual da vida e que política se constrói sempre com outros núcleos sociais. A popularização, por meio de publicações, de teses e dissertações que tratam da dimensão pública da religião e sua contribuição à sociedade colaboraria muito para o fim de determinados preconceitos.

Quando tratamos do protestantismo brasileiro e sua colaboração social, maiores e mais abertas são as lacunas e mais exposta a carência de trabalhos acadêmicos no campo da história social e política que alcance o tema. Este reclamo não é único e não se faz isolado. Outros autores em alguns trabalhos já o fizeram, conforme pode-se atestar:

Como a Academia Brasileira tem dialogado com o chamado, neste texto, de mundo protestante? Quando se examina a literatura que tem como foco os domínios do sagrado e suas múltiplas manifestações na sociedade brasileira, constata-se o distanciamento entre a reflexão acadêmica e esse universo religioso, já tão pluralizado. Tal interesse se quebra apenas quando se trata apenas dos pentecostalismos, talvez porque sejam tidos como religiosidade das classes menos favorecidas, talvez porque sejam arrebanhadores competentes de fiéis de outras religiões, talvez porque se insiram no complexo mundo da globalização midiática, talvez porque se manifestem, cada dia, em nova face, sempre indisfarçável apelo à emocionalidade e à especularização, talvez por todos esses fatores conjugados²⁵.

“O protestantismo histórico permanece numa espécie de limbo nas agendas dos estudiosos”²⁶, continua João Batista Borges Pereira, autor da apresentação do livro acima citado. Essa distância acadêmica em relação ao protestantismo ocorre a despeito de não ser recente a relação com o povo brasileiro: um contato de mais de 400 anos, desde a presença de Eliodoro Eobano, Ulrico Schmidel e Hans Staden, os três luteranos e aventureiros presentes em terras brasileiras no século XVI e dos huguenotes, os calvinistas da França, que desembarcaram na Baía de Guanabara, em 1557.

²⁵ LEONEL, João. *Novas Perspectivas sobre o protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial / Paulinas, 2010. p.9.

²⁶ LEONEL, João. *Novas Perspectivas...* p.9.

Poucas são as obras célebres para a academia que tratam do protestantismo, sendo entre as mais conhecidas “Religião & Repressão”²⁷, de Rubem Alves; “O Celeste Por Vir”²⁸, de Antônio Mendonça Gouvêa e “O Protestantismo Brasileiro”²⁹, de Emile Leonard, um prestigiado professor francês que lecionou História na Universidade de São Paulo (USP), na década de 1940. Data dessa época a última obra abrangente sobre o protestantismo no país, escrita pelo próprio Emile Leonard.

Há, contudo, no Brasil, alguns novos esforços para inserir o tema da religião cristã e protestante nos círculos acadêmicos, embora em quantidade e frequência menor que o desejável. Silas Luiz de Sousa³⁰ registra-os, além do reclamo:

Desde que a religião foi colocada à margem da academia, os estudos a ela relacionados eram preferencialmente realizados pelos próprios religiosos, seja por motivos apologéticos, dogmáticos, ufanistas ou mesmo em virtude de críticas e disputas internas. Religiosos também produziram importantes estudos sobre a religião, especialmente na Alemanha. Não obstante, intelectuais importantes como Karl Marx, Max Weber, Durkheim, Freud e, mais recente, Bourdieu, para citar alguns, tiveram em seu escopo de pesquisas o tema da religião. No Brasil, porém as influências iluministas, positivistas e marxistas na academia provocaram de modo mais agudo o alijamento do tema religioso dos estudos [...]

Atualmente, porém, temos a academia se voltando para o tema mesmo que religiosos ainda se dediquem a esses estudos, os quais são realizados nas diversas áreas das ciências sociais, com o necessário embasamento científico. Há o entendimento de que a religião é construção social e histórica, e importante para melhor conhecer o mundo³¹.

Entre tais iniciativas destacam-se “Novas Perspectivas sobre o Protestantismo Brasileiro”³², uma coletânea de textos acadêmicos organizados João Leonel³³, onde a polissemia, a interdisciplinaridade e as diferentes perspectivas teóricas³⁴ dos autores,

²⁷ ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Edições Loyola / Teológica, 2005. A obra escrita originalmente no fim da década de 1970 pela editora Ática com o título *Protestantismo e Repressão*.

²⁸ MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O Celeste Por Vir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edusp.2008.

²⁹ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2002.

³⁰ Doutor em História pela Universidade do Estadual Paulista (UNESP) e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

³¹ DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura...* p.54.

³² LEONEL, João. *Novas Perspectivas sobre...*

³³ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pós-doutor em História da Leitura pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

³⁴ Sociologia, sociologia da religião, história, história cultural e da leitura, antropologia, ciência política, hermenêutica filosófica e teologia.

onze ao todo, oferecem uma visão panorâmica e atual deste segmento religioso. “Protestantismo e História”³⁵, de Marcone Bezerra Carvalho³⁶, contendo textos inéditos de Emile Leonard. Em 2017, celebração dos 500 anos da Reforma Protestante, “As Relações Entre Protestantismo e Modernidade: História e Memória”³⁷, de Ronaldo Cavalcante, pela Editora Paulinas com fomento da CAPES, onde a proposta do autor é “recuperar o que parece ser, pelo menos no contexto evangelical brasileiro, uma memória perdida”³⁸. E, também nas celebrações dos 500 anos da Reforma Protestante, uma obra de valor veio à lume, em 2017, sobre o protestantismo no Brasil: trata-se de “Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico”³⁹, resultado do trabalho de três historiadores, Elizete da Silva, Lyndon de Araújo Santos e Vasni de Almeida, propondo um debate histórico e historiográfico sobre o tema, reunindo, para isso, uma série de publicações acadêmicas. Obra, aliás, fundamental para a construção do terceiro capítulo desta dissertação.

É importante ressaltar que, de acordo com o Censo Religioso divulgado no ano de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o protestantismo abarca mais de quarenta e dois milhões de brasileiros⁴⁰. Trata-se de um expressivo contingente, cuja presença não pode ser ignorada e que exige uma compreensão de sua tipologia, ethos e objetivos. Para tanto, estudos de campo ou bibliográficos com sólida metodologia científica são cada vez mais necessários.

Além da carência de estudos acadêmicos relacionados ao protestantismo brasileiro, há também a questão de que muito das propostas apresentadas no âmbito das universidades quanto ao tema serem feitas por religiosos, despertando, por vezes, desconfiança quanto aos resultados por considerar que um compromisso com a pertença religiosa possa, de alguma maneira, afetar o processo em face da ideologia do pesquisador. O problema, para este autor, já foi tratado e respondido nos textos de Faustino Teixeira⁴¹, em destaque abaixo:

³⁵ CARVALHO, Marcone Bezerra. *Protestantismo e História: Brasil e França na visão de Émile Léonard*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2013.

³⁶ Ministro Presbiteriano. Doutorado em História pela Universidad de Los Andes (Santiago, Chile).

³⁷ CAVALCANTE, Ronaldo. *As Relações entre...*

³⁸ CAVALCANTE, Ronaldo. *As Relações entre...* p.13.

³⁹ SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni. *Os 500 anos da Reforma Protestante: um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: Editora CRV, 2017.

⁴⁰ FAUSTINO, Teixeira; MENEZES, Renata. *Religiões em Movimento: O Censo de 2010*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

⁴¹ Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio) e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Professor de Teologia das Religiões da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF – MG).

Não se pode negar a grande complexidade que envolve a pesquisa e a reflexão sobre o tema da religião, e a preocupação com o horizonte da objetividade. Duas questões prévias se colocam para o pesquisador. Em primeiro lugar, a questão da pertinência ou não da pesquisa científica sobre religião realizada por religiosos ou crentes: é possível ocupar-se cientificamente do tema permanecendo religioso? Este tem sido muitas vezes o argumento decisivo dos autores mais positivista, para excluir certos tipos de abordagem como ciência ou ciências da religião. Para tais autores, a análise científica exige destacamento e a presença da fé, como escolha existencial, acaba obstruindo um conhecimento mais objetivo do fenômeno religioso⁴².

Após reconhecer o problema e levantar a questão, Teixeira, contudo, responde:

Tal visão revela-se pálida, e encontra resistência em exemplos significativos de pesquisadores que mesmo animados pela fé conseguiram realizar objetivas extremamente importantes, como é o caso do antropólogo francês Maurice Leenhardt (1878 – 1954), que lançou as bases de uma ‘etnologia não euclidiana, não cartesiana da personalidade e da sociedade humanas’.

Faustino Teixeira continua e propõe a desconfiança quanto à possibilidade de um total destacamento do pesquisador, mesmo os que não lidam com confissões ou pertenças religiosas:

Em que medida é possível ao pesquisador um destacamento efetivo de qualquer envolvimento emotivo com o seu objeto de reflexão? Qual o grau de plausibilidade de uma pesquisa científica *in vitro*, isenta de implicações emotivas? De fato, tal posição reflete um positivismo iluminista defasado, dificilmente sustentável depois do influxo da psicologia do profundo e da sociologia do conhecimento, que redimensionaram ou relativizaram as pretensões triunfalistas do saber científico. Isto não dispensa, porém, o uso crítico da razão, que mesmo sem desqualificar o ‘influxo das energias afetivas’, deve manter-se vigilante face aos desvios ‘ideológicos’.

Concordando, portanto, com Faustino Teixeira, pode-se afirmar que enquanto a total isenção seja tão somente pretensão impossível, a objetividade, contudo, é possível ao pesquisador mesmo quando há algum compromisso entre o mesmo e seu objeto.

Isso tudo posto, registro o lugar social do autor destas linhas, pertencente à denominação histórica protestante cuja (parte da) trajetória em terras brasileiras quer-se acompanhar aqui. Pertença essa que, à luz do que foi dito acima, não compromete, antes reforça, o caráter acadêmico que se quer dar ao trabalho aqui proposto.

⁴² FAUSTINO, Teixeira (Org). *As Ciências da Religião no Brasil*: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2008. p.298.

A presente pesquisa será sobre o protestantismo, representado nos congregacionais reunidos na União das Igrejas Evangélicas e Congregacionais do Brasil (UIECB) e suas relações de apoio e legitimação à ditadura civil – militar no Brasil de 1964 – 1985. Sendo, portanto, uma abordagem histórica sobre determinado extrato religioso, no caso o cristianismo protestante brasileiro, representado em segmento do protestantismo histórico – os congregacionais - esta inseriu-se no campo teórico da História Religiosa que se propõe a expor o que as representações⁴³ religiosas têm a dizer “sobre a condição social na qual estão inseridas e são dento dela produzidas”⁴⁴. Estas representações, na classificação de Dominique Julia⁴⁵, importante teórico da História Religiosa, seriam um “produto cultural despido de todo privilégio de verdade com relação a outros produtos”⁴⁶.

No Brasil, um pesquisador dedicado à História Religiosa foi Eduardo Basto de Albuquerque⁴⁷ que definiu o campo teórico em questão da seguinte forma:

Designo-a de História Religiosa, mas não se trata de uma história só marcada por fundamentos teológicos. Seu título advém do balanço realizado pelo historiador Dominique Julia, na obra dirigida por Le Goff da corrente historiográfica denominada História Nova, dos trabalhos que tem a religião por objeto. O artigo resume os desafios colocados para o historiador por essa perspectiva. Porém, contrariamente à tese de René Dussaud, Julia argumenta que não há métodos específicos para o estudo do fenômeno religioso. Tal como a História das Religiões, essa perspectiva pode ser trabalhada tanto por um religioso, quanto por um descrente ou por um acadêmico. Dentro dessa modalidade estão inseridas as diversas Histórias da Igreja, com suas múltiplas subdivisões, como história das hagiografias, dos papas, etc., para falarmos do cristianismo. Ademais, pode desenvolver aspectos históricos como as relações de uma ou várias religiões com a política, analisar a atuação de sujeitos históricos individuais, grandes personalidades ou líderes, ou sujeitos históricos coletivos. Ela pode preocupar-se com a inserção de determinada religião em certo tempo. [...] Sua característica básica é que o contexto

⁴³ Representação é expressão chave dentro dos estudos da História Religiosa, pois aponta para os grupos específicos de um segmento religioso.

⁴⁴ PRADO, André Pires da; SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da. *História das religiões, história religiosa e ciência da religião em perspectiva: trajetórias, métodos e distinções*. *Religare* v.11, n.1, março de 2014, p.20.

⁴⁵ Pesquisador e professor do Instituto Universitário Europeu (Florença). Especialista em história religiosa e história da educação na época moderna.

⁴⁶ JULIA, Dominique. *A religião: História Religiosa*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976, p. 107.

⁴⁷ Eduardo Basto de Albuquerque (1942 – 2009). Teórico dos estudos de História Religiosa. Exerceu sua docência na Universidade do Estado de São Paulo (UNESP).

histórico no qual se insere a religião é essencial para compreendê-la. Daí a necessidade de construí-lo ou reconstruí-lo formando um conjunto que abrange a psicologia social, a história social, política, economia, etc. [...] Portanto, é a primazia de um elemento ou conjunto do contexto histórico sobre a religião, muitas vezes sem se distinguir da história social. Daí a importância da sociologia da religião para esse tipo de abordagem⁴⁸

A História Religiosa, portanto, se encarrega da análise “das instituições, organizações, confissões”⁴⁹, assim como dos estudos das “hagiografias, dos papas, das doutrinas, dos objetos litúrgicos e arquitetônicos”⁵⁰. Ocupa-se também da “Hermenêutica dos documentos, textos e obras de arte sagrados”⁵¹ e representações da “trajetória de uma religião-instituição e sua relação com a política – atores político-religiosos, personalidades, líderes carismáticos”⁵². E, finalmente, da “Inserção ou exclusão social de determinados grupos e comunidades religiosas no tempo e no espaço”⁵³.

Confirmando o registro acima, a presente pesquisa tem como proposta a análise da postura de determinada família do protestantismo brasileiro, no caso os congregacionais reunidos na União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, em relação ao regime de exceção que vigorou com a Ditadura Civil – Militar, em nosso país, de 1964 a 1985. Denominação pioneira do protestantismo histórico brasileiro, presente no país desde 1855, com igrejas, congregações e campos missionários estabelecidos em todos os Estados do território nacional e com sua sede administrativa situada na cidade do Rio de Janeiro, terá sua opção pelo silêncio problematizada no presente trabalho.

Com o título “Protestantismo e a Ditadura Civil - Militar no Brasil: Silêncio apoio e legitimação”, a dissertação tentará trazer a lume as compreensões que congregacionais tinham acerca dos acontecimentos políticos que se desdobravam no Brasil, a partir de 1964. Desta forma, a pesquisa se somará a outras que produziram semelhantes esforços na tentativa de expor a ideologia e o comportamento de agentes

⁴⁸ ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. *Distinções no Campo de Estudos da Religião e da História* In: GUERRIERO, Silas. *O Estudo das Religiões: Desafios Contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 64 e 65.

⁴⁹ PRADO, André Pires da; SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da. *História das religiões...* p.25.

⁵⁰ PRADO, André Pires da; SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da. *História das religiões...* p.25.

⁵¹ PRADO, André Pires da; SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da. *História das religiões...* p.25.

⁵² PRADO, André Pires da; SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da. *História das religiões...* p.25.

⁵³ PRADO, André Pires da; SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da. *História das religiões...* p.25.

ligados às denominações cristãs protestantes no Brasil em relação à ditadura. Entre tais podem ser citados os trabalhos de “Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil⁵⁴”, de Daniel Augusto Schmidt, sobre a Igreja Metodista do Brasil, sua dissertação de mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) defendida em 2008, onde a identificação do ethos protestante herdada dos missionários estrangeiros aponta para posturas assumidas por lideranças nacionais da denominação; “À direita de Deus, à esquerda do povo”: Protestantismos, esquerdas e minorias em tempos de ditadura e democracia (1974-1994)⁵⁵”, de Zózimo Antônio Passos Trabuco, uma exposição sobre a delicada teia de relacionamento entre protestantes e movimentos sociais e de minorias entre os anos de 1974 a 1989, tese de doutorado em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), defendida em 2015; “Pelo Senhor, marchamos”: Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)⁵⁶, de Adroaldo José Silva Almeida tese de doutorado apresentada na Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2016 sobre quatro grupos denominacionais: Igreja Presbiteriana Independente, A Assembleia de Deus, Igreja Metodista e Igreja Batista”; “Ritos da oralidade: a tradição messiânica de protestantes no Regime Militar Brasileiro⁵⁷”, de Leandro Seawright Alonso, tese defendida, em 2016, na Universidade de São Paulo (USP), uma “investida acadêmica, entrevistas de história oral com protestantes brasileiros que vivenciaram dramas e tramas no Regime Militar Brasileiro entre 1964 e 1985”; “Os evangélicos e a política no Brasil: posições, alinhamentos e tensões (1960-1976)⁵⁸”, de Adriano Henrique Machado, tese de doutorado, defendida em 2016, na Pontifícia Universidade Católica (PUC – SP). E, especialmente, a reflexão Silas Luiz de Sousa, “Protestantismo & Ditadura Militar: Os presbiterianos e o governo militar no Brasil: 1964 – 1985”, tese defendida, em 2013, no Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Estas obras formam, portanto, o referencial teórico desta dissertação de mestrado. A obra de Silas merece destaque, como

⁵⁴ SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo: Reflexão, 2014.

⁵⁵ TRABUCO PASSOS, Zózimo Antônio. *A Direita de Deus e a esquerda do povo: protestantismos, esquerdas e minorias em tempos de ditadura e democracia (1974 – 1994)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Tese de Doutorado, 2015.

⁵⁶ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *“Pelo Senhor, marchamos”*: Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Niterói: Universidade Federal Fluminense – Tese de Doutorado, 2016.

⁵⁷ ALONSO, Leandro Seawright. *Ritos da oralidade: a tradição messiânica de protestantes no Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo – Tese de Doutorado, 2016.

⁵⁸ MACHADO, Adriano Henrique. *Os evangélicos e a política no Brasil: posições, alinhamentos e tensões (1960-1976)*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – Tese de Doutorado, 2016.

referencial teórico, pois concentra-se nas relações da Igreja Presbiteriana do Brasil (uma das maiores e mais importantes denominações do protestantismo brasileiro) com o governo Civil – Militar.

Para compreensão dos fatos políticos que se desdobraram no Brasil a partir de 1964 a presente dissertação usará a abordagem das obras “Ditadura e Democracia no Brasil”⁵⁹ de Daniel Aarão Reis; “1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil”, de Jorge Ferreira e Angela de Castro Gomes⁶⁰; “1964: História do Regime Militar Brasileiro”⁶¹, de Marcos Napolitano; “História Concisa do Brasil”⁶², de Boris Fausto; “A Ditadura que mudou o Brasil: 50 Anos do Golpe de 1964”⁶³, organizada por Daniel Aarão Reis, Marcelo Ridenti e Rodrigo Patto Sá Motta; “Ditadura e Democracia na América Latina”⁶⁴, organizada por Carlos Fico, Marieta de Moraes Ferreira, Maria Paula Araújo e Samantha Viz Quadrat; Ditadura e Repressão⁶⁵, de Anthony W. Pereira; O Congresso Brasileiro e o Regime Militar (1964 – 1985)⁶⁶, de Antônio Carlos Pojo de Rego.

Destas obras, a presente pesquisa definiu alguns dos conceitos teóricos que emergirão no texto. Por exemplo, o conceito de Golpe Civil – Militar, pois entendemos, acompanhando Daniel Aarão Reis, que a ditadura não teve “feição exclusivamente militar”⁶⁷, pois “pesquisas diversas tem confirmado a participação civil e a responsabilidade ampliada”⁶⁸ e que tais forças conjugadas em nome da liberal democracia deram o golpe com o objetivo manter a salvo, conforme acreditavam, seus pilares a saber: família, direito, lei, liberdade, hierarquia, disciplina e Constituição⁶⁹. A liberdade, especialmente, a religiosa, foi uma das senhas para o apoio - omissão de setores do protestantismo brasileiro diante do golpe. Quanto às forças que legitimaram o golpe civil – militar, Aarão Reis escreve:

⁵⁹ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

⁶⁰ FERREIRA, Jorge & GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

⁶¹ NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.

⁶² FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2015.

⁶³ REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do Golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

⁶⁴ FICO, Carlos [Org. et.ali.]. *Ditadura e Democracia na América Latina: Balanço histórico e perspectivas*. São Paulo: Editora FGV, 2008.

⁶⁵ PEREIRA, Anthony W. *Ditadura e repressão: o autoritarismo e o estado de direito no Brasil, no Chile e na Argentina*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

⁶⁶ POJO DE REGO, Antônio Carlos. *O Congresso Brasileiro e o Regime Militar (1964 - 1985)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

⁶⁷ REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A Ditadura que mudou...* p.13.

⁶⁸ REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A Ditadura que mudou...* p.13.

⁶⁹ REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A Ditadura que mudou...* p.48.

No Brasil, formou-se ampla coligação de interesse e vontade a favor da ideia de que a ditadura teria se encerrado em 1985. Na base dessa verdadeira frente social, política e acadêmica, estava uma ideia-força de modo nenhum respaldada pelas evidências – a de que a ditadura fora obra apenas de militares, reconstruídos como bodes expiatórios, responsáveis únicos pela noite escura e pelos anos de chumbo. Como se viu ao longo deste livro, embora os militares tenham sido protagonistas – inegáveis – de primeiro plano, tendo exercido sempre a Presidência da República, além de inúmeros outros papéis relevantes, a ditadura nunca foi obra exclusivamente sua⁷⁰.

Concorda com essa abordagem, por exemplo, Marly Motta⁷¹, na apresentação do livro de Jorge Ferreira e Angela Castro Gomes, quando escreve:

Foi um *golpe civil militar*. O acréscimo do termo civil é fundamentado, tanto pelo apoio de parte expressiva da opinião pública ao golpe, quanto pela mobilização de líderes civis de oposição radical ao governo Jango, com o apoio militar, é claro⁷².

A pesquisa segue em três capítulos. No primeiro, contendo breve síntese histórica do congregacionalismo, como uma das ramificações do protestantismo inglês que rapidamente deslocou-se para outras nações, como Holanda e Estados Unidos, em face das perseguições religiosas que marcaram a sociedade inglesa nos séculos XVI e XVII, fazendo-se presente também no Brasil, mas, diferentemente, por meio da atuação missionária.

Há debates inclusive, que não serão ocupados aqui, pois fogem ao escopo desta intenção, se o congregacionalismo brasileiro pode ser comparado ao inglês ou ao norte – americano. Entretanto, dado à objetividade de nossa proposta, não trataremos nesta pesquisa deste item, mas sim da origem desta família protestante fortemente identificada com questões sociais e que nunca se limitou a pensar e produzir o discurso religioso aos que participam das comunidades eclesiais, mas também a lutar por liberdade individual, igualdade, a pensar a fé, a estimular a experiência com o divino, a assumir a administração das greis, a educar as famílias não só na doutrina cristã e eclesiástica, mas também nas ciências, fundando escolas, além, é claro, de criticar a opressão religiosa e política.

⁷⁰ REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A Ditadura que mudou...* p.127.

⁷¹ Professora do curso de pós - graduação em Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas.

⁷² FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe que derrubou...* p.9.

No segundo capítulo, será estabelecida a relação protestantismo e sociedade brasileira. Para tanto, serão apresentadas outras expressões da presença protestante com suas tentativas de inserção denominacional no território nacional e de como tal presença, marcada pelas tipologias - protestantismo colonial – protestantismo de imigração e protestantismo de missão – pensou o seu papel diante dos problemas sociais e do cenário político do país. No mesmo capítulo a forma como os congregacionais reagiram diante do Golpe Civil – Militar será problematizada. Relatos e entrevistas de congregacionais brasileiros que viveram os anos de exceção auxiliarão a entender os motivos do amplo silêncio denominacional que caracterizou o congregacionalismo brasileiro. Documentos paroquianos, atas, entrevistas gravadas e enviadas por e-mail foram utilizadas, permitindo um razoável alcance de nossas pretensões no capítulo.

No terceiro capítulo, será apresentada uma exposição teórica e histórica, em que se mostrarão as razões do apoio religioso (católico, em um primeiro momento, e protestante durante todo o período) aos militares e como tal contribuiu para a legitimação do Regime de Exceção, que contou com o silêncio religioso, entre outras formas de apoio, como um dos seus mais poderosos aliados, sendo esta a hipótese desta dissertação. Ou seja, as igrejas cristãs no Brasil, por meio de suas matizes principais, Igreja Católica Apostólica Romana e denominações do Protestantismo de Missão, legitimaram o golpe civil-militar de 1964. Serão comparados os processos de aproximação com outras tradições do protestantismo (como os batistas, por exemplo) que evidenciam o apoio protestante ao golpe civil-militar. O movimento se justifica no fato de que o protestantismo na década de 1960 possuía considerável visibilidade, tendo milhões de fieis reunidos em diversos templos de diferentes tradições do protestantismo. Os congregacionais, com seus pouco mais de onze mil membros, era um dos componentes do cenário do protestantismo brasileiro.

Exemplos de períodos anteriores ao golpe civil-militar, de 1964 serão apresentados neste capítulo, como, por exemplo, o da Era Vargas (1930 – 1945), em que, a aproximação do Estado com a Igreja, legitimou a ambas as esferas diante da sociedade brasileira.

Capítulo I - Os Congregacionais: breve síntese histórica.

1.1 A Origem na Inglaterra.

Os Congregacionais, também chamados de congregacionalistas ou independentes, fizeram parte da primeira geração de protestantes ingleses. Oriundos da Reforma Anglicana⁷³, sua história está relacionada ao puritanismo⁷⁴, movimento crítico e reformador que atuou no seio da Igreja Anglicana com o objetivo de despi-la das características atribuídas à Igreja Católica Apostólica Romana que exerciam enorme influência mesmo depois da emancipação promovida pelo rei Henrique VIII.

Os congregacionais reivindicavam uma paróquia autônoma e independente de instâncias externas ou superiores, diferente do que ocorria na Igreja Anglicana (centralizada, verticalizada e submissa ao monarca inglês) e da Igreja Católica Apostólica Romana (também hierarquizada. Submissa ao Papa).

Com tal autonomia e independência, cada congregação (por isso “congregacional”) estaria apta para eleger seus ministros, praticar sua liturgia e administrar os recursos oriundos dos congregados. Estas comunidades eclesiais seriam, em grande medida, “puras democracias”⁷⁵, conforme aponta Kenneth Scott Latourette⁷⁶.

⁷³ A controversa e polêmica versão inglesa da Reforma Protestante que deu origem à Igreja Anglicana, a principal do país, em 1534. Para patrocinar a ruptura com Roma o preço moral que se pagou foi dos mais altos, com os relatos de pilhagens das riquezas e posses dos mil e duzentos mosteiros confiscados (gerando fortunas indevidas para famílias inglesas interessadas no processo) e muitas mortes de monges e padres que se recusavam a reconhecer a nova expressão religiosa da nação e que, em punição, foram “enforcados, estripados e cortados em pedaços”. Cf. GIODARNI, Mario Curtis. *História dos Séculos XVI e XVII na Europa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.p.887. Atualmente, os fiéis que compõem a Comunhão Anglicana (fraternidade que reúne quatrocentos e cinquenta dioceses, divididas em quarenta e três províncias) somam, aproximadamente, oitenta e quatro milhões de membros em mais de cento e sessenta e cinco países.

⁷⁴ Movimento ulterior no anglicanismo. Chamados assim devido à insistência em seus discursos quanto à “pureza” da igreja. Consideravam a Reforma Anglicana inacabada e superficial, pois muito da liturgia católica foi mantida e almejavam uma grei mais próxima com ideais da Reforma Protestante em andamento na Alemanha e Suíça. O puritanismo tornou-se influente em solo inglês nos debates sobre religião (tema caro ao homem medieval) e foi o nascedouro de conhecidas ramificações do protestantismo como os presbiterianos (cujo movimento se tornou vigoroso na Escócia), batistas, além dos próprios congregacionais que serão apresentados na presente pesquisa. Não foi apenas um movimento religioso, mas uma teoria social: “Os puritanos possuíam ideais elevados de integridade e de serviço social [...] forneceu um espírito de luta extraordinário. Ele agradava aos homens com consciência social...” Cf. HILL, Christopher. *O Século das Revoluções 1603 – 1714*. São Paulo: UNESP, 2012.p.90.

⁷⁵ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Uma História do Cristianismo*. Vol. 2. São Paulo: Hagnus, 2006.p.1104. O comentário de Latourette está no contexto de sua análise das comunidades separatistas e independentes da Inglaterra no século XVII, as quais considera ancestrais espirituais dos congregacionais.

⁷⁶ Kenneth Scott Latourette (1884 – 1968). Professor de Missões e História Oriental. Membro do Conselho do Berkeley College, na Universidade de Yale.

O modelo congregacional de governo representou uma novidade para os padrões eclesiásticos no século XVI, fortemente marcado, na Europa, pela maciça presença da Igreja Católica Apostólica Romana que, como mencionado acima, possuía um modelo governamental verticalizado, centralizado na figura do Papa. Tal modelo hierárquico é, em grande medida, herança do Império Romano. Mesmo com a separação da Igreja inglesa de Roma, o sistema foi mantido, diferenciando apenas que o monarca inglês seria seu governante⁷⁷.

A primeira manifestação histórica (mas não ainda institucional do congregacionalismo) que se tem notícia ocorreu em Londres, no século XVI. Em 19 de junho 1567⁷⁸, um grupo de cristãos ingleses insatisfeitos com os rumos da Reforma na igreja em seu país, se reuniu no “Salão Plumbers” sendo, contudo, disperso pelas autoridades locais, tendo alguns de seus congregados açoitados, presos ou mortos, além dos que fugiram para a Holanda⁷⁹, onde deram também início por lá às tradições eclesiásticas congregacionalistas⁸⁰.

No ano de 1616, em Southwark, um bairro londrino, onde se concentravam algumas expressões da rejeição⁸¹ à igreja anglicana oficial, foi organizada institucionalmente a primeira Igreja Congregacional na Inglaterra⁸², marcada por profissão de fé, expressões de arrependimento e votos⁸³. No mesmo ano uma

⁷⁷ Ato de Supremacia de Henrique VIII, em 1534: “... o rei, nosso senhor soberano, seus herdeiros e sucessores, reis deste reino, sejam aceitos e reputados como único e supremo chefe na terra da Igreja da Inglaterra”. Atravessamento entre Altar e Trono esse tributário do processo histórico de centralização do poder monárquico, na era Moderna.

⁷⁸ Antes dessa data e local, em 21 de janeiro de 1525, em Zurique (Suíça), Conrad Grebel e George Blaurock batizaram um ao outro e também a outros fiéis. Esse grupo é considerado um dos pioneiros na formação de comunidades cristãs independentes na Europa. Contudo, esteve mais relacionada à tradição dos anabatistas do que a dos congregacionais. O rito batismal praticado no início pelos anabatistas era o da aspersão, mas, posteriormente, adotaram a forma imersionista. A expressão anabatista significa “rebatizar” e a prática era devido à rejeição ao batismo infantil (amplamente praticado na Europa medieval) por considerá-lo inadequado às implicações de uma fé pessoal e adesão voluntária na igreja local. Os anabatistas exigiam uma separação total e radical da Igreja com o Estado. Seriam, por essa e outras razões, alcunhados de “Reformadores Radicais”. Cf. GONZALEZ, Justo. *Uma História Ilustrada do Cristianismo*. Vol. 6: A Era dos Reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1995.p. 98-99.

⁷⁹ PORTO FILHO, M. *Congregacionalismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: DERP, 1997. p.14.

⁸⁰ A Holanda foi a primeira alternativa como rota de fuga dos congregacionais puritanos. Em Amsterdam, em 1608, havia três congregações independentes que realizavam seus serviços religiosos, uma com nítida vocação presbiteriana e duas congregacionalistas. Dessas duas congregações, a que estava sob a liderança de Henry Jacob, retornou para Londres (Southwark, 1616). E outra atravessou o Atlântico em direção às terras norte-americanas em 1620.

⁸¹ GOMES, Joelson. *Os Congregacionais: Uma História da Tradição Congregacional*. João Pessoa: Moura Ramos Gráfica e Editora, 2017.p.108.

⁸² LLOYD - JONES, David Martyn. *Os Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores*. São Paulo: Editora PES, 1993.p. 172.

⁸³ LLOYD - JONES, David Martyn. *Os Puritanos...* p. 172.

“declaração de fé”, documento doutrinal, foi elaborada, organizada em vinte e oito afirmações teológicas⁸⁴.

Há na literatura um registro do dia da organização da grei feita por um dos presentes:

Henry Jacob, com Sabine, Staiesmore, Richard Browne, Davi Prior e vários outros santos esclarecidos marcaram um dia para buscarem a face do Senhor com jejum e oração, quando especificamente a sua união como igreja foi mais intensamente pedida ao Senhor, e no fim do dia estavam unidos.

Assim, aqueles que pensaram nesta presente união, agora estão juntos, todos os irmãos unidos ombro a ombro e fizeram uma aliança: declarados seus intentos, Henry Jacob e cada um dos restantes fizeram confissão ou profissão de fé e arrependimento, umas mais longas, outras mais curtas.

Depois se pactuaram a andar em todas as veredas de Deus como Ele as tinha revelado ou que lhes fizesse conhecer:

Foi assim o início dessa igreja⁸⁵.

Esta comunidade é considerada na literatura especializada em história do protestantismo a célula mater do congregacionalismo⁸⁶ no mundo.

1.2 Os Congregacionais e as Colônias Americanas:

Em 26 de dezembro de 1620, cento e duas pessoas⁸⁷, das quais um terço era de congregacionais⁸⁸, desembarcaram em Plymouth (Massachussetts) do Mayflower, navio

⁸⁴ LLOYD - JONES, David Martyn. *Os Puritanos...* p. 172.

⁸⁵ LLOYD - JONES, David Martyn. *Os Puritanos...* p. 172. O registro está disponível na obra do Rev. David Martyn Lloyd – Jones, que o inclui em sua palestra intitulada “*Henry Jacob e a Primeira Igreja Congregacional*”, ministrada na Capela de Westminster (Londres) em 1966 por ocasião das celebrações dos 350 anos de organização institucional do congregacionalismo inglês. David Martyn Lloyd-Jones (1889 – 1981) foi um dos mais prestigiados ministros congregacionais do século XX. Deixou a medicina aos vinte e sete anos de idade quando já era Chefe Assistente Clínico de Sir Thomas Horder (médico do rei da Inglaterra) para dedicar-se integralmente ao ministério evangélico, exercendo o pastorado por doze anos no País de Gales (sua terra natal) e, posteriormente, na Inglaterra, por mais de 30 anos, na Westminster Chapel.

⁸⁶ O congregacionalismo pode ser definido como o sistema eclesiástico de governo em que cada congregação é autônoma, soberana e independente, não respondendo a nenhum controle externo, além de sua própria congregação e que tem na sua reunião administrativa, a “assembleia de membros”, sua autoridade máxima. Embora conviva em fraternidade com outras congregações, esta convivência, praticada por meio de alianças, juntas e convenções, ocorre apenas para efeito pedagógico e auxílio em ações evangelísticas, educacionais, sociais e afins. Embora possam existir, na teoria do congregacionalismo, estruturas e/ou mecanismos disciplinares para as igrejas locais e seus ministros, os mesmos são delineados pelas próprias igrejas, através de seus delegados reunidos nos fóruns denominacionais de maior instância. Entretanto, o debate é recorrente quanto alcance de tais mecanismos, para que os mesmos jamais limitem ou firam a independência e soberania da igreja local, pilares do congregacionalismo.

⁸⁷ GOMES, Joelson. *Os Congregacionais...* p.114.

que partira da Inglaterra em 16 de setembro de 1620 devido às constantes perseguições religiosas. Antes do dia do desembarque, em 11 de novembro, na Baía de Cape Cod, quarenta e um homens entre os peregrinos⁸⁹, assinaram um termo de compromisso que ficou conhecido como o “Mayflower Compact”⁹⁰ visto que para as terras onde estavam se dirigindo não haviam leis estabelecidas que regulassem a vida em sociedade.

O primeiro ano foi, por demais, difícil em razão do clima e das condições precárias que os peregrinos⁹¹ encontraram⁹². Contudo, no mês de novembro de 1621, após um ano nos limites da colônia, gratos pela colheita de milho, mataram uma ave e prepararam torta de abóboras e outras iguarias, convidando o chefe⁹³ de uma tribo indígena⁹⁴ vizinha para participar da celebração. Esta festa foi fixada no calendário e é conhecida como o “Dia de Ação de Graças” (*Thanksgiving*)⁹⁵.

⁸⁸ GOMES, Joelson. *Os Congregacionais...* p.114.

⁸⁹ GOMES, Joelson. *Os Congregacionais...* p.114.

⁹⁰ GOMES, Joelson. *Os Congregacionais...* p. 115: “Em nome de Deus, amem. Nós, cujos nomes estão escritos abaixo, súditos leais de nosso temível soberano senhor, Rei James, pela graça de Deus rei da Inglaterra, França e Irlanda, defensor da fé. Havendo empreendido para a glória de Deus, avanço da Fé Cristã, e em honra de nosso Rei e pátria, uma travessia para plantar a primeira colônia ao norte da Virgínia; fazemos pacto solene e mutuamente, na presença de Deus e nossa, e conjuntamente formamos um corpo político civil para nossa ordem, preservação e estímulo dos fins antes ditos; e em virtude disto estabelecemos, aprovamos, constituímos e formulamos leis justas e equitativas, ordenanças, atas, constituições e ofícios, de tempos em tempos, segundo seja considerado próprio e conveniente para o bem estar geral da colônia, para a qual prometemos toda a devida obediência e submissão. Na fé do qual temos subscrito nossos nomes em Cape Cod, em onze de novembro, no reino de nosso soberano senhor, Rei James, o decimo oitavo rei da Inglaterra, França e Irlanda, e o quinquagésimo quarto da Escócia. Ano de Nosso Senhor, 1620”.

⁹¹ KARNAL, Leandro. [et al]. *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.p.46.

⁹² Muitos dos “Pais Peregrinos” morreram nesse primeiro ano. Praticamente metade dos que desembarcaram. Cf. TOTA, Antônio Pedro. *Os Americanos*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.p.19.

⁹³ Massassoit ou “Grande Líder” (1581 – 1661). A troca de gentilezas entre os colonos puritanos e o chefe da tribo pode ser explicada pela necessidade dos colonos de cultivarem uma terra desconhecida e assim terem acesso a alimentos e, por parte do chefe tribal, de apoio dos mesmos contra outras nações indígenas, suas inimigas históricas, como, por exemplo, os Narragansett.

⁹⁴ Wampanoag.

⁹⁵ KARNAL, Leandro. [et al]. *História dos Estados Unidos...* p.46. Embora sujeita a revisão historiográfica, a tradição do *Thanksgiving*, segue, na memória americana com sua relação aos puritanos. Com a chamada “Grande Migração”, ocorrida a partir de 1630, uma frota de navios puritanos, sob a liderança de um presbiteriano (John Winthrop), desembarcou milhares de famílias puritanas que, de acordo com o Antônio Pedro Tota, doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP) e professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP), “continuaram a celebrar o Dia de Ação de Graças (*Thanksgiving Day*), cerimônia religiosa e familiar, realizada em fins de novembro, em agradecimento à boa colheita”. Cf. TOTA, Antônio Pedro. *Os Americanos*. São Paulo: Contexto, 2014.p.19. Transformado em feriado nacional pelo George Washington em 1777 e confirmado, permanentemente, pelo Presidente Abraham Lincoln em 1863, O Dia de Ação de Graças foi se consolidando como um veio de afirmação identitária dos colonizadores. Entretanto, tem sido alvo de revisões em virtude da maneira como os indígenas o enfrentam, porquanto a data festiva desconsidera, conforme ativistas denunciam, a forma violenta como a ocupação aconteceu nas terras de tribos como a Wampanoag, chegando ao completo desaparecimento de aldeias, pelas vias mais violentas. Ativistas dos direitos dos indígenas, como Frank ‘Wamsutta’ James, chegaram a propor no feriado um protesto intitulado de “Dia Nacional do Luto”, não sendo, contudo, a reação de todos os grupos indígenas dos Estados Unidos da América, haja vista tribos que relacionam o feriado com suas tradições festivas

Os congregacionais, também chamados de puritanos⁹⁶ na literatura que trata da memória da fundação da nação americana, eram calvinistas e ajudaram a construir a noção de nação eleita por Deus⁹⁷.

Earle E. Cairns, professor de História da Igreja e ex - presidente do Departamento de História e Ciências Políticas e Sociais Wheaton College, e autor de importante obra entre os historiadores protestantes⁹⁸, registra o alcance do congregacionalismo no início dos Estados Unidos da América:

O Congregacionalismo tornou-se a igreja estabelecida na Nova Inglaterra. Nos primórdios do século XVII, a congregação de Scooby, que emigrara para a acolhedora cidade de Leyden, na Holanda, a fim de fugir à perseguição por causa de suas ideias congregacionais, decidiu emigrar para os Estados Unidos, temerosos de uma possível integração da sua juventude na população holandesa. Uma companhia londrina de comerciantes “aventureiros” emprestou-lhes sete mil libras para financiar a viagem. Os imigrantes ficaram de lhes pagar com o trabalho, ajudando-os a instalar uma indústria pesqueira [...] Mais de 20 mil puritanos vieram para as colônias entre 1628 e 1640 para atender ao crescente número de igrejas, os ministros eram formados em universidades, a maioria em Cambridge. Embora o sistema administrativo fosse congregacional, a teologia destes puritanos era calvinista⁹⁹.

Earle Cairns também considera a influência do congregacionalismo sobre os demais colonos mesmo nos de tradição anglicana, mas que, a despeito, possuíam convicções congregacionalistas antes mesmo de terem deixado a Inglaterra¹⁰⁰. Muitos destes anglicanos assumiram essa forma de governo eclesiástico ou até mesmo se filiaram a uma grei congregacionalista: “o congregacionalismo foi tornado religião

similares, tais como os Wopila. Cf. FELDMAN, Alban KrishnaTopan. *Implicações históricas e identitárias do dia de Ação de Graças para o indígena estadunidense em uma obra de Sherman Alexie*. Acta Scientiarum. Acta Scientiarum. Language and Culture Maringá, v. 36, n. 3, p. 263-273, July-Sept, 2014. p. 265. Alba Krisna é doutora em letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), estudiosa de Literatura e Construção de identidades, seu doutorado (2007) teve como tese “Resistência e assimilação na obra de Zitkala-Sa: uma perspectiva da escrita indígena norte-americana no início do século XX”.

⁹⁶ Embora nem todos os puritanos fossem congregacionais haja vista que o puritanismo se fez presente em outros modelos do protestantismo, tais como presbiterianos e mesmo os batistas.

⁹⁷ KARNAL, Leandro. [et al]. *História dos Estados Unidos...* p.47.

⁹⁸ CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995. Publicada originalmente em inglês em 1954 e com várias edições em português é uma das principais obras sobre História da Igreja publicada nos círculos acadêmicos protestantes e amplamente aceita como livro – texto nos estudos sobre História da igreja em seminários e faculdades de teologia e história do cristianismo.

⁹⁹ CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através...* p.310-312.

¹⁰⁰ CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através...* p.311.

oficial e a teocracia tornou-se uma realidade. Os colonos rejeitaram o sistema episcopal”¹⁰¹.

O crescimento foi acelerado nas colônias. Em pouco mais de cem anos a população de duas mil e quinhentas pessoas ultrapassou a ordem dos três milhões de habitantes, exigindo o emprego de leis que viabilizassem a convivência¹⁰² e também de uma sólida formação educacional que seria uma das contribuições sociais mais significativas dos congregacionais (e também de outros grupos protestantes) à nação americana¹⁰³, visto que até o meado do século XIX contribuíram com a organização de vinte e nove instituições de ensino¹⁰⁴. Algumas destas instituições (“college”) figurariam entre as melhores universidades do mundo, tais como Harvard, fundada em 1636, em Massachussetts, com o nome de New College, alterado posteriormente para Harvard em homenagem ao ministro da Igreja Congregacional de Massachussetts, Rev. John Harvard, seu primeiro e maior benfeitor e a Universidade de Yale¹⁰⁵ fundada em 1701¹⁰⁶ com o nome de Collegiate School.

A presença marcante dos puritanos congregacionais cunhou os padrões morais dos norte-americanos nos seus primeiros séculos, pois a influência era exercida não só nos aspectos religiosos, mas também educacionais, políticos, civis e cerimoniais¹⁰⁷. A reivindicação hodierna de uma fé privada e sem influência alguma sobre a vida social dos indivíduos obviamente era desconhecida à época. Pensar trabalho, família, política, educação e sociedade sem o referencial religioso era inimaginável¹⁰⁸ e a nação do chamado “Novo Mundo” teria, portanto, muito de seu ethos moldado por valores do protestantismo (congregacional, presbiteriano, batista, metodista, episcopal, Quakers e outros).

¹⁰¹ CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através...* p.311.

¹⁰² KARNAL, Leandro. [et al]. *História dos Estados Unidos...* p.47.

¹⁰³ KARNAL, Leandro. [et al]. *História dos Estados Unidos...* p.48.

¹⁰⁴ MATOS, Alderi de Sousa. *Universidades Protestantes: Benefícios e riscos*. Disponível em: www.ultimato.com.br. Acesso em: 14 de jul de 2016. O autor é doutor em História da Igreja pela universidade de Boston (EUA), ministro e pesquisador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil e Coordenador do Centro de Pós-graduação Andrew Jumper da Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo.

¹⁰⁵ Em homenagem Elihu Yale (1649-1721), um puritano, comerciante e filantropo, responsável por várias doações para escolas, igrejas e agências missionárias. Disponível em: <http://www.os-puritanos.com/single-post/2015/12/28/Hist%C3%B3ria-de-Yale>.

¹⁰⁶ Fundada por Samuel Andrew, Thomas Buckingham, Israel Chauncy, Samuel Mather, James Noyes, James Pierpont, Abraham Pierson, Noadiah Russell, Joseph Webb, e Timothy Woodbridge, ministros congregacionais.

¹⁰⁷ MATOS, Alderi de Sousa. *Universidades Protestantes...* p.51.

¹⁰⁸ ARMSTRONG, Karen. *Campos de Sangue: Religião e a História da Violência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p.282.

O registro acima da influência protestante na sociedade americana é tão somente tópico, pois, na verdade, em se tratando de Europa que irá fornecer os imigrantes que povoarão o Novo Mundo (as “três Américas” – Norte, Central e Sul) a maior presença religiosa e social sobre o homem medieval era católica, a maior família da cristandade e norteadora de todo um ethos e cosmovisão de uma época¹⁰⁹. A Tradição protestante nos países europeus estava em construção, enquanto a Tradição católica estabelecida no continente há quase mil e quinhentos anos.

A cosmovisão na Idade Média pode ser explicada nos termos em que Lucien Febvre nos apresenta:

Queiramos ou não, o clima de nossas sociedades ocidentais é sempre, profundamente um clima cristão. Outrora no século XVI, ainda mais: o cristianismo era o próprio ar que respirava no que chamamos a Europa e que era a cristandade. Era uma atmosfera na qual o homem vivia sua vida, toda a sua vida – e não apenas a sua vida intelectual, mas também sua vida profissional, qualquer que fosse seu âmbito. Tudo, de certo modo automática, fatal e independentemente de toda vontade expressa de ser crente, de ser católico ou de praticar a religião.

Pois hoje, escolhe-se. Ser cristão ou não. No século XVI, não havia escolha. Era-se cristão de fato. Podia-se vaguear em pensamento longe do Cristo: jogos de imaginação, sem suporte vivo da realidade. Mas não se podia nem sequer se abster-se de praticar. Se se quisesse ou não, se se percebesse claramente ou não, as pessoas achavam-se mergulhadas desde o nascimento num banho de cristianismo, do qual não se evadiam nem mesmo na morte, pois essa morte era cristã necessária e socialmente, pelos ritos a que ninguém podia furtar-se – mesmo se estivesse revoltado diante da morte, mesmo se houvesse zombando e se estivesse feito de brincalhão em seus últimos momentos. Do nascimento à morte, estendia-se toda uma cadeia de cerimônias, de tradições, de costumes, de práticas – que, sendo todos cristãos ou cristianizados, atavam o homem involuntariamente, mantinham-no cativo mesmo que ele se pretendesse livre”¹¹⁰.

1.3 Congregacionalismo: Uma teoria social.

A importância dos congregacionais não está vinculada apenas à história da fé cristã protestante. Limitar suas ações somente à História da Igreja seria um equívoco, pois como atores sociais dentro de um contexto histórico específico os congregacionais com a sua experimentação eclesial foram representantes, dentro de um arcabouço religioso, de uma verdadeira Teoria Social. O congregacionalismo representou uma

¹⁰⁹ Não se pode falar apenas de um único ethos católico, porquanto não existia um único catolicismo na Europa, mas diferentes formas de se praticar a espiritualidade cristã católica.

¹¹⁰ FEBVRE, Lucien. *O Problema da Incredulidade no Século XVI: A Religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.292.

versão da tentativa dos homens de experimentarem uma forma de liberdade, ainda que liberdade religiosa, algo inovador e inusitado para a Inglaterra e mesmo Europa dos séculos XVI e XVII. Também representou o anseio de que uma vez emancipado o homem poderia, a despeito de participar ou colaborar com instituições, tomar para si suas responsabilidades e destinos sem esperar que agências mediadoras fizessem por ele.

No início da Idade Moderna, contexto imediato do experimento congregacional, a ideia de homens livres¹¹¹ que rejeitam a participação compulsória¹¹² em uma instituição cristã legal e magisterial e que sozinhos poderiam iniciar uma comunidade de fé¹¹³, dos quais seriam seus responsáveis¹¹⁴ - cuja aplicação é resultado da livre consciência¹¹⁵, do acesso e exame aos documentos canônicos¹¹⁶ e da interpretação¹¹⁷ -

¹¹¹ A Europa experimentava importantes transformações sociais. O Renascimento, por exemplo, como movimento cultural dos séculos XIV ao XVI foi um dos esteios intelectuais dos anseios por liberdade, pois pressupunha “a necessidade de uma efetiva autonomia das atividades humanas, mas acaba por exacerbar esta autonomia e tende a transformá-la em independência e separação”. Cf. MARTINA, Giacomo. *História da Igreja*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.p.85.

¹¹² O congregacionalismo, como expressão do protestantismo, insistiu na participação eclesiástica voluntária dos fiéis, a partir da experiência da fé individual. A igreja, assim, é constituída por aqueles que nela desejam participar. Uma associação de fiéis, portanto. O próprio Renascimento dará sua contribuição também neste campo (religioso. Embora, sem relação direta), porquanto reagiu “à subordinação de tudo à religião”. MARTINA, Giacomo. *História da Igreja...* p.85. A pertença eclesiástica por tradição familiar, cultural e política, nas expressões católica ou anglicana, seria criticada pelos puritanos e pelo congregacionalismo posteriormente desenvolvido.

¹¹³ Em 21 de janeiro de 1525 Jorge Blaurock, ex-sacerdote católico, pediu a Conrad Grebel que o batizasse em uma fonte, localizada em uma praça em Zurique (Suíça). Outros batismos foram administrados na ocasião. GONZALEZ, Justo. *A Era dos Reformadores*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.p.99. O evento marca a origem do movimento anabatista (rebatizadores) na Suíça. Uma manifestação, portanto, da liberdade religiosa pretendida e da formação comunitária cristã independente.

¹¹⁴ Diferentemente do que ocorria nas igrejas Católica e Anglicana, onde um clero profissional centralizava as decisões mais importantes.

¹¹⁵ É conhecida a frase atribuída a Martinho Lutero “[...] minha consciência é cativa da Palavra de Deus. Não posso e não me retratarei em nada, pois ir contra a consciência não é correto e nem seguro. Deus me ajude. Amém”. Cf. BAINTON, Roland H. *Cativo à Palavra: A vida de Martinho Lutero*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2017.p.191. Um retrato de uma época em que a consciência individual seria posta em ênfase, mesmo diante de postulados oficiais da igreja. Embora, conforme escreveu Lucien Febvre, não se pode ver na frase de Lutero ainda uma opinião madura quanto a *Contra Conscientiam Agere* (Agir contra a consciência), como dos “direitos da razão humana sobre o dogma” – Cf. FEBVRE, Lucien. *O Problema da Incredulidade...* p.203-204 - uma leitura posterior dos protestantes. Entretanto, essa seria a conclusão que a sociedade europeia alcançaria dentro de mais alguns anos.

¹¹⁶ A leitura de textos canônicos foi durante séculos uma atribuição exclusiva do clero. Com o Renascimento e, posteriormente, o Humanismo e a defesa do retorno às fontes da literatura clássica, além dos documentos fundantes da civilização ocidental, a leitura do Antigo Testamento, escrito em hebraico e aramaico e do Novo Testamento, escrito em grego koiné, foi incentivada pela intelectualidade europeia. Nomes como Pico della Mirandola (1463-1494), Lourenço Valla (1407 – 1457), Eobano Hess (1488 – 1540), Jorge Espalantino (1484 - 1545) e Erasmo de Rotterdam (1466 – 1536) foram importantes intelectuais humanistas que incentivaram o retorno aos clássicos e, também, as fontes originais das Escrituras do Antigo e Novo Testamento. Erasmo de Rotterdam, por exemplo, traduziu o Novo Testamento para o latim, publicando o texto em 01 de março de 1516 (um anos antes do início da Reforma Protestante). Uma publicação histórica, porquanto mais precisa do que a Vulgata de Jerônimo

seria inovadora, uma vez que o paradigma da verdade era institucionalizado e vinculado à Igreja, considerada fonte e detentora da autoridade. Destarte, o homem ocidental e europeu, era localizado na história tendo a Igreja oficial como a legitimadora de sua condição social. Era esta a instituição que lhe assegurava pertença e identidade e que lhe conferia o trilho social por onde sua vida passaria. Uma característica, aliás, não só do cristianismo católico, absoluto no cenário europeu medieval, mas de toda religião que se torna majoritária e que se propõe a explicar o indivíduo e o seu meio, tal conforme as palavras de Jacob Burckhardt, recuperadas por Johan Huizinga em sua obra, “O Outono da Idade Média”:

Uma religião poderosa permeia todas as coisas da vida e se desbota a cada manifestação do espírito, a cada elemento da cultura. [...] Mas, por sua vez, nenhuma religião jamais foi totalmente independente da cultura e dos povos e épocas à que pertencia. É justamente quando ela reina soberana com a ajuda de documentos sagrados interpretados literalmente e tudo aparentemente se orienta por ela, quando ela ‘se encontra entrelaçada à vida como uma coisa só’,¹¹⁸.

O congregacionalismo, com sua ênfase na participação do congregado, na consciência, na liberdade eclesiástica e na autonomia administrativa revela-se como uma versão religiosa da emancipação do indivíduo e da experimentação prática de

(publicada no século IV) e de fomento do interesse por novas traduções das Escrituras que a Reforma Protestante por demais valorizaria. Erasmo defendia, portanto, o acesso popular aos textos canônicos.

¹¹⁷ Com a tipografia difundida e as traduções da Bíblia para os idiomas nacionais o acesso aos textos considerados sagrados tornou-se amplo e, conseqüentemente, a interpretação também, ainda que, na prática, problemas tenham sido gerados por isso, como a fragmentação do protestantismo em vários grupos.

¹¹⁸ BURCKHARDT, Jacob. *Weltgeschichtliche Betrachtungen*. 1905.p.97,147. Apud. HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.p.247.

determinadas transformações sociais¹¹⁹ pelas quais a Europa vinha testemunhando em outros locis¹²⁰.

Manoel da Silveira Porto Filho¹²¹, referência nos estudos sobre congregacionalismo, escreveu uma série de textos analisando a teoria social do congregacionalismo e o descreveu como o modelo de governo que sublinha três postulados¹²²: autonomia, democracia e autoridade¹²³.

¹¹⁹ O historiador católico Guido Zagheni, por exemplo, relaciona tais ímpetus Reformados (individualidade, liberdade religiosa e de consciência e independência) aos anseios sociais e políticos de uma época marcada pelo interesse da construção de um Estado soberano e absoluto. Para o autor, concordando com determinada escola historiográfica, eis a gênese da Reforma Protestante. Cf. ZAGUENI, Guido. *A Idade Moderna*. São Paulo: Paulinas, 2014.p.28 - 29. O surgimento dos Estados nacionais e o próprio nacionalismo (afirmação identitária) fizeram parte, portanto, do cenário da eclosão da Reforma (e mesmo do congregacionalismo, uma experiência Reformada que valoriza o indivíduo diante das instituições). Além disso, Guido Zagheni, relaciona, com cuidado e reconhecendo as distâncias, a ênfases teóricas da Reforma com o Humanismo, assumindo que ambos os movimentos advogavam a “piedade e a fé pessoal, individual, interior”, além da crítica ao formalismo da Igreja e a busca por uma espiritualidade menos institucionalizada. Cf.p.54. Para Guido o humanismo prepara a Europa para uma série de reivindicações, onde a experiência pessoal seria, enfim, o mote social mais importante. A Reforma seria uma resposta a tal anseio e o congregacionalismo seria uma resposta da experiência dos protestantes ingleses mais radicais no que tange a liberdade religiosa individual, algo que o anglicanismo, como religião magisterial não alcançava.

¹²⁰ Como, por exemplo, entre os intelectuais (humanistas) e artistas (renascentistas) entre os séculos XIII e XVII. A própria Reforma Protestante (com sua eclosão no século XVI, na Alemanha) receberá influências intelectuais desses movimentos e responderá também ao “*zeitgeist*” (“espírito da época”), com o uso da razão como critério para entender a vida (O escolasticismo, especialmente o tomismo, enfatizaram antes da Reforma as categorias racionais para explicar a vida. Contudo, o movimento era por demais dependente do clero e dificilmente as explicações encontradas pelos mestres escolásticos colidiam com os axiomas da Igreja. Embora pretendesse ser racionalista, matinha em suas conclusões, as concepções da hierarquia eclesiástica. Era, portanto, um movimento intelectual, mas engajado e comprometido com a Igreja), a ciência e a fé, por meio das Escrituras (Sola Scriptura); valorização da informação (cultivo da leitura, da catequese e da recente imprensa) e do indivíduo (justificação pela fé individual somente e não mais mediada pela igreja). Cf. MCGRATH, Alister. *Origens Intelectuais da Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.p.43-74. Historiador e professor da Universidade de Oxford, McGrath na obra, e também em “*O Pensamento da Reforma*” (Cultura Cristã, 2014), identifica as ideias que circulavam entre os intelectuais da Europa que afluíram para o programa reformador de Martinho Lutero. Em sequência o congregacionalismo foi uma tentativa mais radical e moderna do que a luterana, pois concorda com o lastro intelectual principal da Reforma alemã, mas ousa no experimento eclesial, diferentemente daqueles reformadores que operarão com um modelo erastiano de igreja.

¹²¹ Manoel da Silveira Porto Filho foi um dos nomes mais importantes do campo religioso protestante brasileiro. Ministro congregacional por mais de 50 anos na Igreja Congregacional Campo-grandense (RJ), foi presidente por dez anos (1972 – 1982) da Confederação Evangélica Brasileira (CEF) que, fundada em 1934, reunia as igrejas protestantes de maior representação à época (Igreja Episcopal Brasileira, Igreja Metodista do Brasil, Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, Igreja Cristã do Brasil e União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil), além de nove organizações missionárias e duas sociedades bíblicas. A Confederação Evangélica Brasileira concentrava sua atuação na evangelização, mas também em projetos sociais e educacionais e militava por um ecumenismo cristão e protestante, ganhando visibilidade e relevância no cenário religioso brasileiro, mas perdendo muito de sua força e presença a partir do Golpe Civil - Militar de 1964 que restringiu parte de suas ações. Além da atuação na CEB, Porto Filho destacou-se como intérprete e tradutor de hinos sacros da tradição protestante. Suas contribuições estão registradas no hinário denominacional “Salmos & Hinos”. Cf. SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. *Manoel da Silveira Porto Filho: Poeta, Pastor e Mestre*. Rio de Janeiro: UNIGEVAN, 2006.p.233 – 254.

¹²² Salustiano Pereira Cesar, outro ministro e teórico do congregacionalismo brasileiro, concorda com a democracia e autonomia como elementos fundamentais do congregacionalismo, mas, diferentemente de

A) Autonomia no Congregacionalismo

Na autonomia eclesiástica há o alicerce do congregacionalismo, pois refere - se ao direito de uma comunidade de fé de legislar sobre si mesma, sem quaisquer interferências ou instâncias externas. Porto Filho considerava a autonomia o postulado mais caro e importante dos congregacionais, porquanto da liberdade plena de existir e elaborar suas diretrizes, códigos de conduta, estatutos e regimentos internos dependeriam os outros postulados¹²⁴.

A autonomia no congregacionalismo manifesta-se na comunidade eclesial (igreja local)¹²⁵, na sua independência administrativa (governo próprio) e no seu direito à legislação, sendo independentes “de outras comunidades religiosas ou civis”¹²⁶. Contudo, a despeito desta autonomia, nada impede que greis congregacionais organizem-se em associações e convenções que visem o auxílio mútuo e cooperação em trabalhos afins, desde que resguardados os limites teóricos que justificam o funcionamento de uma grei congregacional¹²⁷. Tais convenções jamais poderão pretender exercer poder institucional sobre as comunidades locais, pois estaria ultrapassando suas prerrogativas.

B) A Democracia no congregacionalismo

O outro postulado do congregacionalismo valorizado por Porto Filho é a democracia. A pretensão é o exercício pleno do postulado na forma de governo eclesiástico onde os congregados reunidos em assembleias administrativas decidem

Porto Filho, relaciona a soberania da comunidade local como sua terceira característica (e não a autoridade). Cf. SANTOS FILHO, Hildebrando Costa. *Filosofia e História do Congregacionalismo Brasileiro na vertente salustiana*. Itaboraí: Edição do Autor, 2016.p.33-35.

¹²³ SANTOS FILHO, Hildebrando Costa. *Filosofia e História do Congregacionalismo Brasileiro na vertente portofilhiana*. Itaboraí: Edição do Autor, 2016.p.27.

¹²⁴ SANTOS FILHO, Hildebrando Costa. *Filosofia e História do...* p.28-29.

¹²⁵ A igreja local é o fórum de debates e a única instância na tomada de decisões administrativas com participação permitida a todos os que compõem a congregação. “Nenhuma outra igreja, nenhuma convenção de igrejas ou autoridade eclesiástica pode exercer sobre ela qualquer parcela de comando ou poder legislativo”. Cf. PORTO FILHO, Manoel da Silveira. *Congregacionalismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: DERP, 1997.p.27.

¹²⁶ PORTO FILHO, Manoel da Silveira. *Congregacionalismo Brasileiro...* p.9.

¹²⁷ Essa tem sido a experiência congregacional em muitos países do mundo, pois, embora autônomas, as comunidades buscam a associação como forma de comunhão fraterna, auxílio recíproco e estratégias de trabalho em conjunto. A maior expressão dessas organizações é a *World Evangelical Congregational Fellowship* (Fraternidade Mundial Evangélica Congregacional) da qual os congregacionais da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (UIECB), segmento desta pesquisa, é oficialmente relacionado e comprometido.

pelos destinos da paróquia¹²⁸. A assembleia é o poder supremo da comunidade eclesial, onde são aprovadas as ações que serão executadas pelos delegados da própria assembleia¹²⁹. A inspiração congregacional dessa democracia não seria o modelo grego, onde escravos, artesão, mulheres e estrangeiros estariam excluídos, mas sim neotestamentária, porquanto na teoria do congregacionalismo a ampla participação de quaisquer congregados nas decisões majoritárias da grei seria ensinada e estimulada pelo exemplo da primeira comunidade cristã da história, estabelecida em Jerusalém por volta do ano 33, como, por exemplo, se verifica no registro do sexto capítulo do livro neo – testamentário “Atos dos Apóstolos”, em que a igreja em Jerusalém, também conhecida pelo construto “Igreja Primitiva”, para resolver uma má distribuição das provisões destinadas às viúvas empobrecidas¹³⁰, elegeu delegados (diáconos)¹³¹ que cuidariam das demandas sociais da comunidade, enquanto os apóstolos dedicariam tempo às necessidades espirituais e ao expediente litúrgico e devocional¹³². A eleição dos diáconos foi de responsabilidade de toda a comunidade eclesiástica, isto é, todos os membros, exercendo o livre direito ao voto e/ou à indicação dos nomes que seriam confirmados na função¹³³.

¹²⁸ Orçamentos, aquisições, patrimônio, organizações internas, regularidade das reuniões públicas, liturgia, doutrinas, periodicidade e tipos de Assembleias (ordinárias, extraordinárias, especiais e de emergência), disciplinas eclesiásticas, eleições de oficiais e ministros, cômguas, mandatos e plebiscitos.

¹²⁹ SANTOS FILHO, Hildebrando Costa. *Filosofia e História...* p.29.

¹³⁰ “Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número de discípulos, houve uma queixa entre eles. Os judeus helenistas protestaram contra os judeus de fala hebraico-aramaica, porque suas viúvas não estavam sendo atendidas na distribuição diária de alimentos”. Eram três situações de crise em curso: 1 - Uma grave instabilidade econômica em Jerusalém devido aos pagamentos de elevadas taxas e impostos ao Império Romano agravava a já combalida situação das viúvas empobrecidas que congregavam na igreja em Jerusalém. A primeira comunidade de fé cristã da história seguiu o exemplo do judaísmo no que tange aos cuidados com os mais fragilizados socialmente, estabelecendo a prática de distribuição de cestas básicas, baseando-se no “Tesouro do Templo”, um expediente da fé judaica que acumulava recursos no Templo de Salomão para auxílio aos pobres. 2 - Uma expressiva densidade demográfica (a própria comunidade de fé experimentara um acelerado crescimento em pouco tempo, desordenando-a), exigindo dos líderes medidas organizacionais demandadas pelo aumento do número de discípulos; 3 - A composição mista da comunidade, formada de judeus conservadores que se converteram ao cristianismo e judeus de hábitos e costumes helênicos. Esta composição harmônica (em um primeiro momento) passou a gerar tensões, porquanto havia falhas no método de distribuição das cestas com provisões, onde as viúvas de tradição helênica estavam sendo, de alguma forma, prejudicadas e preteridas na distribuição. O reclamo aos apóstolos visava equacionar a primeira crise registrada na grei. Cf. CHAMPLIM, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado*. Vol: 03. São Paulo: Hagnus, 2009. p.129-132. DE BOOR, Werner. *Atos dos Apóstolos: Comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003. p.103-107.

¹³¹ A palavra “diácono” deriva da expressão grega *διάκονος* (servo) cuja origem do ofício na igreja cristã remonta a crise narrada no capítulo seis do livro de Atos dos Apóstolos.

¹³² “... Não é sensato negligenciarmos o ministério da Palavra de Deus, a fim de servir às mesas” (Atos dos Apóstolos 6.2).

¹³³ “Portanto, irmãos, escolhei dentre vós Sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste ministério. Quanto a nós, nos devotaremos à oração e ao ministério da Palavra. Tal proposta agradou a todos...” (Atos dos Apóstolos 6.3).

Apesar da relevância da função e da posição estratégica que seria ocupada, a escolha não fora feita apenas pela liderança apostólica, mas pela comunidade de fieis (constituída de homens, mulheres e mesmo jovens). Uma forma de democracia em uma época marcada por regimes autoritários¹³⁴. Além desses registros sobre processos de escolhas que sinalizam formas democráticas, há também a declaração de igualdade (pilar da democracia) do apóstolo Paulo na epístola de sua autoria escrita à congregação de cristãos que se reuniam em Galácia (atual Turquia) e que fora escrita pouco depois do ano 49, indicando a compreensão de que todos são iguais diante de Deus: “... não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (3.28). Em outra carta neo – testamentária, há a insistência de Paulo para que o escravo fugitivo Onésimo fosse recebido de volta pelo seu responsável (Filemom) e tratado com cortesia e igualdade, como a um irmão na fé e cuja presença fosse celebrada na congregação em Colossos¹³⁵.

As palavras paulinas apresentam a convicção de que, apesar de diferenças posicionais nas camadas sociais que poderiam existir entre congregados de uma mesma comunidade cristã, era entendido de que o conceito de superioridade entre as pessoas havia sido contestado pela fraternidade alcançada na igreja, fruto do ministério de Jesus Cristo. Portanto, tais afirmações neo testamentárias, entre outras, foram lidas ultrapassando a perspectiva devocional e teológica, sendo aplicada também na sua dimensão social, apontando para o lugar que todos podem e devem ocupar nas estruturas sociais, porquanto não há distinções ontológicas nos seres humanos. Essa noção de igualdade entre todos foi importante e baseou muitos dos processos de contestação social que cristãos, especialmente protestantes, se engajariam¹³⁶.

A leitura das Escrituras do Novo Testamento serviu de abastecimento dos ânimos e de referencial teórico para reflexões políticas que desdobrariam no surgimento

¹³⁴ O Império Romano, por exemplo, que dominava a região da Palestina no século I. Sendo Tibério o governante da época.

¹³⁵ Epístola a Filemom 1.17.

¹³⁶ Especialmente o protestantismo calvinista fará parte de algumas orientações teóricas que impulsionará processos revolucionários e manifestações populares. Abraham Kuiper, fundador da Vrije Universiteit de Amsterdam (1880) e que serviu ao país como Primeiro Ministro entre anos de 1901 e 1905, sendo também ministro da Igreja Reformada (calvinista), afirmou esse aspecto e contribuição do calvinismo aos processos políticos populares ao perceber um senso de progresso nas sociedades calvinistas: “No calvinismo, por outro lado, as próprias pessoas destacam-se em suas classes sociais e, a partir de uma espontaneidade própria delas pressionam para frente, para uma forma de vida e condições superiores. O calvinismo teve sua ascensão com o povo”. Cf. KUIPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.p. 47. Ainda citando Kuiper, acerca da diferença com os Estados de tradição protestante de orientação luterana, diz, quando comparado com o calvinismo: “Nos países luteranos o magistrado ainda era o líder nos avanços públicos, mas na Suíça, entre os huguenotes, na Bélgica, na Holanda, na Escócia e também na América as próprias pessoas criaram o impulso”. KUIPER, Abraham. *Calvinismo...* p. 47.

de regimes democráticos na Europa, sendo esta, inclusive, a tese principal da obra “A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII”¹³⁷ do historiador marxista Christopher Hill:

Meu objetivo neste livro é tentar entender o papel desempenhado pela Bíblia na vida dos homens e das mulheres da Inglaterra revolucionária do século XVII. A introdução à edição de Tomson de 1603, escrita por T. Grashop, nos convida a lembrar que as Escrituras contém assuntos concernentes às nações e aos governos, ao bem e ao mal, à prosperidade e às pragas, à paz e à guerra, à ordem e à desordem. Elas abrangem a vida comum de todos os homens, ricos e pobres, esforçados e ociosos. Todas as ideias que dividiram os dois partidos na Guerra Civil e que, depois, entre os parlamentares vitoriosos, separaram os conservadores dos radicais, podem ser encontrados na Bíblia. Todavia, não devo restringir às finalidades religiosas e políticas para as quais a Bíblia foi usada. Devo também levar em consideração seus efeitos sobre economia, literatura e a vida social em geral [...]

Os ingleses tiveram de enfrentar situações revolucionárias inesperadas, durante os anos de 1640 e 1650, sem nenhuma orientação teórica, como a que Rousseau e Marx deram a seus sucessores franceses e russos, e sem a experiência de acontecimentos anteriores que pudessem ser chamados de revoluções. Eles tiveram de improvisar. A Bíblia em inglês foi o livro ao qual naturalmente voltaram-se em busca de orientação. Era a Palavra de Deus, cuja autoridade ninguém podia rejeitar. E era o patrimônio da nação inglesa protestante¹³⁸.

Os puritanos congregacionais e mesmo presbiterianos¹³⁹ articularam muito de suas propostas democráticas tendo como premissas de suas ideias porções do Novo Testamento¹⁴⁰.

C) A Autoridade no Congregacionalismo

¹³⁷ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

¹³⁸ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa...* p.9,29.

¹³⁹ Os presbiterianos possuíam uma concepção de governo eclesiástico democrático, mas representativo, isto é, ao invés de democracia popular direta, exercida por todos da congregação, defendiam a delegação de oficiais (presbíteros) por parte da igreja e que exerceriam autoridade sobre a mesma. A analogia com o parlamentarismo é justificável, pois, assim como ocorre nos modelos parlamentaristas, onde o poder do primeiro ministro é exercido de acordo com sua base de apoio (os parlamentares), o ministro presbiteriano exerce sua liderança eclesiástica em consonância e acordo com o Conselho da Igreja, formado pelos seus presbíteros. O presbiterianismo, assim como o congregacionalismo, fez parte do processo embrionário da revolução inglesa, estando mesmo na sua base e seria razoável esperar uma inspiração teórica ou até mesmo uma experimentação do modelo eclesiástico que servisse de analogia às monarquias parlamentaristas que se organizaram em boa parte da Europa protestante.

¹⁴⁰ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.p.29.

Finalmente, nas considerações de Porto Filho, a teoria do congregacionalismo perpassa também pelo conceito da autoridade, definindo que esta é uma outorga, isto é, uma prerrogativa da comunidade eclesiástica que concede aos que exercerão funções eclesiásticas¹⁴¹.

Importante ressaltar que o conceito de autoridade na Europa vinha sofrendo reações e questionamentos desde o século XIV, contribuindo para uma crise que começara a se manifestar no fim da Idade Média. A Igreja Católica sentiu os efeitos desta crise.

Movimentada pelo surgimento dos Estados nacionais¹⁴², pela crise conciliar¹⁴³, pelo cisma da Igreja no Ocidente¹⁴⁴ e por oradores competentes como John Hus¹⁴⁵ e John Wycliffe¹⁴⁶, a crise de autoridade atingiu fortemente a igreja por ser a mesma a instituição balizadora do poder temporal¹⁴⁷. Pouco adiantou a igreja apelar à sua Tradição como âncora de sua autoridade. O processo de erosão do conceito de autoridade já havia iniciado. Com o advento do racionalismo, e do mote de que a verdade precisa passar pelo crivo da razão (independentemente da opinião oficial da Igreja), o desgaste seria maior.

De todos os fatos mencionados acima, porém, o que produziu efeitos de maior alcance foi, sem dúvida, a crise conciliar, pois foi no seu esteio que igrejas nacionalistas surgiram a partir da Reforma Protestante argumentando, entre outros pontos, a falta de autoridade da Igreja Católica Apostólica Romana sobre e na sociedade europeia. Os teólogos da tese conciliar advogavam uma igreja sem a rígida centralização do poder na figura papal. Quanto a isso Mondoni explica:

¹⁴¹ SANTOS FILHO, Hildebrando Costa. *Filosofia e História...* p.29.

¹⁴² Os Estados nacionais contribuíram para o enfraquecimento do poder da Igreja Católica Apostólica Romana que esperava manter por toda a Idade Média sua autoridade por meio de uma Europa unificada sob seus auspícios. A tendência de organizar a política nacional em torno do próprio rei cristalizou uma nova leitura dos tempos, onde a igreja perderia o monopólio da última palavra.

¹⁴³ A Crise conciliar foi um intenso debate sobre a natureza e os limites da autoridade papal. Os conciliaristas afirmavam “a supremacia do concílio sobre o papa”. A crise esteve relacionada com a inusitada situação de coexistirem dois pontificados simultaneamente. Cf. MONDONI, Danilo. *O Cristianismo na Idade Média*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.p.123; 132-133.

¹⁴⁴ Relacionada ao pontificado de Avignon e de Roma ocorrido em 1378.

¹⁴⁵ 1639 – 1415. Orador na Igreja de Belém, em Praga. Suas teses e pregações enfatizavam a experiência religiosa pessoal e o sacerdócio universal sem quaisquer mediações institucionais. Foi condenado à morte como herege. Suas ideias, entretanto, pouco tinham de inovadores, pois se assemelhavam as de John Wycliffe, morto em 1384.

¹⁴⁶ 1328-1384. Professor da Universidade de Oxford. Considerado precursor das ideias reformistas acerca da religião cristã que seriam popularizadas por Martinho Lutero no século XVI.

¹⁴⁷ Desde a coroação de Carlos Magno por iniciativa do Papa Leão III, no início do século IX, a igreja se consolidou como centro de poder e autoridade na Idade Média.

Os conciliares queriam decidir sobre a reforma da Igreja, mudando especialmente a constituição eclesiástica, suprimindo boa parte da centralização. Insistia-se sobre a urgência de começa-la pelo papa e pelos cardeais, denunciava-se a exorbitância das taxas pontifícias, a riqueza dos cardeais, o acúmulo de benefícios, o absentismo dos bispos, o tráfico de bens da igreja e das indulgências, a imoralidade e a negligência do clero¹⁴⁸.

Os concílios que visavam principalmente manter controle sobre a cúria, além de decretos que exigiam reformas contribuíram para fragilizar o conceito de autoridade papal diante da opinião pública¹⁴⁹. Destarte, tais processos serviriam de argumento, em anos posteriores, para a “reivindicação de emancipação de igrejas nacionais”¹⁵⁰, desvinculadas de Roma e com seu próprio modelo de governo. Os congregacionais, portanto, seriam uma expressão eclesiástica (entre outras) resultante da grave e definitiva crise de autoridade que obrigaria a sociedade europeia a um redesenho de sua organização social. No que diz respeito à Igreja, ao relacionar a crise de autoridade, percebe-se o deslocamento de eixo. No início da era do cristianismo institucionalizado a autoridade da Igreja era papal. Posteriormente, conciliar. Os congregacionais, então, representaram o último deslocamento da autoridade eclesiástica, pois fiéis, sem nenhum cargo ou função formal, seriam inseridos nos processos decisórios das comunidades de fé.

Ao pensar que tais elaborações conceituais (autonomia, democracia e autoridade) para o funcionamento de uma comunidade de fé cristã aconteceu não no século XXI (plural, multifacetado e pós – moderno), mas sim na Inglaterra do século XVI (clerical, feudal e monárquico) onde tais conceitos ainda estavam sendo construídos, pois as referências teóricas das formas comunitárias de atuação, fossem políticas ou religiosas, ainda eram concebidas nos termos da autoridade da Igreja e do monarca local, sendo ao povo, destinado apenas o lugar de fiel e súdito que é “protegido” e conduzido¹⁵¹, além, claro, de explorado, sendo, portanto, coadjuvante nos processos decisórios da vida e da organização social, mas jamais protagonista da história, o congregacionalismo pode, destarte, ser considerado uma das primeiras

¹⁴⁸ MONDONI, Danilo. *O Cristianismo na...* p.137.

¹⁴⁹ MONDONI, Danilo. *O Cristianismo na...* p.138.

¹⁵⁰ MONDONI, Danilo. *O Cristianismo na...* p.140.

¹⁵¹ No caso da monarquia inglesa dois fatores importantes que contribuíram para o autoritarismo dos reis foram o rompimento com Roma (1534), favorecendo Henrique VIII para que tivesse o “parlamento a seus pés” e os governos de Jaime I (no período de 1614 a 1621) e Carlos I (nos anos de 1629 a 1640), marcados por um endurecimento do regime, onde o parlamento deixou de ser convocado pelos monarcas. O absolutismo na Inglaterra atingiu elevados níveis, ainda que por pouco tempo, entre os séculos XVI e XVII. Cf. GIODARNI, Mario Curtis. *História dos Séculos XVI e XVII na Europa...* p. 443-444.

formas da experiência democrática vividas na Europa pós Idade Média e a experimentação de uma teoria de liberdade, ainda que apenas uma liberdade religiosa.

Refletindo nesses postulados típicos do congregacionalismo e considerando o contexto histórico das primeiras comunidades que os possuíam como baluartes é surpreendente perceber como vingaram em uma época cujas linhas teóricas de organização social não as auspiciava (Obviamente, sem relação de causa e efeito. Contudo, apenas o reconhecimento de que tais ideias incipientes estavam surgindo em uma versão e forma religiosa). Por exemplo, quando pensamos na autonomia do homem medieval e do início da Idade Moderna (contexto do surgimento das primeiras greis congregacionais) essa autonomia era majoritariamente negada. O homem europeu era visto e localizado dentro de uma estrutura onde as ideias eram-lhes transmitidas tradicionalmente por meio das instituições que lhes representava (família, burgos, monarquia e, principalmente, Igreja). As fórmulas de operação da teia social eram estruturais e não individualizadas, havendo pouco espaço para ideias próprias e exercício da autonomia. Reivindicar o próprio espaço (paróquia), com suas próprias leis e demais convenções (doutrinas, estatutos, confissões e regimentos), sem qualquer submissão, interferência ou inspiração externa foi, de fato, dos mais significativos resultados que uma comunidade de fé cristã poderia alcançar em uma época onde até mesmo as publicações das mais variadas áreas precisavam estar de acordo com o *index*¹⁵² católico. Citando o puritano John Preston, Christopher Hill, salienta a maneira estruturada de se pensar na Inglaterra do século XVII, onde os ares questionadores e reivindicantes da emancipação puritana deslocavam – se com intensa força: “Portanto podemos aprender a não tomar nada em confiança, nem a pensar que as coisas são assim, apenas porque a igreja afirmou isso”¹⁵³.

A falta de autonomia típica no homem medieval e ainda presente nos primórdios da modernidade expressava-se até mesmo em aspectos propositivos da espiritualidade institucional como visto, por exemplo, nos mosteiros, pavimentada pelo voto de obediência que compunha uma das três virtudes básicas da vida e espiritualidade monacais:

¹⁵² *Index Librorum Prohibitorum* (Índice dos Livros Proibidos) foi a tentativa da Igreja Católica Apostólica Romana manter sob controle publicações dos mais variados campos de saber (teologia, filosofia, direito, medicina, física e etc) cujas teorias colidissem com as reconhecidas e consideradas oficiais ou aceitas pela Tradição Católica. Uma evidência, portanto, de que o direito às ideias próprias e a livre e conseqüente expressão ainda estava por emergir na Europa.

¹⁵³ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa...* p.102.

A tradicional trilogia monástica — castidade, pobreza e obediência — estava presente de forma concreta e equilibrada no cotidiano dos beneditinos. O abade eleito pelos monges recebe deles total obediência, que representa ao mesmo tempo uma manifestação de pobreza, pois não se pode dispor sequer da própria vontade¹⁵⁴.

Quanto à democracia experimentada no congregacionalismo é importante perguntar como tal proposta de governo eclesiástico surgiu? Quais seriam os referenciais teóricos para a democracia vivida nas comunidades eclesiásticas congregacionais? Seria o congregacionalismo (uma espécie de “democracia direta”) uma expressão religiosa da democracia que despontaria como um modelo de governo possível para algumas nações? Trata-se de uma pergunta. Não de afirmação. Todavia, seria razoável supor, pois o experimento religioso era marcante no início da Idade Moderna e as ideias religiosas pavimentaram muito de ideias sociais, políticas e econômicas, pois formava o *sitz in leben* da época. O ambiente religioso foi o espaço de discussões, debates, circulação de ideias que, em muitos casos, foi o ponto de partida para as transformações sociais profundas pelas quais passariam muitas das nações europeias. Na Holanda, por exemplo, as teses calvinistas pavimentam ideais nacionalistas e patrióticos (ser holandês era ser calvinista). Discussões na Holanda sobre governo eclesiástico foram constantemente comparados ao governo civil¹⁵⁵. Outro exemplo, sobre as influências das ideias religiosas impactando decisões políticas, vem da Inglaterra. Especialmente as do puritanismo que começariam a circular e que colaboraram para o colapso do absolutismo na Revolução Inglesa de 1640, Christopher Hill emite opinião:

O puritanismo é o mais óbvio desses corpos de ideias: era permitido desafiar o rei da Inglaterra quando se estava obedecendo as ordens do Rei dos Reis. Não me proponho a abordar diretamente o puritanismo [...] Há uma vasta literatura sobre o tema desde que Gardiner inventou a “Revolução Puritana”, um século atrás. As obras *Religion and the Rise of Capitalism*, de Tawney, e *Rise of Puritanism*, de Haller, além de obras recentes sobre as causas sociais e econômicas da guerra civil, mostram como o puritanismo atraiu e organizou as classes anônimas e sem privilégios da cidade e do campo, que forneceram a maior parte dos voluntários para os exércitos parlamentares e que os financiaram. O

¹⁵⁴ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: O nascimento do Ocidente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.p.94.

¹⁵⁵ NOBBS, Douglas. *Teocracia e Tolerância: Um estudo das Controvérsias no Calvinismo Holandês de 1600 a 1650*. Rio de Janeiro: Editora BV Books, 2017. Douglas Nobbs foi palestrante da área de Ciências Políticas das Universidades de Edimburgo e Cambridge. Na obra, o autor discorre sobre as teorias de governo eclesiástico e suas relações com o poder civil.

puritanismo talvez tenha sido o mais importante dentre os complexos de ideias que preparam o espírito dos homens para a revolução...¹⁵⁶

Jesús Hortal, escrevendo sobre os congregacionais, destaca o pensamento democrático do grupo e a recusa à submissão à coroa britânica e de como que esses valores refletiam muito do caráter individualista dos ingleses e da influência nos Estados Unidos:

O calvinismo puritano não queria aceitar o domínio da coroa inglesa sobre a igreja. Nos fins do século XVI começam a ser fundadas as comunidades dissidentes. Entre os seus líderes destacam-se Robert Browne e John Robinson. Este último será precisamente o iniciador, junto com os “pais peregrinos”, da Colônia de Massachussetts, o primeiro estabelecimento congregacional nos Estados Unidos, fundado para obter uma liberdade religiosa que era negada na Inglaterra daquele tempo. Concebiam esta como uma ‘fraternidade organizada de crentes, reunidos num lugar, completamente autônomos e responsáveis de suas ações somente a Cristo’. [...] Cada comunidade local - ‘congregação’ - devia ser considerada totalmente autônoma e autossuficiente. Ela surgiria pelo pacto (convenant) entre seus membros e não pela imposição de qualquer autoridade externa. O congregacionalismo, que responde a certos traços do caráter nacional inglês, como o individualismo, esteve perto de se impor como religião majoritária, na Grã Bretanha, durante a Revolução de Cromwell, mas depois foi absorvido, em grande parte, pela Igreja Anglicana. Nos Estados Unidos, porém, alcançou notável influxo¹⁵⁷.

Antes mesmo das ideias puritanas questionarem os modelos tradicionais de autoridade à época (igreja e monarquia absolutista)¹⁵⁸, a Reforma Protestante iniciada na Alemanha de 1517, com afirmações teológicas inovadoras, serviu de referência para desdobramentos eclesiásticos, sociais e políticos que foram empregados pelos congregacionais em suas formulações teóricas que colidiram com o paradigma de autoridade. Três dessas afirmações teológicas foram apontadas pelo estudioso do congregacionalismo Porto Filho¹⁵⁹, como referências teóricas do congregacionalismo mundial: a doutrina do Sacerdócio Universal dos Cristãos; a justificação pela fé e a exclusiva mediação soteriológica de Jesus Cristo.

¹⁵⁶ HILL, Christopher. *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.p.13.

¹⁵⁷ JESÚS HORTAL, S.J. *E haverá um só rebanho*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.p.62-63.

¹⁵⁸ As primeiras expressões dos ideais puritanos começaram por volta de 1568. No início o debate centrava em aspectos litúrgicos que mantinham semelhanças entre as igrejas Anglicana e Católica. Tais semelhanças incomodavam setores da igreja nacional que almejavam uma igreja distanciada litúrgica e administrativamente de Roma. Cf. HULSE, Erroll. *Quem Foram Os Puritanos... E o que eles ensinaram*. São Paulo: PES, 2004.p.35.

¹⁵⁹ PORTO FILHO, M. *Congregacionalismo Brasileiro...* p.12.

1.4 Contribuições Teológicas da Reforma Protestante

O sacerdócio universal dos cristãos foi o rompimento com a compreensão histórica e tradicional de que a igreja estava dividida entre clero e laicato. Uma vez entendido de que todos os homens são responsáveis uns pelos outros, atuantes e engajados nos assuntos da igreja e também da sociedade¹⁶⁰. Destarte, o conceito teológico, reformado e luterano, não tinha relação, como às vezes se aventura em alguns círculos protestantes¹⁶¹, de que os sacerdotes oficiados são ilegítimos. Ao contrário, conforme pondera, Timothy George:

Dessa premissa, alguns grupos, notadamente os quacres, defenderam a abolição do ministério como ordem distinta dentro da igreja. Mais comumente, as pessoas acreditam que o sacerdócio de todos os cristãos implica que cada cristão é seu próprio sacerdote, e, assim, possui o “direito do julgamento privado” em assuntos de fé e doutrina. Ambos os casos constituem perversões da intenção original de Lutero. A essência de sua doutrina pode ser expressa numa única frase: todo cristão é sacerdote de alguém, e somos todos sacerdotes uns dos outros. Lutero rompeu decisivamente com a divisão tradicional da igreja em duas classes, clero e laicato. Todo cristão é um sacerdote em virtude de seu batismo. Esse sacerdote deriva diretamente de Cristo: “Somos sacerdotes como ele é Sacerdote, filhos como ele é Filho, reis como ele é Rei”. Mais ainda, cada membro da *Gemeine* tem parte igual nesse sacerdócio. Isso significa que os ofícios sacerdotais são propriedade comum de todos os cristãos, não a prerrogativa especial de uma casta seleta de homens santos. Lutero enumerou sete direitos que pertencem a toda a igreja: pregar a Palavra de Deus, batizar, celebrar a Santa Comunhão, carregar “as chaves”, orar pelos outros, fazer sacrifícios, julgar a doutrina. Lutero baseou sua afirmação de que todos os cristãos são sacerdotes no mesmo grau em dois textos do Novo Testamento: “Vós [...] sois [...] sacerdócio real” (1 Pe 2.9), e “nos constituíu reino, sacerdotes” (Ap 1.6)¹⁶².

Portanto, a ideia principal que essa teologia pretende transmitir é de que todos os homens são chamados ao engajamento para o trabalho digno, inclusive, o religioso.

A justificação pela fé foi a tese mais importante¹⁶³ da Reforma Protestante. A doutrina colocava o homem como responsável por si mesmo diante de Deus. Seu destino não mais estaria sujeito a mediações institucionais, mas ancorado pela fé somente. O indivíduo ganhara noção de si e de suas responsabilidades com consequências eternas, inclusive.

¹⁶⁰ A Teologia do Mandato Cultural.

¹⁶¹ Sendo o caso dos Quakers, por exemplo, que rejeitam os ofícios institucionalizados das igrejas cristãs.

¹⁶² GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1994. p. 96-98.

¹⁶³ Uma nota na versão brasileira da Bíblia de Genebra, publicada originalmente em inglês em 1560 na Suíça, traz como comentário que a doutrina da justificação pela fé foi “o núcleo tormentoso da Reforma”. Cf. A BIBLIA DE GENEBRA. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.p.1393.

O congregacionalismo é gestado nessa fonte, porquanto, como derivação direta está o direito alcançado pelo congregado que, justificado por Deus, tem espaço garantido na congregação onde terá vez (atuação), voz (na assembleia) e voto (decisório).

A doutrina pavimentou o caminho para a ideia de homens protagonistas que não aguardam pelas instituições. O congregacionalismo e as democracias se serviram desse argumento e questionaram as estruturas e expressões de autoridade.

Finalmente, na mediação soteriológica exclusiva de Jesus Cristo há a ênfase de que a única autoridade digna de reconhecimento e plena submissão é o Cristo, pois sendo ele o conquistador da dádiva considerada mais preciosa à época (a salvação) e proclamado, conforme pontificado na teologia cristã, Rei dos Reis e Senhor dos Senhores, todas as demais expressões de autoridade então (concílios, sínodos, bispos, papas, reis, monarquias e parlamentos) seriam relativizadas. A autoridade, conforme concebida na teologia congregacional, é uma realidade a partir da presença real (ainda que espiritual/ sacramental) de Cristo na igreja (Isto é, Cristo está na igreja local. Logo, a comunidade mesma tem autonomia decisória, pois recebe diretamente do Cristo a autoridade para tal). Assim sendo, todas as congregações teriam sua autoridade legitimada, não podendo qualquer fórum alheio negá-la. A teologia, portanto, contribuiu para formulação de uma teoria da autonomia das novas instituições e o direito à existência diante das velhas e conhecidas estruturas.

Não só o congregacionalismo foi influenciado pelas elaborações teológicas da Reforma Protestante, mas teorias políticas, como o liberalismo, por exemplo, encontrariam nas formulações teológicas reformadas contribuições, impulsos, influências, semelhanças e convergências que promoveriam determinadas identificações. A relação protestantismo e liberalismo, que pode ajudar a explicar os motivos da identificação e apoio do protestantismo à ditadura civil-militar no Brasil, será apresentada no segundo capítulo desta pesquisa, no espaço dedicado às chaves de compreensão para tal apoio¹⁶⁴.

1.5 O Protestantismo na Sociedade Brasileira

¹⁶⁴ Cf.p.136.

No Brasil, o processo de inserção social do protestantismo, embora tímido e hesitante, representou a circulação no continente de atores identificados com uma nova pertença cristã. Os esforços de se refletir sobre direitos dos acatólicos no país garantiram o que antes estavam destinados somente aos católicos, praticantes da religião oficial.

A ação na esfera pública permitiu as primeiras expressões de visibilidade de um novo ator social que emergia na sociedade brasileira do século XIX. Os exemplos não são poucos, conforme pode - se verificar abaixo.

Em primeiro lugar, quando o “protestantismo de missão”¹⁶⁵ se estabelece no Brasil, o país possuía uma constituição que assegurava a liberdade de consciência¹⁶⁶, mas que, a despeito, por exemplo, no que tange aos casamentos dos protestantes, “nada autorizava aos não católicos a fundação de uma família legítima sem uma cerimônia e as promessas que eles não poderiam aceitar”¹⁶⁷. Muitos protestantes étnicos, como os alemães luteranos, por exemplo, se contentavam com uma união simples, doméstica e celebrada diante de um pregador, mas sem o reconhecimento oficial do Império¹⁶⁸. Outros recorriam a um escrivão que liberava um documento perante testemunhas, mas também sem efeito legal¹⁶⁹.

Essas e outras demandas sociais¹⁷⁰ almejando o reconhecimento dos protestantes nos espaços públicos da sociedade brasileira revelam quão comprometida está a interpretação que insiste em confinar a agência religiosa aos lugares marginais. Lugares esses estranhos tanto aos atores como aos que se propõem a pesquisar o papel da religião na teia social de uma nação, porquanto se percebe que o mesmo está amalgamado com e na vida civil, assim como a política e a economia. Há, nesses casos, a necessidade em se fazer um corte teórico, pois a prédica devocional está sim confinada aos espaços interiores considerados sagrados ou próprios das religiões. Entretanto, diferentemente, a reflexão e a ação dos atores religiosos que se enxergam capazes de colaborar com a vida pública, tendo nas convicções de fé o seu a priori e

¹⁶⁵ Conferir Notas de Referências nº 179 e 190.

¹⁶⁶ A Tolerância Religiosa tinha limitações como, por exemplo, permitir que os cultos não católicos fossem celebrados em espaços em que a arquitetura nada lembrasse aos templos convencionais católicos.

¹⁶⁷ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2002.p.58.

¹⁶⁸ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p.58-59.

¹⁶⁹ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p.59.

¹⁷⁰ O registro de nascimento, a cerimônia matrimonial e o registro fúnebre como prerrogativas da Igreja Católica e a anuência do estado eram, na prática, expressões do “prolongamento do regime do padroado no período imperial”. Cf. SANTOS, Lyndon & PRATES, Sergio. *Robert Reid Kalley*. Um Missionário... p.51. Contudo, com a influência de tendências anticlericais, liberais, positivistas, maçônicas, secularistas e a necessidade de liberdade de outras crenças “minaram a força da instituição religiosa” (igreja Católica) “até o estabelecimento da laicidade de poder público e a separação do Estado a partir de 1889/1891”. SANTOS, Lyndon & PRATES, Sergio. *Robert Reid Kalley*. Um Missionário... p.52.

ponto de partida, é dirigida para o engajamento na vida social. Segmentos consideráveis da herança protestante procuraram ater-se ao conteúdo teológico do mandato cultural¹⁷¹.

Essa relutância em se confinar a um lugar marginal conduziu os primeiros congregacionais a questionarem determinadas limitações impostas pelo Império pelo fato de não serem ligados à Igreja Católica. Está documentada a tensão ocorrida entre o nuncio e o fundador da missão congregacional no Brasil, Robert Reid Kalley, que recebera a notícia de que seus trabalhos evangelísticos não deveriam ganhar publicidade. Chamado à presença de Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, foi aconselhado a deter a propaganda doutrinária que diferia do catolicismo¹⁷².

Kalley, não sendo convencido dos argumentos que visavam inibir a atuação, consultou os juristas Joaquim Nabuco, Urbano S. Pessoa de Melo e Caetano Alberto Soares¹⁷³, obtendo parecer favorável ao seu trabalho e aproveitando a ocasião, inclusive, para provocar a documentação necessária à regularização de seus diplomas de medicina e farmácia¹⁷⁴ para livre exercício no Brasil.

As disputas pelo direito à visibilidade social e o uso dos recursos institucionais para fazer valer esse direito marcaram o início da atuação dos congregacionais no Brasil.

1.6 Os Congregacionais no Brasil: A Canção e o Silêncio.

No ano de 1855, desembarcou no Rio de Janeiro o casal Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley. Ele, escocês, médico e presbiteriano¹⁷⁵. Ela, inglesa, musicista, e congregacional¹⁷⁶. Era o dia 10 de maio. Por razões climáticas e sanitárias se transferiram para Petrópolis, cidade com clima de montanha, bucólica e mais

¹⁷¹ Mandato cultural é uma construção conceitual dos protestantes que advoga o dever de todo cristão de atuar na sociedade visando seu desenvolvimento para e bem estar dos homens e, acima de tudo, a glória de Deus. Destarte, todas as esferas da vida (religião, sociedade, política, economia, educação, cultura, trabalho, filantropia) devem ser alvo de engajamento.

¹⁷² LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p.57.

¹⁷³ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p.58.

¹⁷⁴ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p.58.

¹⁷⁵ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p.56.

¹⁷⁶ CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: Missionária Pioneira na Evangelização do Brasil*. São José dos Campos: Edição do Autor, 2005.p. 86. O autor é ministro congregacional e professor do curso de pós – graduação em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Reconhecido pesquisador do legado de Sarah Kalley.

convidativa aos europeus e, além disso, de moradia do Imperador Dom Pedro II com quem os recém - chegados estrangeiros construiriam reconhecida amizade¹⁷⁷.

No mesmo ano, em 19 de agosto, o casal de missionários organizou uma classe de catequese, chamada na tradição protestante de escola dominical¹⁷⁸, onde cinco crianças foram ensinadas sobre a história do profeta Jonas, personagem do Antigo Testamento. Essa aula é considerada nos estudos sobre o protestantismo no país como marco, pois lançou as bases da missão protestante evangelizadora definitiva¹⁷⁹ em língua portuguesa que deram origem à Igreja Evangélica Fluminense¹⁸⁰, considerada a primeira igreja evangélica no Brasil¹⁸¹ e núcleo dos congregacionais brasileiros¹⁸². O dia

¹⁷⁷ Há o registro nas memórias do Dr. Robert Raid Kalley de duas visitas (28 de fevereiro e 06 de março de 1860) à sua residência, realizadas pelo Imperador D. Pedro II por ocasião de sua condição física, abalada por uma enfermidade. A visita revela a fraternidade entre o médico missionário e o imperador. Cf. DA ROCHA, João Gomes. *Dr. Robert Raid Kalley: Lembranças do Passado*. Vol: 1. Rio de Janeiro, Novos Diálogos, 2013.p.115-116. Essas memórias estão registradas na obra escrita pelo Dr. João Gomes da Rocha (1861 – 1947), médico, missionário entre os judeus em Londres e filho adotivo do casal Kalley.

¹⁷⁸ Núcleo de ensino bíblico. Sua origem está ligada ao nome do jornalista inglês e membro da Igreja Anglicana, Robert Raikes, em 1780. Implantou o modelo de catequese visando alcançar as crianças pobres de Gloucester. As mesmas recebiam aulas de inglês, matemática, moral e cívica e de Bíblia. A Escola Dominical, amplamente usada pelos mais variados seguimentos do protestantismo, foi e continua sendo uma das mais eficientes ferramentas pedagógicas do protestantismo. Seu emprego no Brasil tem como marco a classe liderada pelo Casal Kalley em Petrópolis em 1855. Cf. GILBERTO, Antônio. *A Escola Dominical*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.p.17.

¹⁷⁹ A tipificação “missão protestante evangelizadora definitiva” é importante, pois o marco dos protestantes no Brasil é por vezes disputados por diferentes segmentos. Há cinco tipologias para o estudo das origens do protestantismo institucional no Brasil: Primeiro, o Protestantismo Colonial – Huguenotes (Calvinistas franceses) em 1557 e Reformados Holandeses, em 1630. A Igreja era um braço da Nação invasora com objetivos coloniais (França e Holanda). Em seguida, o “Protestantismo Étnico”: representado nas Igrejas Anglicana (1810) e Luterana (1824). Esse protestantismo exerceu no Brasil uma ação exclusivamente pastoral (e não evangelizadora/ proselitista), com americanos, ingleses e alemães, respectivamente, que viviam e trabalhavam (portos, ferrovias e lavouras) no Brasil no século XIX.. Na terceira tipologia, o “Protestantismo de Missão” - Metodista (1835 - 41 - 1ª Fase), Congregacionais (1855); Presbiterianos (1859); Batistas (1871); Metodistas (1876 - 2ª fase); Episcopais (1890): A Ação era evangelística junto aos brasileiros (neste aspecto específico é que se dá o pioneirismo dos congregacionais no Brasil, pois além da atuação propagandista/ conversionista em idioma pátrio o trabalho resultou em uma igreja e denominação que permaneceram até os dias atuais). Pentecostais: Congregação Cristã do Brasil (1910); Assembleia de Deus (1911). Neopentecostais: 1960. Tal retrato revela o quão plural e multifacetada é Igreja Evangélica no Brasil.

¹⁸⁰ Conforme nota na obra de Henriqueta Rosa Fernandes Braga, “O termo fluminense designava conjuntamente, na época, quando se referia aos atuais Distrito Federal e Estado do Rio. Para explicar a posterior explicação do termo carioca ao que hoje pertence ao Distrito Federal, assim se expressou R. Magalhães Junior (‘Reforma e mudança da Capital’ (Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 27 – XII – 1952, Primeira Secção, p.31): No passado, até Alencar e Macedo, que foram romancistas da cidade, não existiam cariocas no Rio de Janeiro. Todos eram fluminenses, designação erudita, originária do latim, *flumen* – rio. O termo Carioca, começando com a surgir nas revisitas teatrais de Artur Azevedo, Oscar Pederneiras, Valentim Magalhães e outros, com um caráter mais restrito, mais local, para designar o habitante desta cidade, só pegou definitivamente depois do desmembramento da velha província, do atual Distrito Federal, uma vez feita a República. Cf. FERNANDES BRAGA, Henriqueta Rosa. *Música sacra Evangélica no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1961.p.110.

¹⁸¹ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p.57.

¹⁸² A Igreja Evangélica Fluminense, fundada em 11 de julho de 1858, está localizada na Rua Camerino nº 102, no centro da cidade do Rio de Janeiro e mantém regularmente o funcionamento de seus cultos e demais serviços. Embora o trabalho do casal Kalley no Brasil tenha começado em 1855, a organização da

19 de agosto é comemorado anualmente pelos congregacionais brasileiros, em diferentes regiões do país. As igrejas locais repetem a história da chegada dos missionários em prédicas pastorais, artigos, boletins e até peças teatrais encenadas nos próprios templos.

De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizado em 2010, os congregacionais somam atualmente pouco mais de cento e quarenta mil¹⁸³ na composição do cenário protestante brasileiro¹⁸⁴ e estão presentes em todos os Estados.

O congregacionalismo da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil é composto de um total de quatrocentas e dezesseis¹⁸⁵ igrejas emancipadas¹⁸⁶ e setecentos e trinta e cinco ministros ordenados¹⁸⁷, cuja formação teológica acontece, principalmente em dois seminários oficiais¹⁸⁸ da denominação, além das instituições credenciadas¹⁸⁹, sendo reconhecidos como um dos grupos do chamado “protestantismo de missão”¹⁹⁰ que aportaram no Brasil no século XIX, contribuindo para as conquistas

igreja se deu somente três anos depois, tendo como marco o batismo de Pedro Nolasco de Andrade, considerado o primeiro brasileiro a ser admitido no rito sacramental em uma igreja do protestantismo de missão. Cf. LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p. 57. Cf. CARREIRO, Vanderli Lima. *Lições de História do Congregacionalismo*. Curso de História Denominacional. [s.d.]. 77 f. Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro. p. 27. Cf. CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley...* p.128-130. O que define o pioneirismo da Igreja Evangélica Fluminense são os brasileiros como “conversos permanentes”, diferentemente das experiências protestantes anteriores. Cf. SANTOS, Lyndon Araújo. *Os Mascates da Fé: História dos Evangélicos no Brasil (1855 – 1900)*. Curitiba: Editora CRV, 2017.p.15.

¹⁸³ Considerando os distintos grupos denominacionais designados de congregacionais. A União das Igrejas Evangélicas e Congregacionais do Brasil (maior e presente em todos os Estados da Federação e com maior número de membros e ministros ordenados. Sua sede é no Rio de Janeiro. É o objeto de nossa pesquisa dada sua importância, historicidade e abrangência no congregacionalismo brasileiro).

¹⁸⁴ Há inúmeros debates que tentam explicar a razão da primeira comunidade evangélica estabelecida no Brasil, presente há 161 anos, ter um desenvolvimento tão tímido quando comparada a outras denominações como as das de tradição Presbiteriana (1859), Batista (1881) e Assembleia de Deus (1910). A denominação ainda carece de uma hipótese satisfatória ao problema do seu fraco crescimento.

¹⁸⁵ Comissão de Estatística da União das Igrejas Evangélicas Congregacional do Brasil (UIECB). Estatística Oficial apresentada na 53ª Assembleia Geral, realizada em Poços de Caldas (MG) em 2017.

¹⁸⁶ Igrejas com autonomia administrativa e eclesiástica. Congregações, pontos de pregação e campos missionários possuem dependência nessas áreas e não são contabilizadas, portanto.

¹⁸⁷ Comissão de Estatística da União das Igrejas Evangélicas Congregacional do Brasil (UIECB).

¹⁸⁸ Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro, sediado em Pedra de Guaratiba (Rio de Janeiro) e Seminário Teológico Congregacional do Nordeste, Recife (Pernambuco). Os Seminários oficiais são mantidos pela denominação, enquanto os credenciados, embora reconhecidos e aptos à formação teológica dos ministros congregacionais, não possuem nenhuma ingerência denominacional.

¹⁸⁹ A organização de seminários credenciados e suas extensões foram autorizadas levando em conta a dimensão territorial do Brasil, permitindo assim que vocacionados desejosos de ingressar nos estudos teológicos e que moravam nas regiões mais distantes de onde estavam estabelecidas as sedes das escolas de teologia.

¹⁹⁰ Tipologia que representa grupos protestantes como os congregacionais, presbiterianos e batistas que desembarcaram no Brasil com missão proselitista. Diferentes dos grupos anteriores (anglicanos, em 1910 e luteranos em 1920) cuja atuação fora tão somente pastoral aos seus fiéis ingleses e alemães,

das garantias individuais de liberdade de culto¹⁹¹, crítica social¹⁹², permissão e reconhecimento aos ministros protestantes à celebração de matrimônios¹⁹³ e ao cerimonial fúnebre com liturgias distintas as praticadas pelo catolicismo¹⁹⁴, além da inserção da tradição protestantes de evangelização pessoal de caráter conversionista com uso de pregadores e vendedores de Bíblias (colportores) que transitavam entre as áreas urbanas das cidades assim como nas áreas rurais. Na liturgia a influência é reconhecida, pois estabeleceram o padrão de culto protestante com destaque na música sacra fortemente marcada pelo uso dos “Salmos & Hinos”, hinário com canções devocionais usado nos cultos congregacionais e que passou a ser utilizado por outras tradições protestantes durante quase todo o século XX.

Em 1913 os congregacionais brasileiros organizaram a sua primeira convenção de igrejas¹⁹⁵. Duas decisões importantes foram tomadas: A organização em uma estrutura denominacional que ficaria conhecida com o exótico nome de União das Igrejas Evangélicas Indenominacionais do Brasil¹⁹⁶, que revelaria uma inconsistência

respectivamente e que estavam morando e trabalhando no Brasil (Rio, Nova Friburgo e cidades do sul do Rio Grande do Sul).

¹⁹¹ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p.58.

¹⁹² FORSYTH, William B. *Jornada do Império*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2006.p.175-178. Exemplificando a crítica social, além da indicação da obra em nota de referência, está documentado na dissertação de mestrado de Douglas Nassif (ministro congregacional), apresentada na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), o relato da classe de Escola Dominical (catequese) que o Dr. Robert Reid Kalley ministrou a homens negros em agosto de 1855. Trinta e três anos antes da abolição da escravidão (1888), evidenciando seu compromisso com os excluídos da sociedade (Cf. CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley...* p.113). Conforme pode-se ler no texto de Lyndon e Prates acerca da primeira comunidade protestante de governo congregacional brasileira (“perseguida, peregrina, doméstica, formada por minorias e estrangeiros”): “Havia uma sensibilidade social ante as questões da escravidão, da saúde pública, da educação e das relações com o Estado Imperial”. Cf. SANTOS, Lyndon & PRATES, Sergio. *Robert Reid Kalley...* p. 67. Em seu passado, na Ilha da Madeira (pertencente a Portugal), o médico escocês tornou-se conhecido pelo atendimento aos mais pobres, oferecendo consultas gratuitas, organizando também escolas populares que matricularam milhares de pessoas. Seu trabalho como missionário legou aos madeirenses a primeira igreja presbiteriana na Ilha, organizada (sob a liderança de outro ministro) em abril de 1846 e presente até os dias de hoje.

¹⁹³ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p.58.

¹⁹⁴ FORSYTH, William B. *Jornada do Império...* p.169-170.

¹⁹⁵ 06 de julho de 1913, na Casa de Oração da Igreja Evangélica Fluminense, no Rio de Janeiro. Com delegações de treze igrejas representadas dos Estados do Rio de Janeiro, Pernambuco e São Paulo e dezesseis delegados presentes. Embora recebendo o apoio das igrejas congregacionais portuguesas herdeiras do trabalho de Robert Reid Kalley (cinco ao todo) para a realização da primeira convenção no Brasil, não houve representantes das mesmas, provavelmente por motivos logísticos. Cf. CARREIRO, Vanderli Lima. *Curso de História Denominacional*. Rio de Janeiro: Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro [s.d]. p.42-43.

¹⁹⁶ A designação “congregacional” por razões teológicas foi inserida no âmbito brasileiro em 1916. Havia uma preocupação com a influência do liberalismo teológico alemão sobre igrejas congregacionais americanas e inglesas, as referências do congregacionalismo no mundo. Superada a suspeita o emprego do termo coroou as igrejas de governo congregacionalista. Cf. CARREIRO, Vanderli Lima. *Fundamentos e Princípios do Congregacionalismo*. Campinas: Editora Contextualizar, 2016.p.32. O Liberalismo Teológico nasce na Alemanha do século XIX. Profundamente enraizado no iluminismo, o liberalismo teológico postulava o individualismo (o homem não precisa ajustar-se às convenções teológicas e sociais

teórica, pois a iniciativa apontava para organização majoritária que, contudo, através de seu nome adotado, parecia querer negá-la. O nome foi abandonado com o tempo, havendo vários outros, por diferentes motivações, até se chegar, em 1969, ao nome que hoje reúne a maior parte das igrejas congregacionais brasileiras: a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (UIECB), estrutura denominacional alvo desta pesquisa. A segunda decisão que marcou distintamente a primeira convenção foi a de organização de um seminário teológico que se encarregasse de oferecer formação acadêmica aos candidatos ao ministério pastoral na igreja congregacional. A medida aprovada foi executada em março de 1914, com a instalação do Seminário Evangélico Congregacional em São Francisco Xavier (bairro do Rio de Janeiro), com uma pequena turma de apenas seis alunos que concluíram seus estudos teológicos em 1917, configurando assim na primeira turma de bacharéis em teologia da igreja congregacional formada no Brasil¹⁹⁷. Ao fazê-lo os congregacionais brasileiros recuperaram uma das tradições mais caras do ramo do protestantismo, haja vista o empenho dos congregacionais na organização de escolas, seminários e faculdades de teologia que viabilizassem o acesso à educação e sequência na formação dos seus ministros nos lugares onde se estabeleceram. Contudo, apesar da importância com que era considerada a questão da formação teológica dos candidatos ao ministério congregacional, em 1922 a congregação do Seminário propôs às instâncias denominacionais a transferência¹⁹⁸ de alunos para o Seminário Unido¹⁹⁹, acarretando o fechamento da instituição congregacional que seria reaberta somente em 1933²⁰⁰.

de seu tempo), o criticismo (questionamento do dogmatismo), otimismo (fé na potencialidade do homem), na liberdade de atuação e expressão, na reforma permanente da teologia diante dos desafios e descobertas científicas, no empirismo como método de compreensão da realidade e no engajamento social da igreja. As ideias de Immanuel Kant (1724 – 1804), Albrecht Ritschl (1822- 1889) foram fundamentais na construção do arcabouço liberal, tendo em Friedrich Schleiermacher (1768- 1834) o primeiro grande expoente.

¹⁹⁷ Antes da fundação do Seminário Evangélico Congregacional em 1914, os ministros congregacionais eram formados fora do Brasil, especialmente, Inglaterra ou em outras instituições teológicas existentes no país. O primeiro seminário protestante no Brasil foi o Seminário Primitivo do Rio de Janeiro, fundado em 14 de maio de 1867 pelo missionário norte – americano e ministro da Igreja Presbiteriana, Rev. Ashbel Green Simonton, o mesmo que iniciara em 1859, no Rio de Janeiro, os trabalhos evangelísticos que resultaram na organização da Igreja Presbiteriana do Brasil. A formação acadêmica dos ministros protestantes era cara e não poucos vocacionados precisam do custeio dos seus estudos. As obras clássicas de teologia protestante ainda não estavam publicadas em português o que dificultava a formação dos alunos. Tais complexidades ficam expostas na equação de que até 1912, ou seja, cinquenta e sete anos após o início dos trabalhos dos congregacionais em solo brasileiro, apenas dez ministros denominacionais foram formados nas escolas teológicas.

¹⁹⁸ As razões para fechamento temporário do Seminário Evangélico Congregacional passavam pela pequena quantidade de alunos, o que, certamente, inviabilizava seu funcionamento. Além da oferta de ensino em tempo integral (internato) ministrada pelo Seminário Unido e a reconhecida qualificação acadêmica do corpo docente deste. Cf. SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. *100 Anos de Ensino*

Uma das marcas mais notórias dos congregacionais no Brasil foi litúrgica conforme registrada no parágrafo acima. A oferta do hinário “*Salmos & Hinos*” às igrejas reformadas brasileiras despertou o interesse pela teologia cantada nos cultos e no contexto das escolas dominicais na Igreja Evangélica Fluminense, em outras igrejas congregacionais e até mesmo nas demais denominações protestantes. Quanto a essa influência há o registro de Henriqueta Rosa Fernandes Braga²⁰¹ em 1960 em reconhecido estudo sobre a música religiosa de tradição cristã protestante no Brasil:

Nos cento e cinco anos decorridos desde esse memorável domingo até a presente data (1960), jamais deixaram os hinos sacros de desempenhar papel de relevância nas numerosas e sempre crescentes Escolas Dominicais que, desde então e pela graça de Deus, se vêm organizando por todo o Brasil²⁰²

Uma obra acadêmica de importância reconhecida tem como título²⁰³ uma das canções mais conhecidas dessa família protestante. E justamente nessa obra, não exclusiva aos congregacionais, mas ao protestantismo de modo geral, que inicia ou mantém um debate sobre o pouco interesse da vertente nacional desta expressão do cristianismo quanto às questões sociais que dramatizaram a sociedade brasileira. Outras

Teológico: História e Missão do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro (1914 – 2014). Rio de Janeiro: Contextualizar, 2014.p.33.

¹⁹⁹ O Seminário Unido, cujo nome oficial era Faculdade de Teologia das Igrejas Evangélicas do Brasil, fundado em 19 de dezembro de 1919, fora resultado do Congresso do Panamá (1916), um concílio de Igrejas Protestantes de distintas tradições, que refletiu sobre a necessidade de consolidação do protestantismo na América Latina. Consolidação essa cujas expressões importantes seriam a publicação de obras clássicas de teologia e organização de um Seminário Teológico (entre outras medidas). Destarte, o Seminário Unido foi organizado com o fim de oferecer formação acadêmica de alto nível aos ministros protestantes brasileiros, reconhecendo a carência nesta área, além da escassa literatura teológica produzida em português, à época. Apesar dos esforços institucionais de viabilizar o Seminário Unido, o mesmo nunca foi amplamente aceito por parte de lideranças importantes das denominações históricas (Congregacional, Presbiteriana, Batista, Metodista), pois tais possuíam suas escolas de teologia. E, além disso, a tendência dialogal e ecumênica do Seminário incomodada setores mais conservadores das denominações que receavam por uma abertura além das medidas teológicas e litúrgicas de cada grupo. Sem contar pelo temor que o Seminário Unido despertava nas outras escolas teológicas, pois não poucas lideranças acreditavam que o funcionamento de uma Faculdade de Teologia pudesse enfraquecer as instituições já existentes, levando-as a fecharem suas portas.

²⁰⁰ SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. *100 Anos de Ensino Teológico...* p.51.

²⁰¹ Autora de uma das mais importantes pesquisas sobre a história da música cristã protestante no Brasil, Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1909 – 1983), membro atuante da Igreja Evangélica Fluminense, foi a primeira mulher diplomada em música no Brasil pela Universidade do Brasil (1934 – atual UFRJ) e a primeira evangélica com assento na Academia Nacional de Música e a primeira congratulada com a medalha ASTER / ARTES da Academia Brasileira de Letras. Ganhou a medalha “Silvio Romero”, entregue pela prefeitura do Distrito Federal, ainda nos tempos em que a capital do Brasil era o Rio de Janeiro.

²⁰² FERNANDES BRAGA, Henriqueta Rosa. *Música Sacra...* p.109.

²⁰³ MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O Celeste Por Vir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edusp. 2008.

obras acadêmicas recentemente publicadas revelam esse interesse e especial preocupação²⁰⁴.

No caso dos congregacionais o pouco interesse se revelou no distanciamento, omissão e silêncio quando os militares deram o Golpe de Estado em 1964, suspendendo as liberdades individuais, fechando o Congresso Nacional, censurando a imprensa, caçando direitos políticos, prendendo seus atores e impondo uma ditadura que, sim, contou com a simpatia de grupos protestantes²⁰⁵, entre tais os congregacionais, pois o silêncio e a omissão são posições ideológicas assumidas.

²⁰⁴ ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo Tupiniquim: Hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005. O texto é resultado da dissertação de mestrado em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Obras, entre outras, que problematizam a conjugação - protestantismo brasileiro / sociedade - são: “*Religião E Política, sim. Igreja e Estado, Não*” (Editora Ultimato, 2006), escrita pelo sociólogo e professor da Universidade Federal de São Carlos, Paul Freston e “*Cristianismo & Política*” (Editora Ultimato, 2002), de autoria de Robinson Cavalcanti, morto em 2012 e que fora professor de Ciências Políticas da Universidade Federal de Pernambuco. Mendonça, Alencar, Freston e Cavalcanti todos ligados à tradição protestante.

²⁰⁵ SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo: Editora Reflexão, 2014.

Capítulo II - Protestantismo e a Sociedade Brasileira.

2.1 A Comissão Nacional da Verdade e as Igrejas:

Criada em 18 de novembro de 2011, sob a Lei Nº 12.528, a Comissão Nacional da Verdade (CNV), sob a coordenação da Casa Civil da Presidência da República ainda nos anos da presidente Dilma Rouseff, conforme abaixo, foi a mais importante iniciativa na história recente a fim de se apurar crimes e violações de direitos fundamentais ocorridos em território brasileiro.

Art. 1º É criada, no âmbito da Casa Civil da Presidência da República, a Comissão Nacional da Verdade, com a finalidade de examinar e esclarecer as graves violações de direitos humanos praticadas no período fixado no art. 8º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, a fim de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a reconciliação nacional²⁰⁶.

A Comissão Nacional da Verdade constituiu grupo de trabalho específico para tratar das relações das igrejas com o governo militar estabelecido a partir de 1964²⁰⁷. O Grupo apresentou relatório no dia 25 de fevereiro de 2013 e o mantém disponibilizado no sítio da Comissão na internet. O texto, na íntegra, segue abaixo:

O Grupo de Trabalho que investiga o papel das igrejas durante o regime ditatorial é composto por religiosos, estudiosos e acadêmicos. O objetivo deste grupo é apurar informações que consubstanciem as ações de resistência e cooperação das igrejas com a ditadura civil militar. Assim, pretende-se identificar as ações realizadas pelas igrejas, bem como as omissões relevantes, que permitiram ou consolidaram as ações de violações de Direitos Humanos pelo Estado. Também temos nos debruçado sobre as ações repressivas praticadas pelas igrejas que reproduziram, interna e paralelamente, perseguições que o Estado realizava no âmbito da sociedade.

Por apuração entende-se o levantamento de informações a partir de três estratégias básicas, comuns a todos os grupos de trabalho da comissão nacional da verdade. A primeira estratégia é baseada em uma revisão bibliográfica de pesquisas acadêmicas ou jornalísticas já realizadas, que resultaram em teses e livros. Também serão levantados documentos e acervos, incluindo das igrejas, disponíveis em acervos privados ou públicos. Já houve um mapeamento inicial desses acervos, e visitas estão sendo feitas para aprofundamento da pesquisa. Por fim, mas não menos importante, a terceira estratégia tem consistido em conversas e

²⁰⁶ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112528.htm

²⁰⁷ SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura...* Do total de treze Grupos de Trabalho constituídos.

oitivas com atores que possam fornecer informações ou indicar novas fontes de pesquisa ainda não mapeadas.

O modelo metodológico proposto é interdisciplinar, supõe recorrer a diferentes metodologias da pesquisa histórica, jurídica, sociológica, política e ético - filosófica. O grupo ainda criou uma metodologia organizacional. Dividiu-se em dois subgrupos, um focado na Igreja Católica Apostólica Romana e outro focado nas chamadas Igrejas Protestantes Históricas de Missão, categoria também usada pelo IBGE para agrupar as igrejas Congregacional, Presbiteriana, Metodista, Batista e Episcopal (anglicana), e temos incluído ainda nesse guarda-chuva as igrejas Luteranas.

A partir dos cronogramas de trabalho do grupo, os pesquisadores espalham-se pelo país nas diligências, e reúnem-se periodicamente nas chamadas reuniões ampliadas para trocas de informações. Há ainda um acompanhamento baseado em reuniões administrativas para discutir as questões logísticas relacionadas aos agendamentos prévios, estrutura necessária para apoio e outros detalhes para dar suporte à pesquisa.

A pesquisa é orientada a partir de questões básicas que o grupo decidiu se colocar. Essas perguntas estruturam-se em quatro eixos transversais: o Papel das Igrejas no período que antecede o Golpe Civil/Militar, o papel das Igrejas na consolidação e legitimação da Ditadura, a colaboração de setores das igrejas com a repressão e ações repressivas internas a grupos dissidentes, e a resistência de setores das igrejas à ditadura²⁰⁸.

No relatório, a intenção do grupo de trabalho é exposta, isto é, “apurar informações que consubstanciem as ações de resistência e cooperação das igrejas com a ditadura civil militar [...] bem como as omissões relevantes, que permitiram ou consolidaram as ações de violações de Direitos Humanos pelo Estado”. Além de levantar “as ações repressivas praticadas pelas igrejas que reproduziram, interna e paralelamente, perseguições que o Estado realizava no âmbito da sociedade”.

Entre outras referências, os congregacionais aparecem no documento como objeto de um dos subgrupos que seriam estudados: “... outro focado nas chamadas Igrejas Protestantes Históricas de Missão, categoria também usada pelo IBGE para agrupar as igrejas Congregacional, Presbiteriana...”.

O relatório despertou interesse de pesquisadores que possuem relação com igrejas protestantes. No prefácio da obra “Protestantismo & Ditadura” (que temos como

²⁰⁸http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/grupos_trabalho/CNV_REUNIAO_AMPLA_Igrejas_250213.

referencial teórico, escrita pelo pesquisador protestante Silas Luiz de Souza²⁰⁹), o autor, Breno Martins Campos²¹⁰, destaca o registro da CNV sobre a atuação de apuração junto às igrejas protestantes:

Examina a postura política de instituições religiosas e seus integrantes em relação ao regime ditatorial. Busca esclarecer a participação de instituições religiosas cristãs e/ou de suas lideranças clérigas ou leigas, tanto no apoio a movimentos de resistência a ditadura, quanto na contribuição à repressão, analisando os fatos e as circunstâncias de graves violações de direitos humanos correlatos ao seu tema²¹¹.

A proposta da Comissão Nacional da Verdade de apurar a participação das Igrejas Protestantes no período da ditadura militar sinaliza a importância social que o segmento alcançou no Brasil. De acordo com os dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o número de brasileiros identificados com a pertença protestante alcançou o expressivo número de quarenta e dois milhões e trezentos mil, de acordo com o censo religioso divulgado em 2010, representando 22% da população brasileira, à época. Em 2016, o Datafolha, divulgando dados sobre o cenário religioso brasileiro, publicou sobre o crescimento dos protestantes comparando com o aferido no censo de 2010, destacando que, em seis anos, os quantitativos foram alterados ascendentemente: Tendo 29% da população declarando-se pertencer à fé cristã protestante. Sem dúvida, um segmento que não pode ser ignorado e cujos trabalhos acadêmicos relevantes precisam tematizar.

Antes mesmo de considerar a participação dos congregacionais no período da ditadura militar, importante seria expor este segmento: os protestantes. Afinal, quem são os protestantes? Como se estabeleceram em nosso país as primeiras comunidades? Qual a finalidade da inserção protestante no Brasil? O escopo dos protestantes foi apenas na esfera religiosa ou houve, entre eles, preocupação, discussão e diálogo quanto aos problemas sociais do país? Quais as contribuições sociais de tal segmento? E como poderíamos entender a tipologia das igrejas protestantes brasileiras? Uma exposição do protestantismo brasileiro importa para que se perceba que não apenas a sua expressão numérica merece atenção, mas também sua história e ethos.

²⁰⁹ Silas Luiz de Souza é pesquisador com formação em Teologia (graduação), Ciências da Religião (mestrado) e História (graduação e doutorado). É professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP) e do Seminário Teológico Presbiteriano em Campinas/ SP.

²¹⁰ Doutor em Ciências Sociais. Professor – pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP.

²¹¹ DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura...* p.14. Prefácio de Breno Martins Campos, citando texto da Comissão Nacional da Verdade.

Antônio Gouvêa Mendonça define a importância da presença protestante em solo brasileiro (e, por isso, estudos sobre o segmento) com as seguintes considerações:

Do mesmo modo como no domínio político, Portugal foi constantemente assediado em sua colônia sul – americana por parte de invasores, corsários e piratas que, valendo-se da extensão da costa brasileira, não lhe davam tréguas, a Igreja Católica teve que desdobrar-se para que não permitir que outros grupos cristãos, e ainda em plena efervescência da Reforma, aqui se estabelecessem de modo a por em risco sua proeminência. Naturalmente, os contínuos fracassos por parte de protestantes para se estabelecerem no Brasil Colônia não se devem só a tenaz oposição por parte da Igreja Católica, mas a outros fatores [...] Vale ainda considerar o fato de que a resistência portuguesa aos invasores era sempre feita não somente em nome de sua soberania política e de seus interesses comerciais, mas também em defesa de sua fé contra as heresias. De modo que a história da presença protestante no Brasil frente à incipiente cultura ibero-católica nada mais é do que um constante exemplo de choque cultural. O protestantismo só conseguiu implantar-se definitivamente quando condições políticas e sociais apresentaram possibilidades de neutralizar a presença protestante de modo que ela não viesse a conseguir, por conta, de seu enquistamento, transformações sensíveis na cultura católica luso – brasileira. A posse religiosa, portanto, à semelhança da posse política, não foi tranquila, a não ser num lapso de cerca de duzentos anos em que a presença protestante foi esporádica, não institucional, mas individual²¹².

2.2 O protestantismo:

O protestantismo está completando 500 anos (1517 – 2017). Sua história está relacionada a Martinho Lutero, monge alemão, da ordem dos agostinianos, que lecionava teologia na Universidade de Wittemberg, na segunda década do século XVI. Com uma tese em mãos - a de que o homem é justificado diante de Deus somente pela fé -, Martinho Lutero iniciaria um dos movimentos que se tornaria dos mais significativos no ocidente medievo. Lucien Febvre, em sua obra sobre Martinho Lutero, destaca:

Tudo o que ele trazia? Uma nova forma de pensar, de sentir e de praticar o cristianismo, a qual não podendo ser esmagada na casca, nem avalizada como tal, tampouco, digerida de maneira amigável pelos chefes da igreja, tornou - se por isso e, muito naturalmente, uma nova religião, um novo ramo do velho cristianismo. Religião geradora de uma nova raça de homens, ou, pelo menos, de uma nova variedade da espécie cristã: a variedade luterana. Menos categórica na aparência externa, menos abrupta, menos feita para disseminar além de seu lugar

²¹² MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O Celeste Por Vir...* p.17-18.

de origem do que a outra variedade, vigorosa e prolífica, que, em um intervalo de trinta anos, seria gerada pelo picardo João Calvino? Sem dúvida. Tenaz, no entanto. Duradoura. Apta a se amoldar a acontecimentos diversos. Capaz de atrair, a ponto de às vezes adular, ao que parece, a variedade vizinha e inspirar temores aos guardiões ciosos de sua pureza. Em todo caso, de considerável importância histórica, uma vez que toma conta, sobretudo, de parte considerável da Alemanha. E o espírito luterano adere fortemente à mentalidade dos que o adotaram²¹³.

Essa “nova forma de pensar, de sentir e de praticar o cristianismo” assumida por Lutero, conforme as palavras de Febvre, era a “justificação pela fé”, tese central do monge alemão, do luteranismo e, posteriormente, de todo o protestantismo.

Justificação pela fé: percebe-se que quanto essa formulação, inerte em aparência, encerra de força, alegre confiança, entusiasmo, segurança invencível; percebe-se, às vésperas dos acontecimentos de 1517, o que ela significa para um Martinho Lutero: a convicção de ter Deus por si, consigo e em si, um Deus que não é a justiça imanente dos teólogos, e sim uma vontade ativa e radiante, uma bondade soberana agindo por amor e dando-se ao homem para que o homem se dê a Deus²¹⁴.

A tese de Lutero colocava o homem responsável por si diante de Deus. Sem mediações institucionais. Isto é, a aproximação com o sagrado, aconteceria não por meio dos programas litúrgicos e devocionais da Igreja, mas por meio da fé. Embora importante na agenda luterana, a igreja ganha, na compreensão do monge, outro papel (da reunião dos fiéis), mas não mais de despenseira da Graça.

Pensar a fé por si mesmo e responsabilizar-se perante Deus, o conceito mais importante no imaginário da Europa do século XVI – Deus -, sinaliza importantes transformações que a região experimentaria. De certa forma e em algum grau, o protestantismo antecipou discussões temáticas que ganhariam maior alcance no Iluminismo²¹⁵, como, por exemplo, “primado da consciência individual, baseada na liberdade de exame”²¹⁶.

²¹³ FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.p.16.

²¹⁴ FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero...* p.82.

²¹⁵ A Reforma Protestante promoveu o primeiro deslocamento do eixo acerca do conceito de *autoridade/verdade*. Ao enfatizar os textos do Antigo e Novo Testamento como âncora e fundamento da realidade a Reforma colocava em questão a noção de que a Igreja e sua Tradição eram as estruturas legitimadoras da realidade. A leitura dos textos canônicos, por exemplo, antes um privilégio nobre e clerical, passou a ser fundamental a todos os fiéis para a prática religiosa. Em seguida, enfatizou-se o critério racional: o texto lido precisava ser compreendido. Finalmente, a religião precisava ser pessoal e experimental (“justificação pela fé”). Dessa forma, termos o pavimento de três conceitos que seriam caros ao protestantismo acerca do cristianismo: 1) A valorização da educação – implicada na canonicidade - (o cristianismo é uma religião do livro. A educação para sua leitura é um imperativo. Uma exigência,

Parece simples demais que uma afirmação teológica carregada de valor e significado somente para cristãos devotos tenha em si capacidade de influência sobre tantos agentes em um período da história. Acontece que, quando se considera a Europa medieval, é importante ater-se ao fato de que não havia o conceito de sociedade secular. A sociedade era religiosa. O a priori religioso era instrumento de hermenêutica, ferramenta de análise e construção social.

As ideias de Lutero, contudo, concordariam com anseios políticos e sociais de muitos príncipes²¹⁷ que viam nas formulações luteranas a oportunidade do estabelecimento da distância, há muito pretendida, em relação a Roma. Assim, quando Carlos V, na dieta de Speyer, em 1529, reafirma a condenação das ideias luteranas²¹⁸ alguns príncipes protestaram contra a decisão. O movimento iniciado por Lutero e que influenciaria agentes religiosos em outras nações europeias (Inglaterra, Suíça, Holanda, Escócia, por exemplo) ficaria, em definitivo, alcunhado de “protestante”.

2.3 A Inserção Protestante no Brasil: Tipologias e Consolidação.

portanto. Desenvolveu com isso o postulado da Reforma: *Sola Scriptura*); 2) A valorização do intelecto (O livre – exame para a devida compreensão da fé. A fé passa pelo crivo da razão que precisa ser convencida pela Escritura. O cristianismo como uma religião racional); 3) A religião é pessoal e experimental (a justificação é pela fé. E a salvação é individual). Esses conceitos que colidiam com o modus operandi da Igreja Católica medieval (onde a espiritualidade era, na prática, mais ritualística, cerimonial, formal, sacerdotal, mediada e institucionalizada) seriam refinados, expandidos e até mesmo exagerados no século XVIII pelo iluminismo, que muito incentivou a leitura e a educação, o racionalismo e o individualismo. A Reforma antecipa de algum modo, portanto, debates que seriam cristalizados e polarizados no Iluminismo. HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida, 1996.p.148.149. O historiador Edward McNall Burns reconheceu, ainda que cautelosamente, uma relação de teorias renascentistas e reformistas (individualismo, retorno às fontes e relação positiva com o trabalho e o capital). BURNS, Edwards McNall. *História da Civilização Ocidental*. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.p.449-450.

²¹⁶ BICALHO, Maria Fernanda B. *A França Antártica, o curso, a conquista e a "peçonha luterana"*. HISTÓRIA, São Paulo, 27 (1): 2008.p.43. A autora cita uma teoria protestante. A mesma pode ser encontrada na literatura que menciona parte do pronunciamento de Martinho Lutero mediante a convocação imposta pelo Imperador Carlos V em 1521, por ocasião da Dieta de Worms: “Que se me convençam mediante testemunho das Escrituras e claros argumentos da razão, porque não acredito nem no Papa nem nos concílios já que está provado amiúde que estão errados, contradizendo-se a si mesmos - pelos textos da Sagrada Escritura que citei, estou submetido a minha consciência e unido à palavra de Deus. Por isto, não posso nem quero retratar-me de nada, porque fazer algo contra a consciência não é seguro nem saudável”.

²¹⁷ O crescente espírito de independência e o sentimento nacional já vinham promovendo tensões entre os príncipes dos estados que formavam a Alemanha e o clero romano. Há tempos, antes mesmo das teses luteranas serem afixadas nas portas do Castelo de Wittemberg os príncipes alemães almejavam a posse de todos os poderes sobre os assuntos nacionais, inclusive sobre as igrejas estabelecidas no território. Nomeação de cargos eclesiásticos e cobrança de indulgências sem o consentimento dos príncipes, por exemplo, eram criticados duramente. A Reforma abastece, com teses religiosas, anseios emancipatórios e libertários por parte das autoridades políticas na Alemanha. Cf. BURNS, Edwards McNall. *História da Civilização Ocidental...* p.457-458.

²¹⁸ A Dieta de Speyer revogou a concessão de 1526 que permitia aos príncipes seguirem o movimento reformador luterano, impondo o mesmo aos seus súditos.

O Protestantismo Colonial

Os luteranos

Os primeiros registros de cristãos identificados com a pertença protestante no Brasil, remontam ao século XVI. Três alemães de tradição luterana contam como os precursores de uma pertença protestante em território nacional. Primeiro, um escrívão radicado na província de São Vicente (SP) desde 1530²¹⁹, por nome Heliodoro Hessus²²⁰. Parece ter sido filho de Eobano Hessus, um amigo de Martinho Lutero²²¹. Em seguida, no ano de 1534, Ulrico Schmidel²²² participa da expedição de Pedro Mendonça²²³ ao Novo Mundo (Argentina, Paraguai e Brasil)²²⁴. Finalmente, mais conhecido, Hans Staden. Jovem e aventureiro, Staden sofre um naufrágio quando seu navio estava próximo do porto de São Vicente em 1549.

Após trabalhar por um pequeno período em uma fortificação dos portugueses foi capturado por índios Tupinambás, enquanto caçava. Com medo dos rituais de antropofagia que ouvira falar como sendo prática dos Tupinambás, Hans Staden fazia suas preces e entoava cânticos de sua pertença cristã luterana. Conseguindo escapar do cativo, retornou para Alemanha, publicando o que passara nas terras brasileiras²²⁵. É

²¹⁹ A data é imprecisa. Há sítios eletrônicos da Igreja Luterana no Brasil que informam a década de 50 como a do desembarque de Heliodoro Eobano.

²²⁰ ANDRA, Helmut. Heliodor Eoban Hess: *O Co-fundador do Rio de Janeiro*. Revista Humboldt, v. 13, p. 59-67, 1966.

²²¹ <http://www.luteranos.com.br/textos/a-igreja-evangelica-de-confissao-luterana-dentro-do-protestantismo-brasileiro>

²²² Ulrico Schmidel parece manter silêncio acerca de sua pertença religiosa. Assim que retorna para sua cidade, Straubing, na Alemanha, assumi sua pertença luterana. Provavelmente as hostilidades entre luteranos e católicos (e Schmidel trabalhava com espanhóis. Católicos, portanto). Uma pesquisa sobre o trabalho do explorador alemão pode ser encontrado na dissertação de mestrado de Luis Guilherme Assis Kalil. Cf. ASSIS KALIL, Luis Guilherme. *A Conquista do Prata: Análise da Crônica de Ulrico Schmidel*. Campinas: Universidade Estadual de Capinas. Dissertação de Mestrado, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br>.

²²³ Capitão Geral da esquadra que partiu da Espanha em 1534 em direção às terras da América do Sul (Argentina, Paraguai e Brasil).

²²⁴ SANTOS FILHOS, Hildebrando Costa. *Sinopse Histórica da Presença de Cristãos Protestantes no Brasil*. Edição do Autor: São Gonçalo, 2005.p.27.

²²⁵ STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1930. Esta edição foi a segunda publicada no Brasil. No ano de 1892, através da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Volume 55 – 1ª Parte) a história de Hans Staden veio a lume pela primeira vez no Brasil. A obra foi publicada originalmente em alemão em 1557, na cidade de Marburg, em Hessen, com o extenso título: “A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes, devoradores de homens, encontrados no Novo Mundo, a América, e desconhecidos antes e depois do nascimento de Cristo na terra de Hesse, quando o próprio Hans Staden, de Homberg, na província de Hesse, os conheceu, e agora os traz ao conhecimento do público por meio da impressão deste livro”.

comum encontrar em sítios eletrônicos da comunidade luterana no Brasil a informação de que Hans Staden construíra uma capela em São Vicente, sendo assim, a primeira construção da pertença cristã protestante erguida no Brasil.

As ideias luteranas, conhecidas do padre jesuíta José de Anchieta, que as descobriu sendo ensinadas por um francês chamado Jean Cointá. Embora huguenote, compartilhava aspectos doutrinários do protestantismo citando Lutero²²⁶.

A presença desses luteranos com a manifestação de algum sinal de pertença (orações e cânticos e até mesmo a edificação da capela por Staden), contudo apenas sinaliza o aspecto da fé pessoal, porquanto seus interesses em solo brasileiro concentravam na exploração e economia, sem nenhum intuito de compartilhar a doutrina protestante por estas terras. O luteranismo aguardaria até o século XIX para se inserir em definitivo no Brasil, com seu ethos, suas edificações, conteúdo doutrinal e eclesiologia. Entretanto, não deixa de ser uma demonstração de que nas primeiras décadas após a eclosão da Reforma Protestante na Alemanha, atores sociais identificados com o protestantismo circulariam por outros territórios. O Ocidente, portanto, passaria a conviver com um novo ramo do cristianismo.

Os Huguenotes

No dia 10 de janeiro do ano de 1557, chegava à Baía de Guanabara uma frota francesa trazendo, além de artesãos, pessoas instruídas na religião, cristã, protestante e Reformada. Eram os huguenotes, ou calvinistas²²⁷ da França. A expressão “huguenote” é disputada. Parece possuir uma relação com o termo “confederado” (em francês “*Eidguenot*”, derivado do suíço-alemão *Eidgenossen*, termo que designava as cidades e cantões helvéticos partidários da Reforma)²²⁸. Os huguenotes foram solicitados por Nicolau Durand Villegaigon que desembarcara em 1555.

Um expressivo contingente com 280 calvinistas com intuito de colonização e catequese com destaque para os dois ministros, Peirre de Richier e Guilherme Chartier,

²²⁶ BICALHO, Maria Fernanda B. *A França Antártica...* p.43.

²²⁷ O calvinismo foi a versão genebrina do protestantismo. A expressão é uma referência ao picardo João Calvino que liderou o movimento de Reforma Religiosa em Genebra, consolidando-a nas terras suíças ao publicar sua obra “As Institutas da Religião Cristã”, que se tornaria o padrão sistemático e doutrinário da Reforma Protestante. O calvinismo foi vigoroso na Holanda (onde foi sistematizado e oficializado no Sínodo de Dort em 1618 – 1619, como a expressão teológica das igrejas holandesas) Inglaterra (puritanos), Escócia (presbiterianos) e Estados Unidos (congregacionais).

²²⁸ Dos calvinistas franceses dizia-se ter a mesma fé dos Confederados (Confederação Helvética, isto é, a região atual da Suíça, como foi chamada até 1798).

ambos da Igreja Reformada de Genebra, liderada por João Calvino, fora recebido com expectativa. Um culto foi realizado no mesmo dia do desembarque sob a direção litúrgica de Pierre de Richier, baseando a exposição da prédica no saltério 27.4. Antes a liturgia fora marcada pelo cântico do saltério 55. Essa liturgia marca o primeiro cerimonial protestante em terras brasileiras²²⁹.

A tipologia na qual podemos categorizar essa inserção protestante no Brasil é de protestantismo colonial. Havia, pois, um projeto político e econômico que acompanhava as intenções proselistas dos franceses calvinistas, além da intenção de fuga do território francês, pois as tensões entre protestantes e católicos se intensificavam continuamente e, preocupados com a segurança, os huguenotes decidiram abandonar o país, temendo pelo pior, que terminaria acontecendo em menos de duas décadas, na famigerada Noite de São Bartolomeu²³⁰.

Villegaignon, surpreendendo os franceses radicados, nega sua pertença calvinista, assumi novamente a fé católica e estabelece uma relação beligerante e inquisitiva com os mesmos. Muitos dos calvinistas conseguem retornar para a Europa, fugindo da perseguição imposta por Villeiganon, ainda que cinco²³¹ desses, por razões logísticas²³², ficaram em território brasileiro, sendo acusados de espionagem e presos. Esses calvinistas²³³ foram os responsáveis pela redação pela Confissão de Fé da Guanabara²³⁴, considerada a primeira do gênero de referência protestante no mundo²³⁵. Em 09 de fevereiro de 1558, João de Bordel, Pedro Bourdon e Mateus Verneuil foram executados e, em 1567, Jaques Le Balleur teve o mesmo destino, após permanecer preso por oito anos na Bahia, sendo executado por Mem de Sá, no Rio de Janeiro. Anos depois, em 1575, o padre José de Anchieta mencionará a inquisição de mais um francês, de nome desconhecido²³⁶.

²²⁹ Na Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro há uma um monumento erguido em memória da chegada dos huguenotes na Baía de Guanabara.

²³⁰ Na madrugada do dia 23 de agosto de 1572, dia de São Bartolomeu, iniciou na França uma violenta repressão ao protestantismo. Milhares de huguenotes foram feridos e mortos, inclusive, o comandante Gaspar Coligny, incentivador do envio de huguenotes ao Brasil, cuja cabeça fora cortada e enviada ao Papa Gregório VIII. O conflito parece ter surgido em reação a um golpe de Estado perpetrado pelos huguenotes.

²³¹ Pedro de Bordoun, João de Bourdel, Mateus Verneuil, André Lafin e Jaques Le Balleur.

²³² Problemas na embarcação e de provisões no navio.

²³³ André Lafin foi poupado do martírio em face de sua útil profissão de alfaiate e também por ter negada a confissão e a pertença protestante.

²³⁴ A Confissão de Fé da Guanabara: http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_guanabara

²³⁵ ANGLADA, Paulo. *Sola Scriptura: A Doutrina Reformada das Escrituras*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 1998.p.190.

²³⁶ CARREIRO, Vanderli Lima. *Lições de História...* p.16.

Outra presença identificada na colônia com a pertença protestante calvinista foi Daniel de La Touche, que liderou uma expedição em 1612 na região onde temos hoje o estado do Maranhão. O intento do comandante huguenote era do estabelecimento da França Equinocial²³⁷. Contudo, tensões político – religiosas²³⁸ levaram ao fracasso a ambas as tentativas de inserção definitiva do protestantismo calvinista francês.

Data da primeira incursão francesa no Brasil a obra escrita pelo jovem artesão e aspirante ao ministério Jean Lery, “*Viagem a Terra do Brasil*”²³⁹, publicada, originalmente, em 1578.

Os Reformados Holandeses

Na manhã do dia 15 de fevereiro do ano de 1630, Recife acordaria com a presença de soldados holandeses em seu território. Às 11: 00 horas da manhã, o comandante de uma impressionante frota, Hendrik Corneliszonn Lonck²⁴⁰, posiciona seus navios diante das fortificações (Forte do Mar e São Jorge) disposto a tomar a cidade do Recife. O mesmo ocorre em Olinda, ao norte da região, na mesma hora e sob o comando do coronel Diederick van Waerdenburch²⁴¹. Sem grandes dificuldades os holandeses implantaram seu projeto colonial em Pernambuco. Seis anos antes, em 1624, já haviam tomado Salvador, na Bahia, de onde foram expulsos no ano seguinte. E, obviamente, no mesmo projeto colonial perpassava a perspectiva religiosa, cristã, protestante e calvinista.

O interesse e a necessidade de se apoderar das terras brasileiras pode ser explicado nas palavras abaixo de Francisco Leonardo Schalkwijk²⁴²:

²³⁷ Interesses econômicos e a perseguição religiosa sofrida pelos huguenotes motivaram o empreendimento.

²³⁸ Os portugueses expulsaram os franceses do Maranhão. A proteção das terras era tanto devido às riquezas da colônia consideradas um monopólio de Portugal, mas também por questões religiosas, uma vez que a religião estava no centro das decisões das nações europeias, sendo a lente com que interpretavam a realidade, sendo a causa de muitas perseguições e o ânimo de importantes movimentos sociais e políticos na Alemanha, França, Inglaterra, Holanda e Escócia. As nações concebiam a religião como assunto de Estado. Onde, portanto, o colonizador chegava levava consigo sua religião sendo imposta à terra conquistada e explorada.

²³⁹ Título original: “*Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, dite Amerique*”.

²⁴⁰ DARÓZ, Carlos. *A Guerra do Açúcar*. As Invasões Holandesas no Brasil. Recife: Editora UFPE, 2014. p.190.

²⁴¹ DARÓZ, Carlos. *A Guerra do Açúcar*... p.190.

²⁴² Doutor em História pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). Ministro da Igreja Cristã Reformada da Holanda.

O crescente comércio ultramarino holandês organizou duas grandes companhias para a maior cooperação e para melhor proteção contra os espanhóis [...] a das Índias Orientais e das Índias Ocidentais. A área desta última era o Atlântico. Sua diretoria era composta de dezenove membros chamados ‘Senhores XIX’, representando as cidades cooperadoras, da qual Amsterdã era a principal. Sabedores de que as maiores riquezas da Espanha, com que sustentava suas guerras, provinham das Américas, começou-se a pensar não somente em viagens corsárias, mas em conquistas de uma parte de suas colônias. A Bahia parecia ser presa fácil. E a cidade de Salvador foi tomada. Depois de um ano, porém, já se perdeu a conquista (1624 – 1625). Entretanto, tendo capturado uma frota carregada de prata espanhola, decidiu-se por outra tentativa, agora em Pernambuco. A concretização desse plano levou ao período do ‘Brasil Holandês’ (1630 – 1654)²⁴³.

Durante os anos de 1630 a 1645, Pernambuco se manteve na confissão de fé protestante. E é justamente neste contexto confessional calvinista holandês onde teremos o primeiro batismo de um brasileiro na pertença protestante, o indígena Pedro Poty²⁴⁴, embora com o rito batismal celebrado fora das terras brasileiras²⁴⁵. Com os holandeses temos o estabelecimento daquela que seria a primeira comunidade de fé protestante institucionalmente erguida em solo brasileiro²⁴⁶, ainda que em um projeto colonial, e com batismos de muitos indígenas²⁴⁷ que consideravam os holandeses libertadores contra os portugueses.

Os holandeses fundaram vinte e duas igrejas Reformadas no Nordeste²⁴⁸. A maior era a do Recife²⁴⁹, frequentada pelo príncipe Maurício de Nassau. As congregações diferiam em tamanho, contando, inclusive, com duas com membresia composta de franceses e ingleses²⁵⁰, além de numerosos indígenas que não só passavam pelo batismo protestante, mas que também, tornaram-se predicantes e mestres com

²⁴³ SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Índios Evangélicos no Brasil Holandês*. São Paulo: Fides Reformata – Centro de Pós Graduação Andrew Jumper. Vol.II. Número: I, jan – jun, 1997.p.40.

²⁴⁴ SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Índios Evangélicos...* p.42. Pedro Poty viveu nos Países Baixos por cinco anos, onde, além do batismo, foi instruído na religião calvinista. Ao retornar ao Brasil, serviu aos holandeses com interprete e tradutor. Morrendo em 1652, em uma viagem como prisioneiro dos portugueses.

²⁴⁵ SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Índios Evangélicos...* p. 43. Outros indígenas seriam batizados em grande quantidade no Brasil.

²⁴⁶ Jaqueline de Sousa em sua dissertação de mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), apresenta sua pesquisa sobre essa comunidade de fé indígena, Protestante e Reformada em pleno solo brasileiro nos idos do século XVII. Cf. DE SOUSA, Jaqueline. *Igreja Reformada Potiguar (1625 – 1692): a primeira igreja protestante no Brasil*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie – Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, 2012. Disponível: <http://up.mackenzie.br/stricto-sensu/ciencias-da-religiao/teses-e-dissertacoes-detalhada/artigo/igreja-reformada-potiguara-1625-1692-a-primeira-igreja-protestante-do-brasil/>

²⁴⁷ SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Índios Evangélicos no Brasil...* p.43.

²⁴⁸ SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Índios Evangélicos no Brasil...* p.41.

²⁴⁹ SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Índios Evangélicos no Brasil...* p.41.

²⁵⁰ SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Índios Evangélicos no Brasil...* p.41.

suas congruas sendo pagas pela administração da colônia. Esses mestres indígenas contribuíram para o avanço da confissão de fé protestante entre as aldeias, especialmente as da tribo potiguara.

Com a expulsão dos holandeses em 1654, chegava ao fim também a pertença protestante no Brasil português. Os portugueses restabeleceram os ensinamentos católicos. O padre jesuíta Antônio Vieira muito se esforçou a fim de recuperar a influência da Igreja Católica sobre os indígenas calvinistas, dando início a todo um projeto de reformulação da compreensão da fé com aporte dos referenciais doutrinários católicos. Seu esforço logrou êxito: A Igreja Cristã Reformada deixou de existir nas terras brasileiras.

As duas iniciativas de inserção protestante no Brasil colonial revela uma mentalidade: a de que a religião era assunto do Estado. Chegando o colonizador junto vinha a sua fé para ser compartilhada ou imposta. Iniciativas proselitistas da fé protestante sem vinculação com o Estado somente seriam viabilizadas no Brasil no início do século XIX, com a chegada dos primeiros grupos protestantes independentes. Embora não estivessem oficialmente ligados a projetos políticos de seus países de origem, outra matriz conceitual, entretanto, seria a força propulsora: o denominacionalismo²⁵¹.

O Protestantismo Étnico/ Imigração.

Anglicanos

Com o decreto de abertura dos portos do Brasil às nações amigas, assinado por Dom João e que beneficiava, sobretudo, a Inglaterra²⁵², favoreceu-se o comércio e livre circulação de mercadorias entre a colônia e a ilha britânica. Muitos ingleses se

²⁵¹ O denominacionalismo que marcará profundamente o século XIX, especialmente nos Estados Unidos da América e que terminará afetando a experiência religiosa cristã no Brasil, pois o país se tornaria, a partir da metade do século, destino frequente da empresa missionária protestante americana, não pode ser visto apenas pela sua dimensão teológica ou doutrinária, ainda que sejam seus instrumentais principais. H. Richard Niebuhr, em 1929, publicou nos Estados Unidos da América uma obra das mais importantes, tratando da origem das denominações cristãs considerando os aspectos históricos, sociológicos e éticos. Encontrando com essa abordagem a hipótese de que as denominações também reagem ao ânimo político, econômico e social. NIEBUHR, H Ricard. *As Origens Sociais das Denominações Cristãs*. São Paulo: ASTE, 1992.

²⁵² A frota inglesa protegera o deslocamento de todo o aparelho burocrático português para o território brasileiro quando a família real, temendo pelas invasões napoleônicas, decidiu deixar Lisboa. Mais de dez mil portugueses, entre ministros, clérigos, magistrados, militares, servidores públicos, conselheiros reais, trazendo arquivos, documentos, livros e maquinário desembarcaram entre os dias 25 e 27 de novembro de 1807. Cf. FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: IEDUSP, 2015.p.67.

interessaram em morar e trabalhar no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, onde, em 1808, já contavam com um núcleo de, aproximadamente, duzentos comerciantes e/ou agentes²⁵³.

Neste contexto, surgem os movimentos iniciais²⁵⁴ de implantação da primeira comunidade de fé anglicana no Brasil, que daria assistência devocional e pastoral aos ingleses que atuavam no comércio e nos portos.

Em fevereiro de 1810, Portugal e Inglaterra assinaram o Tratado de Navegação e Comércio, permitindo aos súditos da coroa britânica que trabalhavam no Brasil liberdade de consciência e culto, desde que não construíssem capelas com aparência de templo, que não usassem sinos e não promovessem catequese a brasileiros.

Os primeiros cultos dos anglicanos foram realizados a bordo de navios ancorados ou na residência de autoridades inglesas radicadas no país. A frequência era limitada aos ingleses. Um templo (Christ Church) fora construído em 1819, no Rio de Janeiro, com seu endereço na Rua Evaristo da Veiga, sendo o primeiro da tradição edificado no Brasil. Posteriormente, por razões urbanísticas, outro foi erguido em Botafogo, na Rua Real Grandeza, onde se mantém com seus cultos regulares, sempre em inglês²⁵⁵.

Uma ação mais aberta e proselista aos brasileiros por parte dos anglicanos somente aconteceria a partir de 1890 com o envio de missionários norte-americanos²⁵⁶ oriundos do Estado da Virgínia, atuando no Rio de Janeiro, Porto Alegre (RS) e em outras cidades do estado sulista brasileiro, partindo dali para outras regiões do território nacional.

Os luteranos novamente:

Com a Constituição de 1824, foi estendida a outras religiões o direito ao culto, mesmo o catolicismo permanecendo oficial:

Art. 5º A religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou

²⁵³ FAUSTO, Boris. *História Concisa...* p.67.

²⁵⁴ Em 1805 o ministro anglicano Rev. Henry Martin que passara quinze dias em Salvador ensaiou alguma atividade religiosa, mas sem êxito.

²⁵⁵ CALVANI, Carlos Eduardo B. *O Anglicanismo no Brasil*. São Paulo: Revista USP, n.º. 67.2005.p.36-47.

²⁵⁶ Lucien Lee Kinsolving e James Watson Morris (ambos em 1890) e William Cabell Brown, John Gaw Meem e a leiga Mary Packard em 1891.

particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo²⁵⁷.

Desta forma, estabeleceu-se a oportunidade para o protestantismo que, através dos anglicanos desde 1810, se fazia presente em território brasileiro, mas que, somente a partir da Constituição de 1824, teve o acesso facilitado para outras tradições e não apenas ao anglicanismo.

Neste contexto, surgem as primeiras inserções do protestantismo luterano denominacional e intencional (diferentemente dos primeiros luteranos que se fizeram presentes no Brasil no século XVI, que, a despeito da pertença, atuaram apenas enquanto profissionais da navegação, exploração e comércio).

Apesar da liberdade de acesso concedida, algumas restrições permaneceriam nas leis do Império:

“Art. 103. O Imperador antes do ser aclamado prestará nas mãos do Presidente do Senado, reunidas as duas Camaras, o seguinte Juramento - Juro manter a Religião Catholica Apostolica Romana, a integridade, e indivisibilidade do Imperio; observar, e fazer observar a Constituição Política da Nação Brasileira, e mais Leis do Imperio, e prover ao bem geral do Brazil, quanto em mim couber”²⁵⁸.

No Código Criminal do Império do Brasil (artigos 276, 277, 278) pontificava o que era considerada ofensa à religião oficial:

Art. 276. Celebrar em casa, ou edificio, que tenha alguma fórma exterior de Templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra Religião, que não seja a do Estado. Penas - de serem dispersos pelo Juiz de Paz os que estiverem reunidos para o culto; da demolição da fórma exterior; e de multa de dois a doze mil réis, que pagará cada um. Art. 277. Abusar ou zombar de qualquer culto estabelecido no Imperio, por meio de papeis impressos, lithographados, ou gravados, que se distribuïrem por mais de quinze pessoas, ou por meio de discursos proferidos em publicas reuniões, ou na occasião, e lugar, em que o culto se prestar. Penas - de prisão por um a seis meses, e de multa correspondente á metade do tempo. Art. 278. Propagar por meio de papeis impressos, lithographados, ou gravados, que se distribuïrem por mais de quinze pessoas; ou por discursos proferidos em publicas reuniões, doutrinas que directamente destruam as verdades fundamentaes da existencia de Deus, e da immortalidade da alma²⁵⁹.

²⁵⁷ Constituição Política do Império do Brasil, elaborada por um Conselho de Estado e outorgada pelo Imperador D. Pedro I, em 25.03.1824. Art. 5º.

²⁵⁸ Código Criminal do Império do Brazil – 16 de dezembro de 1830 – Art. 276.

²⁵⁹ Código Criminal do Império do Brazil – 16 de dezembro de 1830 – Art. 277 e 278.

A Constituição que começara a ser elaborada em 1823 contou com a participação nos trabalhos de vinte e dois clérigos católicos, explicando assim, portanto, as restrições. Entretanto, os luteranos começaram a desembarcar no Brasil no mesmo ano da promulgação da Constituição, fundando a primeira igreja de confissão luterana do Brasil no dia 03 de maio de 1824²⁶⁰, em Nova Friburgo²⁶¹, Região Serrana do Rio de Janeiro.

No mesmo ano, em vinte e cinco de julho, outros grupos formados por alemães e luteranos desembarcaram em São Leopoldo (RS)²⁶², onde, inclusive, realizaram o primeiro culto de tradição protestante na região sul brasileira²⁶³. Em seguida foi a vez das cidades Itaquí (1826), Campo Bom (1828) e Hamburgo Velho (1845), terem comunidades luteranas organizadas.

Na cidade do Rio de Janeiro, um templo luterano foi construído em 1827, sendo acompanhada pela cidade de Petrópolis (1845). Dado histórico importante relacionado a essas duas comunidades luteranas estabelecidas na região de maior influência do Império foi a inatividade do mesmo em remunerar ministros²⁶⁴ que dessem suporte aos trabalhos evangélicos realizados²⁶⁵. Um caso único, pois “com a expansão e crescimento de novas comunidades isso não mais se repetiu”²⁶⁶.

Nessa fase da história brasileira, a inserção protestante em comunidades formalmente organizadas somente foi possível em face dos assentamentos de imigrantes que viam para o país, estimulados pelas condições de trabalho (lavoura, portos e comércio). Os serviços religiosos eram ministrados no idioma dos imigrantes (inglês para anglicanos; alemão para os luteranos), sendo ação dos ministros exclusivamente pastoral, jamais proselitista. Marca de um protestantismo étnico.

²⁶⁰ Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/a-caminho-em-terras-brasileiras>.

²⁶¹ Nova Friburgo iniciara como uma colônia de suíços. Estimulados pelo Príncipe – Regente Dom João VI, mais de duzentas e sessenta famílias emigraram de Friburgo, um Cantão suíço em direção ao Brasil entre os anos de 1819 e 1820 e se estabeleceram na região que recebera o nome em referência à cidade europeia. Posteriormente, com a vacância de muitas famílias suíças que abandonaram as terras à procura de outras mais férteis e acessíveis, a distribuição fora oferecida aos alemães.

²⁶² Na cidade de São Leopoldo foi fundada a Faculdade (EST – Escola Superior de Teologia) em 1946. A primeira faculdade protestante que obteve a graduação em Teologia reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura no Brasil.

²⁶³ Até a chegada dos alemães os cultos protestantes tinham sido realizados nas regiões do sudeste e nordeste brasileiro. O Sul permanece até hoje, especialmente o Rio Grande do Sul, com a menor incidência no Brasil da presença protestante, quando comparada a outras regiões do país.

²⁶⁴ Um desses ministros foi o Rev. Friedrich Oswald Sauerbronn que fora pastor em Becherbach na Alemanha. Sendo contratado pelo próprio Imperador Dom Pedro I, exercendo seu ministério em Nova Friburgo até o ano anterior à sua morte em 1867. Cf. GIRALDI, Luis Antônio. *A Bíblia no Brasil Império*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.p.100-101.

²⁶⁵ <http://www.luteranos.com.br/conteudo/a-caminho-em-terras-brasileiras>

²⁶⁶ <http://www.luteranos.com.br/conteudo/a-caminho-em-terras-brasileiras>

Os Metodistas

Os metodistas são herdeiros da tradição protestante iniciada por John Wesley, na Inglaterra ainda no século XVIII. Seu trabalho tinha como foco o ânimo e efervescência religiosa²⁶⁷ dos anglicanos que ele considerava por demais formais e clericalizados. Auxiliado por seu irmão, Charles, autor de importante hinódia, e pelo seu amigo George Whitefield, um talentoso orador que chamava a atenção pelo seu talento na arte da retórica tanto de populares²⁶⁸, como de autoridades²⁶⁹ e intelectuais²⁷⁰.

O metodismo²⁷¹ se revelou uma força de renovação do protestantismo inglês, com seus pregadores leigos itinerantes, cultos praticados ao ar livre, um intenso engajamento social²⁷² e a ênfase e uma religião mais experimental, “do coração”²⁷³, contrastando com a imponência litúrgica, clerical, estruturada e formal da Igreja Anglicana.

O movimento chegou aos Estados Unidos da América por meio de viagens missionárias realizadas tanto por Wesley como Whitefield, tornando-se também

²⁶⁷ Na tradição protestante, essa efervescência é chamada de “reavivamento” (“*revivals*”), tendo como características principais um aumento considerável na assistência às cerimônias, entusiasmo litúrgico e ênfase evangelística - missionária.

²⁶⁸ George Whitefield notabilizou-se ao pregar para milhares de trabalhadores das minas de carvão na Inglaterra.

²⁶⁹ Benjamim Franklin apreciava a exposição de George Whitefield e costumava divulgar nos jornais que circulavam nas colônias americanas as visitas e a agenda do conhecido ministro.

²⁷⁰ É conhecida entre os metodistas e outros segmentos do protestantismo a lenda de que certa vez David Hume foi visto às pressas dirigindo-se a um auditório em Londres onde George Whitefield faria uma de suas famosas preleções. Indagado sobre se acreditava no conteúdo da mensagem, respondeu que não, mas que George Whitefield acreditava e isso bastava. Verdídica ou não a história remete ao fato da importância na memória de metodistas acerca do alcance do ministério de George Whitefield, onde carvoeiros, políticos e intelectuais davam-lhe audiência.

²⁷¹ O nome está associado ao “clube santo e os metodistas” (The Holy Club) uma iniciativa de John Wesley, Charles Wesley e George Whitefield quando estudavam na Universidade de Oxford. Os três (membros da Igreja Anglicana) costumavam separar algumas horas para práticas devocionais. “Devido ao rigor com que aderira ao ‘método’ sistemático de exercícios espirituais e boas obras”. Cf. DAWSON, Christopher. *A Divisão da Cristandade: Da Reforma Protestante a Era do Iluminismo*. São Paulo: Editora Nacional, 2014.p.260.

²⁷² Além da prédica religiosa por todo o território inglês no século XVIII, os metodistas insistiram em abordar sensíveis temas sociais, tais como: abolição da escravatura, reforma do sistema penitenciário, educação entre as lideranças nas classes operárias, construção de dispensários médicos gratuitos à população, entre outras ênfases.

²⁷³ Os metodistas enfatizam a religião experimental. Baseiam-se na experiência de João Wesley, quando na noite de 24 de maio de 1738 na Rua Aldersgate, em Londres, participando de um culto em uma capela morávia, sentiu o “coração estranhamente aquecido”. O Dia do Coração Aquecido (24 de maio) é celebrado no calendário oficial da Igreja Metodista.

vigoroso por lá e contribuindo para um período de intenso fervor religioso²⁷⁴. Sociedades metodistas²⁷⁵ foram organizadas e grandes igrejas foram estabelecidas no Novo Mundo²⁷⁶. É justamente dos Estados Unidos que vem a primeira iniciativa metodista em terras brasileiras.

Em 1836 chegou à capital do Império o primeiro missionário metodista, Foutain E. Pitts. Enviado pela Junta de Missões Mundiais da Igreja Metodista dos Estados Unidos da América, organizou uma congregação metodista no bairro do Catete com quarenta estrangeiros e algumas crianças brasileiras que participavam da catequese (Escola Dominical). Posteriormente, Pitts foi auxiliado por Dannel Kidder e sua esposa e um casal de professores que desembacariam no Rio de Janeiro em 1837.

O trabalho de inserção metodista não vingou, encerrando as atividades em 1841, retomando somente em 1876, através do trabalho de Junius Estaham Newman²⁷⁷, que daria início assim a fase de implantação permanente do metodismo no Brasil.

Os metodistas sempre tiveram uma agenda social engajada e compromisso com temas sociais²⁷⁸, além da atuação religiosa e evangelística. Acerca do engajamento social do metodismo o historiador Christopher Dawson registra o que pode ser uma herança do fundador do movimento que, a despeito de seu cristianismo experimental, procurou enfatizar sua exterioridade na organização social:

Wesley era, fundamentalmente, um organizador. Era sua função especial acompanhar o avivamento com um trabalho metodológico de organização social, em que a fé dos convertidos devesse ser testada pelas obras. Havia um contraste extraordinário entre entusiasmo e emocionalismo, que caminhava junto com os revivais, e a experiência de conversão pessoal. Juntamente vinha o senso comum, muito prático, com que Wesley julgava o espírito de seus convertidos e pelo qual administrava os pregadores e sociedades. Esse era o segredo de seu sucesso.

²⁷⁴ Conhecido na história dos Estados Unidos da América como o “Grande Despertamento” uma sequência de comunidades de fé protestantes, rurais e urbanas, que experimentaram novo ânimo religioso. O fenômeno ocorreu em diversas regiões do território americano.

²⁷⁵ Inicialmente, grupos informais de cristãos identificados com o ensino e a influência de João Wesley. Posteriormente, quando das igrejas estabelecidas formalmente passou a considerar as organizações internas de auxílio e serviço (sociedades de jovens, de homens, mulheres, por exemplo).

²⁷⁶ O metodismo, representado na United Methodist Church (Igreja Metodista Unida), tronou-se o segundo maior ramo do protestantismo nos Estados Unidos da América, atrás apenas da Convenção Batista do Sul (Southern Baptist Convention of the United States of America).

²⁷⁷ REILY, A Duncan. *Os metodistas no Brasil (1889-1930)*. Disponível em: [www.http://periodico.est.edu/index.php/estudos_teologicos](http://periodico.est.edu/index.php/estudos_teologicos).

²⁷⁸ João Wesley estimulou a fundação de escolas, creches, hospitais e asilos. Visitou, com regularidade, penitenciárias e reivindicou reformas no sistema prisional inglês. Leis foram debatidas e aprovadas no parlamento inglês por meio do ativismo de João Wesley e outros metodistas.

Revivalismo, entusiasmo, ascetismo, misticismo, tudo isso era repulsivo à mentalidade do século XVIII, a tal ponto que a tendência natural da cultura dessa época se dirigia para uma religião puramente racional, como o deísmo, ou um irracionalismo religioso, como o do Iluminismo francês. John Wesley, no entanto, a despeito da intensidade de suas convicções religiosas, era um típico inglês do século XVIII que possuía as virtudes e limitações de sua época, nacionalidade e classe social²⁷⁹.

No Brasil os metodistas fundaram escolas²⁸⁰ e faculdades²⁸¹ e controlam até hoje a Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Possuem uma relação ecumênica com a Igreja Católica e procuram atuar na sociedade por meio de uma teologia pública²⁸².

Presbiterianos.

A história do presbiterianismo²⁸³ no Brasil inicia em 1859 com o desembarque, no Rio de Janeiro, de Ashbel Green Simonton, um jovem missionário de vinte e seis anos de idade, formado em Princeton. Desejoso de desbravar as terras brasileiras com a

²⁷⁹ DAWSON, Christopher. *A Divisão da Cristandade...* p.266.

²⁸⁰ Colégio Metodista Piracicabano é um dos mais antigos e relevantes da denominação. Mais de cinquenta instituições de ensino integram a rede educacional metodista no Brasil.

²⁸¹ Centro Universitário Benneth, no Rio de Janeiro, e o Instituto Metodista Izabela Hendrix, em Belo Horizonte, por exemplo.

²⁸² De acordo com Zwinglio M. Dias, representante da Koinonia – Presença Ecumênica e Serviço, o termo Teologia Pública foi “cunhado por Martin Marty, num artigo publicado em 1974 sobre o teólogo Reinhold Niebuhr, por ele considerado como ‘o principal intérprete do século do comportamento social religioso americano’. Trata-se de um movimento global que hoje se encontra articulado na *Global Network for Public Theology*, criada em 2007 em Princeton, N.J. (EUA) e seu órgão de divulgação *The International Journal of Public Theology*. Presentemente cerca de 25 institutos de pesquisa ao redor do mundo, compõem esta rede”. Cf. DIAS, ZWINGLIO M. *Teologia Pública – Uma proposta*. Disponível em: [www. http://koinonia.org.br/periodicos/theologia-publica/teologia-publica-uma-proposta](http://koinonia.org.br/periodicos/theologia-publica/teologia-publica-uma-proposta). O termo, portanto, contrapõe o conceito tradicionalista e conservador de que a teologia seja “assunto restrito ao mundo eclesiástico e que, neste, é tratada de forma hermética por certos indivíduos especializados conhecidos como teólogos”.

²⁸³ O presbiterianismo tem em João Calvino a sua inspiração, nos puritanos o seu fomento e em John Knox a referência prática, pois este conseguiu implantá-lo sobremaneira na Escócia, no século XVI, tornando-o o ramo oficial do cristianismo no país. A Escócia tornou-se presbiteriana e se mantém assim até os dias atuais. O presbiterianismo estreou nos Estados Unidos, em 1630, por meio das emigrações e de diversos grupos calvinistas oriundos da Escócia, França, Irlanda, Holanda e Inglaterra. Entretanto, como registra Alderi de Sousa Matos, historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil: “... foram os escoceses-irlandeses os principais responsáveis pela introdução do presbiterianismo naquele país. Durante o século XVIII, pelo menos 300 mil cruzaram o Atlântico. Eles se radicaram principalmente em Nova Jersey, Pensilvânia, Maryland, Virgínia e nas Carolinas. No oeste da Pensilvânia, eles fundaram Pittsburgh, a cidade mais presbiteriana dos Estados Unidos. O Rev. Ashbel G. Simonton era descendente desses escoceses-irlandeses da Pensilvânia”. MATOS, Alderi de Sousa. *História do Presbiterianismo*. Disponível em: Fonte: <http://www.mackenzie.br/7061>.

pregação cristã protestante, organizou, acompanhado de um português e outro norte – americano²⁸⁴, a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro²⁸⁵ em 1862. Além da igreja, também fundou o primeiro seminário teológico²⁸⁶ protestante brasileiro e um periódico, chamado Imprensa Evangélica²⁸⁷, além de um curso de inglês²⁸⁸ e uma pequena livraria evangélica²⁸⁹.

Sendo o Brasil um país com vocação agrícola e pastoril e com elevado índice de analfabetos, os presbiterianos perceberam a necessidade de investir na abertura de congregações nas zonas rurais, mais populosas, abrindo nas mesmas regiões, e, até mesmo ao lado das congregações, pequenas escolas que se tornariam uma marca do presbiterianismo no Brasil²⁹⁰. Para o trabalho de evangelização e fundação de congregações, os presbiterianos contaram, já por volta do ano de 1865, com o intenso trabalho de José Manoel da Conceição, um sacerdote católico em Brotas (SP), que renunciaria seus votos e compromissos com a Igreja Católica, transferindo-se para a Igreja Presbiteriana do Brasil onde foi ordenado ministro, tornando-se assim o primeiro brasileiro a receber a investidura ministerial do protestantismo brasileiro²⁹¹. Das muitas escolas organizadas, algumas tornar-se-iam importantes e conhecidas, como seriam os casos da Escola Americana (São Paulo) que se tornaria, décadas depois, na Universidade Presbiteriana Mackenzie²⁹² e o Colégio Internacional de Campinas²⁹³, Escola Americana de Curitiba (1892), Colégio Americano de Natal (1895), Escola Americana de Florianópolis (1903), Colégio Americano de Pernambuco (1904),

²⁸⁴ MATOS, Alderi de Sousa. *Uma Igreja Peregrina: História da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1959 - 2009*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.p.16.

²⁸⁵ Atualmente localizada na Rua Silva Jardim, número 23, no centro do Rio de Janeiro, em frente à Praça Tiradentes. Construída em estilo neoclássico é conhecida como Catedral Presbiteriana e faz parte do roteiro de turismo religioso da Prefeitura do Rio de Janeiro, sendo seu prédio tombado pelo Patrimônio Histórico da cidade. Mantém seus cultos e demais serviços em atividade regularmente.

²⁸⁶ Seminário Primitivo do Rio de Janeiro. Fundado em 14 de maio de 1867

²⁸⁷ Primeiro periódico de imprensa protestante da América Latina. Fundado em 1864. Circulou até o ano de 1892.

²⁸⁸ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p.61.

²⁸⁹ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p.61.

²⁹⁰ A Academia ainda deve ao protestantismo brasileiro um estudo relevante sobre a contribuição das escolas fundadas pelos missionários no interior (onde o poder público raramente chegava e os níveis de escolarização dos povoados eram baixíssimos) e até mesmo nas regiões centrais das maiores cidades brasileiras do século XIX.

²⁹¹ MATOS, Alderi de Sousa. *Uma Igreja Peregrina...* p.17.

²⁹² Com mais de cento e quarenta anos de fundação (1870), ultrapassando a marca de quarenta mil alunos, tornou-se a maior universidade de orientação protestante do Brasil.

²⁹³ Fundado em 1873 pelos missionários Eduardo Lane e Jorge Nasch Morton, que traziam dos Estados Unidos da América o projeto pedagógico de Horace Mann, o Colégio Internacional de Campinas foi um dos primeiros núcleos educacionais de confissão protestante da América Latina. As atividades foram encerradas precocemente, em 1890, em face da morte de Eduardo Lane (em decorrência do surto na cidade de Febre Amarela) além de problemas financeiros.

Instituto Ponte Nova (1906), Colégio 15 de Novembro e a Escola de Agricultura de Lavras (1908), Instituto Cristão de Castro (PR - 1915), Escola Evangélica Americana e Escola Evangélica Harriete Armstrong (MG – 1921), Colégio Evangélico de Buriti (MT – 1923)²⁹⁴.

Além da abertura de congregações no Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo e Minas Gerais e das escolas paroquiais²⁹⁵ os presbiterianos auxiliaram na criação de hospitais, sendo os casos do Hospital Evangélico do Rio de Janeiro²⁹⁶ e o Hospital Samaritano de São Paulo²⁹⁷.

Com a ênfase na educação, fiel ao princípio Reformado de *Sola Scriptura*, tornando, portanto, a leitura necessária nos cultos, pois na tradição Reformada o culto é bíblico, isto é, a leitura e a exposição bíblica assumem a centralidade da cerimônia, os presbiterianos construíam uma reconhecida tradição teológica protestante no país, formando uma elite cultural dentro deste ramo do protestantismo em terras brasileiras.

Por ocasião do centenário da inserção presbiteriana no Brasil, no dia 12 de agosto de 1959, foi realizado um culto em ação de graças no templo da Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro, que contou com a presença do Presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira²⁹⁸.

Relações mais próximas com o presbiterianismo brasileiro teve João Fernandes Campos Café Filho, Presidente da República entre os anos de 1954 e 1955, filho de protestantes, sendo seus pais membros da Igreja Presbiteriana em Natal (RN).

Batistas:

²⁹⁴ MATOS, Alderi de Sousa. *Uma Igreja Peregrina...* p.22;27.

²⁹⁵ Uma tradição do cristianismo, que remonta antes mesmo da Idade Média: a implantação de escolas monacais e paroquiais, isto é, ao lado das dependências dos templos e dos mosteiros. Com a Reforma Protestante se manteve a tradição das igrejas abrirem seus templos, construírem ou adaptarem espaços para educação formal, além da própria catequese.

²⁹⁶ Fundado em 11 de outubro de 1887 em um esforço ecumênico dos congregacionais, presbiterianos, luteranos, anglicanos, batistas e metodistas.

²⁹⁷ O Hospital Samaritano de São Paulo tem sua história relacionada ao imigrante chinês José Pereira Achao que, devido à sua fé protestante, teve o seu atendimento (Febre Tifóide) recusado na Santa Casa da Misericórdia. Achao decidiu doar todo o seu patrimônio para a Igreja Presbiteriana de São Paulo a fim de que mesma liderasse uma campanha para a construção de um novo hospital na região. A empreitada recebeu adesão de muitos imigrantes britânicos, americanos e alemães, além dos próprios paulistanos, que testemunharam da fundação do hospital em 25 de janeiro de 1894. José Pereira Achao falecera 10 anos antes.

²⁹⁸ MATOS, Alderi de Sousa. *Uma Igreja Peregrina...* p.15.

Imigrantes batistas²⁹⁹ norte-americanos³⁰⁰ organizaram em 1871, na cidade de Santa Barbara D'Oeste (SP), a primeira igreja protestante³⁰¹ imerscionista³⁰² no Brasil. Com o apoio do Império, cerca de dois mil americanos, “entre mecânicos, negociantes, clérigos, lavradores, médicos”³⁰³ desembarcaram no país, tendo na fé protestante um dos elos que auxiliariam o sentimento de unidade do grupo de imigrantes.

Uma vez estabelecidos (Santa Barbara D'Oeste e em Americana³⁰⁴), os membros mais influentes³⁰⁵ da comunidade solicitaram à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos o envio de missionários que pudessem officiar os serviços religiosos necessários.

No dia 10 de setembro de 1871, foi organizada a Primeira Igreja Batista em território nacional, sendo composta a sua membresia exclusivamente de americanos e sendo liderada pelo ministro Richard Ratcliff.

²⁹⁹ A origem dos batistas está entre as mais disputadas na historiografia protestante. São três as narrativas principais: 1 – O anti - pedobatismo que procura identificar as igrejas batistas como comunidades cristãs independentes que recusavam o batismo infantil desde a origem do cristianismo. De acordo com a teoria a denominação atual é resultado de um longo processo histórico. 2 – Origem bíblica (isto dos tempos do Novo Testamento), associando o movimento ao profeta João Batista (esta corrente ganhou apelo entre os fiéis batistas brasileiros, sendo, entretanto, muito questionada pelos historiadores). 3 – Separatistas Ingleses, relacionados ao movimento puritano, no século XVI. Essa é a tese mais aceita e respaldada nos estudos sobre o protestantismo. Os separatistas imerscionistas ingleses, liderados por John Smith, perseguidos e refugiados em Amsterdam, organizaram a primeira comunidade característica entre os anos de 1608 e 1609. Em 1639 separatistas ingleses radicados em Rhode Island organizam em Providence, sob a liderança de Roger Williams, a primeira igreja batista dos Estados Unidos da América, onde se tornaria através da Convenção Batista do Sul, a maior denominação protestante do país com mais de dezesseis milhões de membros e quarenta e dois mil templos em todo o território.

³⁰⁰ Os americanos sofriam os efeitos da Guerra de Secessão (1861-1865) e as tensões baseadas nas distintas cosmovisões entre os americanos vitoriosos do norte (abolicionista e industrial) e a dos derrotados do sul (escravagista e agrária). Foi no contexto destas tensões que milhares de americanos do sul do país deixaram suas terras e emigraram para outras partes do mundo, inclusive, Brasil, trazendo na bagagem, além dos pertences pessoais, suas expectativas, visão de mundo e também os vínculos de fé.

³⁰¹ Há uma disputa quanto a primazia da denominação batista no Brasil, pois a Primeira Igreja Batista do Brasil, fundada em Salvador em 15 de outubro de 1882, afirma ser a legítima comunidade de fé pioneira dos batistas brasileiros, pois sua origem está vinculada a um projeto missionário intencional que incluía a evangelização nacional, além de que na membresia fundadora estavam presentes famílias brasileiras alcançadas pelos esforços evangelísticos, enquanto a igreja em Santa Barbara d'Oeste, fundada em 1871 seria uma comunidade étnica, sem projeto missionário intencional, constituída apenas de americanos na ocasião de sua fundação e com a liturgia praticada em inglês. Após décadas de disputas, a Convenção Batista Brasileira, órgão máximo da denominação, reconheceu, entretanto, o grupo de Santa Bárbara d'Oeste como pioneiro. Cf. O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro: Ano CXI, Edição 39. 25.09.2011. p.09.

³⁰² O batismo praticado por imersão tornou-se o selo de distinção dos batistas brasileiros, sendo o principal símbolo de identidade denominacional e exigido, inclusive, de protestantes egressos de outras denominações.

³⁰³ DA SILVA, Elizete. *Os Batistas no Brasil*. IN: DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: Editora UFFS, 2011.p.287.

³⁰⁴ Fundada em 1875 como uma pequena vila onde fixaram residência dezenas de famílias americanas sulistas.

³⁰⁵ General A.T. Hawthorne, por exemplo. Conseguiu junto à convenção americana o envio de quinze missionários que juntos, antes mesmo do fim do século XIX, conseguiram batizar em torno de mil e quinhentas pessoas no Brasil.

Com o envio dos disciplinados e operosos missionários Willian Bagby³⁰⁶ e Anne Bagby³⁰⁷ em 1881 e, no ano seguinte, Zacarias Taylor³⁰⁸ e Katherine Taylor³⁰⁹, os batistas iniciariam uma fase de intenso proselitismo e de expansão do grupo, alcançando um êxito que não encontraria par em nenhum outro ramo protestante no Brasil, estando presente em mais da metade dos municípios do país, constituindo o maior grupo do protestantismo de missão, tendo além de templos, colégios e faculdades³¹⁰ em diferentes regiões do Brasil.

O protestantismo brasileiro não se encerra com as igrejas históricas. Também fazem parte da pertença evangélica brasileira o pentecostalismo³¹¹ e suas tipologias³¹² que aqui não serão consideradas, pois a abordagem exigiria para muito além de nossa pretensão com a presente pesquisa.

Além do seu escopo religioso, o protestantismo brasileiro no século XX demonstrou preocupação com temáticas sociais, diante dos muitos e graves problemas enfrentado pela população, pois o país passava por problemas políticos, econômicos e sociais. Entretanto, pouco uma denominação religiosa poderia fazer tentando oferecer uma contribuição que fosse significativa e de longo alcance, capaz de promover mudanças sociais profundas. Seria necessária uma estrutura maior para despertar

³⁰⁶ William Buck Bagby (1855-1939). Com uma longa carreira missionária desenvolvida no Brasil e responsável pela organização de congregações batistas em diversas regiões, é dos mais prestigiados missionários do protestantismo no país. Forneceu cópias da Constituição dos Estados Unidos para Aristides Lobo, figura política e integrante do primeiro ministério da inaugurada República Federativa do Brasil em 1889. Cf. JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira: Edição 52, 2016.p.6.

³⁰⁷ Anne Luther Bagby (1858-1942). Ao lado de seu marido e outros missionários fundou o Colégio Batista Brasileiro em Perdizes (SP) em 1902. No decorrer dos anos a escola ganharia relevância, fazendo atualmente parte do patrimônio histórico da cidade, sendo o prédio tombado em 2013 pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo.

³⁰⁸ Zacarias Clay Taylor (1851 – 1919). Além de congregações, fundou escolas, periódicos e publicou e traduziu livros.

³⁰⁹ Katherine Steves Crawford Taylor (1862-1894). Morreu jovem no Brasil, aos 32 anos de idade, em decorrência de um câncer.

³¹⁰ Faculdade Teológica Batista de São Paulo é uma das mais conceituadas instituições da denominação no país.

³¹¹ A influência do pentecostalismo no protestantismo brasileiro começa a partir de 1910 com a chegada do missionário Luigi Francescon (italiano, fundador da Congregação Cristã do Brasil). Em 1911, desembarcaria a dupla de missionários suecos de tradição batista, Daniel Berg e Gunnar Vingren. O trabalho de Vingren e Berg daria início a maior denominação pentecostal do Brasil: A Assembleia de Deus. A denominação, fundada em Belém (Pará) e expoente da primeira onda do pentecostalismo brasileiro (Pentecostalismo Clássico), se tornaria também a maior denominação evangélica no Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

³¹² Pentecostalismo Clássico (Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus); Deuteropentecostalismo (Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil Para Cristo, Deus é Amor e Casa da Bênção) e Neopentecostalismo (Igreja de Nova Vida, Igreja Universal do Reino de Deus, Comunidade Sara Nossa Terra, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Renascer e Igreja Mundial do Poder de Deus).

da consciência social dos protestantes brasileiros e o consequente engajamento, para além dos muros das congregações locais e mesmo dos sítios denominacionais que, em todas as regiões do país, tentasse incluir na agenda das comunidades eclesiais os problemas enfrentados pelo povo brasileiro. É neste esforço que surge a Confederação Evangélica do Brasil (CEB), ocupando importante capítulo³¹³ na história do protestantismo brasileiro.

2.4 A Confederação Evangélica do Brasil: A face de um protestantismo engajado.

A Confederação Evangélica do Brasil (CEB) foi criada em junho de 1934. A finalidade da instituição, que reuniria igrejas³¹⁴ e entidades para-eclesiásticas³¹⁵ de diversas confissões protestantes, era, dentro de um espírito ecumênico e de auxílio mútuo, a de cooperação com as autoridades constituídas a fim de estabelecer interlocução entre o poder o público e o protestantismo brasileiro; fomentar e coordenar projetos de capelania em escolas, hospitais, forças armadas, leprosários e outras formas de assistência religiosa em penitenciárias, presídios, sanatórios e outros; colaborar na erradicação do analfabetismo criando núcleos com programas de alfabetização para crianças, jovens e adultos; refletir sobre os problemas brasileiros, especialmente os de natureza social.

A Confederação Evangélica do Brasil criou o Centro de Estudos Brasileiros, publicando livros, concedendo bolsas de estudos para jovens, provendo encontros, onde questões de interesse do jovem urbano, rural, operário e estudantil eram analisadas; caminhos apontados e soluções sugeridas.

A CEB lembrou também da situação dos refugiados que deixaram a Europa após a Primeira Guerra Mundial e que marchava velozmente em direção a próxima que, de fato, eclodiu em 1939 com a invasão nazista sobre a Polônia. Além da reflexão sobre a situação dos refugiados no pós-guerra e dos imigrantes, pensou também em projetos de colaboração e apoio aos brasileiros que passavam pelo processo de migrações em face

³¹³ Robinson Cavalcante (1944 - 2012), professor de Ciências Políticas da Universidade Federal Rural de Pernambuco e bispo da Diocese Anglicana do Recife (PE) em artigo publicado no ano de 2002, no *Ultimato*, periódico de orientação protestante, considerou a Confederação Evangélica do Brasil como um dos capítulos da história do protestantismo brasileiro no século XX. Cf. <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/276/as-chamadas-seitas-protestantes>.

³¹⁴ Igrejas do Protestantismo de Missão fundaram a Confederação Evangélica do Brasil.

³¹⁵ Nove organizações missionárias e duas sociedades bíblicas deram o apoio para a fundação da representação.

do êxodo rural. Com tamanha abertura a uma agenda social, houve a aproximação da CEB com o Conselho Mundial de Igrejas, embora não sem cobranças e tensões³¹⁶.

Esse protestantismo, mais articulado e engajado com os problemas sociais do país, refletiu e representou a versão do segmento a toda uma tendência que vinha acontecendo no mundo, reflexo de importantes movimentos sociais que receberiam apoio ou até mesmo seriam, como se verificou em alguns casos, fomentados por igrejas³¹⁷. No interior da própria Igreja Católica no Brasil, que sempre foi a mais importante e influente expressão religiosa nacional, ações sensíveis à situação do povo começaram ganhar forma e visibilidade, com a organização de importantes movimentos que discutiriam temas como a causa operária, por exemplo, a partir da década de 1930. Os Círculos Operários, movimento católico que ganhou abrangência nacional em 1937, concretizaram o anseio de setores do catolicismo pela reflexão dos problemas nacionais em uma perspectiva cristã. Embora o movimento fosse conservador e hierarquizado, destacou a importância de uma doutrina social.

Além do movimento “Círculos Operários”, foi mobilizada também no Brasil a “Juventude Operária Católica”, movimento organizado em 1923, na Europa, pelo padre Joseph Cardijan, sacerdote belga, filho de família operária. A experiência revelava uma crescente preocupação com uma classe operária que ganharia cada vez mais forma e visibilidade diante do cenário industrial que marcaria o século XX tanto na Europa quanto Brasil. A JOC ganharia expressão nacional a partir da década de cinquenta³¹⁸, mesmo que sua ênfase ainda se mantivesse religiosa, litúrgica e moralista, inclinando-se aos poucos para uma abordagem que abarcasse de forma mais contundente os assuntos relacionados aos sindicatos e outros aspectos da vida nacional. Entretanto, foi a partir deste período que houve a inclinação social definitiva do movimento católico onde, então, uma agenda social mais progressista começou a nortear os debates e as reuniões

³¹⁶ Tensões se deram em face de o Conselho Mundial de Igrejas possuir uma agenda mais progressista no campo da política e abarcar igrejas que possuíam um aporte teológico liberal, enquanto que no Brasil, as instituições que fundaram a Confederação Evangélica do Brasil eram, na sua maioria, mais conservadoras na leitura política e teológica.

³¹⁷ Karl Barth (1886 – 1968), teólogo suíço da Igreja Reformada, nascido na Basileia e Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), luterano, de Breslau, Alemanha, representam os esforços da igreja protestante na Europa de inserir na agenda uma pauta que contemplasse a sociedade, seus movimentos e dramas. Uma comunidade de fé, mas que olhasse para além de seus muros. Karl Barth seria influenciado pelo socialismo religioso de Hermam Kutter (1863 – 1831), cuja obra publicada em 1904, “*Sie Mussien!*”, lançaria o apelo para o diálogo entre igreja e sociedade no início do século XX. A própria fundação do Conselho Mundial de Igrejas em 1948 e o Concílio Vaticano II em 1962 refletiram a preocupação da igreja com a sociedade e de como deveria ser a colaboração das comunidades de fé.

³¹⁸ MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916 – 1985)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.p.141.

da JOC. Apoiados por setores da Igreja, como a CNBB, outros movimentos como a Juventude Universitária Católica foram à semelhança mobilizados, assumindo uma leitura identificada com o instrumental teórico de esquerda, formando uma grande frente capitaneada pela Ação Católica Brasileira. O contingente de militantes alcançados ainda no início da década de 1960 evidencia a importância da mobilização social católica, porquanto mais vinte e cinco mil membros participavam de seus trabalhos e o jornal da JOC alcançou por aqueles idos a tiragem mensal de quarenta mil exemplares.

Seria natural, portanto, que o protestantismo brasileiro recebesse influências de tais movimentos católicos e que alguma forma de inspiração e motivação gerassem os mesmos anseios por reflexão e proposição em uma perspectiva cristã e protestante aos muitos problemas³¹⁹ que o país enfrentava. Haja vista que importantes atores³²⁰ do evangelicalismo nacional eram abertos ao diálogo com a Igreja Católica e avesso ao fundamentalismo³²¹ de determinados representantes e grupos da igreja evangélica brasileira.

O momento mais expressivo da Confederação Evangélica do Brasil, evidenciando sua militância social no cenário nacional deu-se em Recife, no dia 22 de julho de 1962, por ocasião da realização da Conferência do Nordeste “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro”, cuja abertura acontecera em um domingo no Teatro do Parque, com as reuniões no Colégio Presbiteriano Agnes Erskine.

³¹⁹ Citando dois deles, por exemplo: deslocamentos internos da população provocados pela crise da borracha e também pelo êxodo rural, fruto do processo urbanização e industrialização que motivou o país a partir da década de 1930. Índice elevado da taxa de analfabetismo, ultrapassando a ordem dos 50% da população antes de 1940. Entre crianças e jovens de até 19 anos de idade, por exemplo, apenas 9% frequentavam a escola.

³²⁰ Erasmo Braga, Jether Ramalho e Manoel da Silveira Porto Filho, Waldo César, por exemplo.

³²¹ O Fundamentalismo surgiu no início do século XX nos Estados Unidos da América como uma reação ao Liberalismo Clássico Alemão ou Teologia Liberal. A marca do movimento foi a publicação do documento *The Fundamentals*, em 1910. No início o movimento teológico teve como proposta resgatar as afirmações clássicas dos dogmas do cristianismo que estavam sendo reinterpretados pela Teologia Liberal Alemã. Entretanto, com o avanço do movimento em território americano, aos poucos uma postura anti - científica começou a dominar o centro decisório da proposta, além da recusa no diálogo com a sociedade e um distanciamento dos problemas sociais foram admitidas pela militância do movimento. Temas como trabalho escravo, racismo, miséria dos países do hemisfério sul eram defendidas como uma equação devida aos governos constituídos e que a igreja caberia apenas a prédica religiosa para atender os anseios da alma. Nenhum engajamento era permitido. Muitos missionários vieram ao Brasil com esse aporte teórico e influenciaram as denominações do protestantismo de missão nas igrejas locais e também nos seminários e institutos bíblicos. Até mesmo as comunidades pentecostais assumiram aspectos do fundamentalismo. Incomodados com o radicalismo dos fundamentalistas, setores moderados do protestantismo e mais preocupados com o diálogo com as ciências sociais e o engajamento, romperam com o fundamentalismo, dando início ao período do “evangelicalismo”, cujo marco foi o Congresso em Lausanne (Suíça) em 1974, com a celebração do Pacto de Lausanne, que conciliava as clássicas afirmações de fé do cristianismo com uma agenda que contemplasse as questões sociais de forma propositiva e participativa.

A Conferência do Nordeste fora planejada pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja, cuja inspiração remonta ao início da década de 1950, com o texto do missionário norte americano Richard Shaull³²² (1919-2002) sobre a Ação Social no Terceiro Mundo.

Shaull exerceria considerável influência³²³ em setores do protestantismo brasileiro, pois lecionou Teologia no Seminário Presbiteriano em Campinas, onde alunos destacáveis, como, por exemplo, Rubem Alves³²⁴, tiveram parte de seus trabalhos acadêmicos norteados pelas teses³²⁵ de Shaull.

A Conferência do Nordeste “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro” foi estrategicamente pensada desde o seu lugar, pois Recife vivia em convulsão com a

³²² Arnaldo Érico Huff Júnior, doutor em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) - em artigo publicado sobre Richard Shaull, define a sua militância e alcance para o protestantismo progressista brasileiro com as seguintes palavras: “O missionário presbiteriano estadunidense Richard Shaull atuou por dez anos no Brasil, entre 1952 e 1962. Nesse período, passou por um processo de radicalização política e religiosa que o levou à formulação de uma teologia da revolução. O fator principal desta radicalização foi seu envolvimento com movimentos estudantis e ecumênicos. A partir de tais relações, mediadas por sua tradição teológica protestante e reformada (mormente dialética e neo-ortodoxa), bem como por instrumentais teóricos advindos das ciências sociais e humanas, Shaull pôs-se a pensar a revolução social e a atribuir-lhe sentido religioso e teológico, como desafio urgente aos cristãos e às igrejas. Tal processo de radicalização é o objeto deste artigo”. HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. *Teologia e Revolução: a radicalização teológico-política de Richard Shaull*. Estudos de Religião, v. 26, n. 43.

³²³ Admiração e rejeição faziam parte das relações de muitos setores do protestantismo brasileiro com Richard Shaull. O ministro presbiteriano Elben Lenz César, fundador da Revista Ultimato, quando jovem, fora enviado ao Rio de Janeiro para estudar no Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro, pois seu pai, Benjamim Lenz de Araújo César, também ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, e considerado ultraconservador, não desejava que seu filho estudasse no Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas (SP), onde Richard Shaull era destacado professor.

³²⁴ Rubem Azevedo Alves (1933 – 2014). Nascido em Boa Esperança (MG), estudou teologia no Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas (SP) entre os anos de 1953 a 1957, exercendo a função de ministro presbiteriano na cidade de Lavras (MG), a partir de 1958 até 1963. Concluiu seu mestrado em teologia no Union Theological Seminary, em Nova York, no ano de 1964. Fez seu doutorado no Princeton Theological Seminary, onde apresentou tese em 1968 (“*Towards a theology of liberation*”). Publicada no Brasil, em 1987, pela editora Papiros, com o título: “Da Esperança”. Obra, aliás, considerada “como primeiro despertar para o que viria se chamar “Teologia da Libertação”. Cf. CAMPOS, Leonildo Silveira. *O Discurso Acadêmico de Rubem Alves Sobre “Protestantismo” e “Repressão”*: Algumas Observações 30 Anos Depois. Rio de Janeiro: Religião e Sociedade. 28 (2), 2008.p. 114.). Desligou-se da denominação, com a qual vinha tendo desentendimentos em face de suas ideias teológicas, seu ecumenismo e progressismo político, em 15 de setembro de 1970, apresentando uma carta renúncia ao Presbitério Oeste de Minas Gerais (POMN). Em trecho, na carta, Rubem Alves perguntou, usando a referência bíblica de Amós 3.3, um dos livros proféticos do Antigo Testamento: “Como andarão dois juntos se não tiverem de acordo?”. Cf. PAIXÃO JÚNIOR, Valdir Gonzalez. *Poder, memória e repressão: a Igreja Presbiteriana do Brasil no período da ditadura militar (1966-1978)*. Bauru: RIDH - Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos v. 2, n. 2, p. 20-40, jun. 2014. p. 25-26. Após seu desligamento da Igreja Presbiteriana do Brasil, Rubem Alves seguiu com sua carreira de teólogo, escritor, palestrante e professor na Universidade de Campinas (UNICAMP), em São Paulo.

³²⁵ Para quem a fé era entendida em termos de reflexão e prática na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Para Shaull, o dogmatismo deveria ceder espaço nas agendas das denominações cristãs, convocando os seus membros a uma imersão nos problemas sociais. Essa ênfase, de uma teologia protestante pautada pela realidade do pobre latino americano, inovadora no Brasil, influenciaria todo um pensar teológico de setores do protestantismo nacional.

questão dos conflitos entre usineiros e colonos e outras manifestações sociais como o Movimento de Cultura Popular liderado por Paulo Freire.

Para a Conferência, 167 delegados de 16 estados relacionados a 14 ramos do protestantismo brasileiro se fizeram presentes, contando também com delegados dos Estados Unidos, México e Uruguai. Representantes de diferentes setores da sociedade enviaram seus representantes, tais como deputado Paulo Guerra, presidente da Câmara dos Deputados, Luiz Portella, prefeito de Palmares representando também o governador Miguel Arraes, que estava de viagem marcada para o Rio de Janeiro. O Exército, através de um enviado do comando VII Região Militar, também se fez representar.

A proposta da Conferência do Nordeste foi estabelecer um diálogo entre Igreja e Sociedade, contando com a presença de teólogos, sociólogos e economistas, onde as relações econômicas e culturais seriam abordadas. A prioridade da Conferência era com a dinâmica social dos setores urbano, rural e industrial, mas também a educação, arte, cultura e comunicação foram analisadas.

A Conferência do Nordeste conseguiu reunir para as suas preleções importantes nomes como Celso Furtado, Gilberto Freire e Paulo Singer. Coordenando os trabalhos da Conferência, estiveram Carlos Cunha, diretor do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro e Waldo Cesar, sociólogo de tradição presbiteriana. Os temas principais defendidos na Conferência revelaram a tentativa de intercâmbio da fé com os temas contemporâneos da sociedade: “A Revolução e o Reino de Deus”; “Os Profetas em uma época de transformações políticas”; “A Missão Total da Igreja em uma sociedade em crise”.

Com uma agenda progressista e a presença de importantes nomes do pensamento nacional, a Conferência chamou a atenção da mídia conferindo uma notória visibilidade à Confederação Evangélica do Brasil, notoriedade que lhe custou o funcionamento quando do golpe civil militar em 1964. O escritório da Confederação foi invadido e alguns de seus membros perseguidos e exilados como foram os casos do Jether Ramalho, ligado a Igreja Congregacional.

Carlos Cunha e Jether Ramalho foram exemplos de congregacionais progressistas que operavam com uma inclinação política de esquerda e que tiveram seus trabalhos para-eclesiásticos prejudicados em face da ditadura civil-militar. Constituíram a exceção. Não a regra. Os congregacionais, de modo geral, não emitiram juízos sobre a situação que sobreviria ao país, a partir do golpe. Optando pelo silêncio.

2.5 O Silêncio dos Congregacionais: Uma surpresa.

No ano de 2013, uma publicação comemorativa dos cem anos da organização denominacional dos congregacionais viria a lume. Com o título “Os Congregacionais da UIECB na Política Nacional Brasileira no Século XX³²⁶”, José Bonifácio de Sousa E Silva³²⁷, pretendeu, em um esforço para “A construção de uma memória”³²⁸, discorrer sobre algumas reações da primeira denominação protestante com culto e prédica permanentes em português estabelecida no Brasil diante do cenário político nacional. Na apresentação do livro, há uma declaração registrada por Hildebrando Costa Santos Filho³²⁹ que merece destaque:

Estamos tendo contato com uma obra que, pela primeira vez, aborda a inserção de nossa denominação no cenário político nacional e de como ela foi, interna e externamente, influenciada pela política.

[...]

Quando solicitei ao pastor José Bonifácio de Sousa e Silva que colocasse no papel os fatos históricos que ele vivenciou ou teve conhecimento, sabia que, com isto, passaríamos a ter a possibilidade de perscrutar episódios de nossa história denominacional até hoje não revelados. Espero que, a partir de agora, este capítulo de nossa história denominacional insinuado por esta obra, desperte a motivação aos que tem sede de conhecimento para que haja o desenvolvimento de muitas outras pesquisas relacionadas ao tema³³⁰.

A obra em questão abriu um debate sobre as relações de influência da política nacional sobre o comportamento de brasileiros, cristãos e identificados com a confissão de fé congregacional da tradição protestante. Até que ponto, portanto, os congregacionais reagiram, refletiram e reproduziram pensamentos, textos e ações sobre o país e seus temas maiores e de interesse nacional? No que diz respeito especificamente ao Golpe Civil - Militar de 1964, qual foi a posição assumida pela denominação?

³²⁶ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB na Política Nacional Brasileira no Século XX*. Recife: Edição do Autor, 2013.

³²⁷ Educador, consultor do Ministério da Educação e Cultura e ministro congregacional, filiado a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra.

³²⁸ “A construção de uma memória”. A sentença registrada na capa evidencia a intenção do autor.

³²⁹ Ministro da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil e ex - Assessor do Departamento de História Denominacional e Professor de História da Igreja. Hildebrando presidiu a Organização da Celebração do Centenário Denominacional e responsável pelo incentivo à escrita e publicação da obra de Bonifácio.

³³⁰ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.11.

Entre as apresentações da obra de Bonifácio, há o registro do presidente da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (UIECB) à época da publicação (2013), Osvaldo Lopes dos Santos:

Na ocasião do fatídico Golpe Militar de 1964 eu tinha apenas 2 anos de idade, nesta época, meus pais eram camponeses no interior de São Paulo. Quando esta terrível “era das trevas” chega ao fim, em 1985, tinha 23 anos. Minha família já não vivia mais no campo, mas no centro urbano de São Paulo. Havia terminado o ensino médio e cursava o 3^a ano do Curso de Bacharel em Teologia no Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro. Entretanto, nenhum momento, quer nos círculos de formação secular e ou teológica, tal questão fora tratada com seriedade e profundidade. Havia, em nossas escolas, um grande apelo ao civismo (respeito às autoridades e símbolos pátrios), mas a desinformação, indiferença, ignorância, conformismo e alienação por parte da Igreja e dos centros educacionais, naquele contexto de crueldade e injustiça que se instalara em nossa nação por 21 anos, eram perceptíveis³³¹.

Além do relato de sua memória e da identificação da omissão de pronunciamentos na escola de Ensino Médio em que frequentou, assim como no ambiente acadêmico teológico congregacional, Osvaldo Lopes avança compartilhando em sua apresentação posicionamento mais íntimo e pessoal:

Sem qualquer pretensão de ser crítico da história, julgando as posturas assumidas pelos nossos antepassados no contexto em que viveram, de grande dicotomia entre Ordem e Liberdade, o meu sentimento, como evangélico congregacional há 45 anos, é de profunda tristeza e pesar ao perceber a pálida contribuição da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, para pelo menos, inibir sem desconsiderar as isoladas ações de alguns, este caótico estado que se instalara no cenário brasileiro de então³³².

Ainda sobre o texto de Bonifácio, há um testemunho estrangeiro, de quem viera ao Brasil para trabalhar já nos anos do general Emílio Garrastazu Médici, deixando também seu registro no prefácio: Joyce E. W. Every – Clayton³³³, professora de história

³³¹ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.13.

³³² SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.13.

³³³ Missionária irlandesa, geógrafa, mestre e doutora em Teologia e professora dos Seminários Teológicos Batista e Congregacional no Recife. Após décadas lecionando no Brasil (desde 1973), aposentou-se da missão protestante UESA/Latin Link, retornando com o marido para a Europa. Escreveu um livro sobre a primeira igreja protestante estabelecida no nordeste brasileiro (Igreja Evangélica Pernambucana, em 1873).

do congregacionalismo, colocou em palavras suas percepções acerca do silêncio dos congregacionais durante os anos do Regime de Exceção:

Dói, sim, ler que a principal denominação evangélica examinada, a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, ficou ‘calada, de olhos vedados para a realidade social e política, talvez indiferente’. Dói saber da militarização da administração denominacional. Contudo, em meio às omissões constantes da denominação e da maioria dos membros de igrejas locais, alegrá-nos perceber que alguns indivíduos ousaram remar contra a correnteza e tecer críticas, por mais tímidas que fossem, contra o sistema vigente³³⁴.

Os reclamos e desapontamentos da missionária são claros no prefácio onde enfatiza suas conclusões baseadas na leitura do livro de Bonifácio. Concordando com o mesmo, sentencia sobre o “distanciamento quase constante entre igrejas e as grandes turbulências nacionais”³³⁵, ressaltando a pergunta feita pelo autor: “Onde estão os evangélicos em particular os congregacionais do Brasil?”³³⁶. “Nem parece que pertencemos à nação brasileira e que passamos pelas mesmas angústias e perseguições”³³⁷.

Estariam estas ponderações de acordo com os fatos? Os congregacionais da UIECB permaneceram omissos e silenciosos ao que acontecia no país? E quanto às perseguições e torturas sofridas pelos milhares de brasileiros, muitos, inclusive, católicos e protestantes? Nenhum pronunciamento, texto ou posição?

2.6 Os Congregacionais em 1964: 1ª Fase: O alinhamento com o Golpe Civil – Militar.

Maio de 1964. As Igrejas Congregacionais da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil (UIECCB³³⁸) recebem seus exemplares do jornal O

³³⁴ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.16.

³³⁵ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.16.

³³⁶ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.16.

³³⁷ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.17.

³³⁸ A União das Igrejas Evangélicas Cristãs e Congregacionais do Brasil foi uma experiência que conjugou por pouco mais de 25 anos (junho de 1942 a janeiro de 1968) duas denominações: A Congregacional e a Cristã Evangélica (de origem canadense, mas também com influências americanas e inglesas trazidas pelas missões dessas nações. O início da denominação remonta ao ano de 1895, em Toronto - Canadá). Culturas denominacionais distintas, modelos de governo e aspectos litúrgicos diversificados geraram tensões, provocando a cisão em janeiro de 1968.

Cristão³³⁹, periódico denominacional, o primeiro após o golpe civil – militar perpetrado em 31 de março, com duas notas (abaixo) que se tornariam históricas e emblemáticas:

A Junta Geral de nossa União Igrejas, em reunião de 16 de maio de 1964, realizada em dependências do Instituto Bíblico da Pedra, havendo recebido do Rev. Manoel da Silveira Porto Filho, em devolução, a direção de O Cristão, que estava sendo, então, tarefa assoberbante, pois acumula, na Denominação, fora dela, e, particularmente, vários encargos de alta responsabilidade, resolveu na falta de outra alternativa a curto prazo, entregar, este periódico à administração da Missão Evangelizadora do Brasil (Departamento de Missões da U.I.E.C.C.B) até a próxima Convenção Geral convocada para julho próximo. Provisoriamente, portanto, está vago o cargo de Diretor do Departamento de Imprensa e Publicações que é, sempre, estatutariamente, o diretor de O Cristão [...]
[...] Orações! Mais Orações! E muitas orações! É o que estão precisando, para pleno êxito, O Cristão, os seus atuais e futuros dirigentes!³⁴⁰.

Manoel da Silveira Porto Filho, ministro congregacional que exercera reconhecido ministério na Igreja Campo-grandense, no Rio de Janeiro, integrava os quadros da Confederação Evangélica do Brasil, instituição que presidiria na década de 1970, e que sofrera intervenção nos anos da ditadura, tendo seus arquivos revistados e apreendidos por parte dos aparelhos de repressão do Estado³⁴¹, deixou a função de

³³⁹ Jornal O Cristão. Fundado em janeiro de 1892 por José Luiz Fernandes Braga Júnior e Nicolau Ricardo Soares do Couto Esher. O primeiro fora presbítero da Igreja Evangélica Fluminense e proprietário da Fábrica de Chapéus Mangueira, marco da indústria têxtil no Rio de Janeiro que ficava localizada entre os bairros de Benfica e São Cristóvão. A fábrica daria nome ao Morro do Chapéu Mangueira. A família de Fernandes Braga permaneceu proprietária do jornal até 1913 quando doou os direitos de publicação para a denominação congregacional, tornando-o boletim noticioso e articulista oficial dos congregacionais no Brasil. Couto Esher, por sua vez, presbiteriano, foi o primeiro presidente da Associação Cristã de Moços (ACM), fundada no Rio de Janeiro em 04 de julho de 1893. A Associação presidida por Couto Esher, uma versão brasileira da britânica *Young Men Christian Association* (Associação Cristã de Moços – fundada em 06 de junho de 1844) obteve notória relevância, sendo considerável instrumento de identidade, sociabilidade e serviço entre jovens protestantes brasileiros no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Foram os artigos de Couto Esher publicadas em outro periódico, “O Estandarte”, em 1898, as primeiras reações contrárias à participação de protestantes (no caso, presbiterianos) em atividades em Lojas Maçônicas. Os artigos anteciparam o rompimento de ministros e presbíteros com a Igreja Presbiteriana do Brasil em 1903, originando assim a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (fundada em 31 de julho), completamente desvinculada da matriz americana.

³⁴⁰ JORNAL O CRISTÃO. MAIO/JUNHO de 1964.p.1.

³⁴¹ Há uma nota sobre um desses episódios, registrada na biografia do Rev. Manoel da Silveira Porto Filho: “Numa carta de 26/03/1975 uma antiga funcionária, Emília Black, Secretária – Executiva do DEBA, (Departamento de Educação Básica de Adultos), informa a Porto Filho, então presidente, sobre investigações sobre o Secretário – Geral da CEB, Dr. Ferraz, vinha sendo alvo por parte dos serviços de informação do Governo. Isto se devia, segundo a carta, pelo relacionamento que Ferraz mantinha com a CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço), com sede na Bahia, o CEI, com sede no Rio de Janeiro, e o CAVE, entidades investigadas pelo SNI. Em 29 de fevereiro daquele ano o missionário Manoel de Melo fora preso pelo DOPS em São Paulo. Elementos do DOPS e ligados a igrejas deram informações

diretor do Jornal. Não é, pois, pouca coincidência que um dos integrantes mais destacados da Confederação Evangélica do Brasil e ocupando a chefia do órgão de imprensa da denominação, entregasse sua função logo após a empreitada do golpe.

Além da Nota Explicativa, entretanto, o Cristão também republicou em sua primeira página outra nota, mais importante (ANEXO I), sendo a mesma originária da Confederação Evangélica do Brasil:

A Confederação Evangélica do Brasil dirigiu ao Exmo. Sr. Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco, em quinze de abril de abril, data de sua posse no cargo de Presidente da República, o seguinte telegrama:
Marechal Humberto Castelo Branco
Palácio Planalto
Brasília D. Federal

A Confederação Evangélica do Brasil entidade representação pública e ação conjunta Igrejas Evangélicas saúda Vossa Excelência motivo posse alto cargo primeiro magistrado nação vg formulando votos a Deus continua assistência divina ao Governo de Vossa Excelência vg iluminando caminho reconstrução cristã democrática nossa pátria vg assegurando direitos do homem vg provendo justiça social e bem estar povo vg defendendo soberania nacional vg cristianizado desenvolvimento sociedade brasileira vg conduzindo Pátria altos destinos concerto nações livres vg sentido em que Vossa Excelência terá constante apoio moral e leal cooperação dos cristãos evangélicos [sic].

- a) Amantino Adorno Vassão – Presidente
- b) Rodolfo Anders – Secretário Geral.³⁴²

Assinam a nota Amantino Adorno Vassão, à época pastor-presidente da Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro e do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, órgão máximo da denominação e Rodolfo Anders, também presbiteriano.

A nota é histórica. E é apresentada em nome “dos cristãos evangélicos”. De maneira geral, os evangélicos foram favoráveis ao golpe civil-militar. As razões para o apoio passam por questões teológicas³⁴³ e também pelo receio do que representava, de acordo com a época, o avanço do comunismo ateu no mundo³⁴⁴.

sobre batidas policiais no CESE e no CEI e sobre o controle da correspondência do Dr. Ferraz. Cf. SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. *Manoel da Silveira Porto Filho...* p.238-239.

³⁴² JORNAL O CRISTÃO. MAIO/JUNHO de 1964.p.1.

³⁴³ A compreensão à época de que a Igreja deveria ater-se somente a pregação evangelística com intuito de promover a salvação pós-morte, considerada tarefa prioritária da igreja. Embora historicamente engajado, o protestantismo, no Brasil, por meio de missionários que empregavam uma abordagem por demais conservadora, construiu gradualmente uma teologia mais distante das questões sociais. Sem dúvida, uma reação aos setores mais progressistas que foram considerados por demais inseridos nos temas sociais e políticos, mas que terminavam por negligenciar as necessidades espirituais dos fieis.

A nota é emblemática. Seu conteúdo revela um conjunto de crenças, valores e da leitura que lideranças evangélicas influentes fizeram naquele momento. Orações dirigidas a Deus para que o governo gozasse de “contínua assistência”, isto é, o rompimento institucional fora vista como um instrumento divino. Entretanto, tal rompimento não a encerrava, conforme compreendia a liderança da Confederação Evangélica do Brasil, a esperança democrática, pois havia o anseio de que a intervenção militar seguisse seu rumo “iluminando caminho reconstrução cristã democrática nossa pátria” (sic). “Os direitos do homem” são lembrados na nota, assim como a provisão da justiça, o “bem estar do povo” e a defesa da “soberania nacional”. O construto “cristianizado desenvolvimento” da sociedade brasileira aponta o caminho pelo qual as lideranças evangélicas desejavam que os atores civis e militares responsáveis pela tomada do poder seguisse: um desenvolvimento ancorado no compromisso com o cristianismo. Um progresso em que a liberdade religiosa não fosse, em qualquer momento, ameaçada.

A nota é ufanista. Acreditava nos “altos destinos”, à semelhança de outras nações consideradas livres.

A nota é comprometida e implicada. Promete ao General Humberto de Alencar Castelo Branco “constante apoio moral e leal cooperação dos cristãos evangélicos”.

A nota é ingênua, porquanto as lideranças evangélicas não foram capazes de perceber o preço que pagariam pelo apoio ao golpe Civil-Militar.

O apoio de importantes setores do protestantismo brasileiro implicados na nota da Confederação Evangélica do Brasil ao Golpe Civil-Militar pode ser evidenciado através de registros como os que serão destacados abaixo. São registros extraídos do livro de Silas Luiz de Souza, uma tese de doutorado defendida em 2013 e publicada pela editora Fonte Editorial, em 2014, sobre a Igreja Presbiteriana do Brasil e também a tese de doutorado de Adroaldo Almeida e de outras fontes baseadas em periódicos denominacionais da Igreja Presbiteriana do Brasil, da Igreja Presbiteriana Independente

Geralmente os cristãos mais engajados eram minoria e estavam alinhados com setores das esquerdas e, obviamente, contrários às ditaduras militares. O conservadorismo das igrejas cristãs determinou em muito o lado com que decidiram se posicionar no Brasil de 1964.

³⁴⁴ O medo do comunismo, sendo apresentado de forma dogmática e sistematicamente ateu, com os rumores de que, uma vez tomado o poder das nações em que a revolução proletária aconteceria, confiscaria prédios religiosos, transformando-os em escolas, colégios e afins, influenciou decisivamente, entre outros motivos, a opção das igrejas evangélicas pelo Regime Militar no Brasil, considerando o movimento como salvador da pátria. O ateísmo militante do comunismo do século XX, portanto, foi o elemento catalizador dos receios de setores da Igreja Católica Apostólica Romana e também do Protestantismo. Cf. TOSI, Giuseppe, FERREIRA, Lucia de Fátima Guerra. *Contrarrevolução na América Latina: subversão militar e instrumentalização dos sindicatos, da cultura e das igrejas* – Tribunal Russel II. João Pessoa: Editora UFPB, 2014.p.152.

do Brasil, da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil, respectivamente. Todo esse material revela muito do pensamento protestante brasileiro sobre o evento de 1964.

O Brasil Presbiteriano³⁴⁵, periódico oficial do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, publicou em abril de 1964:

Transformou-se completamente a face política da nação. O alto comando militar assumiu as rédeas do País, deu-lhe certos aspectos constitucionais [...] revestiu de poderes especiais e está fazendo a ‘limpeza’ para que comunistas, agitadores e peculatórios fiquem de fora [...] Com a mudança da fisionomia política da Nação muitos mudaram a sua própria fisionomia [...] Nós não precisamos mudar. Graças a Deus estamos tranquilos e prontos a recomeçar a nossa pregação e a insistir nos pontos que temos ferido a respeito do Brasil e da necessidade de reformas estruturais para que haja melhores condições de vida para o nosso povo³⁴⁶.

Um mês após o Golpe Civil-Militar, em nova nota publicada no Brasil Presbiteriano:

Pastores, Seminaristas, Presbíteros, crentes, não podem abraçar a ideologia vermelha e permanecer na igreja. Se quiserem ser comunistas que o sejam, mas renunciem à jurisdição da Igreja e não contaminem o rebanho. Uma coisa ou outra. Ou Cristo ou Belial³⁴⁷.

A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil³⁴⁸ publicou duas edições especiais em abril de 1964 no Estandarte³⁴⁹, noticiando entusiasticamente o Golpe Civil – Militar a qual referia - se didaticamente pelo termo Revolução³⁵⁰:

³⁴⁵ Periódico oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. Fundada em 1958, após a fusão dos impressos “O Puritano”, fundado em 1898 e “O Norte Evangélico”, fundado em 1909.

³⁴⁶ BRASIL PRESBITERIANO, abril de 1964.p.2. APUD. DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura...* p.151.

³⁴⁷ BRASIL PRESBITERIANO, maio de 1964.p.7. APUD. DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura...* p.150. A expressão “Belial”, que finaliza a nota de referência, alude ao emprego pretendido na tradição rabínica que associa o termo, em um primeiro momento, às pessoas indignas e vis. Aparece em textos dos livros do Antigo Testamento, conforme Juízes 19.22; 1 Samuel 1.16; Deuteronômio 17.4, entre outros. Posteriormente, “nos escritos apocalípticos judaicos de Jubileu, Ascensão de Isaias e Oráculos Sibílicos”, a palavra assumiu uma conotação aplicada a um ente sobrenatural maligno. Cf. CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2011.p.487. O emprego da expressão no editorial do jornal oferece a orientação teológica de como os presbiterianos deveriam entender o processo em questão. Isto é, os comunistas eram os inimigos. Não havendo, portanto, de acordo com essa interpretação, qualquer compatibilidade entre a fé cristã e o comunismo.

³⁴⁸ Fundada no ano de 1903, em São Paulo, pelo ministro presbiteriano Eduardo Carlos Pereira. Consequência do rompimento institucional com a Igreja Presbiteriana do Brasil, ancorada em algumas reivindicações (não atendidas pelos missionários americanos), tais como: independência absoluta da igreja brasileira em relação à denominação americana; desligamento dos missionários estrangeiros dos quadros ministeriais nacionais; declaração de incompatibilidade com a maçonaria; conversão das missões nacionais em frentes regionais/ presbiteriais.

O país foi atingido por um movimento revolucionário de grandes proporções e que tem implicações muito profundas. Muita gente não entende porque se chamou movimento revolucionário, visto como não chegou a haver luta. Todavia, o verdadeiro sentido de uma revolução está muito menos no fato de haver preparativos militares e muito mais no fato de produzir alteração profunda numa determinada situação. [...] Considerando que o antigo presidente da República não estava conduzindo com austeridade, mas ameaçava de levar o país a rumos perigosos, tornando-se representante de uma ordem inconsistente, os grupos democráticos da oposição, contando com o apoio das Forças Armadas, provocaram mudança radical nos quadros políticos nacionais [...]

Temos justos motivos para aplaudir a ação revolucionária, acrescentando que veio em muito boa hora, já que não era mais possível tolerar uma situação que seria o caos e a ruína, por isso que os princípios morais da austeridade iam progressivamente desaparecendo. [...] E estamos a cavaleiro para colocarmo-nos em condição de aplaudir, desde que a Igreja a que pertencemos fez no passado e reiterou recentemente sua posição intransigentemente anti comunista [...]

Nesta altura, podemos afirmar que há governo nesta terra. Temos um homem de autoridade e austeridade para dirigir o leme do grande barco. Confiemos em sua ação administrativa e em seus propósitos moralizadores. Sobretudo oremos: Deus guarde o presidente. Deus salve a Pátria³⁵¹.

A Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil³⁵², através do periódico O Mensageiro da Paz³⁵³, ignorou por completo a derrubada do poder do presidente João Goulart e a tomada dos civis e militares. Quanto ao silêncio absoluto no periódico da maior denominação pentecostal do Brasil, Adroaldo de Almeida diz:

Não houve qualquer linha escrita nas páginas de o *Mensageiro da Paz* sobre o golpe de 1964 que destituiu o presidente João Goulart da presidência da República do Brasil. Nada foi dito. Nenhum comentário sobre as manifestações contrárias ou a favor a João Goulart. A posição oficial dos pastores das Assembleias de Deus diante daquele quadro de convulsão política no país foi de completo silêncio. As ausências de

³⁴⁹ Fundado em 1893, por Carlos Eduardo Pereira, que, após dez anos, fundaria a denominação dissidente do presbiterianismo no Brasil. A partir da organização da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil O Estandarte seria transformado no periódico oficial da IPIB.

³⁵⁰ O termo é o mais empregado pelos protestantes que trabalham com uma chave conservadora. A escolha da expressão e seu emprego no jornal revela a orientação editorial da igreja de tradição Reformada.

³⁵¹ O País Tem Novo Presidente. O Estandarte, Ano 72, n.ºs 7 e 8, São Paulo, 15 e 30 de abril de 1964, p. 2. APUD. ALMEIDA, Adroaldo José Silva. “*Pelo Senhor, marchamos*”... p.54.

³⁵² Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB). Associação fundada que reúne os ministros da maior igreja pentecostal brasileira.

³⁵³ Editado pela primeira vez no Rio de Janeiro em 01 de dezembro de 1930 com a pretensão de ser o órgão noticioso e expositor do pensamento doutrinário denominacional.

matérias que noticiassem o clima de instabilidade no país ou que, pelo menos, informassem que o Brasil tinha um novo governante, foram uma escolha deliberada e consciente por parte da diretoria do jornal e que contou com a chancela dos pastores das Assembleias de Deus³⁵⁴.

A Convenção Batista do Brasil, por meio do seu jornal oficial, O Jornal Batista³⁵⁵, também é destacada por Adroaldo, que registra o editorial do jornal no pós-golpe:

Os acontecimentos político militares de 31 de março e 1º de abril que culminaram com o afastamento do Presidente da República vieram, inegavelmente, desafogar a nação. Porque estávamos vivendo um clima pesado de provocações, de ameaças, de agitações, que nos roubavam o mínimo de tranquilidade necessária para poder trabalhar e progredir. Necessária inclusive para a pregação do Evangelho. Agora as coisas mudaram. Era tempo³⁵⁶.

Finalmente, Adroaldo de Almeida expõe, através das notas e editoriais publicados no Expositor Cristão³⁵⁷, órgão de imprensa oficial da Igreja Metodista do Brasil, o posicionamento da igreja de origem wesleyana. Em primeiro lugar, destaca uma rara nota de apoio ao presidente João Goulart, publicada em³⁵⁸ 15 de março de 1964, com o título “Metodistas e católicos ladeiam o presidente”. Contudo, sem deixar de mencionar o semelhante silêncio praticado por outras denominações, quando da ocorrência golpista em 31 de março:

Não houve nenhum pronunciamento oficial da Igreja Metodista a respeito da derrubada de João Goulart. Absolutamente nenhum comentário sobre o assunto nas páginas de seu principal periódico. Um silêncio que não estava de acordo com a linha editorial do jornal, até então³⁵⁹.

³⁵⁴ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. “*Pelo Senhor, marchamos*”... p.106.

³⁵⁵ Fundado no Rio de Janeiro, em janeiro de 1901, pelo ministro batista William Edwin Entzminger. Tornou-se o órgão oficial de notícias e também doutrinário da Convenção Batista Brasileira.

³⁵⁶ PEREIRA, José Reis. Responsabilidade dos crentes nesta hora. *O Jornal Batista*, Ano LXIV, n.º 15, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1964, p. 3. APUD. ALMEIDA, Adroaldo José Silva. “*Pelo Senhor, marchamos*”... p.193.

³⁵⁷ Criado em 1866 com o nome de Methodista Catholico, passando a se chamar Expositor Cristão em 1877.

³⁵⁸ METODISTAS e católicos ladeiam o presidente. *Expositor Cristão*, Ano 79, n.º 6, São Paulo, 15 de março de 1964, p. 1. APUD. ALMEIDA, Adroaldo José Silva. “*Pelo Senhor, marchamos*”... p.247.

³⁵⁹ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. “*Pelo Senhor, marchamos*”... p.248.

A postura de mera simpatia, omissão ou apoio explícito define, portanto, o protestantismo brasileiro. Silas Luiz de Souza, preciso em seu comentário, aponta essa relação:

O campo religioso também recebeu o impacto do golpe e, como em toda sociedade, teve pessoas que imediatamente se manifestaram contra; outras saudaram o golpe, mas logo perceberam algumas falácias e mudaram a postura; os demais deram apoio integral até o período final da ditadura. Já se tem escrito sobre o apoio dos evangélicos ao governo militar e o que se percebe é que, em geral, as lideranças foram ávidas em apoiar o regime. Por isso, os jornais das Igrejas, as decisões conciliares e os pronunciamentos da hierarquia estiveram marcando claramente que, como bons brasileiros, era mister que se apoiasse o novo governo, como sinal de amor à Pátria e de obediência a Deus. Os verdadeiros cristãos deveriam orar pelos governantes e abominar os inimigos³⁶⁰.

Tratando-se da postura das igrejas protestantes a partir do golpe civil-militar de 1964, o ministro congregacional José Bonifácio de Sousa Silva, em entrevista concedida por meio eletrônico em setembro de 2017, registrou suas impressões, baseando-se no exemplo que presenciara no Estado de Pernambuco, onde exercera o ministério e também funções ligadas à Secretaria de Educação do Estado:

Para as igrejas da região nordestina era meio complicado, visto que as denominações históricas de Pernambuco encontravam-se divididas quanto aos ideais políticos. Como se depreende em meus escritos no livro “Os Congregacionais...”, pelo menos três correntes se destacavam: a) os que se neutralizaram, isto são: não participavam nem emitiam quaisquer opiniões, no caso dos Congregacionais, como me afirmam – “*mantivemos a coerência*”; b) uma outra “abraçou o movimento político militar, chegando a desfilar com os alunos do Seminário, bem como alunos de seus estabelecimentos de ensino”; participaram de “palanques” e receberam homenagens e homenagearam os militares em reuniões palacianas, entregando e recebendo e entregando condecorações, além de emitirem declaração de que “*a revolução salvou o povo brasileiro*”; “*durante duas horas, mais de 15 mil batistas de Pernambuco desfilarão pelas ruas do Recife, terminando no Palácio do Governo, onde apresentaram os cumprimentos ao Governador do Estado e altas autoridades que se achavam no palanque. A marcha dos batistas, programa há poucos meses, se constituiu preparação para a grande campanha nacional de*

³⁶⁰ DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura...* p.150.

evangelização, realizada em 1965 naquela oportunidade falaram os pastores José de Almeida Guimarães, de Pernambuco e Esmeraldo Santos, da Bahia. Jovens das Igrejas Batista do Cordeiro, Casa Publicadora Batista, Colégio Americano Batista, Seminário de Educadoras Cristãs, representantes dos Embaixadores de Sião e Mensageiras do Rei” a terceira reagiu fortemente ao movimento, punindo obreiros e igrejas que se demonstrassem simpatia. Professores do Seminário foram demitidos, alunos foram orientados a deixarem o estabelecimento de ensino teológico, “expulsos”, em Minas Gerais Igreja foi fechada e acorrentada, reaberta e seu pastor voltou às atividades ministeriais por ordem judicial. Neste ambiente eclesiástico não existia clima para um relacionamento amistoso e cristão até que fluísse lentamente uma “acomodação” dos ares políticos favorecessem uma boa convivência, até porque, alguns irmãos, inclusive pastores, simpáticos ao movimento militar passaram a prestar informações às autoridades, na qualidade de espiões, sobre as atividades de colegas e irmãos em geral³⁶¹.

José Bonifácio, portanto, distingui três posicionamentos: neutralidade/omissão (congregacionais); adesão (batistas) e reação (não especificada). Essa distinção, de alguns grupos protestantes quanto ao governo militar, é confirmada por outro ministro congregacional, Hélio Rodrigues Martins, que trabalhou na década de 1970 como repórter fotográfico do jornalista e Deputado Federal Amaral Neto³⁶² e que concedeu entrevista gravada em junho de 2017, afirmando que a única denominação protestante mais arredia aos militares foi a Metodista:

A única denominação que eu vi assim... Algumas coisas acontecerem assim... contra e tal e teve até bispo sofrendo foi a Igreja Metodista. As outras se se posicionam (sic), se posicionaram depois. E, depois, é muito fácil [...] Quem era contra o regime militar não se manifestou na época. Porque, primeiro, para se manifestar você tinha que ter as armas [...] Não houve uma manifestação como denominação congregacional. Só de pastores isolados, mas muito camuflados também³⁶³.

³⁶¹ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Entrevista a Idauro Campos* (e-mail). 02 set.2017. Nesta entrevista há trecho da nota publicada no Jornal “Diário de Pernambuco” em 09 de setembro de 1965.

³⁶² Fidelis dos Santos Amaral Neto (1921-1995). Jornalista e Deputado Estadual pelo Estado da Guanabara (1960 – 1963) e Deputado Federal pelo mesmo Estado entre os anos de 1963 a 1975. Em seguida, elegeu-se Deputado Federal pelo Estado do Rio de Janeiro (1975 – 1979 e 1993 – 1995). O programa “Amaral Neto, O Repórter” foi exibido na TV Tupi de maio a dezembro de 1968. Com o êxito do programa, Amaral Neto foi contratado pela Rede Globo de Televisão, sendo exibido, inicialmente, aos domingos, passando, em seguida, para as noites de sábado. O programa mostrava as obras de infraestrutura construídas pela ditadura militar, além de outros temas.

³⁶³ MARTINS, Hélio Rodrigues. *Entrevista a Idauro Campos*. Rio de Janeiro, 05 jun. 2017.

Hélio Rodrigues Martins admite o apoio dos presbiterianos ao governo de exceção e define a participação dos congregacionais como de “silêncio total”³⁶⁴, não sem apresentar a liberdade religiosa, ameaçada, como se acreditava, pelos comunistas, como o principal fator que definiu o apoio das lideranças das igrejas evangélicas³⁶⁵ ao que chamou de “Revolução”³⁶⁶.

Os congregacionais, através da nota da Confederação Evangélica do Brasil republicada no Jornal O Cristão em maio de 1964 exibem seu alinhamento com os atores civis e militares que promoveram a queda de João Goulart e o início do governo militar no Brasil.

A ausência de notas, editoriais ou matérias criticando a ação golpista corrobora também para a compreensão que alcança as gerações posteriores de congregacionais sobre como as lideranças da mais antiga denominação evangélica brasileira interpretaram os fatos políticos nacionais ocorridos no emblemático ano de 1964.

Em 1964, no mesmo jornal, uma nota convocando à X Convenção Geral para a reforma da Constituição e Regimento Interno da denominação foi publicada:

União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil-
Rua Alexandre Mackenzie, 60 – Rio - GB
Secretaria Executiva – 30 – 04 – 64.
CIRCULAR
Assunto: CONVOCAÇÃO.

Às Igrejas, Ministros, Juntas, Departamentos e Entidades Cooperadoras da União:

Nesta data, de ordem do Sr. Presidente da Junta Geral, CONVOCO os Srs. Representantes das Igrejas, Juntas, Departamentos e Entidades Cooperadoras, assim como os Srs. Ministros a se reunirem na
X CONVENÇÃO GERAL DAS IGREJAS U.I.E.C.C.B

[...]

Assuntos Magnos da CONVENÇÃO

- a) Discussão e aprovação do anteprojeto da CONSTITUIÇÃO e REGIME INTERNO da U.I.E.C.C.B

[...]

- b) Eleições na Estrutura da Junta Geral

[...]

Pela JUNTA GERAL e seu PRESIDENTE

M. Porto Filho

Secretário Executivo³⁶⁷.

³⁶⁴ MARTINS, Hélio Rodrigues. *Entrevista a Idauro Campos...*

³⁶⁵ MARTINS, Hélio Rodrigues. *Entrevista a Idauro Campos...*

³⁶⁶ MARTINS, Hélio Rodrigues. *Entrevista a Idauro Campos...*

³⁶⁷ JORNAL O CRISTÃO. MAIO/JUNHO de 1964.p.2.

A reunião executiva que determinara a realização da convocação data de 30 de abril de 1964 (ANEXO II), trinta dias após, portanto, da deflagração do golpe civil-militar³⁶⁸.

Duas edições posteriores, a referente aos meses de agosto a novembro de 1964 do Jornal O Cristão, outra nota não pode passar despercebida (ANEXO III):

Por que se criou um clima de disciplina e ordem, através da nova constituição [da U.I.E.C.C.B], alguns estão se retirando da União, por não quererem ordem e disciplina no trabalho denominacional, por eles, até agora, entravado. [Em tudo daí graças...]³⁶⁹.

A semelhança com o momento político brasileiro³⁷⁰ não podia ser maior: uma convocação à nova constituição³⁷¹; o elogio à postura de “disciplina e ordem” no trabalho da denominação - este elogio seria enfatizado, pois além da nota no interior do periódico, fora também publicado como manchete na capa do jornal o Cristão, na mesma edição de agosto a novembro de 1964³⁷² (ANEXO IV); e uma tímida euforia em relação aos que, por discordarem, ameaçavam sair.

Presentes na sociedade, e que recebem suas influências e reverberações, é óbvia a conclusão de que as igrejas evangélicas brasileiras não ficariam ilesas de reproduções do modus operandi autoritário que se instalava no país, a partir de 31 de março de 1964. Talvez tenha sido essa a conclusão a que tenha chegado o veterano ministro congregacional e professor de História, Zefanias Lima, em artigo reproduzido na obra de José Bonifácio de Sousa e Silva:

Como sabemos, tiveram destaque na história-pátria. Muitos daqueles acontecimentos estão sendo atualmente lembrados de maneira bastante enfática. O golpe de 31 de março de 1964, o AI – 5, com prisões, torturas e exílio de muita gente. Tais fatos não deixaram de atingir-nos como igreja e demais instituições. Certamente algumas de nossas decisões tiveram a marca do “ame-o ou deixe-o”³⁷³.

³⁶⁸ JORNAL O CRISTÃO. MAIO/JUNHO de 1964.p.2.

³⁶⁹ JORNAL O CRISTÃO. AGOSTO/NOVEMBRO de 1964.p.2.p.04.

³⁷⁰ Com o golpe civil-militar, uma nova Constituição seria aprovada em 1967 e reformada em 1969. Ambos os processos resultaram em um texto autoritário. A influência das práticas e modus-operandi que se abateram sobre instituições, inclusive religiosas, não foi coincidência.

³⁷¹ Havia, antes de 1964, o interesse denominacional por reforma na Constituição e Regime Interno. Entretanto, sem dúvida, que o contexto político brasileiro encenado a partir de 31 de março favoreceu o estabelecimento da iniciativa eclesial.

³⁷² JORNAL O CRISTÃO. Agosto a Novembro de 1964.p.1.

³⁷³ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.75.

Com a nova constituição aprovada pelos congregacionais na X Convenção Geral entre os dias 19 a 26 de julho de 1964, um artigo, em especial, foi alvo de polêmicas e acirramento de ânimos pelo tom autoritário que demonstrava ter. Trata-se do artigo 4º, cujo conteúdo registra-se abaixo, de acordo com publicação de editorial publicado no periódico congregacional (ANEXO V):

As Igrejas participantes da União são independentes em matéria administrativa e disciplinar local e SE OBRIGAM a cumprir as decisões das Juntas e Assembleias da União. (O grifo nosso)³⁷⁴.

O artigo gerou reclamações, precisando a redação de O Cristão reproduzir e/ou publicar notas sobre o mesmo. A primeira, conforme acima, a republicação de uma nota originariamente lançada no Jornal “Oeste Evangélico”, Órgão Oficial da Junta Regional do Centro e “porta voz do pensamento dos pastores e das Igrejas daquela região”³⁷⁵. Em sequência, um editorial explicando (ANEXO VI) o que foi aprovado na X Convenção Geral, respondendo ao texto do 4º artigo, considerado autoritário ameaçador à democracia das igrejas locais:

Peço licença aos queridos irmãos, pastores, para uma conversa direta com os membros de suas igrejas a respeito do artigo nº 4 da Nova Constituição, aprovado pela X Convenção Geral [...] Está de parabéns a Denominação. Estão de parabéns os pastores e as igrejas, por que esta, a meu ver, era a medida que estava faltando a ser tomada para colocar as coisas nos seus devidos lugares a fim de que a nossa União de Igrejas encontrasse o caminho da ordem, da paz, da comunhão e do progresso³⁷⁶.

O apelo à “ordem” e o “progresso” são reveladores do contexto vivido. E a crítica aos que discordavam da medida que, aparentemente, poderia ameaçar a cara democracia, independência e autonomia das igrejas locais, semelhantemente!

A reclamação expressava, em grau menor e localizado, o sentimento que cairia sobre milhares de brasileiros preocupados com a onda autoritária que atingiria o país, embora houvesse também milhões que a saudasse como uma “revolução”³⁷⁷ e forma de colocar as instituições (e o país) nos trilhos. Os tempos eram ambivalentes.

³⁷⁴ JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1964.p.4.

³⁷⁵ JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1964.p.4.

³⁷⁶ JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1964.p.6.

³⁷⁷ A expressão “revolução”, termo empregado em caráter oficial pelo Regime Militar e o preferido pelas forças que apoiaram o golpe, faz parte do texto no preâmbulo do Ato Institucional de 09 de abril de 1964 e que ficará conhecido como AI-1. A expressão é mencionada treze vezes no texto: “É indispensável fixar

Jorge Ferreira e Angela de Castro Gomes trazem à memória exemplos dessa ambivalência ao revisitar artigos e editoriais publicados a partir de 31 de março de 1964, em que o apoio ao golpe civil-militar veio até de setores da sociedade que pouco antes condenavam quaisquer medidas que estivessem fora da legalidade e da constituição. Um destes exemplos é o editorial do Correio da Manhã, um dos mais importantes veículos de imprensa do país, que a despeito dos jornalistas do seu quadro serem contrários às medidas autoritárias, apoiou ao ato militar em dois editoriais publicados em 31 de março e 01 de abril, intitulados “Basta” e “Fora”, respectivamente:

Editorial: Basta!

Até que ponto o presidente da República abusará da paciência da Nação? Até que ponto pretende tomar para si, por meio de decretos-lei, a função do Poder Legislativo? Até que ponto contribuirá para preservar

o conceito do movimento civil e militar que acaba de abrir ao Brasil uma nova perspectiva sobre o seu futuro. O que houve e continuará a haver neste momento, não só no espírito e no comportamento das classes armadas, como na opinião pública nacional, é uma autêntica revolução. A revolução se distingue de outros movimentos armados pelo fato de que nela se traduz, não o interesse e a vontade de um grupo, mas o interesse e a vontade da Nação. A revolução vitoriosa se investe no exercício do Poder Constituinte. Este se manifesta pela eleição popular ou pela revolução. Esta é a forma mais expressiva e mais radical do Poder Constituinte. Assim, a revolução vitoriosa, como Poder Constituinte, se legitima por si mesma. Ela destitui o governo anterior e tem a capacidade de constituir o novo governo. Nela se contém a força normativa, inerente ao Poder Constituinte. Ela edita normas jurídicas sem que nisto seja limitada pela normatividade anterior à sua vitória. Os Chefes da revolução vitoriosa, graças à ação das Forças Armadas e ao apoio inequívoco da Nação, representam o Povo e em seu nome exercem o Poder Constituinte, de que o Povo é o único titular. O Ato Institucional que é hoje editado pelos Comandantes-em-Chefe do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, em nome da revolução que se tornou vitoriosa com o apoio da Nação na sua quase totalidade, se destina a assegurar ao novo governo a ser instituído, os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil, de maneira a poder enfrentar, de modo direto e imediato, os graves e urgentes problemas de que depende a restauração da ordem interna e do prestígio internacional da nossa Pátria. A revolução vitoriosa necessita de se institucionalizar e se apressa pela sua institucionalização a limitar os plenos poderes de que efetivamente dispõe. O presente Ato institucional só poderia ser editado pela revolução vitoriosa, representada pelos Comandos em Chefe das três Armas que respondem, no momento, pela realização dos objetivos revolucionários, cuja frustração estão decididas a impedir. Os processos constitucionais não funcionaram para destituir o governo, que deliberadamente se dispunha a bolchevizar o País. Destituído pela revolução, só a esta cabe ditar as normas e os processos de constituição do novo governo e atribuir-lhe os poderes ou os instrumentos jurídicos que lhe assegurem o exercício do Poder no exclusivo interesse do País. Para demonstrar que não pretendemos radicalizar o processo revolucionário, decidimos manter a Constituição de 1946, limitando-nos a modificá-la, apenas, na parte relativa aos poderes do Presidente da República, a fim de que este possa cumprir a missão de restaurar no Brasil a ordem econômica e financeira e tomar as urgentes medidas destinadas a drenar o bolsão comunista, cuja purulência já se havia infiltrado não só na cúpula do governo como nas suas dependências administrativas. Para reduzir ainda mais os plenos poderes de que se acha investida a revolução vitoriosa, resolvemos, igualmente, manter o Congresso Nacional, com as reservas relativas aos seus poderes, constantes do presente Ato Institucional. Fica, assim, bem claro que a revolução não procura legitimar-se através do Congresso. Este é que recebe deste Ato Institucional, resultante do exercício do Poder Constituinte, inerente a todas as revoluções, a sua legitimação. Em nome da revolução vitoriosa, e no intuito de consolidar a sua vitória, de maneira a assegurar a realização dos seus objetivos e garantir ao País um governo capaz de atender aos anseios do povo brasileiro, o Comando Supremo da Revolução, representado pelos Comandantes-em-Chefe do Exército, da Marinha e da Aeronáutica resolve editar o seguinte”. Cf. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-01-64.htm.

o clima de intranquilidade e insegurança que se verifica presentemente, na classe produtora [...]

Não contente de intranquilizar o campo, com o decreto do SUPRA, agitando igualmente os proprietários e os camponeses, de desvirtuar a finalidade dos sindicatos, cuja missão é das reivindicações de classe, agora estende a sua ação deformadora às Forças Armadas, destruindo de cima para baixo a hierarquia e a disciplina (...) Queremos o respeito à Constituição. Queremos reformas de base votadas pelo Congresso. Queremos à intocabilidade das liberdades democráticas. Queremos a realização de eleições em 1965. A nação na admite golpe nem contragolpe. Quer consolidar o processo democrático.³⁷⁸

O texto, publicado no dia 31 de março de 1964 na primeira página do jornal *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro), informa, de acordo com o editor do jornal, a situação da sociedade brasileira na manhã do dia do golpe civil-militar. Os historiadores Jorge Ferreira e Angela Castro Gomes, lembram assim que, tanto o jornal *Correio da Manhã* como o *Jornal do Brasil*, outro órgão de imprensa expressivo e importante à época, acusavam o presidente de violação dos códigos militares³⁷⁹ e que, por isso, o mais alto mandatário da nação estaria na ilegalidade³⁸⁰, e, conseqüentemente, não havendo, assim, “autoridade fora da lei”³⁸¹.

Em outro editorial, publicado no dia 01 de abril de 1964, as expectativas golpistas são novamente compartilhadas, embora como se possa ler no texto há a esperança de um governo civil:

Fora!

A Nação não mais suporta a permanência do Sr. João Goulart à frente do governo. Chegou ao limite final a capacidade de tolerá-lo por mais tempo. Não resta outra saída ao Sr. João Goulart que não a de entregar o governo ao seu legítimo sucessor. Só há uma coisa a dizer ao Sr. João Goulart: Saia! Durante dois anos o Brasil aguentou um governo que paralisou o seu desenvolvimento econômico, primando pela completa omissão, o que determinou a completa desordem e a completa anarquia no campo administrativo e financeiro. Quando o Sr. João Goulart saiu de seu neutro período de omissão foi para comandar a guerra psicológica e criar o clima de intranquilidade e insegurança, que teve o seu auge na total indisciplina que se verificou nas Forças Armadas. Isto significou e significa um crime de alta traição contra o regime, contra a República, que ele jurou defender³⁸².

³⁷⁸ FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe...* p.333-334.

³⁷⁹ A polêmica de João Goulart com os militares atingiu seu clímax por ocasião de seu comparecimento e discurso no Automóvel Club. Considerado um desastre sem proporções, o evento desencadeou conseqüências drásticas ao presidente que passou a imagem de tolerância e, até mesmo, quebra da hierarquia militar, pois em um período de cinco dias envolveu-se em dois episódios: o protesto de dois mil marinheiros e fuzileiros navais em 25 de março (com prisão perpetrada pelas autoridades militares e a anistia oferecida por João Goulart, gerando críticas e reações intensas nas Forças Armadas) e o manifesto da Associação dos Sargentos em 30 de março, onde foi convidado de honra.

³⁸⁰ FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe...* p.333.

³⁸¹ FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe...*p.333.

³⁸² FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe...*p.356.

Tal destaque importa para demonstrar que a leitura que muitos protestantes fizeram tão somente acompanhou a via média da população³⁸³, além de setores da sociedade³⁸⁴ e mesmo instituições republicanas³⁸⁵, conforme se pode aferir ao ler o trecho do texto de Celso Castro que destaca alguns extratos sociais presentes em celebrações no primeiro aniversário do golpe – civil militar:

Em 31 de março de 1965, primeiro aniversário da ‘revolução’, a data foi comemorada com missas de ação de graças, grandes desfiles militares, bandas de música e concentrações populares nas principais cidades do país e a leitura da ordem do dia dos ministros militares³⁸⁶.

Um ano após o golpe civil-militar as celebrações aglutinaram importantes atores sociais: os militares³⁸⁷, os políticos³⁸⁸, a imprensa³⁸⁹, a igreja³⁹⁰ e o povo³⁹¹. Havendo, contudo, em todos estes segmentos, resistências e tensões.

³⁸³ “homens, mulheres e crianças empunham bandeiras, lençóis, comemoram o que ficou sendo o carnaval da vitória”. Cf. FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe...* p.11.

³⁸⁴ Imprensa, partidos políticos, Igreja Católica, igrejas protestantes, governadores, líderes políticos e movimentos civis. Jorge Ferreira e Angela Castro Gomes destacam instituições civis organizadas, tais como: Conselho Superior das Classes Produtoras, Associações Comerciais dos Estados, Centro Industrial do Rio de Janeiro, Sociedade Rural Brasileira e Companhia da Mulher pela Democracia. Cf. FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe...* p.384.

³⁸⁵ CASTRO, Celso. *Comemorando a “Revolução” de 1964*. IN: FICO, Carlos [Org. et.ali.]. *Ditadura e Democracia na América Latina: Balanço histórico e perspectivas*. São Paulo: Editora FGV, 2008.p.131.

³⁸⁶ Forças Armadas e até o Congresso Nacional.

³⁸⁷ A frase do general Cordeiro de Farias, destacando a participação do exército, expressa e sintetiza as ações dos militares nos tumultuados dias que antecederam e seguiram 31 de março de 1964: “A verdade – é triste dizer – é o exército dormiu janguista em 31 de março e acordou revolucionário no dia 1º”. Cf. CAMARGO, Aspásia; GOES, Wander. *Meio Século de Combate*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.p.566. IN: GASPARI, Élio. *A Ditadura Envergonhada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.p.84-85.

³⁸⁸ Muitos políticos e partidos legais deram “suporte civil”, sendo um apoio expressivo, em termos quantitativos, e, importante, para a legitimidade do golpe civil-militar. Muitos políticos atuaram em seus mandatos até outubro de 1965 (quando foram, enfim, cassados) sendo grande parte deles de diferentes agremiações, tais como Partido Trabalhista do Brasil (PTB), Partido Social Democrata (PSD) e União Democrática Nacional (UDN). Cf. RIDENTI, Marcelo. *As Oposições à Ditadura: resistências e integrações*. IN: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A Ditadura que mudou...* p.31.

³⁸⁹ “Os grandes jornais, até então divididos em relação à figura do presidente João Goulart, começaram a se articular na chamada ‘Rede da Democracia’, nome pomposo para articulação golpista que tinha na imprensa mais do que um mero porta-voz. Com efeito, os jornais passaram a ser peças – chave na conspiração a partir do final de 1963 [...] A imprensa preparou o clima para que os golpistas de todos os tipos, tamanhos e matizes se sentissem mais amparados pela opinião pública ou, ao menos, pela ‘opinião publicada’. Cf. NAPOLITANO, Marcos. *História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.p.46-47.

³⁹⁰ Além das missas em celebração ao golpe civil-militar, outras demonstrações de apoio mais robustas por parte da Igreja Católica Apostólica Romana podem ser aferidas como, por exemplo, a viagem de Dom Paulo Evaristo Arns que, morador de Petrópolis, descera a Serra dos Órgãos em direção ao Rio de Janeiro, “para abençoar as tropas do general Mourão Filho”. Cf. FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela

E também Daniel Aarão Reis, ao registrar o resultado do Congresso Nacional por ocasião da eleição do general Humberto de Alencar Castello Branco em 11 de abril de 1964 afirma:

Castello Branco foi eleito em 11 de abril de 1964 por congresso já depurado pelas cassações que atingiram os parlamentares que mais haviam se destacado nas lutas pelas reformas. Teve 361 votos contra apenas três (foram 72 abstenções), um índice de como o golpe foi apoiado pela grande maioria das elites políticas³⁹².

Além do desejo de ordem e disciplina, os congregacionais também em 1964 destacaram a necessidade de uma nova constituição para o seu funcionamento orgânico. A ocasião não poderia ser mais oportuna, pois a mudança dos ares políticos remetia a necessidade de se pensar em modelos de governo, estruturas e hierarquias. As denominações cristãs passariam por essas transformações. E os congregacionais foram

de Castro. *1964: O golpe...* p.381. Após o encontro com o general, Dom Paulo Evaristo Arns que, anos depois, seria um dos mais reconhecidos críticos da ditadura civil-militar, deixa a reunião satisfeito “com a simpatia de que não entraria nem anarquia nem o comunismo”. Cf. Coleções Caros Amigos. *A Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo: Caros Amigos, 2007.p.83 APUD. DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura...* p.149. Outro fato, de extrema importância, que relaciona o apoio de importantes setores da Igreja Católica foi a reunião da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) realizada em junho de 1964, onde 23 Bispos e dois Cardeais “declararam o seu apoio ao ‘expurgo revolucionário’, desde que os acusados tivessem direito à defesa”. Cf. FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe...* p.385. A partir do decreto do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968, e um aberto endurecimento do Regime de Exceção, o tom das críticas da Igreja Católica Apostólica Romana aumentaria, especialmente a partir da Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) realizada em maio de 1970, em Brasília, quando aparecem nos textos e documentos as primeiras referências às torturas praticadas pelo Regime Militar, uma vez que haviam acontecido prisões de clérigos e leigos e a invasão das forças de repressão do Estado contra instituições religiosas, praticando torturas contra freiras (com choque elétrico, por exemplo) e até assassinatos, como foi o caso do Padre Henrique Pereira Neto, auxiliar de Dom Helder Câmara. O clérigo fora morto em Recife, em 26 de maio de 1969. Portanto, a despeito do apoio inicial, com as práticas condenáveis, violando direitos fundamentais, as críticas da Igreja Católica e “Os documentos eclesiais foram crescendo de tom”. Cf. CAVALCANTI, Robson. *Cristianismo & Política: Teoria Bíblica e Prática Histórica*. Viçosa: Editora Ultimato, 2002.p.217-218. Dom Paulo Evaristo Arns, inclusive, prefaciaria a importante e emblemática obra “Brasil Nunca Mais”, publicação que veio à lume em 1985, resultado do projeto homônimo liderado pelo Cardeal Arcebispo de São Paulo com Jaime Wright, ministro presbiteriano e o Rabino Henry Sobel, da Congregação Israelita Paulista. A publicação, uma síntese das informações sobre perseguidos políticos do Regime Militar, contendo, inclusive, detalhes das práticas de tortura, vividas por seus atores e cujas narrativas foram registradas em mais de um milhão de páginas catalogadas entre os anos de 1979 e 1985 pela equipe do projeto com apoio da Arquidiocese de São Paulo e do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), sediado em Genebra, na Suíça. Na obra, que segue também prefaciada pelo Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas, Philipp Potter, Dom Paulo Evaristo Arns inicia com as certas palavras: “As angústias e esperanças do Povo devem ser compartilhadas pela Igreja”. Cf. Brasil: nunca mais. Um relato para a História. Pref. D. Paulo Evaristo Arns. 28ª. ed. Petrópolis, Editora Vozes,1985.p.11.

³⁹¹ “Outro ponto fundamental é o reconhecimento de que houve apoio da sociedade ao golpe de 1964. Apoio que comemorou uma Copa do Mundo, em 1970, e o sesquicentenário da Independência do Brasil, em 1972, com um presidente que, inegavelmente, conseguia aprovação popular: Emílio Médici”. Cf. FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe...* p.389. As chuvas de papel picado e as praças e vias públicas principais lotadas em algumas capitais tipificaram o apoio popular.

³⁹² REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e Democracia...* p.54.

os primeiros em uma medida formal ao convocar a Convenção Geral e aprovar Nova Constituição em julho de 1964, ainda que criticada pelo viés autoritário que seu texto apresentou, gerando disputas, debates e polarizações, típicas de um país dividido em todas as suas esferas.

Por problemas financeiros o Jornal Cristão ficou sem publicar entre os meses de dezembro de 1964 a outubro de 1965. Nesta edição, nenhuma referência às circunstâncias políticas do país. O golpe civil-militar passara por dezesseis meses de experiência, e mesmo com relatos de perseguição³⁹³, tortura³⁹⁴ e críticos de alguns antigos entusiastas³⁹⁵, não houve qualquer menção da situação. Brasília, sede do poder, até foi citada em uma das notas, mas por conta de uma congregação que começara a funcionar na capital do país³⁹⁶ (ANEXO VII). Antes mesmo dessa lacuna, na edição de dezembro de 1964, a última até então, uma nota de protesto fora publicada³⁹⁷, mas não se tratava de qualquer denúncia acerca do Regime Militar, mas sim um reclamo promovido pelo Deputado Daso Coimbra³⁹⁸, na Câmara dos Deputados Federais. Daso Coimbra, protestante, congregacional e membro da Igreja Evangélica Fluminense, igreja-mãe do congregacionalismo brasileiro, protestara contra o emprego de recursos do Governo Federal destinados aos clérigos católicos, patrocinando-os em uma viagem formal ao Vaticano (ANEXO VIII).

Em abril de 1966, com dois anos, portanto, de golpe civil-militar, uma nova nota, contendo interesse político, é publicada no periódico denominacional, mas, novamente, não se tratava de qualquer tema mais sensível, porquanto apenas

³⁹³ Lideranças políticas, sindicais e militares janguistas foram alvo de patrulhamento e deposição ainda nos primeiros momento do golpe civil-militar, assim como intelectuais e quadros técnicos. Cf. NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do...* p.70. Tais acontecimentos questionam a tese de que o golpe civil-militar não tenha sido autoritário antes de 1968 com o decreto do Ato Institucional nº 5.

³⁹⁴ Gregório Bezerra, político do Partido Comunista Brasileiro (PCB), falecido em 1983, relata sua prisão e consequente tortura sofridas em 1º de abril de 1964 nas dependências do Quartel de Motomecanização em Casa Forte, Recife – PE. Cf. BEZERRA, Gregório. *Memórias*. São Paulo: Boitempo Editorial, s/d, pp.533-4. IN: FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe...* p.382.

³⁹⁵ Dos exemplos mais emblemáticos foi o de Carlos Lacerda. De um dos mais intensos entusiastas conspiradores do golpe civil-militar em 1964 até se tornar ferrenho opositor e fundador em 1966 da Frente Ampla, movimento de resistência à ditadura militar que contou com as participações de Juscelino Kubitschek e João Goulart. Carlos Lacerda foi preso em dezembro de 1968.

³⁹⁶ O Cristão. Outubro de 1965.p.2.

³⁹⁷ O Cristão. Nov/Dez de 1964.p.3.

³⁹⁸ Nascido no Rio de Janeiro em 1926, médico e professor, tendo sido Diretor do Colégio Estadual de Niterói em 1954. Deputado Federal pelo Rio de Janeiro com vários mandatos pela ARENA e, depois, com a redemocratização do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Protestante, membro da Igreja Evangélica Fluminense, tinha no segmento uma importante base eleitoral no Estado, na capital assim como no interior. Foi um dos coordenadores do Centrão na Assembleia Constituinte de 1988.

comunicava a eleição de Iris Rezende³⁹⁹ à prefeitura de Goiânia, no centro-oeste brasileiro. A publicação da nota era devido ao fato de Iris Resende ser membro de uma das igrejas da denominação localizadas na região (Anexo IX).

Acontecimentos de considerável importância nacional haviam decorrido desde 1964, sendo que, nas publicações de O Cristão nos de 1965 e 1966, qualquer observação editorial fora feita, apontando, portanto, para a indiferença quanto aos problemas sociais e políticos que o país atravessava. A demonstração abaixo denuncia que problemas graves não faltavam e que mereciam o devido posicionamento dos núcleos sociais comprometidos com a democracia.

Cálculos falam em cinco mil presos nas primeiras semanas após o golpe. Entre 1964 e 1966, aproximadamente dois mil funcionários públicos foram demitidos ou aposentados compulsoriamente, 421 oficiais militares, obrigados a passar para a reserva, enquanto 386 foram cassados e/ou tiveram os direitos políticos suspensos por dez anos. A limpeza começou ‘dentro de casa’. Os militares e civis suspeitos de apoiar Jango ou de não apoiar a ‘revolução’ – uma variação muito abrangente, é bom notar – foram punidos drasticamente com, no mínimo o afastamento do serviço público. No caso dos marinheiros e fuzileiros navais, quatrocentos foram expulsos, processados e condenados após o golpe. Muitos cumpriram penas em presídios políticos. Outros 963 foram licenciados *ex-officio* por terem participado da assembleia na sede dos Sindicatos Metalúrgicos.

Na área sindical, sete em cada dez diretorias de confederações e sindicatos de trabalhadores perderam seus mandatos. Os militares instituíram os Inquéritos Policiais Militares (IPMs), em que civis eram investigados e julgados por militares. Em novembro de 1964, 2176 pessoas sofreram tais inquéritos. A perseguição se estendeu aos líderes estudantis, e os intelectuais não escaparam da violência. No campo partidário, os políticos do PTB foram os alvos preferenciais, mas, embora em menor número, políticos do PSD e de outros partidos também foram atingidos⁴⁰⁰.

Entretanto, apesar de tais acontecimentos, tão graves, não há quaisquer notas de repúdio, crítica ou análise da mais antiga democracia religiosa estabelecida no Brasil. Ao contrário, mais uma vez são ignorados os temas de interesse público em detrimento apenas de notícias de interesse denominacional, revelando uma agenda interna e

³⁹⁹ Eleito prefeito de Goiânia, em 1965 e cassado pelo regime militar em 1969. Iris Rezende quando eleito era membro da Igreja Cristã Evangélica, afiliada, à época, à denominação congregacional, na cidade de Cristianópolis, cuja história se confunde com a do próprio protestantismo local, visto que as terras doadas pelo fazendeiro José Pereira Faustino (que se tornou protestante) aos missionários para a construção da primeira igreja evangélica do local acompanhou a fundação da própria cidade em 1904.

⁴⁰⁰ FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe...* p.386-387.

limitada e que somente favoreceria, ainda que em escala mais diminuta, é verdade, ao Regime Militar.

Os últimos anos da década de 1960, no Brasil, foram marcados pelos acontecimentos políticos com profundo impacto social e econômico sobre a vida de milhões de brasileiros. A transição do governo Castello Branco para as mãos de Artur da Costa e Silva em 1967, a própria morte do primeiro dos generais presidentes, no mesmo ano, meses depois de deixar o poder e uma fase mais difícil e repressiva do Regime Militar que estava por vir com o governo de Costa e Silva. Nada, porém, que levasse a União das Igrejas Congregacionais do Brasil, a emitir opinião clara sobre a situação do país. Ao contrário, a acomodação aos tempos e o alinhamento com a ideologia da ditadura eram nítidas, como se pode verificar por meio de algumas notas publicadas nas edições dos anos de 1968, 1969, 1970, destacando o governo que se formou com a junta militar formada pelos oficiais Augusto Hamann Rademaker Grinewald (Marinha), Aurélio de Lyra Tavares (Exército) e Marcio de Souza e Melo (Aeronáutica), em decorrência do afastamento de Artur da Costa e Silva (ANEXO X); da eleição de Emílio Garrastazu Médice (Anexo XI); da Morte de Costa e Silva (Anexo XII). Além de editorial de Teodoro José dos Santos, ministro e presidente da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, que faz menção elogiosa ao que considera uma marcha revolucionária que vem ocorrendo no Brasil, desde 1964 (Anexo XIII).

Em dezembro de 1968, uma nota crítica a Dom Helder Câmara, chamado de “o Bispo Vermelho”, intitulada de “Onde Dom Helder Quer Chegar?” (ANEXO XIV), baseada em uma entrevista concedida pelo Arcebispo de Diamantina - MG-, Geraldo de Proença Singaud, condenando algumas ações do colega de episcopado no que tange às suas ideias esquerdistas, próximas às consideradas do comunismo, conforme acreditava⁴⁰¹:

É fato tão visível que somente o desejo de salvar um aspecto da vida católica (romana), ou de não alarmar os fiéis, explica que sacerdotes e bispos afirmem que essa infiltração na existe... É inegável essa infiltração nos nossos seminários. Acabo de receber relatório de um grupo de seminaristas do Sul do Brasil, que se referem, com verdadeira dor, ao fato de vários colegas serem verdadeiros comunistas. E sei de outro seminário que o programa mais ouvido é o da Rádio de Moscou, às 19:00 horas. Isto significa muita coisa⁴⁰².

⁴⁰¹ JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1968.p.1.

⁴⁰² JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1968.p.1.

A nota segue o curso expondo a crítica a Dom Helder Câmara:

Dom Helder, V. Ex^a nos falou da situação do Brasil; expôs-nos o instrumento que V. Ex^a quer por em ação para modificar a atual situação. Eu desejava dar uma contribuição positiva e perguntar qual o posto de chegada e perguntar, qual o posto de chegada, a que sistema a que espécie de sociedade V. Ex^a. Quer levar ao Brasil?⁴⁰³

A pergunta de Dom Geraldo de Proença registrada na nota fazia menção ao projeto do carismático arcebispo de Olinda e Recife, projeto conhecido à época como Movimento de Pressão Moral cujo lançamento fora em 02 de outubro de 1968 com o objetivo de influenciar a agenda social e política do Governo Federal. Contudo, como se pode aferir na nota, alguns de seus colegas de episcopado, não aceitaram bem a ideia e setores do protestantismo, inclusive, os congregacionais, também não.

A nota destaca as acusações típicas que eram dirigidas a Dom Helder Câmara: agitador, subversivo e comunista⁴⁰⁴ e termina com a pergunta que intitula o artigo: “Onde Dom Helder Quer Chegar?”⁴⁰⁵.

Todavia, muito mais importante, era outra nota do Jornal O Cristão, na mesma edição de dezembro de 1968 (ANEXO XV). Tratava-se da informação do Ato Institucional nº 5, (AI. 5), decretado em 13 de dezembro de 1968 onde o Regime Militar assumiria sua face mais desinibida⁴⁰⁶, dura e abertamente ditatorial. Da página 75, segue o texto:

Tendo em vista a crise política surgida na Câmara dos Deputados que negou o pedido do Supremo Tribunal Federal para processar um dos seus membros, o Presidente da República, depois de ouvir o Conselho de Segurança Nacional, editou o 5^a Ato Institucional que concede ao ‘Governo da República e os meios necessários e os instrumentos legais adequados para, assegurando a ordem e a tranquilidade, realizar os propósitos e os fins da Revolução de Março 1964’. Por esse Ato, que foi referendado por todos os ministros de Estado, o Presidente da República fica com todos os poderes, podendo decretar o fechamento do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas Estaduais, das

⁴⁰³ JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1968.p.1.

⁴⁰⁴ JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1968.p.1.

⁴⁰⁵ JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1968.p.1.

⁴⁰⁶ O jornalista Elio Gaspari chamará essa fase de “A Ditadura Escancarada”: “Escancarada a ditadura firmou-se. A tortura foi o seu instrumento extremo de coerção e o extermínio, o último recurso da repressão política que o Ato Institucional nº 5 libertou das amarras da legalidade. A ditadura envergonhada foi substituída por regime a um só tempo anárquico nos quartéis e violento nas prisões. Foram os anos de chumbo”. Cf. GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.p.13.

Câmaras dos Vereadores e a intervenção nos Estados e Municípios; suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos; suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos; cassar mandatos eletivos federais; estaduais e municipais; decretar o Estado de Sítio; os confiscos de bens de quantos tenham enriquecido ilicitamente no exercício de cargo ou função pública e baixar atos complementares. Está, ainda segundo o Ato, suspensa a garantia do Habeas Corpus nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e a ordem popular. E, finalmente, estão excluídos de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com o mesmo Ato e os Atos complementares que forem editados. Também foi editado o ato complementar nº 38, que determina o recesso do Congresso Nacional. Ambos os atos entraram em vigor na data da assinatura, 13 de dezembro de 1968⁴⁰⁷.

Nenhuma avaliação crítica acerca do decreto do AI-5 fora feita no principal veículo de comunicação dos congregacionais do Brasil. Nenhuma proposta de reflexão e análise. Apenas o comunicado de um decreto, sem perceber que levaria o Brasil a entrar na fase mais sombria da Ditadura Civil - Militar. Aliás, a primeira página do jornal trazia uma reflexão devocional, apontando para o ano de 1969 que estava se aproximando e convocando os cristãos congregacionais a viverem “nova vida”⁴⁰⁸ (ANEXO XVI), não problematizando o período incerto que tomaria o país a partir daquele marcante mês de dezembro de 1968.

Além do alinhamento com a ditadura de direita ficar demonstrado por meio da nota crítica a Dom Helder Câmara e da comunicação, sem qualquer reação, ponderação e análise, do decreto do Ato Institucional nº 5, também, na mesma edição, uma comunicação da posse do presidente americano Richard M Nixon (ANEXO XVII), em substituição a Lyndon Johnson que aconteceria em 20 de janeiro de 1969. A nota destaca a pertença protestante do presidente eleito, assim como de sua família, e das tradições congregacional, batista, presbiteriana e episcopal às quais membros da família estavam relacionados⁴⁰⁹. A composição do congresso americano⁴¹⁰, com representantes das mais distintas tradições cristãs, são também destacadas na mesma edição do Jornal (Anexo XVIII).

Os congregacionais, portanto, demonstram a simpatia por um dos lados. O lado dos militares, da ditadura de direita e dos Estados Unidos da América.

⁴⁰⁷ JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1968.p.75.

⁴⁰⁸ Esta é uma categoria da Teologia que aponta para uma vida de virtudes e superações. A “nova vida” exaltada no texto não apresentou implicações práticas diante do quadro social e político brasileiro da época.

⁴⁰⁹ JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1968 .p.75.

⁴¹⁰ JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1968 .p.75.

2.7 Os Problemas Denominacionais do fim de uma década intensa.

Ao findar da década de 1960, os congregacionais enfrentavam seus próprios problemas. Três eram as frentes principais e por demais desgastantes. Primeiramente, a dissidência de cinquenta e uma igrejas, cujos ministros discordavam da dupla forma de batismo e governo eclesiástico empregado pela denominação⁴¹¹ nos anos de fusão (1942-1968) com a Igreja Cristã Evangélica, assim como das distintas soteriologias⁴¹². Após muitos debates, onde o consenso jamais foi alcançando, o grupo discordante saiu da denominação, formando sua própria convenção⁴¹³ em 1960, retornando, entretanto, em 1969, após a parceria com a Cristã Evangélica chegar ao fim⁴¹⁴ no início de 1968. A segunda frente problemática destacada na história dos congregacionais brasileiros na década de 1960, foi o fim da fusão entre congregacionais e cristãos – evangélicos. Com a mesma, a denominação kalleyana⁴¹⁵ foi designada por curto período de Igreja Evangélica Congregacional do Brasil, nome que também provocou desgastes e críticas⁴¹⁶. Em 1969, todavia, acontece o reagrupamento entre esta denominação e a

⁴¹¹ Com a fusão entre as denominações, Congregacional e Cristã Evangélica, por 26 anos, foram sustentadas duas formas de batismo: aspersão (congregacionais) e imersão (cristãos evangélicos); assim como dois modelos de governo: democrático direto (congregacional) e representativo/ presbiterial (cristãos evangélicos). A situação gerou crises de identidade denominacional que nunca foram superadas pelos dois grupos.

⁴¹² A soteriologia (doutrina da salvação) é um dos pilares teológicos mais importantes das igrejas protestantes. Ponto Nevralgico da Reforma Protestante, da qual os congregacionais são herdeiros, tendo como afirmação categórica a doutrina calvinista da “segurança eterna” ou, conforme o ensino formal do calvinismo, a doutrina da “perseverança dos santos” (“uma vez salvo, salvo para sempre”). Os ministros da Igreja Cristã Evangélica, por sua vez, não concordavam com a doutrina soteriológica calvinista, gerando desconforto e desconfianças mútuas entre os obreiros que começaram a circular pela denominação fundida administrativamente, mas com tradições eclesiológicas absolutamente excludentes.

⁴¹³ União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil. À frente desta dissidência, Salustiano Pereira César, ministro e importante teórico do congregacionalismo brasileiro, enfatizando a necessidade de um congregacionalismo mais independente do que era praticado à época e da construção de uma identidade e tradição nacionais. O congregacionalismo deveria ser mais Kalleyano, isto é, independente, mais cooperativo e menos denominacional. Para comunicar tais ideias, além de servir de fonte noticiosa aos congregacionais do novo agrupamento fundaram o Jornal “Brasil Congregacional”.

⁴¹⁴ Manoel Bernardino de Santana Filho, em sua obra sobre Manoel da Silveira Porto Filho, que fora presidente da denominação entre anos de 1949 - 1959, discorre detalhadamente sobre as tensões (teológicas, históricas e administrativas) vividas nos anos da fusão entre congregacionais e cristãos evangélicos. Cf. SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. *Manoel da Silveira Porto Filho...* p.164-132. O capítulo vinte e três da obra de Bernardino (p. 217-232) é rico em e informações sobre os bastidores da crise que se convencionou chamar entre os congregacionais de “Movimento Restaurador”.

⁴¹⁵ Kalleyana é termo predileto de teóricos do congregacionalismo brasileiro a fim de identificar e afirmar um ethos nas igrejas fundadas por Robert Raid Kalley, a saber, autônomas, independentes, não denominacionais e completamente desvinculadas de organismos e associações estrangeiras, aceitando tais apenas em caráter consultivo e cooperativo, sem quaisquer relações hierárquicas.

⁴¹⁶ As críticas geraram em torno da compreensão de que uma igreja congregacional (autônoma, soberana, democrática e independente por natureza ontológica), não poderia ser reunida em denominação com a

dissidência ocorrida em 1960, os congregacionais voltariam, então, a se reunir em torno de uma mesma estrutura denominacional: União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, que vigora até hoje.

Finalmente, houve ainda a crise gerada pelo movimento carismático⁴¹⁷. A década de 1960 no Brasil ficaria conhecida para os estudiosos da religião como a década da pentecostalização⁴¹⁸ do protestantismo. Diversas igrejas históricas precisaram responder às inquietações geradas no seio das comunidades de fé acerca de fenômenos extáticos⁴¹⁹ que começaram a ser frequentes, mesmo em meio aos grupos mais conservadores que não enfatizavam tais experiências. As respostas variaram de acordo

designação que pretendesse ser nacional. Não havia uma única igreja congregacional no Brasil, mas muitas e eram livres em suas administrações locais. Portanto, Igreja Evangélica Congregacional “do Brasil” foi considerada, à época, um grave desvio das tradições congregacionalistas.

⁴¹⁷ O movimento de renovação carismática nas igrejas protestantes históricas brasileiras das décadas de 1950 (final), 1960 e 1970 está relacionando a uma “onda carismática” que influenciou comunidades cristãs em diversas partes do mundo, tendo sua primeira referência entre episcopais, sendo acompanhada de presbiterianos, luteranos e católicos romanos. Cf. SYNAN, Vinson. *O Século do Espírito Santo: 100 anos do Avivamento Pentecostal e Carismático*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.p.245. A ênfase do movimento de renovação carismática era o “batismo com o Espírito Santo” que, de acordo com a fé cristã e protestante, trata-se de uma experiência pessoal e intensa que o cristão atravessa, capaz de gerar um novo ânimo religioso, novos códigos de conduta moral, fervor missional (necessidade de compartilhar da fé evangélica local e transculturalmente), além de experiências espirituais (glossolalias, por exemplo). Esse movimento foi fortemente combatido pelas protestantes históricas. Com séculos de tradição teológica, as igrejas protestantes históricas estabelecidas no Brasil valorizam suas instituições de ensino, enfatizando o saber filosófico, histórico e teológico, tendo, portanto, traços mais racionalistas do que experimentalistas. O conflito com o movimento carismático, fortemente ancorado na experiência, foi inevitável, porém, perdido, pois a agenda carismática terminou impondo-se sobre as das igrejas históricas. A influência na liturgia das igrejas históricas e a própria fragmentação das mesmas, originando matizes “renovadas”, e “pentecostais”, exemplificam o avanço da agenda carismática sobre as denominações protestante tradicionais.

⁴¹⁸ A pentecostalização no protestantismo brasileiro foi explicada na tipologia das três ondas: Pentecostalismo Clássico (1910); Deuteropentecostalismo (1950) e neopentecostalismo (1960/70). O Sociólogo da Universidade de São Paulo (USP), Ricardo Mariano, lembra que a tipologia das “três ondas do pentecostalismo brasileiro”, acompanha, como referência, as “três ondas do protestantismo”, a saber: puritana, metodista e pentecostal, apontadas por David Martin, em sua obra *Tangues of fire: The explosion of protestantism in Latin American*, publicada na Inglaterra em 1990. Considerando que a última teve como uma das características mais fundamentais o rompimento de fronteiras geográficas, pois ultrapassou os espaços anglo e hispânicos. Mariano registra que, no Brasil, o sociólogo protestante Paul Freston foi o primeiro a lançar mão da tipologia das três ondas para compreensão dos estudos do pentecostalismo brasileiro, “A partir de um corte histórico – institucional e da análise da dinâmica interna do pentecostalismo brasileiro”. MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p.28. Para compreensão das tipologias do pentecostalismo, conforme proposto por Paulo Freston: Cf. FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 70.

⁴¹⁹ Os fenômenos extáticos, típicos do pentecostalismo, marcaram o movimento desde a sua origem em Topeka, Kansas, nos Estados Unidos da América, no ano de 1901, e são relatados pelos atores pentecostais em termos de experiências, tais como glossolalia, visões, previsões, oráculos, curas milagrosas e outros sinais. Entretanto, outros elementos, menos observados nos estudos acadêmicos, compõem também o cenário das comunidades pentecostais: significativa frequência eclesial; fervorosos círculos de oração; intensa participação comunitária na liturgia; maior abertura aos leigos na distribuição de tarefas; vocabulário pastoral acessível; menor exigência na formação teológica; presença periférica (por vezes são as únicas igrejas presentes em áreas suburbanas e violentas).

com o aporte teológico empregado pelos teólogos e demais estudiosos das denominações. Uns consideravam as experiências como cristãs e legítimas. Outros, como fruto da imaginação fértil por parte de pessoas mais simples e sugestionáveis e, ainda, os que atribuíam a uma origem espiritual duvidosa. Incompreensões, hostilidades, acusações, divisões e fragmentação marcaram os turbulentos anos da década de 1960 do protestantismo brasileiro. Robinson Cavalcanti comenta a situação vivida pelas igrejas históricas naqueles anos:

O novo dado mais importante para o protestantismo brasileiro dos anos 60 foi o surgimento do Movimento de Renovação Espiritual. A crença na contemporaneidade de todos os dons do Espírito Santo, incluindo-se glossolalia (falar em línguas estranhas) foi advogada no seio de denominações históricas. A doutrina do Espírito Santo se tornou o motivo da mais aguda controvérsia entre os evangélicos daquela época. Os tradicionalistas acusavam os renovados de divisionistas, de estarem se desviando de sua genuína herança histórico-doutrinária e caindo no pecado do orgulho espiritual. Estes, por sua vez, acusavam as igrejas tradicionalistas de frieza, imobilismo, carnalidade ou mundanismo [...] O resultado foi uma sucessão de cismas. Batistas, congregacionais, presbiterianos, metodistas, presbiterianos – independentes e outros perderam sua unidade denominacional com a saída voluntária ou expulsão dos defensores do neopentecostalismo, que se se organizaram em suas próprias denominações⁴²⁰.

Em face das ocorrências de experiências de difícil explicação, denominações históricas se dividiram, dando origem às expressões pentecostais de suas vertentes. Surgiram assim os batistas “renovados”⁴²¹; os congregacionais “independentes”⁴²² e os “da Aliança”⁴²³; os presbiterianos “renovados”⁴²⁴; os metodistas “wesleyanos”⁴²⁵ e etc.

⁴²⁰ CAVALCANTI, Robson. *Cristianismo & Política...* p.214.

⁴²¹ No ano de 1965, trinta e duas igrejas batistas foram excluídas da Convenção Batista Brasileira por terem aderido ao movimento carismático. Um ano depois, em 1966, mais cinquenta e duas que seriam também desligadas. Reunidas em uma nova denominação, primeiramente chamada de Ação Missionária Evangélica e fundada em 1965, mudou de nome em setembro 1967, assumindo Convenção Batista Nacional, com centenas de igrejas batistas de pequeno e grande porte espalhadas por todo território nacional, configurando um dos principais grupos denominacionais do protestantismo brasileiro, a partir da segunda metade do século XX. A Convenção Batista Nacional seria por vários anos, em diversos mandatos, presidida por Enéas Tognini, histórico e expressivo ministro batista, antes da Convenção Batista Brasileira e, em seguida, da Convenção Batista Nacional. A sede administrativa da denominação está localizada no Distrito Federal.

⁴²² Congregacionais independentes estão reunidos em uma pequena denominação conhecida pelo nome de Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais Brasileiras, fundada em 1974 e com sede administrativa no Rio de Janeiro.

⁴²³ Os Congregacionais da Aliança de Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (AIECB) formam a denominação cuja origem remonta ao ano de 1967, quando igrejas que aceitaram a renovação carismática foram excluídas da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (UIECB). A sede está estabelecida em Areais, Recife – Pernambuco.

Todos estes grupos tinham em comum que seus atores comungavam de uma pertença religiosa cristã protestante de corte institucional histórico, mas que, ao passar por uma experiência espiritual de renovação, não se enquadrariam mais dentro de suas comunidades conservadoras, com liturgia controlada e pouca participação comunitária na adoração pública. Desejavam, portanto, a participação em uma igreja mais livre, dinâmica e intensa na liturgia e no que seriam constantes experiências espirituais.

Os congregacionais não ficaram imunes a esses fenômenos. Ao contrário, como outros grupos do protestantismo histórico, desdobramentos com implicações pessoais, ministeriais e denominacionais, aconteceram no seio da instituição. Desses desdobramentos, destacam-se o surgimento de novas denominações congregacionais no país, com seus hinários, liturgia própria e institutos teológicos, novas lideranças e convenções.

É no mínimo curioso que as tensões das igrejas protestantes históricas com o movimento carismático tenham alcançado seu clímax em grande parte no mesmo período em que o país marchava para “os anos de chumbo”. Cavalcanti parece sugerir uma hipótese a essa questão:

O Movimento de Renovação concorreu para tornar o protestantismo brasileiro ainda mais predominantemente pentecostal e, assim, místico, emotivo, individualista, legalista, sectário e desengajado, procurando resolver os problemas apenas no nível individual ou da comunidade dos fiéis. Se havia aspectos positivos do ponto de vista religioso (ênfase missionária, seriedade na vida espiritual, informalidade do culto etc.), do ponto de vista socioeconômico essa tendência se constituía, em geral, em um retrocesso⁴²⁶.

Para Cavalcanti, houve um distanciamento da concretude da vida social com o advento do pentecostalismo, sendo este por demais centrado na dimensão espiritual. Cavalcanti segue com sua análise sobre tais efeitos:

⁴²⁴ A Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB), fundada em 1975, é a junção de dois grupos dissidentes: Igreja Cristã Presbiteriana, fundada em 1968 de uma dissidência da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), e Igreja Presbiteriana Independente Renovada, fundada em 1972, sendo oriunda da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. A sede administrativa permanece em Araçongas, Paraná.

⁴²⁵ Fundada no dia 05 fevereiro de 1967, como Igreja Metodista Wesleyana, no pátio da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. O início da denominação relaciona-se tanto com o movimento carismático tanto quanto com a reação ao autoritarismo desenvolvido na Igreja Metodista do Brasil, de governo episcopal, nos anos de ditadura no Brasil. Ministros e demais lideranças desejaram conhecer o fenômeno que começava a se manifestar no seio de igrejas metodistas brasileiras.

⁴²⁶ CAVALCANTI, Robson. *Cristianismo & Política...* p.215.

A missão da igreja deveria se resumir, quase exclusivamente, à sua dimensão espiritual. Essa falta de propostas históricas foi reforçada pela crescente disseminação entre os evangélicos (pentecostais e não) de escatologias pré-milenistas, com pessimismo quanto ao presente e esperança milenarista futurista e pós – histórica⁴²⁷.

Os casos: Jether Ramalho e Carlos Cunha.

Dois episódios institucionais merecem destaque quando se examinam os turbulentos anos sessenta na vida denominacional congregacional. O primeiro foi à questão envolvendo Jether Ramalho.

A história de Jether Ramalho com o congregacionalismo começa com a aceitação da fé protestante por parte de seu pai, José Barbosa Ramalho, na centenária Igreja Congregacional em Paracambi – RJ, no início do século XX. José Barbosa Ramalho tornar-se-ia ministro congregacional ao concluir seus estudos teológicos em 1917, fazendo parte da primeira turma de ministros formados pelo Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro, fundado em 1914. Desde jovem, a liderança e o engajamento eclesial acompanharam a formação de Jether Ramalho que, em 1945, foi eleito presidente da Federação de Mocidade Evangélica Congregacional - FEMEC⁴²⁸ (ANEXO XIX). A partir de sua eleição, começou a organizar várias associações de jovens nas igrejas locais, as chamadas UMEC's (União de Mocidade Evangélica Congregacional), assim como também as associações regionais, conhecidas como FEMEC's (Federação de Mocidade Evangélica Congregacional). Com o sucesso do trabalho, a denominação decidiu organizar uma estrutura central que representasse os jovens congregacionais de todo o território nacional. Foi, assim, organizada a COMEC (Confederação de Mocidade Evangélica Congregacional) em 1947, tendo em Jether Ramalho seu primeiro presidente.

Para comunicar as atividades da COMEC, o departamento contava com a publicação do periódico *O Exemplo*⁴²⁹, que além de noticioso, também publicava matérias devocionais. Foi através desta publicação periódica que Jether Ramalho, por meio de seus artigos escritos como presidente dos jovens congregacionais no Brasil,

⁴²⁷ CAVALCANTI, Robson. *Cristianismo & Política...* p.215.

⁴²⁸ As Federações Evangélicas de Mocidade Congregacional reuniam as Uniãos de Mocidades das igrejas locais (UMEC's) de determinadas regiões geográficas em todo o país, sendo núcleos de atividades evangelísticas, eclesialísticas, sociais e de apoio denominacional.

⁴²⁹ Revista cuja publicação começou a circular em 1945. Era oferecida à juventude congregacional por meio de assinaturas, sendo voz e expressão da juventude congregacional brasileira.

evidenciou uma de suas principais características: a preocupação com temas sociais - convocando seu público leitor à reflexão e à sensibilidade quanto aos mesmos⁴³⁰. Data também deste período, fim da década de 1940, a visão ecumênica⁴³¹ que começara a se apoderar do jovem⁴³² e idealista⁴³³ líder congregacional.

Os artigos escritos por Jether Ramalho enfatizam os deveres cristãos de diaconia⁴³⁴ e caridade; criticava a pobreza e a desigualdade social e cobrava ações dos pastores e das lideranças denominacionais para que incluíssem nas agendas das igrejas congregacionais mais reflexão e ação que refletissem essa demanda social do povo brasileiro. Obviamente, tal abordagem geraria incômodos, críticas e rejeições por parte de setores conservadores⁴³⁵, que entendiam que tais temas deveriam ser tratados na esfera pública de poder, pelas autoridades legais constituídas, sendo tarefa da igreja tão somente o anúncio do Evangelho. Entretanto, tais reações não impediram o exercício do ministério de Jether Ramalho que seguiu trabalhando com a mocidade congregacional, escrevendo seus artigos, não só em *O Exemplo*, mas também no *Jornal O Cristão*, e também exercendo funções denominacionais das mais importantes como diretor do Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba (RJ), onde também prestava serviços odontológicos gratuitos, sendo auxiliado por seu irmão, Jair, que oferecia serviços médicos.

Com o golpe civil-militar de 1964, Jether Ramalho, a esta altura com quarenta e dois anos de idade e uma liderança denominacional notória e expressiva, instaurou-se um processo do Exército tendo como alvo a Confederação Evangélica do Brasil, entidade na qual Jether participava intensamente, e que fora invadida e revistada por

⁴³⁰ Artigos como “O Clamor da orfandade e a consciência denominacional” e “O Evangelho que Robert Kalley pregava” (ANEXO XX), publicados em 1947, são expressões de seu pensamento social e de como via as implicações de ser cristão e congregacional e um país marcado pela desigualdade.

⁴³¹ Jether Ramalho se aproximou em 1949 das práticas ecumênicas. E, a partir de 1964, com o golpe civil-militar e sua conseqüente demissão da Confederação Evangélica do Brasil, entrou para o Centro Evangélico de Informação, depois Centro Ecumênico de Informação (CEI). Em 1979, em parceria com o frade carmelita e biblista católico Carlos Mesters, holandês radicado no Brasil, organiza o Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, associação de orientação ecumênica para estudos da Bíblia.

⁴³² Contava com vinte e três anos de idade por ocasião de sua eleição à frente da Federação de Mocidade Evangélica Congregacional.

⁴³³ “Jovem entusiasta” é a forma como o *Jornal O Exemplo* descreveu Jether Ramalho que fora eleito presidente da Federação que reunia jovens congregacionais no Rio de Janeiro. Esta edição é a primeira do *Jornal* e trazia uma destacada foto de Jether Ramalho. Cf. Anexo XIX.

⁴³⁴ Diaconia é expressão bíblica e teológica para serviço cristão. Sua origem está no livro neotestamentário de Atos dos Apóstolos (capítulo 6).

⁴³⁵ SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. *Jether Pereira Ramalho e a Denominação Congregacional*. IN: RAMALHO, José Ricardo (Org.) *Uma Presença no Tempo: A Vida de Jether Ramalho*. São Leopoldo: Oikos, 2010.p.175-177. Na página 176, Bernardino sentencia: “Alguns pastores enviavam cartas violentíssimas de rejeição”.

coronéis do Exército, sendo, posteriormente, fechada, tendo seus arquivos desaparecidos. Como consequência dessa ação militar, Jether Ramalho perderia seu emprego na Confederação Evangélica do Brasil e todos os cargos e funções exercidos na Igreja Congregacional, sete ao todo. Tratando-se dos congregacionais, a única permanência de Jether Ramalho foi como professor da Escola Dominical, função exercida na Igreja Congregacional de Bento Ribeiro, onde era membro. Entretanto, o episódio com os militares marcaria o distanciamento de Jether Ramalho das estruturas decisórias e de influência denominacionais. Quanto a este afastamento, Manoel Bernardino, em artigo dedicado, declara:

A acusação mais comum era que havia se tornado comunista. Alguns missionários que eram do exterior olhavam-no como vendido a Moscou. Por causa dessas acusações perdeu todos os cargos que tinha na denominação⁴³⁶.

O segundo caso tratava da questão da ordenação ao ministério pastoral do professor Carlos Cunha⁴³⁷. Em 16 maio de 1964, a Junta Geral, órgão central de governo dos congregacionais, na primeira reunião realizada após - golpe civil-militar, discutiu o pedido de ordenação. A proposta havia sido fortemente criticada em face de Carlos Cunha ser um candidato ao ministério pastoral com ideias esquerdistas⁴³⁸ e práticas ecumênicas⁴³⁹. Na reunião, o missionário inglês Willian Bannister Forsyth, Secretário-Executivo da União Evangélica Sul-Americana (UESA), agência missionária inglesa e atuante no país à época, protestou quanto ao pedido:

Protesto: Prof. Carlos Cunha: Ao receber a informação sobre a ordenação ao ministério do Prof. Carlos Cunha, contrariando a claramente expressa vontade de grande número de igrejas da União, a Executiva da U.E.S. A sente-se na obrigação de registrar o seu protesto diante do fato consumado em flagrante desrespeito

⁴³⁶ SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. *Jether Pereira Ramalho...* p.178.

⁴³⁷ Carlos Alberto Correia Cunha (1926-2010). Iniciou seu ministério entre os congregacionais. Ao deixar a denominação, transferiu-se para a Igreja Presbiteriana (primeiramente a do Brasil e, em seguida, a Unida). Faleceu no Rio de Janeiro, em 2010, vítima de um acidente doméstico aos 84 anos de idade.

⁴³⁸ A proximidade com as teses de esquerda de Carlos Cunha pode ser confirmada pela entrevista (ANEXO XXI) que concedeu na década de 1960 ao Jornal das Ligas Camponesas (as “associações de trabalhadores rurais criadas inicialmente no estado de Pernambuco, posteriormente na Paraíba, no estado do Rio de Janeiro, Goiás e em outras regiões do Brasil”. Cf. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CPDOC. Ligas Camponesas. Disponível: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ligas-camponesas>. Acesso em 20 de set. 2017.). A entrevista gerou incômodos denominacionais. Carlos Cunha concedeu a entrevista como ministro congregacional.

⁴³⁹ Carlos Cunha teve destacada participação no Centro Ecumênico de Informação (CEI), ao qual ingressou junto com Jether Ramalho, a partir de 1964.

a recomendação da junta-geral e em virtude de ideias e atitudes do Professor Cunha não estarem de acordo com o espírito e programa da União⁴⁴⁰.

O protesto fora feito pelo ministro inglês, de considerável prestígio à época e que exercera a função de Deão Acadêmico do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro. O problema consistia nas ações do candidato ao ministério que mantinha relações colaborativas com associações⁴⁴¹ que, com o golpe civil-militar, seriam alvo do aparelho repressor do Estado. Além disso, suas ideias abertamente ecumênicas⁴⁴² criavam desconforto e desconfiança aos majoritários setores conservadores da denominação. Apesar do protesto, Carlos Cunha seguiu com seu ministério⁴⁴³, e, sendo aprovado pela denominação, assumiu o pastorado da Igreja Congregacional em Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Antes, havia sido diretor do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro, contudo, não sem crise e oposições, sendo, posteriormente, afastado da função⁴⁴⁴.

Na mesma reunião da Junta Geral, Manoel da Silveira Porto Filho, o mais articulado e expressivo ministro congregacional, dos mais respeitados do protestantismo no país, anuncia, sem maiores explicações⁴⁴⁵, a recusa em continuar à frente do Jornal O Cristão. Embora não explicasse, os motivos tornariam - se, com o tempo, óbvios. Chama a atenção o fato de que nesta mesma reunião não houve qualquer menção ao golpe civil-militar. Ao menos não há qualquer registro em ata. Não há qualquer referência positiva ou negativa quanto à tomada de poder praticado pelos militares. Esse silêncio denominacional seria uma marca, especialmente na década de 1970, quando o Brasil conheceria a face mais tenebrosa do Regime Militar.

⁴⁴⁰ União das Igrejas Evangélicas e Cristãs do Brasil. Livro de ATAS da Reunião Ordinária e Extraordinária da U.I.C.C. B de 28/03/1961 a 03/01/1968. 16 de maio de 1964.

⁴⁴¹ Confederação Evangélica do Brasil, por exemplo. Carlos Cunha destacou-se como um dos organizadores mais importantes da Conferência do Nordeste (1963), onde o tema: “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro”, ganhou notoriedade.

⁴⁴² Carlos Cunha passou pelas igrejas Católica, Congregacional, Presbiteriana do Brasil e Presbiteriana Unida. Seu trânsito permitiu adquirir uma consciência ecumênica que foi fundamental ao seu trabalho na Confederação Evangélica do Brasil, sendo um dos seus membros mais destacados, e, posteriormente, no Centro Ecumênico de Informações. Entretanto, esse lastro não era valorizado à época. As denominações cristãs tinham restrições às práticas ecumênicas, especialmente, quando as relações implicavam em igrejas liberais e progressistas. Questões teológicas e de agenda estavam no centro do debate e explicam a rejeição ao ecumenismo, por parte dos conservadores.

⁴⁴³ SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. *Jether Pereira Ramalho...* p.212-213.

⁴⁴⁴ SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. *Jether Pereira Ramalho...* p.212-213.

⁴⁴⁵ União das Igrejas Evangélicas e Cristãs do Brasil. Livro de ATAS da Reunião Ordinária e Extraordinária da U.I.C.C. B de 28/03/1961 a 03/01/1968. 16 de maio de 1964.

Os Congregacionais chegariam em 1969 reagrupados, porém enfraquecidos por conta dos ministros e suas igrejas que deixaram a denominação em face da renovação carismática, tendo atravessado toda uma década com crises de identidade denominacional, tensões internas, revisões constitucionais, críticas ao tom autoritário assumido nas mesmas, demonstrações de alinhamento ideológico com a ditadura e com o silêncio de uma de suas principais vozes: Manoel da Silveira Porto Filho, cuja época de maior engajamento denominacional e articulação para-eclesiástica foram experimentados antes do golpe civil-militar de 1964.

O país, por sua vez, terminaria a década de sessenta, reprimido com o decreto do AI -5, com o primeiro Presidente da República entre os militares morto em um trágico acidente aéreo, e o segundo, um militar “linha-dura”, que não veria nascer sequer o primeiro ano na nova década, pois viria também a falecer⁴⁴⁶ e a chegada ao poder de mais um general que, de tão autoritário, até escalar o time da Seleção Brasileira de 1970 pretendeu⁴⁴⁷. Entretanto, havia também ventos de esperança. Os festivais da canção⁴⁴⁸ (alguns continuariam a ser realizados mesmo com o endurecimento do Regime. Pelo menos, até o ano de 1972)⁴⁴⁹ e os protestos de estudantes (ocorrida antes do decreto do Ato Institucional nº 5)⁴⁵⁰, não permitiriam aos militares esquecerem que, embora

⁴⁴⁶ Artur da Costa e Silva, dos presidentes militares, foi o que ficou menos tempo no poder. Pouco mais de dois anos: de 15 de março de 1967 a 31 de agosto de 1969. Em virtude de um derrame sofrido no fim do mês de agosto de 1969, foi substituído pela Junta Governativa Provisória, um triunvirato composto pelos ministros das três Forças Armadas: Aurélio de Lira Tavares (Exército), Augusto Rademaker (Marinha) e Marcio Melo (Aeronáutica), que entregou a Presidência da República ao general Emílio Garrastazu Médici no dia 30 de outubro do mesmo.

⁴⁴⁷ Situação controvertida, com diferentes versões, mas vivida pelo jornalista e técnico da Seleção Brasileira João Saldanha que, de acordo com a versão popular preferida, se recusou a escalar o jogador Dario, o “Dadá Maravilha” para a Copa do Mundo de 1970, no México. O Presidente militar desejava vê-lo no ataque da Seleção Brasileira que se consagraria tri campeã do mundo, tendo como técnico Mario Jorge Lobo Zagallo, que substituiu João Saldanha faltando seis dias para o embarque em direção ao México.

⁴⁴⁸ Transmitidos pelas emissoras de televisão, Excelsior (1965 e 1966), Record (1966, 1967 e 1968), Rio (1966) e Globo (1967 – 1972; 1975; 1979 – 1982; 1985; 2000), os Festivais, cujas canções, muitas delas, com letras de engajamento social, despertavam grande interesse do público, elevando consideravelmente a audiência das emissoras que os transmitiam, assim como a desconfiança dos aparelhos de repressão do Estado. Quanto mais engajada a letra, ou, ao menos sugerida, maior o interesse popular.

⁴⁴⁹ DE MELLO, Zuza Homem. *A Era dos Festivais*. Disponível em: [www.http://institutocravoalbin.com.br/projetos/catalogos-tematicos/no-palco-os-festivais/a-era-dos-festivais/](http://institutocravoalbin.com.br/projetos/catalogos-tematicos/no-palco-os-festivais/a-era-dos-festivais/). Zuza Homem de Mello, afirma que, a partir de dezembro de 1968, com o AI-5, os Festivais entrariam em uma “curva descendente”, mas que, contudo, continuariam a ser realizados, mesmo com prisões e o exílio de compositores mais expressivos, como foram os conhecidos casos de Caetano Veloso e Gilberto Gil. O fim da organização dos Festivais somente ocorreu no ano de 1972, quando a ditadura exigiu a substituição da presidente do júri, a cantora Nara Leão. O corpo de jurados, por inteiro, foi destituído. O Festival contaria, assim, com um júri composto de estrangeiros.

⁴⁵⁰ Em 1968, por ocasião da morte do estudante secundarista de dezoito anos de idade, Edson Luis de Lima Souto, o Regime Militar foi surpreendido com uma série de manifestações de protestos ao golpe desde 1964. A maior delas ficou conhecida como a “Marcha dos Cem Mil”, organizada em 26 de junho de 1968, três meses após a morte do estudante.

reinassem sobre a nação, não seriam absolutos sobre os brasileiros que almejavam de volta a democracia que lhes fora tomada.

Quanto aos congregacionais, não houve posicionamento oficial acerca do golpe civil-militar. Jamais qualquer reunião eclesiástica⁴⁵¹, nas Juntas Regionais⁴⁵² e/ou na própria sede da Junta Geral⁴⁵³ foi convocada para tratar do assunto, de abrangência e interesse nacional. O máximo que se verifica são posições tomadas por agentes em posições estratégicas de liderança na estrutura denominacional e que refletem seus posicionamentos pessoais através, especialmente, do órgão de imprensa oficial da denominação. Concordamos, entretanto, que houve um alinhamento com o Regime Militar e isto é verificado tanto em notas e editoriais do Jornal O Cristão, como também por meio do silêncio praticado, especialmente nos anos mais duros e difíceis da ditadura, ocasião em que o país mais precisou do exercício da dimensão profética do cristianismo. Contudo, houve silêncio.

2.8 O Silêncio Congregacional da década de 1970.

A década de 1970 será marcada por um incômodo silêncio dos congregacionais acerca dos problemas sociais e políticos que o país atravessava. A denominação passara toda a década de 1960 resolvendo conflitos internos sobre sua unidade. O tema da “integração”, sob a presidência de Daniel Gonçalves Lima, seria o mote dos congregacionais na década de 1970. A preocupação maior, portanto, seria com evangelização, crescimento denominacional e unidade. Caravanas eram organizadas pela Junta Geral com o objetivo de percorrer o país, promovendo a integração denominacional, enfraquecida por anos de disputas e cisões. O efeito deletério desta ênfase na unidade foi o descolamento das questões sociais que afligiam milhões de

⁴⁵¹ Não há notícias ou, ao menos, não foi possível comprová-las, de igrejas congregacionais que tenham tratado do tema do golpe civil-militar em qualquer época do período da ditadura. Tanto em suas reuniões litúrgicas e mesmo nas sessões administrativas (em suas Assembleias de Membros, órgão máximo das igrejas locais), as igrejas congregacionais seguiram com suas agendas evangelísticas, pedagógicas e sociais.

⁴⁵² Juntas Regionais (atualmente Associações Regionais) são os aglomerados de igrejas congregacionais que se unem por meio de determinada localização geográfica. As Juntas Regionais elegem seus presidentes (ministros) bianualmente e possuem diretoria, personalidade jurídica e Regimento Interno. Os presidentes das Associações Regionais têm assento e voto nas reuniões bimestrais realizadas na sede da denominação (Junta Geral), onde decisões ordinárias denominacionais são apresentadas, discutidas e aprovadas.

⁴⁵³ Órgão diretor da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil. Atualmente, os ministros eleitos para o exercício da função de Presidente da Junta Geral têm mandato de três anos obtidos no sufrágio da Assembleia Geral, instância máxima da denominação no Brasil e que representa todas as igrejas congregacionais do país (ligadas à denominação), por meio de seus delegados presentes.

brasileiros, inclusive os congregacionais⁴⁵⁴. Uma agenda que priorizava o trabalho denominacional com sua labuta estrutural e doutrinária dominou o debate, levando líderes e outros atores denominacionais a perderem de vista o horizonte político, econômico e social que o país atravessava. Parecia que os congregacionais viviam fora de um país que passava por uma fase autoritária.

Alguns dos principais acontecimentos políticos do país da década de 1970 não receberam qualquer menção denominacional em seu periódico oficial e demais veículos de comunicação.

Em 1974, por exemplo, no mês de março, acontecera a terceira transição da ditadura civil-militar, com a saída do general Emílio Garrastazu Médici e a posse do general Ernesto Geisel, de tradição luterana. A edição de julho e outubro de 1974, que poderia trazer alguma nota sobre o acontecimento, ignora-o por completo, sendo seus destaques o Congresso Internacional de Lausanne⁴⁵⁵ e a presença do evangelista norte-americano Billy Graham⁴⁵⁶ no Brasil.

Em 1975 o país seria tomado de uma ampla discussão sobre o regime militar em face do assassinato do jornalista Wladimir Herzog. Um episódio emblemático que marcaria o início do fim do regime. A sociedade brasileira estava impactada com a notícia da morte de Herzog, durante sessão de tortura no DOI-COI (Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna, subordinado ao Exército) paulistano, assassinato esse apresentado pelas autoridades como “suicídio”. Mesmo com toda a repercussão sobre o velório, com as presenças religiosas de Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo, do ministro presbiteriano Jaime Wright e do rabino Henri Sobel, os congregacionais não refletiram o tema em seu periódico. Na edição de setembro e outubro de 1975, a única nota política do periódico, de autoria do deputado federal, Daso Coimbra, trazia informação histórica do

⁴⁵⁴ No ano de 1964, Djalma Prado de Lemos, um ativo presbítero da Igreja Congregacional em Largo do Barradas (Niterói/ RJ), operário da Indústria Naval em Niterói e Vice – Presidente do Sindicato da Categoria, foi preso pelo Regime Militar sob a acusação de subversão. Após cinco meses de confinamento entre em São Gonçalo e Niterói, passando, inclusive, pelo DOPS e por solitária, foi liberado, pois constatou - se, após interrogatório, que sua militância era trabalhista sem nenhuma relação com o comunismo, conforme se acreditava na ocasião da prisão. No ano de 2011, quarenta e seis anos depois, o Estado do Rio de Janeiro, no Governo de Sergio Cabral, reconhecendo o erro emitiu documento de reparação (ANEXO XXII) e proposta de indenização à sua família. Apesar de seu presbiterato e das boas relações com ministros congregacionais, não recebeu nenhuma visita no período de prisão por parte dos líderes denominacionais. Quando libertado retornou às suas atividades ministeriais normalmente, recebendo convites para se candidatar a vereador e a Deputado, embora jamais tenha aceitado, porquanto se definia como “sindicalista nato”.

⁴⁵⁵ JORNAL O CRISTÃO. JULHO/ OUTUBRO de 1974.

⁴⁵⁶ JORNAL O CRISTÃO. JULHO/ OUTUBRO de 1974.

aniversário do trabalho congregacional no Brasil⁴⁵⁷. A nota fora publicada originalmente em forma de pronunciamento na Câmara dos Deputados Federais. Quanto ao jornalista, morto sob tortura nas dependências do órgão de repressão política, nenhuma linha.

Um dos raros casos na década de 1970, em que os congregacionais romperam o silêncio e trouxeram para a cena denominacional pautas de interesse político e social, foi a nota publicada, em 1979, sobre a anistia política, promulgada em 28 de agosto de 1979, com tom elogioso dedicado ao presidente João Batista de Oliveira Figueiredo, o último dos presidentes militares e que exerceria o mandato até o ano de 1985:

Anistia ampla, geral e irrestrita

O fato de maior relevância política dos últimos tempos foi, sem dúvida, a promulgação do decreto que concedeu anistia aos punidos pela Revolução de 1964.

Desde o final do mandato do General Ernesto Geisel, quando foi revogado o AI – 5, começou-se a falar de anistia e as aspirações dos punidos pela revogação das suas penas começou a crescer.

Fiel às suas promessas feitas quando de sua campanha à presidência da República, o Exmo. Sr. General João Batista de Oliveira Figueiredo, poucos meses depois de empossado, assinou o decreto, depois das tramitações de praxe.

Grande foi a movimentação, não só dos punidos, como também de seus parentes e de todos os interessados na anistia.

Queriam que ela fosse ampla, geral e irrestrita e isto não aconteceu. O presidente da República entendeu que o perdão não poderia atingir a todos, mas deu ao decreto de anistia a maior amplitude possível

A retomada da posse dos direitos perdidos foi marcada por grande euforia. As portas das prisões se abriram e os presos anistiados, com alegria indescritível, puderam reencontrar-se com a liberdade, com a família, com os amigos, com a sociedade. Os exilados voltaram emocionados ao seio da pátria que os havia banidos. Procissões, festas, comícios, alegria incontida! Era a volta; a comemoração da liberdade! E não poderia ser por menos: (...) a liberdade é o bem mais importante⁴⁵⁸.

A nota termina com aplicação devocional. Uma analogia entre a prisão vivida pelos perseguidos políticos do regime é aplicada em relação à prisão espiritual que homens experimentam em suas vidas:

A liberdade que Cristo oferece foi por Ele mesmo conquistada na cruz do Calvário, onde foi oferecido pelos pecados do mundo inteiro. Ademais, é anistia ampla, geral e irrestrita: ampla, porque atinge a todos; geral, porque perdoa todos os crimes (pecados) e irrestrita porque é completa, total e sem restrições. A única condição é o pecador aceitá-la pela fé; arrependido de seus pecados.

⁴⁵⁷ JORNAL O CRISTÃO. SETEMBRO/ OUTUBRO de 1975.

⁴⁵⁸ JORNAL O CRISTÃO. SET/OUT 1979. p. 2.

Analogamente à anistia decretada pelo Presidente Figueiredo, a que Cristo oferece proporciona muita alegria e felicidade em um grau muito mais elevado⁴⁵⁹.

A tímida reação dos congregacionais foi apenas uma exceção à regra do silêncio que marcou a pioneira denominação protestante no Brasil. Um novo e longo período de distanciamento das aflições do povo brasileiro assumiria os editoriais e a redação do jornal protestante, evidenciando, portanto, a postura majoritária dos congregacionais.

Exemplificando a falta de interesse em temáticas de amplo interesse nacional são notas como as publicadas em 1971⁴⁶⁰, sobre os festivais, considerados como celebração dos vícios e prazeres. Ou, como a de autoria de Manoel da Silveira Porto Filho, o mais articulado ministro congregacional à época, e que dedica uma página a escrever sobre sua avó⁴⁶¹. O ano era 1973. O Brasil vivia o mais duro período da ditadura militar⁴⁶². Entretanto, o silêncio, mesmo em um ministro engajado como Porto Filho, foi norma denominacional.

No ano de 1985, com o título “Valeu, Tancredo! O Povo Agradece” na capa do Jornal O Cristão, edição de março e abril⁴⁶³, os congregacionais voltariam a atenção para os problemas políticos do Brasil, com duas notas solenes e elogiosas sobre a trajetória política de Tancredo Neves e também de pesar sobre sua morte. A manchete publicada na capa do Jornal O Cristão trazia duas imagens de Tancredo Neves: uma entrevista e, ao lado, seu corpo depositado em um caixão (ANEXO XXIII). No parágrafo final do texto dedicado ao presidente, registra-se a sentença: “Adeus, Tancredo! Receba a saudade, as lágrimas e a gratidão do povo congregacional”⁴⁶⁴. O Silêncio fora interrompido. Mas, a ditadura já estava derrotada.

O silêncio congregacional acerca da situação política do país nos anos da ditadura militar não foi característica apenas do Jornal O Cristão, mas também percebido no Jornal O Exemplo, periódico oficial da Confederação de Mocidade Evangélica Congregacional do Brasil, que representa a juventude protestante e congregacional brasileira. Antes do golpe civil-militar de 1964, o periódico esteve

⁴⁵⁹ JORNAL O CRISTÃO. SET/OUT 1979. p.3.

⁴⁶⁰ JORNAL O CRISTÃO. JANEIRO DE 1971. p.3.

⁴⁶¹ JORNAL O CRISTÃO. NOV/DEZ DE 1973.

⁴⁶² Nas palavras do jornalista Elio Gaspari “Foi o mais duro período da mais duradoura das ditaduras nacionais”. GASPARI, Elio. A Ditadura Escancarada. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. p.13. Elio Gaspari destaca nesse período desde a instauração do AI-5 ao “exterminio da guerrilha do Partido Comunista do Brasil, nas matas do Araguaia, em 1974”.

⁴⁶³ JORNAL O CRISTÃO. Março/abril de 1985.

⁴⁶⁴ JORNAL O CRISTÃO. Março/abril de 1985.p.4.

fortemente marcado por anos de gestão de Jether Ramalho, com notória inclinação social e que fazia questão de incluir no Jornal pautas reflexivas sobre a situação social do país, sempre procurando sensibilizar o leitor. A intenção era levar o jovem congregacional ao voluntariado e ao engajamento. Mesmo com sua saída de Ramalho da redação do Jornal, a visão problematizante sobre o país permaneceu. Exemplificando tal continuidade editorial, nos primeiros anos da década de 1960, sob a direção de Aloisio Marques de Araújo, um jovem congregacional, membro da Igreja Evangélica Fluminense e integrante dos quadros da Aeronáutica, pautas com temas de interesse público, eram publicadas regularmente, conforme pode - se atestar as históricas edições do ano de 1962. A edição bimestral de abril e maio trazia matéria de 08 páginas sobre Reforma Agrária⁴⁶⁵, intitulada de “Um Livro Típico de Nossos Dias”, assinada, especialmente para o Jornal O Exemplo, por Orlando Valverde⁴⁶⁶, à época chefe da Divisão Cultural do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Na edição trimestral de julho e setembro, a questão pública retratada no jornal da mocidade congregacional brasileira foi o parlamentarismo⁴⁶⁷ e em outubro, novembro e dezembro de 1962, o espinhoso tema do ecumenismo⁴⁶⁸ foi discutido, uma contribuição de Carlos Cunha.

Já com o golpe civil-militar em 31 de março de 1964, haveria uma mudança no perfil do Jornal O Exemplo, desaparecendo de suas páginas a temática de interesse público, priorizando-se as atividades religiosas da Confederação de Mocidade Evangélica Congregacional, assim como as ações dos jovens nas igrejas locais espalhadas pelo país, mas tais ações eram lidas sempre no âmbito devocional e de manutenção dos trabalhos internos. Nenhuma nota de interesse público sobre o golpe fora publicado, ou a posse dos presidentes militares e muito menos os problemas advindos como cerceamento da liberdade, censura ou torturas a presos políticos. Neste aspecto, o silêncio entre os jovens congregacionais foi absoluto.

O Jornal O Exemplo passou às mãos de um novo redator em 1964. Domingos Pessoa da Silva Oliveira, professor de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro histórico da Igreja Evangélica Fluminense, descendente dos primeiros evangélicos fundadores da igreja mãe do congregacionalismo brasileiro e primo do Deputado Federal Daso Coimbra. As posições conservadoras de Domingos Oliveira,

⁴⁶⁵ JORNAL O EXEMPLO. ABRIL/MAIO DE 1962. p.5-9; 10,11 e 22.

⁴⁶⁶ Orlando Valverde (1917- 2006). Geógrafo com vinte e sete livros publicados, além de artigos e livretos. Foi um dos maiores especialistas brasileiros em Reforma Agrária.

⁴⁶⁷ JORNAL O EXEMPLO. JULHO/SET 1962.p.9,19 e 27.

⁴⁶⁸ JORNAL O EXEMPLO. OUT/DEZ DE 1962. p.15.

seriam refletidas nas pautas distantes dos problemas nacionais que marcariam as páginas do periódico oficial da juventude congregacional brasileira, nas décadas de 1960 e 1970. Verificam-se também nas notas que se alinhavam ao posicionamento dos militares como, por exemplo, a que noticiava os acontecimentos envolvendo a crise da Faculdade Metodista em face de um convite feito para Dom Helder Câmara ser paraninfo na formatura dos estudantes do curso de teologia, em 1967⁴⁶⁹. A nota critica o convite feito ao arcebispo de Olinda e Recife⁴⁷⁰.

Fora do eixo denominacional, poucos eram os que estavam escrevendo canções engajadas e disputando visibilidade nos Festivais de música, atuando em peças de teatro ou, então, ocupando praças em manifestos e protestos. Acompanhando essa tendência (pela inércia ou força da repressão), a juventude congregacional fechava-se para o debate nacional, ocupando-se apenas com os assuntos pessoais ou de suas igrejas locais. Parecia mesmo, como denunciado pelo ministro congregacional, José Bonifácio, que os congregacionais não viviam no Brasil⁴⁷¹.

A única exceção quanto ao silêncio dos jovens congregacionais acerca da situação política do país ocorre em 1980, quando uma nota sobre a anistia também foi publicada no Jornal O Exemplo⁴⁷², assim como fizera a redação do Jornal O Cristão em 1979⁴⁷³. O país trilhava o longo caminho da abertura “lenta e gradual” proposta pelo regime. Vivia -se, pois, um processo de reconquista da democracia. Uma democracia que não contou com a voz de luta, militância e protesto de um dos segmentos mais democráticos do protestantismo no mundo. Uma contradição, sem dúvida, que consta na história do congregacionalismo brasileiro.

2.9 As chaves para entender o silêncio: Fundamentalismo, Medo do Comunismo Ateu e a Teoria Política Reformada (Respeito às autoridades; a teoria dos Dois Reinos e a relação protestantismo e liberalismo).

A opção pelo silêncio por parte das igrejas protestantes não se deu em um vácuo histórico. Há razões teológicas e ideológicas que explicam o caminho adotado pelas

⁴⁶⁹ JORNAL O EXEMPLO. JAN/MAR 1968. p.7.

⁴⁷⁰ Arcebispo de Olinda e Refeci (PE), Dom Helder Câmara (1909 – 1999), um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e reconhecido defensor dos Direitos Humanos e crítico do autoritarismo do Regime Militar. Suas ideias, associadas ao progressismo, conferiram-lhe a alcunha de “Bispo Vermelho” pelos militares.

⁴⁷¹ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.55-56.

⁴⁷² JORNAL O EXEMPLO. Mai/jun/jul 1980.p.17 e 18.

⁴⁷³ Cf. Nota de Referência 458.

denominações na década de 1960 que as levaram a apoiar a ditadura civil - militar no Brasil.

Em primeiro lugar, aborde-se o Fundamentalismo, que marcou a hermenêutica das igrejas históricas, especialmente àquelas cuja influência americana era mais nítida. O Fundamentalismo, enquanto movimento intelectual no protestantismo, começou em 1910, nos Estados Unidos da América, com a publicação do documento *The Fundamentals* (Os Fundamentos). No início, o movimento foi uma reação ao avanço do liberalismo clássico alemão⁴⁷⁴ sobre a teologia cristã. O Fundamentalismo foi teorizado por teólogos de importância considerável no cenário americano, tais como Benjamim Breckinridge Warfield⁴⁷⁵ e John Gresham Machen⁴⁷⁶, tendo como missão principal a preservação de uma hermenêutica que considerava a leitura mais tradicional dos dogmas do cristianismo, diante de uma sociedade cada vez mais secularizada. A preocupação era com o conteúdo central do cristianismo. Afirmações clássicas da fé cristã, tais como, o criacionismo, o governo providencial de Deus na história, a

⁴⁷⁴ O Liberalismo Clássico Alemão tem nas obras “Da Religião” e “A Fé Cristã”, do teólogo e ministro da Igreja Cristã Reformada, Friedrich Daniel Ernest Schleiermacher (1768 – 1834), o seu ponto de partida. A proposta era oferecer uma reflexão cristã que considerasse as categorias intelectuais do iluminismo. Uma tentativa conciliatória entre os pressupostos do racionalismo, em alta na Alemanha por volta do século XVIII, com a religião cristã. Friedrich Schleiermacher é considerado “o pai da Teologia Liberal”. Nos séculos XIX e XX, também na Alemanha, teólogos como Albrecht Ritschl (1822 – 1889) e Adolf Von Harnack (1851 – 1930) se encarregariam de conduzir a Teologia Liberal que teve como missão reinterpretar doutrinas clássicas do cristianismo, como “nascimento virginal de Cristo”, “encarnação”, “obra salvífica”, “morte expiatória”, “ressurreição” e contextualizá-las para a mente do homem ocidental moderno. Houve a valorização da busca científica do “Jesus Histórico” em detrimento do “Cristo da Fé”. O primeiro, alvo da academia, enquanto o segundo, de interesse apenas da comunidade religiosa. A proposta foi polêmica e considerada herética em muitos círculos protestantes, dentro e fora da Alemanha, sendo acusada de despir o cristianismo do seu caráter sobrenatural, onde as narrativas dos milagres, conforme apresentados na Bíblia, sofriam uma abordagem mais filosófica e simbólica do que teológica. O Liberalismo alcançou grande prestígio acadêmico em diversos círculos europeus, mas, enquanto escola teológica perdeu força diante das grandes guerras, conflitos regionais e crises humanitárias vivenciadas no século XX. Teólogos liberais nutriam interesse particular pelos temas sociais, entendendo que a teologia era uma ferramenta de análise muito mais eficaz para atender os homens em seus dramas no presente século do que para prepará-lo para uma vida futura e considerava, com extremo otimismo, a solidariedade humana mediante o progresso científico. Os genocídios praticados por diferentes sistemas políticos e regidos por nações consideradas cultas e civilizadas no século XX representaram uma derrota às teses teológicas liberais. Um dos teólogos liberais mais prestigiados na comunidade científica foi Albert Schweitzer (1875 – 1965), conhecido não só pelas obras teológicas publicadas e pela sua atuação como ministro protestante na Alemanha, mas também pela sua atuação na medicina, filosofia, música e na atividade missionária entre os gaboneses na África, sendo laureado com o Prêmio Nobel da Paz em 1952.

⁴⁷⁵ Benjamim Breckinridge Warfield (1851 – 1921). Professor de Teologia em Princeton e um dos responsáveis pelo debate com o liberalismo no universo acadêmico americano.

⁴⁷⁶ John Gresham Machen (1891 – 1937). Foi um dos fundadores do Seminário Teológico de Westminster, na Filadélfia (Pensilvânia/ EUA) e crítico dos mais agudos da Teologia Liberal. Sua obra “Cristianismo e Liberalismo”, conhecida entre os protestantes, e publicada em 1923, registra suas críticas ao sistema teológico alemão.

encarnação, a morte vicária de Jesus Cristo e sua ressurreição e parousia⁴⁷⁷ foram ratificadas no século XX, em contraste com o liberalismo teológico, que vinha, desde o século XIX, fazendo concessões às outras correntes intelectuais, perdendo, em muito, o horizonte do mistério da fé cristã.

O teólogo suíço, Karl Barth, embora não sendo adepto do Fundamentalismo, com a publicação de seu comentário à Carta aos Romanos⁴⁷⁸, em 1918, logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, muito contribuiu para a derrocada do liberalismo teológico em território europeu e também americano.

No que diz respeito ao tema desta pesquisa, o Fundamentalismo considerava que a função da igreja consistia no anúncio do Evangelho e que a militância social pertencia à esfera pública, onde instituições próprias afins se ocupariam. Tal plataforma, com uma agenda despida de causas sociais, também foi uma reação ao liberalismo, este, considerado, por demais engajado e descuidado da prédica evangelística e da ortodoxia protestante⁴⁷⁹. Teólogos fundamentalistas entendiam que a tarefa da pregação cristã era a maior contribuição que a igreja poderia oferecer à sociedade⁴⁸⁰, em detrimento dos

⁴⁷⁷ Na Teologia Cristã o termo foi assumido como doutrina escatológica que reflete sobre o retorno de Jesus Cristo, uma consequência das doutrinas da ressurreição e da ascensão. Na teologia cristã a Parousia aponta este retorno de Jesus Cristo como Rei e para julgamento das nações, características distintas do seu ministério terreno, quando esteve com seus discípulos na Palestina no século I. Sendo, portanto, doutrina messiânica das mais antigas e tradicionais do cristianismo. A expressão grega “parousia” é empregada para o anúncio de uma presença real (e não simbólica e/ou metafórica).

⁴⁷⁸ A importância do comentário barthiano publicado sobre a Carta aos Romanos, epístola do Novo Testamento, deu-se pelo fato de Karl Barth reintroduzir nos círculos acadêmicos da Alemanha o debate sobre a singularidade da Bíblia como texto sagrado, inspirado e considerando a mesma a Palavra de Deus. Barth afirmava que o erro do liberalismo teológico alemão foi tentar transformar o texto bíblico em fonte de análise científica, descuidando do mistério que é inseparável na teologia cristã. O prestígio de Karl Barth recolocou a teologia, com seus pressupostos ortodoxos, nos trilhos acadêmicos mais sofisticados na Europa, embora o teólogo suíço mantivesse ideias próprias acerca de algumas afirmações clássicas do cristianismo. Ideias, aliás, que levariam muitos teólogos conservadores a terem uma postura crítica acerca de suas obras. Para uma compreensão da influência teológica de Karl Barth na América Latina: Cf. SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. *Karl Barth e sua influência na Teologia Latino-Americana: palavra, evento e práxis de libertação*. São Paulo: ASTE – Associação Basileia, 2013.

⁴⁷⁹ A Ortodoxia Protestante foi um esforço de teólogos Reformados nos séculos XVI, XVII em estabelecer um corpo coeso, sistemático e lógico de teologia e doutrina que pavimentassem o movimento protestante na Europa. Foi época da produção de tomos volumosos de teologia, publicados em alemão, francês, holandês e inglês. Sendo, semelhantemente, a era das confissões de fé, documentos doutrinários de compromisso intelectual com as compreensões e afirmações denominacionais sobre as doutrinas cristãs clássicas, destacam-se entre as confissões: Declaração de Savoy e Plataforma Cambridge (Congregacionais - 1658); Confissão de Fé de Westminster (Reformados e Presbiterianos - 1648); Confissão de Fé Londrina (Batistas - 1689), Fórmula de Concórdia (Luteranos -1580), Confissão de Fé Belga (1561), Catecismo de Heidelberg (1563) e outros. O teólogo alemão Paul Tillich declarou: “A ortodoxia clássica relacionou-se com uma grande teologia. Poderíamos chamá-la de escolástica protestante, com todos os refinamentos e métodos que a escolástica inclui”. TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 2007.p.272.

⁴⁸⁰ Uma variação dessa compreensão carregava a esperança de que, com a conversão dos homens, estes atuariam como atores sociais, trazendo contribuições sistemáticas e amplas à sociedade, pois agiriam de acordo com os valores éticos e morais e, sendo, assim, a sociedade iria desenvolver-se gradativamente em

teólogos liberais, que terminavam tão ocupados (ou mais) com os temas sociais quanto com as tarefas eclesiais⁴⁸¹. Nessa tensão, o Fundamentalismo foi se afastando cada vez mais das preocupações sociais, elaborando uma agenda concentrada apenas nas necessidades religiosas: catequese, orações, liturgia e missões. A rejeição didática ao liberalismo, que, por sua vez, estava mais voltado às questões e assuntos de domínio público do que aos temas de ordem espiritual, determinou todo um programa de ações das igrejas protestantes⁴⁸². A influência atravessou fronteiras geográficas e onde as igrejas mantinham suas congregações, seminários, campos missionários com seus ministros, houve um alinhamento com o Fundamentalismo. No Brasil como o

termos de justiça, paz e equidade. Essa tese gozou de grande popularidade no início do século XX, mas, com as grandes guerras e suas trágicas consequências, foi superada enquanto tese escatológica majoritária. Pode ser aferida no escopo escatológico de uma doutrina específica da teologia cristã, chamada de pós-milenarismo e cuja teorização encontra-se fartamente explicada em tomos de Teologia Sistemática. Cf. GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.p.931-995. BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.p.659-661. ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.p.509-526. Entretanto, no Brasil, o fundamentalismo encontrou acolhimento nas correntes pré-milenaristas, onde todo esforço social era reputado com inútil, pois pontifica que a sociedade marcha em direção aos um caos final, sendo ineficazes as tentativas de aperfeiçoá-la. Há, portanto, distinção quanto às duas correntes, sendo o pós-milenarismo otimista quanto ao futuro da humanidade e o pré-milenarismo, pessimista.

⁴⁸¹ A preocupação era com a dimensão pública da fé e com suas implicações concretas para o homem que vive em sociedade no mundo moderno. Um dos desdobramentos, desta escola teológica, era a da relevância social da teologia, assim como a “educação ética” e o “ativismo social” (Cf. OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2001.p.568). Nos séculos XIX e XX este centro teológico ganhou diversos formatos, como o Socialismo Religioso, influenciado pelo teólogo russo, Martin Kähler (1835 – 1912) e o suíço, Adolf Schlatter (1852 – 1938). Ambos os teólogos, entre outros, articulavam uma teologia para além das esferas eclesiais, porquanto concebiam que “Deus se relaciona com o mundo e não apenas com o indivíduo e sua vida interior. Sua atividade, tampouco, se circunscreve aos limites da igreja, enquanto entidade sociológica. Deus se relaciona com o universo, e o universo inclui a natureza, a história e a personalidade”, explica o teólogo Paul Tillich, referindo-se ao Socialismo Religioso e às ideias de Martin Kähler e Adolf Schlatter. Cf. TILLICH, Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 2004.p.237. O “Evangelho Social”, que foi gestado em solo americano, foi outra proposta de se tentar oferecer respostas teológicas aos anseios sociais. O nome mais importante desta escola teológica americana foi Walter Rauschenbusch (1861 – 1918), teólogo e ministro de tradição batista, descendente de alemães, e que exercera o ministério pastoral na Segunda Igreja Batista de Nova York, uma comunidade de língua alemã, situada em um bairro pobre, ao norte de Nova York. Walter Rauschenbusch publicou, em 1917, sua obra mais conhecida, “A Theology for the social gospel” (“Uma Teologia para o Evangelho Social”), onde a ética social (e não os dogmas tradicionais do cristianismo) ganha centralidade. Cf. OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã...* p.567.

⁴⁸² A distância em relação aos temas de interesse público tornou-se tão intensa que, nas décadas de 1960 e 1970, líderes protestantes, tais como William Franklin "Billy" Graham Jr, ministro norte-americano de tradição batista, e, John R.W. Stott, ministro da Igreja Anglicana, na Inglaterra, organizaram uma conferência teológica para representantes de mais de cento e cinquenta países na cidade suíça de Lausanne, no ano de 1974, em que houve a proposta de conjugação entre a pregação e engajamento social, como duas expressões ministeriais da igreja cristã em todos os tempos. A conferência foi citada nesta pesquisa: Cf. Nota de Referência 321. O Pacto de Lausanne, portanto, é uma crítica ao Liberalismo por perder de vista as afirmações clássicas do cristianismo e ao Fundamentalismo pela recusa no diálogo e na luta por uma sociedade mais justa. No Brasil, a teologia integral do Pacto de Lausanne foi discutida nas igrejas e nos Seminários Teológicos de distintas denominações protestantes, encontrando no ministro presbiteriano Caio Fabio D' Araújo Filho um dos expoentes e principais porta-vozes do movimento.

protestantismo foi fortemente marcado pela presença de missionários europeus e norte-americanos conservadores⁴⁸³, o Fundamentalismo, como chave hermenêutica, prevaleceu.

Entre os congregacionais o Fundamentalismo deixará sua marca a partir da década de 1940, quando as missões europeias, devido a Segunda Guerra Mundial, pediram auxílio às suas congêneres nos Estados Unidos da América, entregando em grande medida o sustento de missionários, ministros em igrejas locais e professores de Teologia em Seminários e Institutos Bíblicos fundados em diversas partes do país. O sustento partindo dos Estados Unidos abriu a porta de entrada para o Fundamentalismo protestante no Brasil.

Observador do protestantismo brasileiro, Manoel Bernardino de Santana Filho, identifica a mudança de ares entre o “protestantismo cooperativo” que resultara do Congresso do Panamá (1916), engajado socialmente e ecumênico, e o “protestantismo fundamentalista”, conservador, fechado e denominacionalista, que vigorará a partir de 1940, e que influenciará os congregacionais a desligarem-se da Confederação Evangélica do Brasil, considerada ecumênica:

Nos anos 40, por exemplo, os congregacionais tiveram muito problema com a Confederação. E chegou um momento que, inclusive, saiu da Confederação. Por quê? Por que nos anos 40, que é (sic) os anos da guerra, a gente deixou de receber apoio da Europa e as missões europeias disseram para os brasileiros, não só congregacionais, mas todo mundo: não temos mais condições de manter vocês, pois a guerra não deixa que se envie nada. Eles falaram com os americanos. Os americanos aceitaram assumir. Manter as missões aqui. Só que a teologia mudou muito. Aí é de onde vem o fundamentalismo. [...] Essa história passa por aí. Saiu das mãos dos europeus calvinistas e veio para os Estados Unidos [...] Toda uma postura dispensacionalista e fundamentalista. Isso fez com que houvesse uma mudança radical⁴⁸⁴.

A segunda chave para entender o apoio das igrejas protestantes à Ditadura Militar foi o receio do comunismo. Sistema político que, de acordo com a crença dos protestantes, se fosse efetivado no poder, assumiria uma agenda ateuista, sem qualquer respeito e garantias à liberdade religiosa. Tais preocupações são confirmadas pelos editoriais e notas nos periódicos oficiais de algumas denominações históricas.

⁴⁸³ Manoel Bernardino de Santa Filho dedica um capítulo inteiro de sua obra sobre a educação teológica no círculo congregacional à influência do fundamentalismo no protestantismo brasileiro. Cf. SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. *Karl Barth...* p.59-74. Na obra, Bernardino distingue três tipos de fundamentalismo: conservador, pentecostal e institucional.

⁴⁸⁴ SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. *Entrevista a Idauro Campos*. Rio de Janeiro, 06 set. 2017.

Entretanto, não apenas as igrejas expressavam a preocupação, mas outros segmentos⁴⁸⁵ semelhantemente. Silas Luis de Souza, traz à memória exemplos da afirmação acima:

A propaganda anticomunista, o medo da anarquia com a entrega do país aos sindicalistas e aos comunistas, unia pessoas com ideologias muito diferentes na saudação do golpe que salvaria a nação⁴⁸⁶.

A desconfiança de uma marcha comunista na América Latina uniu setores sociais de países do continente em torno da crença comum de que somente um regime autoritário, centralizado em um governo militar, poderia conter tal avanço. Quanto a tais receios formam opinião as professoras Denise Rollemberg e Samantha Viz Quadrat, analisando a vocação autoritária do continente e a forma como setores sociais favoráveis aos golpes decidiram lidar com a questão:

Ainda pensando a América Latina, a democracia, que sempre enfrentou – enfrenta – dificuldades na região, paulatinamente deixou de ser vista por setores importantes da sociedade como a melhor maneira de combater o comunismo. Um governo forte, capaz de conter o avanço do perigo vermelho, sobretudo após a vitória da Revolução Cubana (1959), tornou-se a melhor ou a única saída possível⁴⁸⁷.

Exemplificando o receio dos comunistas como chave hermenêutica para interpretar o apoio majoritário do protestantismo ao golpe civil-militar de 1964, há os artigos que podem ser encontrados nos periódicos e boletins oficiais de algumas denominações, conforme abaixo em sequência:

Publicado no Brasil Presbiteriano, boletim oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, em abril de 1964, primeira edição pós - golpe:

⁴⁸⁵ Historiadores e jornalistas mencionam o receio que a sociedade tinha acerca da ameaça comunista. “O movimento de 31 de março de 1964 tinha sido lançado, aparentemente, para livrar o país da corrupção, do comunismo e para restaurar a democracia”. Cf. FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral...* p.257. “[...] a coalizão golpista era ampla e heterogênea, difícil de enquadrar em uma análise simples. [...] nem todos tinham projetos claros para o futuro apenas a certeza de remover o governo Goulart para interromper o processo de esquerdização (ou comunização, como se dizia)”. Cf. REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A Ditadura que mudou...* p.49. “O congresso, com maioria conservadora, mostrava-se disposto a bloquear os projetos de reforma e a cozinhar o surto esquerdista”. Cf. GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada...* p.51.

⁴⁸⁶ DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura...* p.149. “A ideia de que a civilização ocidental e cristã estava ameaçada no Brasil pelo espectro do comunismo ateu assombrava as contingências”. Cf. REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e Democracia no Brasil...* p.37-38.

⁴⁸⁷ ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. *A Construção Social dos Regimes Autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.p.22.

Transformou-se completamente a face política da Nação. O alto comando militar assumiu as rédeas do País, deu-lhe certos aspectos constitucionais [...] revestiu de poderes especiais e está fazendo a ‘limpeza’ para que comunistas, agitadores e peculatórios fiquem de fora⁴⁸⁸.

Curiosamente, a nota fora publicada por Domício Pereira de Matos, redator do jornal, que seria afastado da redação pelo Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, sob a acusação de ser comunista⁴⁸⁹, porquanto possuía uma inclinação mais engajada na temática social e da responsabilidade da igreja quanto. Todavia, mesmo sensível às questões de justiça social, considerou a ação militar uma ‘limpeza’.

O engajamento e sensibilidade quanto à situação social da nação pode ser aferida na sequência da nota:

Nós não precisamos mudar. Graças a Deus estamos tranquilos e prontos a recomeçar a nossa pregação e a insistir nos pontos que temos ferido a respeito do Brasil e da necessidade de reformas estruturais para que haja melhores condições de vida para o nosso povo⁴⁹⁰.

Com a troca na redação, assumindo Boanerges Ribeiro⁴⁹¹, o jornal dos presbiterianos assumiria nitidamente um tom mais assertivo e incontestável acerca de seu apoio aos militares e contrario à pretensa ameaça comunista, conforme se verifica na edição de maio de 1964 em nota que, apesar de já citada, merece destaque pelo que representou:

Pastores, Seminaristas, Presbíteros, crentes, não podem abraçar a ideologia vermelha e permanecer na igreja. Se quiserem ser comunistas que o sejam, mas renunciem a jurisdição da Igreja e não contaminem o rebanho. Uma coisa ou outra. Ou Cristo ou Belial⁴⁹².

⁴⁸⁸ BRASIL PRESBITERIANO, abril de 1964.p.2. IN: DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura...* p.151.

⁴⁸⁹ DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura...* p.151.

⁴⁹⁰ BRASIL PRESBITERIANO, maio de 1964.p.7 IN: DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura...* p.151.

⁴⁹¹ Boanerges Ribeiro (1919 – 2003). Foi presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil entre os anos de 1966 – 1978. Considerado um dos mais respeitados intelectuais do protestantismo brasileiro, autor de várias obras de interpretação do protestantismo nacional, e, também, dos mais conservadores. Conciliou a atividade de Presidente do Supremo Concílio com a de Redator do Jornal Brasil Presbiteriano e, sendo áreas estratégicas na denominação, instrumentalizou-as na direção concorde à ditadura civil-militar.

⁴⁹² BRASIL PRESBITERIANO, maio de 1964.p.7 IN: DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura...* p.150.

Semelhante postura crítica aos comunistas é constatada em outras publicações oficiais entre as denominações protestantes. Veja-se o caso, abaixo, do Jornal O Estandarte, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, onde o autor do artigo, Moysés Campos Aguiar Netto pondera sobre os exageros das preocupações da Igreja Presbiteriana Independente quanto:

Em primeiro lugar ela não deve temer o bolchevismo como se ele representasse a destruição da própria igreja. Jesus disse – e nós cremos nisso – que edificaria a sua Igreja e as portas do inferno não prevaleceriam contra ela. Ele é o Senhor da História [...]. O comunismo revolveu as feridas sociais do nosso mundo, e quando a Igreja assume uma posição cega de rejeição de tudo quanto tenha qualquer semelhança com ideias apregoadas pelos soviéticos, ela corre o risco de não enxergar essa mazelas e de trair, por esse motivo, a sua missão profética. Quantos lídimos cristãos [...] são ou foram tachados de comunistas por se preocuparem com problemas sociais!⁴⁹³.

O artigo é revelador, pois sendo publicado em março de 1963, evidencia o clima de insegurança e suspeição crescente de setores religiosos quanto ao cenário político brasileiro antes do evento golpista. Adroaldo Almeida, em sua tese de doutorado, destaca o período anterior ao golpe e ao clima apocalíptico que a aversão ao comunismo foi produzindo no Brasil:

As igrejas evangélicas, a despeito das contribuições advindas da Conferência do Nordeste, em 1962, oficialmente insistiram no combate ao comunismo ou a qualquer ação ou posicionamento que parecesse simpático ao comunismo. Os artigos e matérias, publicados no jornal oficial da IPI, entre 1963 e 1964, foram bastante refratários e intolerantes ao comunismo, com textos que se caracterizaram ora pela ironia ora pelo tom apocalíptico⁴⁹⁴.

Adroaldo Almeida exemplifica sua afirmação destacando artigo de Laudelino de Abreu Alvarenga:

Já temos ouvido, até nos nossos púlpitos, os velhos chavões repetidos há muito tempo nos palanques de comício de agitadores. Precisamos, porventura, usar a linguagem tola e comprometida dos chamados esquerdistas para combater as injustiças? [...] O que não podemos permitir é que nas Igrejas, em suas publicações, e, especialmente, em

⁴⁹³ NETTO, Moysés Campos de Aguiar. Reflexões sobre o problema comunista. *O Estandarte*, Ano 71, n.º s 4 e 5, São Paulo, 28 de Fev. e 15 de Março de 1963, p. 3. IN: ALMEIDA, Adroaldo José Silva. “Pelo Senhor, marchamos”... p.42.

⁴⁹⁴ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. “Pelo Senhor, marchamos”... p.43.

nossos púlpitos continue a ser usada a linguagem que não é nossa. Não somos revolucionários. Somos reformadores. [...] Se assumirmos posições comprometedoras, como igreja, estaremos, com inocência, servindo a interesses que não os do Reino de Deus. Não devemos olvidar que a verdadeira justiça a teremos na terra, quando Cristo aqui reinar⁴⁹⁵.

Esse receio quanto ao comunismo na verdade não foi considerado apenas nas turbulentas décadas da metade do século XX e, tampouco, um fenômeno brasileiro. Antes mesmo, ainda na Europa do século XIX, o medo, as dúvidas e as perguntas dirigidas aos comunistas que se organizavam em associações e partidos em países como França, Bélgica e Inglaterra, deram origem ao Manifesto do Partido Comunista, da lavra de Karl Marx e Friedrich Engels, publicado em 1848 e onde registraram:

Um fantasma ronda a Europa – o fantasma do comunismo. Todas as potências da Velha Europa uniram-se em uma Santa Aliança contra esse fantasma o Papa e o Czar, Metternich e Guizot, os radicais franceses e os policiais alemães.

Onde está o partido de oposição que não foi acusado de comunista pelos seus opositores no governo? Onde está o partido de oposição que não tivesse devolvido a estigmatizada acusação de comunista tanto contra seus opositores mais progressistas como contra seus adversários reacionários?

Duas coisas resultam desse fato.

O comunismo já é reconhecido como uma força por todas as potências europeias.

Já é hora de os comunistas apresentarem abertamente suas opiniões, seus objetivos, suas tendências perante todo o mundo, opondo a lenda do fantasma do comunismo um manifesto do próprio partido.

Com esse objetivo reuniram-se em Londres comunistas de diferentes nacionalidades e esboçaram o seguinte manifesto que será publicado em inglês, francês, alemão, italiano, flamengo e dinamarquês⁴⁹⁶.

Como pode - se aferir, as reações aos comunistas não eram regionais, individualizadas e momentâneas. Ao contrário, era internacional, institucionalizada e secular.

⁴⁹⁵ ALVARENGA, Laudelino de Abreu. *O Imperialismo matou Jesus*. O Estandarte, Ano 71, n.º 15, São Paulo, 15 de agosto de 1963, p. 6. IN: ALMEIDA, Adroaldo José Silva. “*Pelo Senhor, marchamos*”... p.45.

⁴⁹⁶ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Martin Claret, 2014.p.105.

Os congregacionais no Brasil apontavam também para uma perspectiva negativa acerca dos comunistas. Em artigo, por exemplo, publicado em *O Cristão*, em dezembro de 1968, mesmo mês do AI – 5, um artigo, intitulado de “O Futuro da Rússia” (ANEXO XXIV) de autoria do ministro escocês radicado no Brasil, Oliver Martin Thompson⁴⁹⁷, previa o colapso da União Soviética e dos riscos que a nação representava⁴⁹⁸.

Em entrevista concedida, Daniel Gonçalves Lima, ministro congregacional, jubilado da Igreja Congregacional em Venda das Pedras, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e que presidiu a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil no início da década de 1970 por seis anos, três mandatos consecutivos, justamente, no período mais rígido do regime militar, recordou como analisou o movimento de 31 de março de 1964. A resposta, mais uma vez, expressa uma compreensão própria dos protestantes à época sobre a ameaça que sentiam advir dos comunistas, incluindo o confisco de propriedades eclesiásticas, transformando-as em núcleos de ensino:

A denominação não era muito chegada às questões políticas. A Igreja Presbiteriana entrou de corpo e alma [...] E a gente, digo a agente, pois estou nesse meio também, tomava uma posição mais, vamos dizer mais de apoio, entre aspas, à Revolução porque a gente recebeu uma formação e nessa formação a gente aprendeu que se não tivesse a Revolução o comunismo iria tomar conta do Brasil e um comunismo ateu e o slogan era: “eles vão transformar sua igreja em escola”. Era isso que era pregado. Eu era pastor, mas um pastor de vinte e sete anos, recebendo essa formação⁴⁹⁹.

O receio dos comunistas por parte de congregacionais é confirmado por outros atores, engajados no congregacionalismo brasileiro, tais como Hélio Rodrigues Martins⁵⁰⁰, Delmo Lemos⁵⁰¹, Manoel Bernardino de Santana Filho⁵⁰². Hélio Rodrigues

⁴⁹⁷ Oliver Martin Thompson (1906 – 1979). Ministro protestante escocês e missionário da União Evangélica Sul Americana (UESA) no Brasil entre os anos de 1931 e 1969.

⁴⁹⁸ JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1968.p.79.

⁴⁹⁹ LIMA, Daniel Gonçalves. *Entrevista a Idauro Campos*. Rio de Janeiro, 04 set. 2017.

⁵⁰⁰ Ministro Congregacional. Exerce o pastorado na Igreja Congregacional do Encantado, a segunda igreja congregacional estabelecida no Rio de Janeiro e a quinta no território nacional. Hélio Rodrigues Martins é descendente dos fundadores do congregacionalismo no Brasil. Na década de 1970 trabalhou como repórter fotográfico no programa “Amaral Neto, O Repórter”, fazendo coberturas acerca das obras de infraestrutura e de outras realizações dos militares no Brasil.

⁵⁰¹ Membro da Igreja Congregacional de Niterói (RJ). Professor de biologia da Rede Pública de Ensino em São Gonçalo, cidade da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Seu pai, líder sindical na década de 1960 e presbítero da Igreja Congregacional em Largo do Barradas, foi preso por cinco meses pelo DOP’s, acusado de comunista.

⁵⁰² Ministro Congregacional. É pastor da Igreja Congregacional de Vicente de Carvalho. Mestre e doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica no Rio de Janeiro (PUC – Rio). Foi diretor do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro e autor de diversos artigos sobre o congregacionalismo.

Martins, por exemplo, deixa registrada as suas impressões: “O grande medo que imperou nas lideranças evangélicas foi fechar as portas. Tirar a liberdade religiosa. Esse foi o grande fator”⁵⁰³. Quando perguntado sobre a realidade das vozes que ameaçavam a liberdade religiosa dos evangélicos (no caso de um golpe comunista), a resposta do ministro congregacional prossegue, sendo, contudo, traído pela memória, ao mencionar o exemplo de Angola, que sofreu a intervenção cubana⁵⁰⁴ somente em 1975, onze anos depois, portanto, do início do Regime Militar no Brasil:

Havia. Sem dúvida havia. [...] Você tem também o testemunho da História. Na Checoslováquia, por exemplo, derrubaram os templos evangélicos. Foi assim também na Angola. Através da União Soviética soldados cubanos foram despejados na Angola. Eu hospedei um pastor angolano e duas angolanas na minha casa. E esse pastor angolano me disse: “a sede da minha igreja foi totalmente destruída e eu passei quatro anos em serviços forçados”. Quer dizer... Era esse o medo. Era o testemunho do que a gente via nos países em que os comunistas tomaram. E a gente dizia: “Aqui não”⁵⁰⁵.

Urbano Zilles⁵⁰⁶, em análise intitulada de “Karl Marx: A Aposta do Ateísmo Sociológico”, registrou o que parece ter sido a leitura predominante acerca do comunismo por parte de setores do cristianismo, explicando, em muito, a cautela assumida:

A religião e as igrejas foram objeto do terror do partido e da repressão. Impôs-se a educação atea nas escolas, conservou-se a legislação stalinista contra a religião. O ateísmo é matéria obrigatória nas universidades. A doutrina religiosa é rigorosamente proibida. Seminários foram fechados. Tudo em nome dos direitos humanos e da liberdade⁵⁰⁷.

Manoel Bernardino de Santana Filho, concordando com a análise de Hélio Rodrigues Martins, diz:

O que se instaurou no Brasil, na verdade, era uma luta contra o comunismo. As igrejas protestantes estavam com uma postura contrária a qualquer posição comunista e mesmo socialista. Por quê? Por que isso já vinha dos Estados Unidos. Por exemplo, 1953 e 1954, surge o

⁵⁰³ MARTINS, Hélio Rodrigues. *Entrevista a Idauro Campos*. Rio de Janeiro, 05 jun. 2017.

⁵⁰⁴ Conhecida como “Operação Carlota” (em alusão a escrava africana que liderou uma revolta contra os espanhóis na ilha de Cuba, em 1843), a intervenção cubana na Angola tinha como objetivo auxiliar as forças do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), de orientação marxista-leninista, em prol da independência da colônia portuguesa, em 11 de novembro de 1975.

⁵⁰⁵ MARTINS, Hélio Rodrigues. *Entrevista a Idauro Campos...*

⁵⁰⁶ Doutor em Teologia e professor de Teologia e Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS).

⁵⁰⁷ ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1991.p.132.

macarthismo que era uma ‘caça às bruxas’. Qualquer pessoa nos Estados Unidos, que era um país livre e que sempre foi muito democrático, que falava nessa perspectiva social, ela podia ter a sua liberdade cerceada. Isso durou pouco, mas influenciou muitas igrejas. E quem levou isso avante na perspectiva protestante e espalhou pelo mundo foi Carl McIntire. McIntire andou pelo mundo inteiro, inclusive, no Brasil⁵⁰⁸.

Carl McIntire (1906 – 2002), mencionado na entrevista acima, ministro presbiteriano de matriz teológica fundamentalista, visitou o país em 1956, propondo aos presbiterianos brasileiros a criação de uma nova convenção de igrejas presbiterianas, pois considerava as existentes por demais heterodoxas. Sua proposta foi rejeitada pelas lideranças da Igreja Presbiteriana do Brasil. Destacou-se no cenário protestante americano por sua militância anticomunista (ANEXO XXV).

A desconfiança com os comunistas levou congregacionais que por decorrência de suas atividades profissionais, eram engajados com questões trabalhistas, a sofrerem perseguição e prisões por parte dos militares, mesmo sem qualquer relação com as teorias marxistas ou mesmo partidos socialistas. Sendo o caso, por exemplo, de Djalma Lemos, líder sindical e que organizou greves na década de 1960, participando também de outras manifestações no Rio em prol de melhores condições de vida, sem operar com qualquer partido ou ator de esquerda, mas que, mesmo assim, foi preso e levado para o DOPS, onde ficou por cinco meses, sob a acusação de ser comunista. O depoimento é de seu filho, Delmo Lemos:

Papai era um homem justo. Papai não podia ver em ninguém em situação difícil. Incomodava a ele. Então, ele era solidário. No setor de trabalho, ele tinha muita preocupação com os colegas que trabalhavam com máquinas pesadas [...] E se não tivesse trabalhando com os equipamentos adequados, ele não aceitava. Ele partia para a presidência da Costeira e falava: ‘ se não der condições do companheiro trabalhar, nós vamos parar’. E parava mesmo. E aí começou dentro da Costeira como delegado. E na hora do almoço fazia reuniões. Reunia o pessoal. Até que chegou vice – presidência dos operários navais. Começou a trajetória dele. De sindicalista. [...] E aí ele ficou marcado. Marcado como um cara que tinha ideias contrárias. O patrão não queria que ninguém se envolvesse com o trabalho interno de determinada empresa. [...] Eles não brigavam só por aumento. Brigavam por condições de trabalho. Não era só dinheiro. É o ser humano! Quando faltava arroz e o feijão, eles faziam movimento e iam para o Rio. Várias passeatas. Ele pedia ao presidente da Costeira que invertesse a posição: botava o Biguá para ir para o Rio. E a Jaçanã para ir para o Barreto. Por que o Biguá era maior e podia levar mais operários para a passeata no Rio.

⁵⁰⁸ SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. *Entrevista a Idauro Campos*. Rio de Janeiro, 06 set. 2017.

Logo que estourou a Revolução, eles estavam ferozes. Papai se refugiou em sítio. Era roça mesmo. [...] Vieram procurar ele. Ficou um mês e se apresentou na polícia.

Meu pai era sindicalista. Sindicalista nato. Meu pai não era comunista. Comunista pelo que sei não crer em Deus. É ateu. Meu pai não foi ateu⁵⁰⁹.

As palavras finais de Delmo revelam como que ainda hoje o comunismo está associado, pelos evangélicos, ao ateísmo. Característica que parece ter sido determinante no aceno favorável dos protestantes na direção dos militares.

A ditadura militar no Brasil, portanto, para tais grupos, representou a salvaguarda quanto à ameaça comunista, considerada, à época, mais do que real.

Teoria Política Protestante: A Teoria dos Dois Reinos; Respeito às autoridades e a relação com o liberalismo.

Os congregacionais reagiram ao golpe civil-militar da mesma forma que outros grupos protestantes. Silêncio, reconhecimento e apoio fizeram parte da postura dos congregacionais diante dos fatos políticos que tomaram o país a partir de 1964. Quando considera-se as chaves que explicam tais reações por parte de igrejas protestantes, além do fundamentalismo e do receio do comunismo, também agiu com forte influência a Teoria Política que norteia conceitualmente parte considerável dos protestantes no Brasil.

No centro da Teoria Política estão três conceitos (a saber: a Teoria dos Dois Reinos, o Respeito às autoridades e a relação com o liberalismo) que precisam ser entendidos quando se analisa os movimentos feitos pelos atores do protestantismo brasileiro. O primeiro deles é a Teoria dos Dois Reinos. Uma das mais importantes contribuições de Martinho Lutero ao protestantismo. Nesta teoria a humanidade estaria dividida em duas categorias: O Reino de Deus e o Reino do Mundo. O primeiro teria relação direta com os cristãos que, alcançados pelo Evangelho, viveriam, pois, submetidos aos valores religiosos e administrariam suas vidas de acordo com os mesmos. Para tais, não seria necessário o emprego da força e do Estado, porquanto esta estrutura de poder somente existe e é funcional em face do outro reino, o Reino do Mundo, composto por homens que por se recusarem a viver conforme o Evangelho, são maus e ameaçam a convivência pacífica entre os semelhantes. Desta forma, então, Deus

⁵⁰⁹ LEMOS, Delmo Moraes. *Entrevista a Idauro Campos*. Rio de Janeiro, 08 jul. 2017.

instituiu os poderes civis como ordenanças para a manutenção da paz, da ordem e da justiça entre os homens. Escrevendo ao príncipe João, duque da Saxônia, em 01 de janeiro de 1523, Martinho Lutero explica a Teoria dos Dois Reinos:

Deus ordenou os dois governos: o espiritual que por meio do Espírito Santo e debaixo de Cristo gera cristãos e pessoas justas, e o secular que refreia os não cristãos e perversos de modo que precisem manter a paz e a tranquilidade exteriormente contra a sua vontade⁵¹⁰.

Com essa teoria, Lutero pavimentou a compreensão de que as estruturas seculares de poder e autoridade eram constituídas por Deus e que, portanto, eram revestidas de legitimidade, devendo ser, conseqüentemente, reconhecidas, temidas e obedecidas. Em ambos os Reinos, existiam, suas manifestações históricas. No Reino de Deus era a Igreja, regida pela graça e pelo amor. No Reino Secular, era o Estado, regido pela força e poder da espada. Desta forma, as duas manifestações, eram importantes e necessárias, porquanto cada uma agia em esfera peculiar, com contribuições específicas. Devendo ambas estar em exercício simultâneo, “um para gerar pessoas justas, o outro para trazer paz externa e para prevenir ações perversas”⁵¹¹. “Nenhum deles é suficiente no mundo sem o outro”⁵¹², escreveu Martinho Lutero.

A Teoria dos Dois Reinos legitimou, de acordo com a Teologia Reformada, a existência do Estado como força necessária para a organização social e manutenção da lei, justiça e ordem. E justamente por ser uma ordenança divina para o bem social, conforme foi formulado por Lutero, pelo próprio luteranismo posterior e, em seguida, pelo protestantismo, é que não deveria se empreender luta contra os governos. Ao contrário: os mesmos deveriam ser respeitados. Lucien Febvre, em sua pesquisa sobre o monge alemão ressalta, em suas conclusões, as ideias políticas de Lutero e a legitimação das estruturas de poder:

Os príncipes estão aí, e o Estado é o mantenedor do novo curso [...] O Estado é uma instituição divina: é isso que importa. Inúmeras vezes em uma profusão de textos, em 1529, 150, e 1533, Lutero desenvolve esse tema: foi ele, apenas ele, o primeiro a legitimar realmente, a basear plenamente em Deus o poder absoluto dos príncipes⁵¹³.

⁵¹⁰ LUTERO, Martinho. *Clássicos da Reforma*. Uma Coletânea de Escritos. São Paulo: Edições Vida Nova, 2017.p.213.

⁵¹¹ LUTERO, Martinho. *Clássicos da Reforma...* p.214.

⁵¹² LUTERO, Martinho. *Clássicos da Reforma...* p.214.

⁵¹³ FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero...* p.290.

Consequência dessa compreensão, do Estado como divinamente ordenado, é a lógica da submissão às autoridades. Sendo, pois, então, “ministros de Deus”, conforme concebia Lutero, a obediência às estruturas de poder social e político é a via legítima por onde se deve andar.

O respeito luterano às autoridades constituídas está baseado em uma leitura e interpretação da Carta do apóstolo Paulo aos Romanos (13.1): “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas”. E também: “De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação” (v.2).

A primeira carta do apóstolo Pedro (2.13,14) também foi citada por Lutero⁵¹⁴, como referência à sua teoria da submissão às autoridades:

Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem.

O calvinismo, segunda tradição teológica da Reforma Protestante, também considerava as autoridades com as mesmas categorias. Ou seja, o Estado era uma ordenança, cuja origem encontra-se em Deus para o estabelecimento da paz e da ordem pública.

Em uma obra⁵¹⁵ publicada originalmente em 1961 pela Universidade de Genebra e, no Brasil, em 1990, com uma nova edição em 2012, André Biéler, apresenta, baseado no pensamento de João Calvino o fundamento teológico reformado da instituição do Estado.

O que de mais essencial há na doutrina política de Calvino é a revalorização do ensino bíblico segundo o qual é o Estado uma instituição criada e sancionada por Deus. A partir desta afirmação de base é que se deve compreender tudo que concerne à ordem política. Eis porque a função do magistrado se define, a uma, tanto em relação a Deus, quanto em relação à igreja e à sociedade⁵¹⁶.

⁵¹⁴ LUTERO, Martinho. *Clássicos da Reforma*. Uma Coletânea de Escritos. São Paulo: Edições Vida Nova, 2017.p.213.

⁵¹⁵ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012.

⁵¹⁶ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico...* p.352.

André Bièler, destaca as palavras do reformador quanto aos deveres dos magistrados:

Impõem-se aos príncipes e magistrados pensar que servem eles em seu ofício e de nada fazerem indigno de ministros e lugar-tenentes de Deus. Ora, quase toda a solícitude lhes deve estar nisto, que conservem em verdadeira pureza a forma pública da religião, que regulem a vida do povo por meio de excelentes leis e que busquem o bem e a tranquilidade dos seus governados, tanto em público quanto em particular. Isto não se pode obter senão... com ter-se em salvaguarda os inocentes e sustê-los, preservá-los e livrá-los... com resistir-se ao ímpeto dos maus, conter a violência e punir as impiedades⁵¹⁷.

Biéler destaca um texto de João Calvino onde o reformador de Genebra realça suas convicções em relação a origem e função do Estado:

E vós, reis, príncipes e senhores cristãos, que por Deus fostes comissionados para punir os iníquos e manter em paz os bons segundo a Palavra de Deus, incumbe-vos de fazer, publicar, ensinar e ouvir, por todos os vossos países, regiões e senhorios, esta santa doutrina tão útil e necessária, a fim de que Deus seja por vós magnificado em seu evangelho exaltado, como de bom direito incumbe que todos os reis e reinos, em toda a humildade, obedeçam e sirvam à sua glória. Que tendes em lembrança que o soberano império, acima de todos os reinos, principados e senhorios, foi dado pelo Pai ao Senhor Jesus, a fim de que seja ele temido, acatado, honrado e obedecido por toda a parte, seja por grandes, seja por pequenos [...] É a maior honra que vos seja permitido desejar ser reconhecidos e tidos por oficiais e lugar-tenentes de Deus⁵¹⁸.

Como para João Calvino o Estado teria uma origem divina, sua missão não seria apenas repressiva, contendo a violência, mas também positiva e construtiva. Biéler salientou que, para João Calvino, “O Estado não é, pois, um mal necessário, mas um instrumento da providência divina”⁵¹⁹. Concorda, portanto, Calvino com Lutero, acerca da “razão porque devemos estar sujeitos aos magistrados”⁵²⁰, ou seja, “são eles instituídos por Deus”⁵²¹.

Importante identificar na Teoria Política Reformada que a submissão às autoridades não é sem limites. Martinho Lutero, por exemplo, declarou que quando a

⁵¹⁷ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico...* p.352.

⁵¹⁸ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico...* p.352.

⁵¹⁹ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico...* p.353.

⁵²⁰ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico...* p.353.

⁵²¹ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico...* p.353.

autoridade secular possui “um alcance amplo demais os resultados são terríveis e insuportáveis”⁵²² e estabelece a Palavra de Deus como o limite da autoridade secular.

Para João Calvino os limites são Deus e o povo: “Não é para si próprios que eles dominam”, mas “para o bem e o proveito do público”⁵²³. João Calvino avança, afirmando que os magistrados não receberam “um poder desmedido, ao contrário, um poder que está restrito aos benefícios dos governados”⁵²⁴, destacando que “estão obrigados não somente para com Deus, mas também para com os homens”⁵²⁵ (Deus e o povo, portanto). Acerca das responsabilidades dos governantes para com os governados (povo), diz Calvino, “a estes também devem eles prestar contas”⁵²⁶. “Vê-se que a noção reformada do Estado é essencialmente democrática em seu fundo”⁵²⁷, conclui André Biéler, lembrando antes que, a resistência à injustiça e tirania dos governantes é, na concepção calvinista, não somente um direito, mas também um dever⁵²⁸.

Estas ideias pavimentaram o conceito protestante de submissão aos governos. E o protestantismo brasileiro foi fortemente influenciado pela presença, trabalho e ensino de missionários cujas raízes teológicas estavam fincadas no puritanismo (calvinistas) e no pietismo (luteranos). Mesmo tradições que representariam uma espécie de terceira via (como os metodistas, críticos do calvinismo), possuíam relações com as duas forças teóricas, haja vista que os seus missionários, atuantes no Brasil, partiram dos Estados Unidos da América, onde o puritanismo e o pietismo moldaram a mentalidade, o ethos e a agenda de quase todas as matizes denominacionais e seus respectivos projetos missiológicos. De forma que, o protestantismo brasileiro, em matéria de teoria política, tornar-se-ia inclinado às concepções puritanas e pietistas: o Estado procede de Deus e deve ser obedecido. É ministro para o bem dos bons cidadãos e para a punição dos transgressores.

Protestantismo e Liberalismo.

⁵²² LUTERO, Martinho. *Clássicos da Reforma...* p.227.

⁵²³ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico...* p.354.

⁵²⁴ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico...* p.354.

⁵²⁵ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico...* p.354.

⁵²⁶ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico...* p.354.

⁵²⁷ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico...* p.354.

⁵²⁸ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico...* p.362.

Há, contudo, outro elemento que deve ser compreendido no fluxo de ideias que aproximariam o protestantismo dos militares responsáveis pelo golpe no Brasil em 1964: a relação do liberalismo e o protestantismo.

A ideologia liberal pode ser encontrada em suas primeiras manifestações nas “cidades pós-medievais da Europa”⁵²⁹, onde “expandiu-se uma nova civilização e um novo tipo de pessoas: individualistas, racionais e eficientes”⁵³⁰, marcando assim uma “transição do feudalismo para o capitalismo”⁵³¹. Fruto de uma lógica econômica que considerou o acesso pessoal à riqueza e a ascensão política como formas de superação do cerceamento moral, religioso, político e econômico que caracterizou a Idade Média. Corolários da ideologia liberal, tais como, independência, liberdade individual, autonomia, propriedade privada, êxito e progresso, encontram na Reforma Protestante, o correspondente religioso e legitimador. Acerca desta conexão, protestantismo – liberalismo, Jether Ramalho, conclui:

Sem dúvida, a Reforma Protestante constituiu um fator de reforço ao desenvolvimento da ideologia liberal. O espírito capitalista encontra no puritanismo protestante, uma força de apoio que o ajuda na sua luta ideológica contra os poderes feudais. A emancipação do indivíduo é um produto secundário da Reforma, que se caracteriza por extremo autoritarismo revelado mais na atuação de Calvino do que de Lutero. A Reforma – sendo também expressão do desmoronamento das ordens econômicas medievais – é um apoio indireto à doutrina liberal formulada no século ulterior⁵³².

Sendo, portanto, uma das correntes intelectuais que começaram a circular nos anos do período pós-medieval, o liberalismo estará ancorado em ênfases como a “evolução da doutrina política”, isto é, o Estado “como entidade auto-suficiente”; em uma nova teologia (Reformada) que contestou dogmas tradicionais e permitiu a liberdade religiosa e uma nova forma de pertença cristã (protestante); e em uma cosmovisão, onde a ciência, por exemplo, ganharia protagonismo. As consequências práticas destas novas ênfases seriam o surgimento do Estado nacional (responsabilizando-se pela organização social), uma teologia que colidirá com as estruturas eclesiásticas consolidadas e que exigirá novos imperativos (razão e fé sobre a

⁵²⁹ RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa e Sociedade: Um estudo da Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editoras, 1976.p.30.

⁵³⁰ RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa...* p.30.

⁵³¹ RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa...* p.30.

⁵³² RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa...* p.32.

Tradição, por exemplo) e novas relações sociais (burguesia) e econômicas (mercantilismo).

No que tange ao interesse específico de nossa pesquisa, a convergência teórica entre o protestantismo e liberalismo ocorre no individualismo, na liberdade, na democracia, no trabalho e no progresso. No individualismo há, pelo lado do protestantismo, a ênfase na justificação pela fé, na experiência religiosa individual (sem a medição das instituições eclesiásticas), na responsabilidade per si perante Deus. Na liberdade, por sua vez, há o uso da razão, do livre acesso à Deus e à leitura e exame das Escrituras Sagradas. Na democracia a relação foi de afirmação da mesma nas igrejas do Novo Testamento, onde, a escolha, por exemplo, de seus oficiais eclesiásticos não era imposta, mas de livre decisão dos congregados. Trabalho é a expressão do Mandato Cultural, conceito caro ao protestantismo que afirma as muitas vocações como forma de serviço aos homens para o progresso, benefício e desenvolvimento da sociedade, mas, também, e, principalmente, para a glória de Deus. Ao fazê-lo a sociedade tornar-se-ia melhor. Progrediria, portanto. Tais ênfases protestantes encontram-se também no liberalismo.

As ênfases mencionadas acima entraram com força em solo americano por meio do pietismo que modelou a religiosidade dos atores do protestantismo dos Estados Unidos, a partir do século XVII que é “o século das primeiras manifestações mais coerentes e definidas do pensamento liberal”⁵³³.

O triunfo do liberalismo ocorre no século XIX. Deixando de ser “ideologia burguesa revolucionária” e integrando um quadro referencial maior, isto é, “de ideologia dominante”, influenciando instituições jurídicas, educacionais e religiosas (cristã e protestante, especialmente). É, justamente, por meio das instituições religiosas, igrejas, e, especialmente, agências missionárias, que o liberalismo, fortemente associado com postulados protestantes, foram comunicados através do trabalho dos missionários em muitos países, inclusive, o Brasil.

Não é, por demais, difícil de entender a relação: quando o receio do avanço do comunismo começou a gerar tensões e repercussões no país, no início da década de 1960, com os rumores de que a liberdade (especialmente a religiosa), a propriedade privada, a livre iniciativa e o individualismo estariam ameaçados por uma ideologia que apregoava o ateísmo, o confisco das propriedades privadas (inclusive dos templos

⁵³³ Sobretudo Inglaterra e França. Cf. RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa...* p.33.

religiosos), o coletivismo e o autoritarismo, o pretexto ideológico para que o protestantismo se alinhasse com as Forças Armadas - vistas como paladinas e guardiãs da democracia liberal - foi empregado.

No Brasil de 1964, os militares foram vistos pelos protestantes como resposta de Deus às orações de um povo que temia o caos anunciado com o avanço do comunismo ateu. Era óbvio, portanto, o apoio. Além disso, a Teoria dos Dois Reinos, que legitima a estrutura de poder, reconhecendo-a como um “braço de Deus” na manutenção da vida humana, ofereceu aos protestantes o argumento da adesão aos movimentos políticos que assumiam o poder governamental. Estes eram instituídos por Deus. Jamais, então, devendo ser combatidos ou criticados. Desde que se mantivessem justos e não fossem governos considerados iníquos⁵³⁴. Os protestantes não viam os militares como golpistas. Mas, como guardiões da democracia contra o comunismo. Foram, pois, considerados legítimos.

Quais as consequências para o país que viu denominações cristãs protestantes não exercendo qualquer pressão ou fazendo quaisquer críticas ao governo militar? À pergunta acima podem ser somadas outras, que ampliam o debate sobre as relações sobre religião e sociedade: qual o papel da religião diante das autoridades políticas de uma nação? Há alguma influência, reação concreta ou mobilização (além da chamada à consciência individual), que um grupo religioso consiga exercer em tempos tão secularizados como os vividos nos países ocidentais? A radicalização do discurso que inflama o conceito de laicização do Estado não contribuiria indiretamente para a formação de uma geração de agentes religiosos pouco interessados nos temas que estão para além das fronteiras religiosas?

⁵³⁴ LUTERO, Martinho. *Clássicos da Reforma...* p.208.

Capítulo III – O Apoio Protestante e a Legitimação da Ditadura Civil-Militar.

Nesta etapa da pesquisa, ampliaremos o foco de observação. Sendo o protestantismo, na década de 1960, a segunda maior expressão em termos de representatividade do cristianismo no Brasil, podendo, portanto, ser considerado força social legitimadora, serão apresentados exemplos de outras denominações que apontam para o apoio religioso oferecido aos protagonistas do golpe civil-militar. Tal movimento justifica-se no fato de que os congregacionais reuniam pouco mais de onze mil membros, nos idos de 1964, enquanto o protestantismo, considerando os pentecostais, reunia milhões de fiéis, com templos estabelecidos em todo o território nacional e toda uma organização (escolas, colégios, faculdades, seminários, editoras, hospitais, creches, centros de assistência social, emissoras de rádio, informes impressos) que conferia densidade e visibilidade social. Apesar de sua estrutura, pouco enfoque fora dado ao papel legitimador do protestantismo quando se discute o golpe civil-militar de 1964. Expor esse papel será a tarefa deste capítulo.

As influências iluministas⁵³⁵, positivistas⁵³⁶ e marxistas⁵³⁷ na academia brasileira (agnóstica e anticlerical, por volta das primeiras décadas do século XX) geraram um distanciamento por parte de estudiosos e pesquisadores sobre as influências da religião na sociedade. Influências que, quando reconhecidas, tendiam a ser vistas com suspeição, em face da abordagem crítica ausente quando partia da lavra de intelectuais

⁵³⁵ No escopo do iluminismo estava a concepção de que o homem por meio da instrumentalização da filosofia, da ciência e da educação superaria os obstáculos das trevas da ignorância e superstição (Cf. FERNANDES, Danilo. *Introdução à História da Filosofia: Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. p.207), conduzindo-o, inevitavelmente, ao desenvolvimento e ao progresso. A religião, portanto, enquanto expressão da superstição, conforme asseveravam correntes iluministas, deveria ser superada.

⁵³⁶ Hostil à religião e à metafísica, o positivismo pretendia uma forma de conhecimento exclusivamente empírica, onde as proposições baseadas apenas nos sentidos, na percepção, na cultura ou na Tradição, deveriam ser desconsideradas em favor daquelas resultantes de processos e práticas experimentais (“Ciência Experimental”). Cf. FERNANDES, Danilo. *Introdução à História...* p.181,182; CHAMPLIM, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Filosofia e Teologia*. v.5. São Paulo: Hagnos, 2011.p.336.

⁵³⁷ O marxismo considera a religião como expressão alienante da realidade e como resultado dos processos históricos, relacionada à luta de classes. Sua função, portanto, seria a de minar a capacidade revolucionária do homem, convencendo-o ao contentamento com este mundo em face de compensações no porvir. Para Karl Marx o ateísmo era tão necessário e evidente que sequer formulou teses exaustivas sobre religião, embora que, com sua inteligência “conseguiu que o ateísmo se tornasse o fundamento e a ideologia para o socialismo até nossos dias” (Cf. ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1991.p.123.), sendo seus escritos, abordando o tema, espaçados e pontuais. Esta indiferença para com a relevância social da religião configurou, em grande medida, a prática acadêmica marxista no Brasil.

orgânicos⁵³⁸. Talvez, por isso, pouca atenção tenha sido dada ao papel da religião no Brasil, quando se colocam em perspectiva os fatores que permitiram a aplicação do golpe-civil militar no Brasil e mesmo as duas décadas de duração do regime de exceção que dali adveio.

Recentemente, com a instauração da Comissão Nacional da Verdade e a publicidade de documentos, antes sigilosos, houve um despertar por parte de acadêmicos desejosos pela compreensão do papel da religião cristã durante o Regime de Exceção e quais as consequências de tal participação.

A presente pesquisa pauta este capítulo na hipótese de que o apoio do cristianismo institucionalizado e representando, principalmente, pela Igreja Católica Apostólica Romana em um primeiro momento, e pelo Protestantismo, majoritariamente, durante todo o período enquanto durou a ditadura civil-militar, foi importante para o estabelecimento e consolidação do Regime, sendo, neste caso, componente auxiliar de legitimidade para a consolidação do golpe no Brasil. Obviamente, outras forças da sociedade, como partidos e atores políticos, imprensa, empresários e, principalmente, as Forças Armadas foram eixos do processo.

Sendo também fato reconhecido que, quando a Igreja Católica Apostólica Romana assumiu, ainda que de forma tensa⁵³⁹, a dianteira como uma das principais vozes de oposição ao arbítrio, através de seus bispos, padres e intelectuais progressistas, condenando as práticas de torturas e demais crimes contra os Direitos Humanos, os abalos à ditadura foram inevitáveis, compondo o quadro favorável ao seu esgotamento no Brasil.

A hipótese em questão considera o problema da “capacidade de transformação da Religião”⁵⁴⁰, isto é, “até que ponto crenças, valores e convicções religiosas afetam o comportamento do indivíduo em sociedade e produzem mudanças?”⁵⁴¹.

⁵³⁸ Boanerges Ribeiro (presbiteriano), Antônio Gouvêa Mendonça (presbiteriano), Robinson Cavalcanti (anglicano), Valdo Cesar (presbiteriano), Jether Ramalho (congregacional), são exemplos de protestantes que foram/são intelectuais orgânicos, isto é, permaneceram por todo período de suas carreiras como acadêmicos vinculados, e/ou identificados, com suas tradições (ou classes) de origem. Portanto, os nomes alistados, além de tantos outros intelectuais protestantes, correspondem à categoria *gramsciana*.

⁵³⁹ GOMES, Paulo Cesar. *Os Bispos Católicos e a Ditadura Militar Brasileira: A visão da Espionagem*. Rio de Janeiro: Record, 2014. Na obra o autor destaca a relação tensa (de apoio e crítica) que a Igreja Católica manteve com o Regime Militar e pontua como evidência desta tensão a criação da “Comissão Bipartite”: “Um fórum secreto a qual representantes da Igreja e do Estado passaram a recorrer para discutir e resolver suas divergências” (Cf.p.55). A análise, ancorada nas pesquisas de Kenneth Serbin (Cf. SERBIN, Kenneth. *Diálogos na Sombra: Bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001), concorda com a revisão da tese de um rompimento completo e total entre ambas as instituições na década de 1970 (quando a crítica católica ao Regime intensificou).

⁵⁴⁰ CANCIAN, Renato. *Igreja Católica e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo: Claridade, 2011.p.7.

Para responder essas questões e entender como o discurso religioso (ou o seu silêncio) assim como a práxis religiosa, influenciam movimentos políticos, democráticos ou autoritários, serão apresentadas ações de aproximação do Estado com setores do cristianismo na história do Brasil. Alguns breves exemplos ocorridos em outras nações no século XX, tais como a Itália, Alemanha e África do Sul, onde a aproximação das forças do Estado com o catolicismo e o protestantismo garantiu a legitimação de regimes autoritários, também serão apresentados.

Na década de 1960, o protestantismo reunia igrejas étnicas, missionais e pentecostais, sendo a segunda maior expressão do cristianismo no Brasil. Por esta razão, Serão comparados, conforme explicado na introdução, “os processos de aproximação com outras tradições do protestantismo (como os batistas, por exemplo) que evidenciam o apoio protestante ao golpe civil-militar. O movimento se justifica no fato de que o protestantismo na década de 1960 possuía considerável visibilidade, tendo milhões de fieis reunidos em diversos templos de diferentes tradições do protestantismo. Os congregacionais, com seus pouco mais de onze mil membros, era um dos componentes do cenário do protestantismo brasileiro”.

3.1 O Apoio Religioso: Igreja Católica Apostólica Romana.

Atendendo à geral e ansiosa expectativa do Povo Brasileiro que via a marcha acelerada do comunismo para conquista do poder, as Forças Armadas acudiram em tempo e evitaram que se consumasse a implantação do regime bolchevista em nossa terra (...) agradecemos aos militares que, com grande risco de suas vidas, se levantaram em nome dos supremos interesses da Nação, e gratos somos a quantos concorreram para libertarem do abismo iminente⁵⁴².

Com o texto acima a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)⁵⁴³, organização fundada em 1952, e liderada até 1964, por Dom Hélder Câmara, promove o seu aceno favorável (ANEXO XXVI) ao golpe civil-militar, considerando a ação um livramento contra marcha comunista que, conforme se acreditava, estava em curso no Brasil por parte das forças políticas de Esquerda.

⁵⁴¹ CANCIAN, Renato. *Igreja Católica...* p.7.

⁵⁴² Trecho da declaração oficial emitida pela Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil entre os dias 17 e 19 de maio de 1964.

⁵⁴³ Criada para ser interlocutora da igreja nacional com o Vaticano, além do incentivo a projetos pastorais e gozar de alguma autonomia, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, sinalizou a compreensão que a Igreja tinha do processo político no Brasil, embora não pudesse emitir opinião em nome de toda a hierarquia católica brasileira.

O apoio da Igreja Católica Apostólica Romana ao golpe civil-militar não fora sem reversas e preocupações. Após a emissão da declaração oficial de maio de 1964, um novo documento fora publicado no mês de junho, onde a defesa do governo militar é mantida, mas com críticas a algumas ações repressivas já ocorridas:

Reconhecendo as inevitáveis dificuldades do momento e as melhores intenções do Governo, mas não pode concordar com a atitude de certos elementos que tem promovido mesquinhas hostilidades à Igreja, na pessoa de Bispos, sacerdotes, militantes leigos e fieis (...) ou organizações como Ação Católica e o MEB (...) Não nos curvamos, porém, às injunções das políticas partidárias, nem às pressões de grupos de qualquer natureza que pretendam, por acaso, silenciar a nossa voz em favor do pobre e das vítimas da perseguição e da injustiça⁵⁴⁴.

Importante ressaltar que tensões internas entre clérigos progressistas e conservadores foram marcantes na Igreja Católica no Brasil, mesmo antes do golpe de 1964. Ainda nos tempos do governo de João Goulart, parte do clero católico concordou com o Presidente, pois suas reformas de base estavam de acordo com os anseios sociais dos setores progressistas da Igreja. Entretanto, isso não foi suficiente para que muitos bispos, padres e intelectuais, tomados desta preocupação, apoiassem - no, mesmo cientes de que o seu mandato estava em vias de queda. Entretanto, é importante também registrar, como evidência da tensão acima mencionada, que se mantiveram em defesa do mandato do presidente João Goulart outros tantos clérigos, leigos, intelectuais e movimentos sociais confessionais. Exemplo desta tensão pode-se aferir nas manifestações conservadoras com apoio de católicos, como foi o caso da “Marcha da Família com Deus Pela Liberdade”⁵⁴⁵, que não recebeu adesão substantiva dos bispos mais importantes e expressivos da hierarquia católica nacional⁵⁴⁶.

A legitimação de projetos golpistas no Brasil contando com apoio religioso católico não foi uma exclusividade ou excrescência nos anos que marcaram a década de 1960. Na Era Vargas, por exemplo, a hierarquia católica brasileira, inspirada no modelo

⁵⁴⁴ CANCIAN, Renato. *Igreja Católica...* p.42.

⁵⁴⁵ A primeira versão da Marcha foi organizada em São Paulo no dia 19 de março de 1964, pela freira Ana de Lourdes (Cf. <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/03/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-19-de-marco-de-1964>). Sendo uma reação paulistana contra as reformas de base prometidas pelo Presidente da República, João Goulart, no comício realizado na Central do Brasil em 13 de março do mesmo ano, no Rio de Janeiro. Estima-se que em torno 800 mil pessoas participaram da Marcha que contou com apoio financeiro e logístico de setores conservadores da sociedade paulistana.

⁵⁴⁶ CANCIAN, Renato. *Igreja Católica...* p.38.

de neocrisandade⁵⁴⁷, desenvolveu uma estratégica reaproximação com o poder público. Elaborada, aliás, com grande êxito. A questão serviu aos interesses de ambos: políticos e religiosos. Ambas as instituições, Estado e Igreja, tiraram proveito de uma aproximação cujas intenções seriam favorecidas. Mesmo tratando-se de períodos históricos distintos, com conjunturas políticas e eclesiásticas diferentes, o exemplo ajuda-nos a entender esse mecanismo de aproximação entre o Estado e a religião, suas intenções e os desdobramentos práticos. Importante, pois, retornar até o fim do século XIX.

A Igreja no Estado Novo

Com a separação da imbricada relação Igreja e Estado ocorrida a partir de 1889, promovida com a proclamação da República e oficializada com a Constituição promulgada em 1891, a Igreja perdera prestígio político, empenhos, monopólio dos bens de salvação, além de ver o casamento religioso ser equiparado ao civil e a educação tornar-se laica. Todos os credos passaram a gozar dos mesmos direitos que o da Igreja Católica Apostólica Romana.

Agravando a situação estava a própria distribuição organizacional da Igreja, reconhecidamente precária, com apenas treze bispos, doze dioceses e setecentos padres em um país de dimensões continentais e com uma população de mais de dezessete milhões de brasileiros, cuja maioria ocupava áreas rurais e trabalhava em zonas marcadas pela economia agrária.

Diante de um cenário desafiador, a hierarquia católica percebeu a necessidade e importância do restabelecimento de relações mais intensas com o Vaticano. Relações estas que desde o período Imperial (1822 – 1889), não eram boas, haja vista o modelo eclesiástico que se impôs no Brasil em que o Império subordinou à igreja. Desta forma, com o advento da República, a consequente separação da relação Igreja – Estado e a

⁵⁴⁷ Planejado pela Santa Sé, o modelo de neocrisandade foi um projeto de Restauração Católica aplicado em diversos países que enfrentavam processo de laicização em seus Estados. Em seus esforços o modelo de neocrisandade pretendia “o retorno do catolicismo como a religião oficial, a sacralização da política e a politização do clero” (Cf. DE MOURA, Carlos André da Silva. *Representações da neocrisandade no movimento de Restauração Católica no Brasil e em Portugal: 1910-1937*). Disponível em: [www.http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/546/389](http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/546/389)). A retomada do poder político e religioso e a reorientação da sociedade sob os valores católicos, protagonizados por intelectuais, políticos e outros atores, animaram o clero brasileiro na esperança de que valores religiosos sedimentassem novamente a sociedade brasileira. A religião tendo presença, impacto e eficácia na esfera pública. Era a intenção, portanto.

organização religiosa deixando de prerrogativa estatal, tornou-se por demais importante e oportuno uma reorganização estrutural, considerando a ampliação da influência católica, o ânimo vocacional, o alcance magisterial em todo o território e novos códigos na relação com o poder republicano que passariam a ser empreendidos. Os tempos eram novos. E uma nova forma de ser igreja no Brasil tornar-se-ia urgente.

Nos esforços de reorganização estrutural da Igreja Católica no Brasil, a mesma procurou, em primeiro lugar, distanciar-se dos movimentos religiosos de matriz popular e rural, como foram os casos de Canudos⁵⁴⁸, Caldeirão⁵⁴⁹, Contestado⁵⁵⁰ e mesmo o sacerdócio de Padre Cícero⁵⁵¹. Essa postura refletia o alinhamento da liderança católica

⁵⁴⁸ Mesmo antes de alijada do poder estatal, a Igreja Católica vinha adotando uma política eclesiástica cautelosa em relação a determinados movimentos apocalipsistas, de características popular, carismático, restauracionista e milenarista. O líder do movimento religioso – social de Canudos (interior da Bahia) Antônio Vicente Mendes Maciel (1830 – 1897), mais conhecido como “Antônio Conselheiro”, recebeu em um primeiro momento apoio da Igreja Católica em razão de sua fidelidade confessional. Embora fizesse suas críticas institucionais, contudo, “Permanecia fiel ao cristianismo, dentro da Igreja Católica [...] Não aderira a nenhuma seita protestante. Emprega seu tempo, fora das horas da pregação e reza, à construção de igrejas e de cemitérios, usando pedreiro, carpinteiros e demais peregrinos [...] Todos os seguidores de Antônio Conselheiro submetiam-se às principais exigências dos párocos: casavam-se no religioso, batizavam os filhos, iam à missa aos domingos e rezavam mais de uma vez ao dia”. Cf. MONIZ, Edmundo. *Canudos: A Guerra Social*. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1987.p.33. Entretanto, com o crescimento de sua influência sobre os sertanejos, começaram as hostilidades por partes de padres até a proibição oficial da lavra de Dom Luiz Antônio dos Santos, o arcebispo da Bahia, que, em 16 de fevereiro de 1892, emitiu circular condenando o movimento, alertando os sertanejos e proibindo o ajuntamento em torno de Antônio Conselheiro.

⁵⁴⁹ O Caldeirão foi o movimento religioso popular liderado pelo beato José Lourenço Gomes da Silva, entre os anos de 1926 a 1937 na região do Crato, no Ceará. Expressão de messianismo e de inserção social, o movimento ocupou uma grande faixa de terra doada por Padre Cícero, sediando o Sítio do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, também conhecido como o Caldeirão dos Jesuítas (1926), recebendo famílias que fugiam da seca e da miséria. O Caldeirão foi, portanto, lugar de refúgio, habitação, religiosidade popular e também de trabalho, no cultivo da terra. Embora com esforços partindo do beato José Lourenço na procura de boas relações com a Igreja Católica, a instituição considerava o movimento com forte oposição e resistência. Cf. BRAGANÇA, Ubirajara Sampaio. *Movimentos sociais: “remexendo o caldeirão do beato José Lourenço”*: procurando evidências por trás das aparências. Niterói: UNIVERSO – Dissertação de Mestrado em História Social e Política do Brasil, 2017.

⁵⁵⁰ O Contestado ou Guerra do Contestado ocorreu na região entre o Paraná e Santa Catarina nos anos de 1912 a 1916. Tendo os elementos de contestação social por parte da população cabocla contra os poderes públicos (Estadual e Federal - ausentes e omissos quanto aos direitos agrários dos caboclos), de insurreição por não reconhecer a República e também de religiosidade popular, carismática e mística, inspiradas nas figuras monásticas de José Maria de Santos Agostinho (peregrino, rezador de origem italiana), Atanás Marcaf, cognominado “João Maria” (natural da Síria) e outro “João Maria” (na verdade Miguel de Lucena de Boaventura, soldado desertor), que andarilhavam por aquelas terras entre os anos finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

⁵⁵¹ Diante dos muitos relatos de milagres, inclusive, os “eucarísticos”, Cícero Romão Batista (1844 – 1934), o Padre Cícero, cujo sacerdócio foi praticado em Juazeiro do Norte, interior do Ceará, foi questionado pela Cúria Romana, acusado de fanatismo. A combinação de pobreza extrema do sertanejo cearense, seca, ausência do poder e de políticas públicas que melhorassem as condições sociais frágeis da população analfabeta e sofrida, com a austeridade moral rígida do padre, carisma pessoal, misticismo popular e a oferta de atividade laboral (agricultura e artesanato), contribuíram para o despertar do interesse de centenas de milhares de pessoas, de todos os cantos do Nordeste Brasileiro que emigraram para o povoado que logo precisou ser emancipado, sendo o próprio Padre Cícero o seu primeiro prefeito, eleito em 1911. Padre Cícero seria ainda vice- governador do Ceará eleito em 1914 e teria toda uma carreira religiosa marcada por tensões com a Igreja Católica Apostólica Romana.

nacional com Roma, privilegiando, portanto, um catolicismo oficial, assim como a busca por aceitação dos detentores da nova ordem⁵⁵² que celebraria os novos rumos da economia brasileira, onde o modelo agrário de subsistência entraria em colapso em face de uma agenda voltada para o capitalismo externo “e a extensão da agricultura voltada para a exportação”⁵⁵³. Movimentos religiosos, portanto, que contestassem essa nova ordem política, social e econômica seriam ignorados pela Igreja Católica. É neste primeiro momento da República, portanto, que a Igreja Católica marcará, conforme o registro de Oscar Beozzo, “sua distância de todo esse povo despossuído e explorado dentro desta nova ordem liberal”⁵⁵⁴. Portanto, mesmo crítica do liberalismo a Igreja Católica no Brasil precisou reagir aos acontecimentos políticos, procurando, de alguma maneira, alinhar-se. Conforme o próprio Beozzo destaca, a Igreja Católica não rejeitou completamente o liberalismo da República, pois, se por um lado perdeu “praticamente todos os seus direitos e privilégios”⁵⁵⁵, por outro, beneficiou-se, pois a divisa liberal rendeu-lhe “um bem apreciável, a liberdade, depois de 400 anos de submissão ao Estado”⁵⁵⁶. Tal acontecimento possibilitou, além da superação da intervenção estatal, a sua reforma interna⁵⁵⁷. Os esforços assim marcaram a construção de toda uma teia de relacionamentos cujo reconhecimento e legitimidade, por parte da igreja diante das autoridades políticas, foram enfatizados. Foi na direção de uma relação próxima com as autoridades políticas que emergiu a liderança importante e carismática de Dom Sebastião Leme⁵⁵⁸.

A partir da década de 1920, passados vinte e um anos de instauração da República, o projeto (e/ou discurso) de um país moderno, laico e com economia liberal entrava em profunda crise. O momento de reorientação das relações eclesiásticas e estatais no Brasil era propício. No ano de 1916, Dom Sebastião Leme, então arcebispo de Olinda, escreveu aos seus diocesanos a Carta Pastoral, onde, além de narrar os problemas da religiosidade católica nacional, expõe suas causas mais profundas,

⁵⁵² BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização*. In FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. Vol. 2. São Paulo: Difel, 1984. p.276.

⁵⁵³ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.276.

⁵⁵⁴ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.276.

⁵⁵⁵ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.276.

⁵⁵⁶ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.276.

⁵⁵⁷ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.276.

⁵⁵⁸ Sebastião Leme da Silveira Cintra (1882 – 1942). Entre suas destacáveis ações nas esferas eclesiásticas e públicas no Brasil, está a fundação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio), em 1941. Foi o segundo Cardeal do Brasil (1930 – 1942), após o cardinalício de Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (1850 – 1930), que o exercera entre os anos de 1905 – 1930.

identificando como principais “a ignorância religiosa”⁵⁵⁹ e “a falta de ação social católica”⁵⁶⁰, associando-as ao país republicano que surge a partir de 1889 e que será liderado por uma minoria liberal cujas teses não correspondiam aos anseios⁵⁶¹ da maioria da população, de fé católica.

O papel de Dom Sebastião Leme, a partir de 1921, quando foi transferido para a Arquidiocese do Rio de Janeiro, primeiramente como bispo coadjutor, ganhará importância substantiva, no cenário público brasileiro, tanto pelas medidas que tomaria para tentar legitimar o catolicismo perante as autoridades brasileiras, tais como, a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas e o reconhecimento do catolicismo como religião oficial (ambas as medidas foram rejeitadas), quanto pela importante mediação em conflitos da política nacional⁵⁶².

Por ocasião da Revolta Tenentista de 1922, Dom Sebastião Leme fora procurado por familiares dos militares que pediam sua interlocução com o Governo Federal para que fossem anistiados os tenentes da Revolta. O clérigo não lograria êxito na missão. Entretanto, em 1930, no golpe perpetrado por Getúlio Vargas, já como cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, a atuação do religioso foi fundamental no trabalho de convencer o então Presidente da República, Washington Luís, a se render, evitando assim uma guerra civil no país. Com tamanha atuação diante do poder, em um dos momentos mais sensíveis da história do país, Dom Sebastião Leme, responsável pela construção de uma via legítima de atuação dos católicos na vida pública nacional, abriria acesso ao Estado. O que terminou realmente acontecendo com a ascensão de Getúlio Vargas em 1930. Era o retorno da Igreja Católica às esferas de influência e poder da qual fora alijada com o início da República em 1889.

Quanto ao destacado papel de Dom Sebastião Leme em seus esforços para conferir à Igreja Católica um espaço importante nas grandes discussões do país, Thomas C. Bruneau sentencia:

Desde que começou a fazer parte da hierarquia, Leme organizou e mobilizou setores da Igreja com a intenção de reconquistar uma posição legítima na vida pública. E o que mais extraordinário, é que o conseguiu. Se olharmos para os outros países onde a Igreja foi forçada a se retirar do domínio público (México, Chile, Cuba,

⁵⁵⁹ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.283.

⁵⁶⁰ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.283.

⁵⁶¹ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p. 283-284.

⁵⁶² http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/sebastiao_leme

França, etc), veremos que a instituição nunca retornou a ele nos mesmo termos. Normalmente, depois de longos períodos de recriminações, a Igreja inovou, desenvolveu novas estratégias e promoveu um modelo diferente de influência. No Brasil, contudo, a estratégia de Leme funcionou e a Igreja voltou a de novo ao domínio público numa base privilegiada, a que se seguiu a reintrodução do modelo de influência da cristandade⁵⁶³.

Dom Sebastião Leme não foi o único clérigo expressivo da Igreja Católica que procurou a aproximação com as autoridades visando reconquista de espaço para a Igreja Católica, na esfera pública nacional. Dois arcebispos de Minas Gerais, Dom Helvécio Gomes de Oliveira⁵⁶⁴ e Dom Antônio dos Santos Cabral⁵⁶⁵, exerceram importantes papéis nessa direção. Eram jovens e interessados quanto ao processo político brasileiro e não tinham relações com as oligarquias que alijaram o poder da igreja no final do século XIX, sendo ambos mais afeitos ao restabelecimento de relações vinculadas ao Estado. Some-se isso, a atuação de Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, que uma vez no governo mineiro, sempre deu publicidade à sua fé católica empregando-a no exercício de seu poder público a fim de conferir ao catolicismo lugar de preeminência na sociedade mineira, onde a formação religiosa era compreendida como força organizadora da sociedade, da política e mantenedora da ordem⁵⁶⁶.

Por ocasião da posse de Antônio Carlos Ribeiro de Andrade em 1926, todo o episcopado de Minas Gerais compareceu ao cerimonial. Um importante indício das boas relações que se estabeleceriam entre poder público e igreja. O que não se frustra com o tempo, porquanto uma vez no poder, o então presidente (como era designação do cargo à época) do Estado de Minas Gerais, autoriza o ensino religioso católico no horário escolar em 1928, convertendo tal iniciativa, na Assembleia Legislativa, em Lei Estadual, em 1929, sendo o primeiro caso, entre os estados brasileiros, do retorno do ensino confessional nas escolas públicas, desde que o Brasil se tornara uma República laica.

Em troca destas medidas, Dom Helvécio Gomes, acenou simpatias à Aliança Liberal e ao governo de Antônio Carlos. Entretanto, a intervenção de cunho político

⁵⁶³ BRUNEAU, Thomas C. *Catolicismo Brasileiro em Época de Transição*. São Paulo: Edições Loyola, 1974.p.75.

⁵⁶⁴ Dom Helvécio Gomes de Oliveira (1876 – 1960). Foi Bispo Diocesano em Corumbá (MS) e Maranhão e Arcebispo de Mariana (MG).

⁵⁶⁵ Dom Antônio dos Santos Cabral (1884 – 1967). Bispo de Natal (RN) e primeiro Arcebispo metropolitano de Belo Horizonte (MG).

⁵⁶⁶BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.284.

mais marcante do arcebispo deu-se no desenrolar do golpe de Estado perpetrado por Getúlio Vargas, ação apoiada por Antônio Carlos Ribeiro de Andrade. Na ocasião, por influência do religioso junto ao 11º Batalhão Federal, deu-se a rendição deste, impedindo-se, assim, uma guerrilha civil em pleno solo mineiro. Oscar Beozzo registra, citando Riolando Azzi⁵⁶⁷, que Dom Helvécio Gomes desempenhou “papel análogo ao de Dom Leme no Rio na pacificação dos espíritos em prol da nova ordem que se estabelecia no país.”⁵⁶⁸.

Uma das maiores investidas da Igreja Católica em seu projeto de reaproximação do poder público e de legitimação de sua atuação social viria do Rio Grande do Sul. Terra natal de Getúlio Vargas. A arquidiocese de Porto Alegre estava sob a responsabilidade de Dom João Becker⁵⁶⁹ que jamais se recusou em deixar nítida as suas opções políticas e relações getulistas, a partir do momento em que o líder gaúcho tranquilizou-o de que a “Revolução” em marcha não tinha qualquer orientação teórica comunista. Um dos grandes temores do arcebispo⁵⁷⁰.

Acerca do apoio a Getúlio Vargas, Oscar Beozzo recupera o discurso do religioso proferido em uma missa em ação de graças pelo regresso do político ao Estado do Rio Grande do Sul, após uma excursão política pelos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. No término do seu discurso, as palavras de D. Becker são nítidas quanto ao mais claro e amplo apoio a Getúlio Vargas:

Falta-nos na suprema direção da Pátria um novo Moisés que tenha a audácia cívica de escolher a N. Senhor Jesus Cristo, para guia da Nação, que tenha coragem de restabelecer os direitos, os ensinamentos e as leis de Deus em todos os departamentos da sociedade brasileira. Quem será? Como todos os Estados o RS tem o direito inconcusso de apresentar seu candidato, como o fez. Eu quiser, como todos os presentes o deseja, que este Moisés regenerador da República surgisse do meio heroico do povo gaúcho, que partisse do alto das nossas coxilhas verdejantes e, sob as bênçãos da Igreja e as aclamações de todos os rio-grandenses e todos os brasileiros, realizasse esse sublime ideal da grandeza e felicidade do Brasil⁵⁷¹.

⁵⁶⁷ Mestre e doutor em Filosofia. Professor titular do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

⁵⁶⁸ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.286.

⁵⁶⁹ Dom João Batista Becker (1870 – 1946). Foi o segundo Arcebispo metropolitano de Porto Alegre (RS).

⁵⁷⁰ BECKER, João. CPDOC/FGV. Disponível: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BECKER>. Acesso em 02 fev. 2018.

⁵⁷¹ CARONE, Edgard. *A República Velha – Evolução Política*. São Paulo: Difel, 1971. p. 364-367. APUD: BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.287.

No alvorecer do mês de outubro de 1930, o discurso e a simpatia de Dom João Becker dariam lugar a ação quando encaminha cinquenta e dois padres que se voluntariaram para servirem como capelães entre as tropas varguistas, além de liderar campanhas e coletas nas igrejas gaúchas para o levantamento de utensílios (“alfaias, cálices, missais e alteres de campanha, além de material religioso a ser distribuído entre a tropa”⁵⁷²).

Além das medidas internas e eclesiais, Dom João Becker fez reiterados e públicos pronunciamentos de apoio político ao movimento liderado por Getúlio Vargas, sendo rápido em desmentir as acusações do Governo Washington Luis de que se estava em curso no Brasil um golpe comunista. A presença, pois, de arcebispos como Dom Sebastião Leme e Dom João Becker acalmaria os ânimos da população, enfraqueceria a resistência governista e catalisaria apoio da opinião pública. Apoio este que, de tão expressivo, decisivo e importante, não seria esquecido por Getúlio Vargas.

Um fato de extrema importância religiosa, social e política, contribuiria para o prestígio da Igreja Católica perante Getúlio Vargas: Em 16 de julho de 1930 (antes do golpe, portanto), o Papa Pio XI declarou Nossa Senhora Aparecida como a Padroeira do Brasil. Atendendo, pois a reivindicação, antiga, dos bispos católicos.

A importância religiosa do decreto apontaria para o reconhecimento do apelo popular que a figura de Nossa Senhora de Aparecida tinha, desde os relatos do famoso achado de sua escultura retirada por pescadores das águas do Rio Paraíba em 1717. Quanto ao significado político, a força do episcopado brasileiro foi confirmada, porquanto desejava a alteração do Padroado no país, haja vista a pouca densidade da figura de São Pedro de Alcântara (o santo Padroeiro desde a Monarquia) na religiosidade popular. Ao atender os apelos dos bispos brasileiros em uma medida que moldaria uma nova prática devocional em nível nacional, o Vaticano sinalizava a importância da instituição naquele momento da história do país. A importância social, por sua vez, ficaria patente pelo fato de Nossa Senhora Aparecida Padroeira do Brasil ser negra e encontrada por humildes pescadores e cuja lenda não surgira atrelada a nenhum segmento privilegiado do Brasil. A força de sua imagem, voltada aos excluídos do Brasil (mulheres, negros e pobres) era o mote moral que a Igreja Católica no Brasil pretendia em suas tentativas de um catolicismo com horizonte social mais amplo e “inclusivo”.

⁵⁷² BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.288.

O decreto papal de Pio XI em um momento de transição política no Brasil animou a igreja em seu projeto de relevância nacional, pois antes mesmo de se alcançar tal hegemonia na esfera pública, conseguira na devoção popular, ao unir o país em torno de uma figura sacra⁵⁷³. A união de todos os católicos brasileiros já teria, em tese, sido alcançada. Em seguida o que viria seriam os projetos de alcance social, político e econômico tendo na Igreja Católica o guia moral da nação⁵⁷⁴.

Os intentos da igreja não são malogrados⁵⁷⁵. O apoio ao governo Getúlio Vargas seria recompensado⁵⁷⁶ com uma clara política de cooperação e legitimação entre Igreja e Estado. No dia 12 de outubro de 1931, em meio a uma semana de intensa concentração religiosa no Rio de Janeiro, com a presença de mais de quarenta bispos de todas as partes do Brasil, a estátua do Cristo Redentor, no alto do Corcovado, é inaugurada. Na ocasião, Dom Sebastião Leme entregou nas mãos de Getúlio Vargas uma lista de reivindicações⁵⁷⁷ católicas, não sem antes pontuar em seu discurso os temas caros que considerava, tais como: “fim do laicismo da República, respeito nas instituições públicas, legislação familiar de acordo com a doutrina da Igreja [...]”⁵⁷⁸, por exemplo.

O Aceno do Estado Varguista:

Apesar de separados os campos de atuação do poder político e do poder espiritual, nunca entre eles houve choque de maior importância. Respeitam-se e auxiliam-se. O Estado deixando a Igreja ampla liberdade de pregação, assegura-lhe o ambiente propício a expandir-se e a ampliar o seu domínio sobre as almas: os sacerdotes e os missionários colaboram com o Estado, timbrando em ser bons cidadãos, obedientes à

⁵⁷³ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.296.

⁵⁷⁴ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.296.

⁵⁷⁵ Algumas das intenções foram atendidas, tais como: “o reconhecimento do casamento religioso para efeitos civis; a autorização para cemitérios religiosos; a presença de capelães nas forças armadas; a lei que garantia a propaganda contra movimentos subversivos; o voto de religiosos nas eleições civis...”. Cf. SILVA, Paulo Julião. *A Igreja Católica e as Relações com o Estado na Era Vargas*. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/>. Acesso em 08, mar de 2018.

⁵⁷⁶ Embora com alcance menor do que os pretendidos pela instituição, pois no que tange o ensino religioso nas escolas, por exemplo, ao invés da obrigatoriedade para todos, o que foi aprovado no decreto de 30 de abril de 1931, foi a facultatividade. Confirmada na Constituição de 1934, porém restringida em 1937. Cf. BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.296.p.301. Com o Estado Novo (1937), houve um redirecionamento constitucional, onde as emendas católicas não seriam confirmadas. Entretanto, apesar de uma nova conduta assumida pelo Estado, as relações com a Igreja Católica se mantiveram cordiais e de cooperação.

⁵⁷⁷ Das reivindicações mais importantes estava a questão do ensino religioso. A Igreja se preocupava tanto com a educação primária, de matriz popular, como também a secundária (elitista e oligárquica) e a superior, onde pretendia formar intelectuais. Perder influência em qualquer uma destas faixas etárias e camadas sociais representaria em determinado prazo um enfraquecimento do projeto da Igreja de guia moral do País.

⁵⁷⁸ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.297.

Lei Civil, compreendendo-se que sem ela, sem ordem e sem disciplina portanto – os costumes se corrompem, o sentido da dignidade humana se apaga e toda a vida espiritual se estanca. Tão estreita cooperação jamais se interrompeu: afirma-se, de modo auspicioso, nos dias presentes e há de se intensificar certamente no futuro, mantendo a admirável continuidade de nossa história”⁵⁷⁹.

Getúlio Vargas percebeu a força da Igreja Católica e fez o aceno de um político hábil e ciente que, para liderar as massas, precisaria de uma força legitimadora. Nada mais seguro e estável do que a maior religião do país. Desta forma, baixou decretos favorecendo o catolicismo; participou de grandes concentrações de fé, sempre ao lado de autoridades eclesiásticas; reconheceu o padroado de Nossa Senhora de Aparecida; inaugurou o monumento do Cristo Redentor; discursou aos bispos em encontros oficiais; manteve contatos frequentes e cordiais com importantes personalidades da alta hierarquia da Igreja; presenciou vários candidatos apoiados pela Igreja serem eleitos no pleito da Constituinte de 1933; elegeu como um dos seus inimigos o comunismo, atraindo assim mais apoio do catolicismo.

Nos 15 anos em que governou o Brasil, de forma ininterrupta após a chegada ao poder em 1930, Vargas conseguiu manter ao seu lado as autoridades da Igreja Católica. A ênfase na união do país apelava para um Estado forte e também uma religião forte. Os fatores de aproximação não poderiam ser mais oportunos, pois uma igreja de abrangência nacional, com expressivo apelo popular, hierarquizada e tendo entre seus fiéis representantes de todas as camadas sociais, além de toda uma militância anticomunista em construção e uma doutrina social da Igreja em vias de implementação, corroborariam para uma união bem executada em que o Estado seria o braço que opera as principais transformações que o país precisava experimentar em níveis social, político e econômico. Enquanto a igreja seria a força moral, religiosa e cultural da nação brasileira, que valorizava a ética, os valores da família, os bons costumes, o trabalho e a fidelidade ao Estado e à ordem social vigente. Uma combinação, aos olhos de ambos os lados envolvidos, perfeita. Tanto para os intentos do ditador, como para a própria Igreja. Ambas as esferas de poder e influência buscavam uma na outra a devida e necessária legitimação diante do povo brasileiro.

A política de aproximação e aliança de Getúlio Vargas com o catolicismo ficaria clara também por meio das celebrações de aniversário do Regime, onde convidava

⁵⁷⁹ Discurso de Getúlio Vargas em julho de 1939 proferido aos bispos católicos no banquete oferecido pelo Itamarati por ocasião do 1º Concílio Plenário Brasileiro. Cf. BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.324.

autoridades eclesiásticas para discursar⁵⁸⁰. Ocasões oportunas, portanto, de exibir para a opinião pública o apoio recebido da Igreja que não se recusava a comparecer, por meio de seus representantes, aos eventos festivos oficiais do Regime.

3.2 A Religião no Ordenamento Social.

Antes de prosseguir apresentando outros e novos exemplos dos processos de aproximação do catolicismo e também do protestantismo com os principais agentes da política nacional, é importante a esta altura entender, em casos específicos, a legitimação de regimes políticos pelo discurso religioso.

Marcio Vilela, por exemplo, em seu texto, “Vozes, Silêncio e Vigilância no Brasil: a Igreja Presbiteriana do Brasil e o Estado de Exceção”⁵⁸¹, faz considerações oportunas sobre as relações entre política e religião, citando Aline Coutrot, Peter Berger, Thomas Luckmann, Georges Balandier e Pierre Bourdieu, respectivamente:

Sobre esse ponto, Aline Coutrot, observa que as forças religiosas não só são importantes elementos de explicação do político como integram o próprio tecido político. Em outras palavras, há relações entre os campos da religião e política fundamentais para o historiador. Mediações que ‘residem que no fato de que a crença religiosa se manifesta em igrejas que são corpos sociais [...] como corpos sociais difundem um ensino [...] pregam uma moral individual e coletiva [...] proferem julgamentos em relação a sociedade’⁵⁸².

Vilela continua:

Ora, essas igrejas ou instituições religiosas ‘controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que caracterizam por uma por oposição às muitas direções que seriam teoricamente possíveis’⁵⁸³.

⁵⁸⁰ Em 10 de novembro de 1940, Dom Aquino Correa, arcebispo de Cuiabá, discursou perante Getúlio Vargas. Em seu discurso agradece a “Providência Divina: um governo forte e tolerante...”. Além de saudar a “situação de ordem e progresso de que o goza o Brasil, em se completando o decênio da presidência de Getúlio Vargas”. Cf. BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre...* p.325.

⁵⁸¹ VILELA, Marcio. A. F. *Vozes e Silêncio no Brasil: a Igreja Presbiteriana do Brasil e o Estado de Exceção*. IN: SANTOS, Lyndon de Araújo; DE ALMEIDA, Vasni. *Os 500 Anos da Reforma Protestante no Brasil: Um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: Editora CVR, 2017.p.193.

⁵⁸² COUTROT, A. *Religião e Política*. IN: RÉMOND, R. (Org.) *Por uma historiografia política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.p.31-334. IN: SANTOS, Lyndon de Araújo; DE ALMEIDA, Vasni. *Os 500 Anos da Reforma...* p.193.

⁵⁸³ BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1993.p.79-80. IN: SANTOS, Lyndon de Araújo; DE ALMEIDA, Vasni. *Os 500 Anos da Reforma...* p.193.

O autor segue com suas conclusões, lembrando, de acordo com o antropólogo Georges Balandier, que “o sagrado é dimensão do campo político”⁵⁸⁴. Desta forma, Marcio Vilela, faz uso de categorias teóricas visando a compreensão das relações de instituições religiosas (no caso específico de seu estudo: a Igreja Presbiteriana do Brasil) e as “mediações e/ou interações” entre os setores de seu objeto de pesquisa com o “Regime civil e militar instaurado em 1964”.

Vilela identifica o processo de legitimação implicado nas relações Igreja – Estado: “Podemos entender esse ambiente de tensão como espaço onde se estruturam sistemas simbólicos, cuja função é promover a integração social”⁵⁸⁵. E, citando o sociólogo Pierre Bourdieu, analisa tais sistemas simbólicos de interação religiosa com os poderes políticos, com as seguintes conclusões: “Tornam possíveis o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social”⁵⁸⁶.

Finalmente, Vilela conclui sua análise com a afirmação abaixo, recuperando, nas últimas linhas, o pensamento do sociólogo francês sobre instituição religiosa e o seu papel como objeto social:

Nessa perspectiva o poder dos símbolos presentes no campo religioso é capaz de nomear, classificar, legitimar e impor (violência simbólica) o mundo social e cultural. Afirma Bourdieu que a igreja ‘contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impôs um sistema de práticas e de representações’⁵⁸⁷.

A legitimação da religião nos processos históricos pode ser atestada também em outros locis e não somente nos movimentos políticos. Por exemplo, Max Weber, ponderando sobre a influência (e legitimação) da religião protestante (calvinista) no êxito econômico de nações europeias (Inglaterra, Holanda e Escócia), estabelece a relação do ânimo religioso com o progresso econômico. Isto é, em outras palavras, para Weber, o protestantismo legitimou o lucro. Legitimou o capitalismo:

Se quisermos encontrar uma relação interna entre certas expressões do velho espírito protestante e a cultura capitalista moderna, deveremos tentar encontrá-la, bem ou mal, não na alegria de viver mais ou menos materialista, ou ao menos anti-ascética, mas em suas características puramente religiosas⁵⁸⁸.

⁵⁸⁴ BALANDIER, Georges. *Antropologia política*. São Paulo: Cultrix, 1969.p.109. IN: SANTOS, Lyndon de Araújo; DE ALMEIDA, Vasni. *Os 500 Anos da Reforma...* p.193.

⁵⁸⁵ VILELA, Marcio. A. F. *Vozes e Silêncio...* p.193.

⁵⁸⁶ BORDIEUR, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectivas, 2005.p.33-34. IN: VILELA, Marcio. A. F. *Vozes e Silêncio...* p.193.

⁵⁸⁷ VILELA, Marcio. A. F. *Vozes e Silêncio...* p.193.

⁵⁸⁸ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2012.p.45.

Max Weber questiona, mencionando conclusão de Montesquieu:

Montesquieu (*Espirit des Loix*, Livro XX, cap. 7) diz dos ingleses que “foram, de todos os povos, os que mais progrediram em três aspectos importantes: na religião, no comércio e na liberdade”. Não seria possível que a sua superioridade comercial e a sua adaptação às instituições políticas liberais tivessem de algum modo, relação com a religiosidade que Montesquieu lhes atribui?⁵⁸⁹

3.3 A Religião e os Regimes Autoritários

Regimes autoritários podem depender da religião e tê-la como auxiliar nos processos de estabelecimento de poder. E isso em razão da religião ser forma de legitimação da ordem social vigente. Por legitimação⁵⁹⁰ entendemos, de acordo com Peter Berger, “o saber socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social”⁵⁹¹. Berger justifica sua sentença com um parágrafo fundamental:

Todos os mundos socialmente construídos são socialmente precários. Amparados pela atividade humana, são eles constantemente ameaçados pelos fatos humanos do egoísmo da estultice. Os programas institucionais são sabotados por indivíduos com interesses conflitantes. Não raro os indivíduos os esquecem ou são incapazes de aprendê-los em primeiro lugar. Os processos fundamentais da socialização e controle social, na medida em que têm êxito, servem para atenuar essas ameaças. A socialização procura garantir um consenso perdurável no tocante aos traços mais importantes do mundo social. O controle social procura conter as resistências individuais ou de grupo dentro de limite toleráveis. Existe ainda outro processo centralmente importante que serve para escorar o oscilante edifício da ordem social. É o processo de legitimação⁵⁹².

Partindo desta definição teórica, Berger segue afirmando que a religião legitima a ordem social, por meio das instituições as quais confere “status ontológico de validade suprema, isto é, situando-as num quadro de referência sagrado e cósmico”⁵⁹³. Desta forma, as construções históricas são reflexos de uma realidade para além do homem, sendo-lhes, portanto, análogas⁵⁹⁴. E assim, quando o homem participa de processos

⁵⁸⁹ WEBER, Max. *A Ética Protestante...* p.46.

⁵⁹⁰ Categoria weberiana. Cf. WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. p.155-186.

⁵⁹¹ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.p.42.

⁵⁹² BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado...*

⁵⁹³ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado...* p.46.

⁵⁹⁴ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado...*

institucionais reconhecidos pela religião que as chancela, estaria fazendo referência ao cosmos: sagrado e ideal.

A religião, para Peter Berger, é decisiva na legitimação da ordem social. E toda legitimação “serve para manter a realidade”⁵⁹⁵. E a realidade, isto é, os processos históricos, construídos pelos homens, precisariam ser relacionados com uma finalidade última, superior, transcendental e sagrada. E, continua Berger, o instrumento de relação destas duas situações é a religião⁵⁹⁶.

Ainda com Peter Berger, podemos entender o papel legitimador da religião quando consideramos que, para a mesma, o caos e a anarquia são expressões objetivas de uma ameaçadora antítese da ordem do mundo ideal. Negar a ordem social vigente é como negar sua referência cósmica e sagrada.

O papel da religião no extrato social, levando em conta essa teoria, seria o de afirmar o papel ordenador e disciplinador das instituições na sociedade, levando os homens a entenderem que aquelas pela religião reconhecidas são garantidoras do bem, da ordem, da tranquilidade, do progresso e da convivência fraternal e funcional (contra o caos e anarquia. Contra “o mal”, portanto). Desta forma, a religião conseguiria lograr êxito ao manter diante dos homens sua relação com uma solidariedade social⁵⁹⁷.

Retomando ao universo político: no século XX, não faltaram exemplos de processos tais que buscaram na religião uma forma de legitimação e aceitação das massas. A força simbólica da religião, seu poder de alcance e convencimento dos homens, e sua enorme influência no apaziguamento dos espíritos foram, em grande medida, poderosas forças auxiliares de regimes autoritários e até totalitários, sendo conhecidos os casos da África do Sul, onde o Apartheid recebeu apoio da Igreja Reformada (de origem holandesa, protestante e calvinista)⁵⁹⁸; da Alemanha, com teólogos e ministros luteranos⁵⁹⁹ subscrevendo o nazismo do Partido Nacional

⁵⁹⁵ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado...* p.48.

⁵⁹⁶ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado...*

⁵⁹⁷ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado...* p.64.

⁵⁹⁸ Em artigo publicado originalmente na Noruega e disponibilizado para o público brasileiro pela Escola Superior de Teologia da Universidade Luterana de São Leopoldo (EST / RS), Thor Halvor Hovland, indica as relações da ideologia racista que assumiu forma de discurso e prática oficial na África do Sul, a partir de 1948 com a ascensão do Partido Nacional e a “teologia do apartheid” que foi gestada durante as décadas de 1940 e 1950 nas três tradições cristãs reformadas holandeses e brancas, atuantes no país. Cf. HOVLAND, Thor Halvor. *Teologia do Apartheid na África do Sul: Um exemplo de Teologia Ideologizada*. São Leopoldo: Estudos Teológicos, 35 (1), 1995.p. 92-108.

⁵⁹⁹ Em recente publicação, destinada ao público protestante brasileiro, André Tadeu de Oliveira, pesquisador das Ciências da Religião e ministro protestante (Igreja Presbiteriana Independente) descreveu as formas de aproximação entre o Terceiro Reich e o Cristianismo (Católico e Protestante), além da apropriação da simbologia das religiões orientais por parte do regime hitlerista. Cf. DE OLIVEIRA,

Socialista dos Trabalhadores; e na Itália, onde o fascismo, num primeiro momento⁶⁰⁰, recebeu aceno favorável de Pio XI, que liderou entre os anos de 1922 à 1939 a Igreja Católica Apostólica Romana⁶⁰¹.

Os exemplos acima citados e explicados nas notas de referências oferecem concretude histórica ao argumento da legitimação, onde regimes autoritários encontraram na religião apoio teórico, sustentação, além de simpatia e confiança da população que via nos símbolos religiosos valorizados pelos regimes uma confirmação divina, isto é, tais regimes seriam uma manifestação da vontade de Deus para proteger o povo e desenvolver a nação.

Há exceções, contudo. A Rússia, por exemplo, não considerou a força da religião quando da implantação do comunismo. Não se buscou na religião o apoio junto às massas. Ao contrário, a religião, pautada como inimiga do povo e servil às elites (representada, especialmente, na Igreja Ortodoxa Russa), viu-se no centro de uma sistemática operação de perseguição, porquanto viam - na como desnecessária e indesejável e ponto a ser superado para que o comunismo se estabelecesse. A Rússia foi a mais importante expressão e experimento da teoria marxista no século XX. E a teoria antirreligiosa marxista - leninista (que atingiu seu ápice nos tempos de Stalin⁶⁰²)

André Tadeu. *Nazismo e Religião: entre a aliança e o conflito*. São Paulo: Editora Reflexão, 2011. Na base desta aproximação, o autor, procurando pelas origens da relação do Estado com o Luteranismo no século XVI, destaca a importância que a proteção dos príncipes alemães ofereceu a Martinho Lutero durante os anos de oposição que sofrera por parte de adversários relacionados à Igreja Católica. No contexto de tal proteção, escondido em Wartburgo durante seis meses entre os anos de 1521 e 1522 sob os auspícios de Frederico da Saxônia, teria escrito a sua versão do Novo Testamento. A aliança com o poder temporal fica também denunciada na obra de André Tadeu quando relaciona o apoio do monge alemão aos príncipes contra os camponeses no conflito de 1525 (p. 40 - 44). Ainda de acordo com o autor, citando Paul Tillich (teólogo e filósofo da religião, nascido na Alemanha e radicado nos Estados Unidos da América) e William L. Shirer (historiador americano nascido nos Estados Unidos no início do século XX), o apoio de Martinho Lutero às autoridades políticas de sua época forneceu justificativas para que o protestantismo alemão fosse instrumentalizado pela realeza e seguisse com uma agenda antirrevolucionária e antidemocrática (p.45). Finalmente, André Tadeu de Oliveira recupera a doutrina dos “Dois Reinos”. Uma conhecida base teórica luterana que destaca as áreas específicas de influência: uma da Igreja e outra do Estado. Tal ordenamento, de acordo com a matriz luterana, é divino. Na prática, conforme conclui o autor, a assertiva dogmática converteu-se em “posição de evidente dependência e submissão da igreja para com o estado, concedendo embasamento para a concretização de apenas um e totalitário reino” (Cf. p.46). Embora tenham sido oferecidas ao nazismo resistências importantes entre católicos e protestantes na Alemanha (a “Igreja Confessante”, por exemplo, com a militância significativa do teólogo Dietrich Bonhoeffer e isto da parte dos luteranos. Além de muitos bispos e demais lideranças católicas que desconfiavam seriamente do programa nazista), é fato, pois, que, com o apogeu do Nazismo, na década de 1930, ambos os segmentos do cristianismo, ainda que com ambivalência e tensão, deram suas contribuições ao totalitarismo hitlerista.

⁶⁰⁰ Em 1931, o Papa Pio XI condenou formalmente o fascismo, na encíclica “*Non abbiamo bisogno*” (Nós não precisamos).

⁶⁰¹ KERTZER, David. *O Papa e Mussolini. A Conexão Secreta Entre Pio XI e a Ascensão do Fascismo na Europa*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

⁶⁰² ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião...* p.126-135. Para Karl Marx, o problema da religião era de que a mesma aliena o homem. Tirando de sua vida, no momento histórico, a força revolucionária

abasteceu o programa comunista dos países do Leste Europeu. Foi exatamente, aliás, esse tipo de marxismo, pragmaticamente ateu, que alertou regimes e importantes segmentos sociais de os países ocidentais, inclusive, do Brasil.

Com a atenção de volta à realidade do Brasil entre as décadas de 1930 e 1960, pode-se afirmar que a situação social e o prestígio da Igreja Católica não eram desprezíveis. O brasileiro se identificava com a tradição religiosa de seu país e se orgulhava de fazer parte de uma das maiores nações católicas do mundo, mesmo que a prática da pertença fosse irregular e a identificação apenas nominal e familiar em muitos casos. Os anos de reaproximação com as autoridades constituídas a partir de 1930 garantiram, em algum grau, o atendimento a algumas das reivindicações católicas, mormente nos anos do primeiro governo Vargas. Porém, houve revezes.

Ralph Della Cava, em artigo publicado em 1975, afirma:

O aspecto crucial da subsistência do catolicismo na sociedade brasileira é atribuído à qualidade de religião de fato do Estado, da nação e das elites dominantes. Com exceção do período da República Velha (1889 – 1930), o Estado brasileiro, a despeito de sua ideologia, aceitou esse arranjo e garantiu à Igreja Católica um conjunto de privilégios (especialmente em assuntos educacionais e sociais) de que nenhuma instituição brasileira em particular, religiosa ou de qualquer outro tipo gozou⁶⁰³.

Com o fim da Era Vargas e a experiência democrática-liberal dos anos 1946-1964, a Igreja Católica mudou de performance. O apoio não mais seria a um governo autoritário, pois o mesmo deixara de existir. Em um primeiro momento, logo após Getúlio Vargas deixar o poder, com a volta da democracia e da organização partidária, receosa de perder sua expressão diante da sociedade brasileira (expressão esta que fora consolidada nos anos do Estado Novo), a Igreja precisou de novas estratégias de atuação. O que antes fora conseguido por meio da aproximação e apoio com o poder

fundamental para a transformação de seu mundo e o projeta para uma esperança além-túmulo. O mundo melhor seria, então, o do porvir. Tal discurso, para Karl Marx, serviria à burguesia que, por sua vez, flerta com a religião como recurso de compensação, pois ao praticar a caridade com os pobres espera recompensas eternas. Desta forma, as condições sociais seguem inalteráveis para as classes. Teorizando desta forma, Karl Marx lançou as bases para o tratamento que o comunismo revolucionário deu à religião no século XX. Marx acreditava que a religião perderia força e importância natural e conseqüentemente quando a revolução do proletariado se tornasse uma realidade histórica. Entretanto, não foi o que aconteceu na Rússia, porquanto a religião permaneceu mesmo diante de um programa intenso de eliminação de suas raízes. Para Lênin (1870 – 1924) o desaparecimento não poderia ser esperado como um processo inevitável, mas sim intencional por meio de uma política antirreligiosa de Estado.

⁶⁰³ DELLA CAVA, Ralph. *Igreja e Estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro, 1916-1964*. In: Estudos CEBRAP, nº12. p. 10-23,abr/jun, 1975.p.10. APUD. CANCIAN, Renato. *Igreja Católica...* p.37.

ditatorial de Vargas, o que seguiria, a partir de 1945, seria a luta pela permanência no lugar de influência e de guia moral da nação através do apoio às forças políticas mais conservadoras, “reforçando, portanto, o caráter conservador da democratização que se iniciava”⁶⁰⁴, e que disputariam o voto popular e, ou, até mesmo, pela fundação de um partido político⁶⁰⁵, que disputasse os pleitos, embora a alta hierarquia da Igreja jamais tenha apoiado diretamente a organização partidária.

Na Assembleia Constituinte de 1946, por exemplo, a Igreja se esforçou em manter sua forte presença no espaço público brasileiro e, para tanto, lideranças católicas entre padres, vigários e outros ensinavam como os católicos deveriam votar, examinando o passado e presente dos candidatos aos cargos eletivos, considerando, especialmente “a posição do candidato perante a igreja”⁶⁰⁶ e a relação dos mesmos com o comunismo. O resultado de tais esforços foi alcançado haja vista as conquistas da Igreja obtidas na Assembleia Constituinte de 1946: casamento indissolúvel; família sob proteção do Estado; leis sociais baseadas na doutrina social da igreja; ensino religioso facultativo nas escolas públicas; manutenção de escolas, colégios e universidades sob direção religiosa com reconhecimento do Estado; não obrigatoriedade do serviço militar aos clérigos; isenção eclesiástica dos impostos; oferta de serviços religiosos às Forças Armadas; representação diplomática à Santa Sé; colaboração recíproca e harmônica entre Igreja e Estado, embora separados em suas esferas; reconhecimento da Constituição Brasileira “sob a proteção de Deus”.

Além das conquistas, listadas acima, a Igreja Católica também marcou com clareza sua posição anticomunista, com a publicação de textos, como os das Cartas Pastorais⁶⁰⁷ e, também, por meio de notas eufóricas⁶⁰⁸, como, por exemplo, a emitida quando o Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi posto na ilegalidade em 1947, nos tempos do governo de Eurico Gaspar Dutra⁶⁰⁹. O comunismo, com sua reconhecida

⁶⁰⁴ PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja católica: 1945-1970. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III. Vol. 2.* São Paulo: Difel, 1984.p.348.

⁶⁰⁵ O Partido Democrata Cristão, fundado em 1945.

⁶⁰⁶ PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja católica...* p.349.

⁶⁰⁷ PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja católica...* p.351.

⁶⁰⁸ PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja católica...* p.352.

⁶⁰⁹ Eurico Gaspar Dutra (1873 - 1974). Primeiro presidente do Brasil após a era Vargas, exercendo seu mandato por cinco anos (1946 - 1951). Embora presidindo o país em um período que os estudos historiográficos chamam de “democrático”, foi durante o mesmo que o Superior Tribunal Eleitoral (STE)

capacidade de atração das massas, tanto as do campo, como as urbanas, foi eleito, pela Igreja, em toda década de 1940, como um inimigo a ser abatido⁶¹⁰.

Essa forma de atuação da Igreja legitimou “a experiência democrática”. A sociedade brasileira continuaria contando com a mais importante e expressiva instituição religiosa do país, participando, com destaque, da cena política⁶¹¹. As discussões sociais e econômicas no âmbito da hierarquia católica também seriam valorizadas em tais novos tempos. Afinal, a industrialização e a urbanização do país, resultante do processo modernizador almejado na Era Vargas, produziu uma classe operária, destacada do campo, e que cujas condições de vida precisariam ser alvo de reflexão e pastoral próprias. É justamente, em tal contexto, que ocorrerá uma guinada na ênfase social e econômica da Igreja que continuaria a criticar o comunismo, mas também incluiria o capitalismo, sendo este considerado responsável direto por aquele, uma vez que não gerava riqueza, oportunidade e igualdade social para todos. A Igreja, desta forma, ratificaria uma espécie de terceira via, entre os dois modelos econômicos: um “terceirismo católico”⁶¹², “clamando por uma ordem social, baseada nos princípios da verdade revelada e das normas da justiça e da equidade”⁶¹³. Essa “terceira via” era a ratificação da Doutrina Social da Igreja, presente na instituição desde a virada do século. Com o agravamento da precariedade das condições sociais do brasileiro, a Igreja cada vez mais postulou por uma pastoral que contemplasse a dimensão político, econômica e social e dos problemas reais do país na metade do século XX, colaborando para intensificar reflexões e posturas cada vez mais progressistas entre seus leigos, mas mesmo entre padres e bispos. A Igreja Católica chegaria, na década de 1960, a década do golpe civil-militar, com uma tensão em seu interior entre conservadores e progressistas. Tensão essa que explica o apoio ao golpe civil-militar por parte de

cassou o registro do Partido Comunista Brasileiro, expondo-o à ilegalidade, além de diversas ações intervencionistas por parte do Governo Federal nos sindicatos.

⁶¹⁰ PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja católica...* p.351; 353.

⁶¹¹ A plasticidade da Igreja Católica e sua reconhecida capacidade de inserção na cena pública brasileira foi apontada por Maria Lucia Montes: “Os estudiosos das religiões sempre reconheceram, no Brasil, desde os tempos coloniais, a curiosa mistura por meio da qual uma Igreja católica plenamente atuante na vida pública graças ao seu vínculo com o Estado, capaz de promover a legitimidade do poder ou gerenciar a economia moral da propriedade privada”. MONTES, Maria Clara. *As Figuras do Sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.p.48. Por favor, cfr. a citação, parece-me falar algo.

⁶¹² PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja católica...* p.363.

⁶¹³ PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja católica...* p.363.

católicos conservadores, mas que, também, contou “com o silêncio dos progressistas e a convivência dos moderados”⁶¹⁴.

3.4 E os protestantes?

Tensões marcaram a trajetória do protestantismo quando se pensa na sua relação com as autoridades constituídas no Brasil. Ainda nos tempos do Império, casos de apoio⁶¹⁵ e restrições ao protestantismo por parte de políticos importantes estão registrados. A partir de 1889, com o fim da oficialidade do catolicismo como religião nacional, houve avanços e retrocessos na relação, assim como euforia e desconfianças. A euforia deveu-se por se acreditar que, com instauração da República, fundada sob orientação positivista e liberal, os espaços de oportunidade se abririam para o protestantismo. Afinal, o Estado tornara-se laico, podendo, assim, outras matrizes religiosas darem sua contribuição ao ordenamento social brasileiro. Os recuos e desconfianças por sua vez deveram-se à constatação que, apesar da laicidade oficial do Estado, a influência predominante da Igreja Católica Apostólica Romana junto às autoridades políticas revelaria que o espaço de influência religiosa, de fato, não só não estaria desocupado, como resistiria em ceder.

3.5 A Religião Protestante no Ordenamento Social Brasileiro: O projeto Educacional.

A primeira contribuição social do protestantismo com o advento da República foi no campo da educação. Em um país com um enorme déficit educacional, basicamente rural e de economia agrária, o protestantismo pretendeu apoiar a República, por meio do trabalho de missionários (e missionárias) estrangeiros que atuavam nas mais diversas regiões do Brasil, inclusive, interioranas, fundando escolas, alfabetizando crianças, jovens e adultos, ministrando disciplinas básicas convencionais que permitissem o acesso a um mínimo de instrução. É obvio que o ensino visava também o acesso à Bíblia, livro da qual depende toda a teologia cristã.

⁶¹⁴ CAVALCANTI, Robinson. *Cristianismo e Política...* p.211.

⁶¹⁵ Apoio da parte de políticos liberais como Joaquim Nabuco, Barbosa Lima, Nogueira Paranaguá e Ruy Barbosa, sendo este, inclusive, o responsável pelo texto redigido do Decreto 119-A de 07 de janeiro de 1890, que concede “a mais completa liberdade ao protestantismo”. Cf. LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro...* p.126. GIRALDI, Luis Antônio. *A Bíblia no Brasil Império...* p.11-41.

Foram justamente as garantias constitucionais que animaram setores do protestantismo, especialmente o “de missão”, para a participação no ordenamento social brasileiro e a conseqüente inserção religiosa. Além da inserção por meio do culto protestante em português, a estratégia mais eficaz considerada foi o engajamento social por meio da atividade educacional. “Presbiterianos, batistas e metodistas visualizaram na República inaugurada um momento de transformação cultural”⁶¹⁶ e tal leitura partia também de setores da política nacional, que esperavam dos protestantes colaboração social, sobretudo e especialmente, no campo da educação com a implementação de práticas pedagógicas no projeto de reforma educacional que adviria.

Em certa medida, o mesmo acontecia ao lado dos republicanos mais exaltados, que depositaram nos protestantes a esperança de instauração de um tempo de civilidade, progresso e prosperidade. Tais republicanos tinham nos Estados Unidos, um país de maioria protestante, o modelo de República a ser efetivado. Era daquele país que esperavam importar pedagogias para inovar a escola brasileira⁶¹⁷.

Para os protestantes a participação no projeto educacional seria oportunidade de visibilidade e “interferência social”⁶¹⁸:

A República, na compreensão das igrejas evangélicas brasileiras foi saudada como um tempo em que propostas escolares afinadas aos seus princípios cristãos seriam espalhadas na sociedade. Políticos republicanos também esperavam a participação de educadores das escolas evangélicas na organização dos sistemas educacionais⁶¹⁹.

Jether Ramalho, intelectual ligado ao protestantismo congregacional, publicou na década de 1970, uma obra intitulada “Prática Educativa e Sociedade: um estudo de sociologia da educação”⁶²⁰, onde verificou a relação da “ideologia liberal e os pressupostos educacionais das escolas organizadas pelos missionários protestantes a partir do final do século XIX”⁶²¹.

Sobre a atuação dos protestantes no campo da educação ao nascer da República, Vasni de Almeida sentencia:

⁶¹⁶ ALMEIDA, Vasni. *Protestantismo e República no Brasil: política, sociedade e educação*. IN: DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...* p.155.

⁶¹⁷ DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...* p.155.

⁶¹⁸ DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...* p.150.

⁶¹⁹ DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...* p.150.

⁶²⁰ RAMALHO, Jether. *Prática Educativa e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

⁶²¹ DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...* p.155.

O Envolvimento protestante na educação escolar estava ancorado na crença de suas pedagogias estavam em sintonia com o regime político instaurado. Mas não se tratava de uma ação meramente restrita ao campo pedagógico. Tratava-se também de uma disputa simbólica por influência social e religiosa⁶²².

De forma que o projeto escolar protestante indicava “as intenções pedagógicas, religiosas e políticas”⁶²³, combinando, conforme analisou Jether Ramalho, “proselitismo e liberalismo”⁶²⁴. A ideia era de inserção e interferência na vida nacional e a educação protestante seria assim “um instrumento indireto de influenciar a sociedade”⁶²⁵. A literatura⁶²⁶ específica sobre o projeto educacional dos protestantes ajuda na identificação da relação existente nos intentos dos missionários entre educação, alfabetização, proselitismo, modernidade, democracia, república, liberalismo, individualismo e pragmatismo. Era, pois, um ideário protestante no Brasil:

No bojo das missões protestantes presentes no Brasil, expressos na pregação religiosa e, especialmente, na educação vinham o liberalismo, o individualismo e o pragmatismo. A responsabilidade pessoal diante de Deus, implícita na ideia de salvação individual, requer liberdade individual na busca e aceitação de princípios religiosos e, no caso protestante, especialmente, no livre exame e interpretação privada da Bíblia. Individualismo e liberalismo andam intimamente unidos⁶²⁷.

Tal projeto protestante sugeriria um individualismo religioso. Uma alternativa, pois, ao conceito católico tridentino, de dependência de uma participação eclesiástica, comunitária, magisterial e hierárquica. O protestantismo considerava-se, portanto, mais adequado à ideia de um novo tempo inaugurado com a República no Brasil. O tempo mesmo, entretanto, se encarregaria de mostrar o “equivoco na avaliação dos agentes do protestantismo.

⁶²² DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...* p.153.

⁶²³ DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...*

⁶²⁴ RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa...* p.146. DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...* p.159.

⁶²⁵ DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...* p.159.

⁶²⁶ CALVANI, C.E.B. *A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil*. Revista Pistis Prax, Curitiba, V.1, n.1, p.53-69, 2009. MESQUISA, P. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil: um estudo de caso*. Juiz de Fora: Edufjf; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994. VIEIRA, C.R.A. *Contribuição protestante à reforma da educação pública paulista*. Revista Comunicações. Piracicaba, v.9, n.1,2002. CAMPOS, L. S. *O protestantismo de missão no Brasil: cidadania e liberdade religiosa*. Revista Educação e Linguagens, São Paulo, v.17, n.1, p.76-116, jan./jun.2014. MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *República e Pluralidade no Brasil*. Revista USP, São Paulo, n.59, p.114-163, set./nov.2003. ALMEIDA, Vasni. *Religião e Educação: práticas de ensinar e de converter dos metodistas no Brasil*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

⁶²⁷ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *República e Pluralidade...* p.159.

A ênfase educacional encontrada no protestantismo seguia lógica missionária na qual a formação cristã, ministrada em um ambiente escolar, contribuiria para a formação do indivíduo e também de sua conversão ao cristianismo de tradição reformada, assegurando à sociedade, conforme acreditava - se, a consequente transformação social por meio de atores que tiveram seus valores afetados pela religião. Formar uma elite cristã e protestante que dirigisse o país não era sonho considerado para além da realidade entre os missionários, fundadores das escolas. Na verdade, consideravam, com seriedade, esse ideário e “educar pessoas em escolas foi um dos pilares de consolidação do protestantismo da República”⁶²⁸. Além disso, a democracia atrelada à recém-inaugurada República seria defendida, conforme acreditavam os missionários, por povo e por dirigentes que seriam educados nos valores caros ao protestantismo de matriz norte-americano. Essa foi, inclusive, a leitura defendida por teóricos da inserção protestante no Brasil:

Era demonstrar - pela via educacional - a superioridade da civilização americana (democracia, individualismo, igualdade de direitos, responsabilidade pessoal, liberdade intelectual e religiosa) e consequentemente do sistema religioso que lhe oferecia suporte. Ora, as elites inacessíveis aos ajuntamentos religiosos protestantes se deixariam alcançar pela propaganda indireta dos colégios. A democracia só era possível a um povo educado e isto incluía as próprias elites, objeto privilegiado da estratégia protestante⁶²⁹.

É, justamente, no contexto da valorização da fundação de escolas, que o protestantismo encontraria os primeiros focos de resistência, pois setores conservadores colocariam o protestantismo em suspeição, considerando seus agentes como a serviço do imperialismo norte-americano⁶³⁰. Além disso, havia descompassos nas agendas de setores liberais da República e do protestantismo, porquanto, embora o mesmo fosse, por exemplo, contrário à escravidão no país, contudo, a despeito da prédica condenando a prática, não se envolveu nas campanhas abolicionistas⁶³¹.

⁶²⁸ DE ALMEIDA, Vasni. *Protestantismo e República no Brasil: Política, sociedade e educação*. IN: DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...* p.141.

⁶²⁹ CRABTREE, A. R. *História dos batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1936. APUD. SANTOS, João Marcos Leitão. *A concepção da ordem social segundo o protestantismo brasileiro: 1891-193*. PLURA, Revista de Estudos de Religião, Juiz de Fora, MG, V.3, n2, 2012.p.145.

⁶³⁰ CRABTREE, A. R. *História dos batistas no Brasil...* p.140. Quanto a esta suspeita, o protestantismo sempre conviveu. Cf. DE LIMA, Delcio Monteiro. *Os Demônios Descem do Norte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

⁶³¹ ALMEIDA, Vasni. *Religião e Educação...* p.141.

Apesar das suspeições, o protestantismo missionário era considerado moderno e contava com a simpatia dos liberais republicanos (havia também um elemento anticatólico em tais liberais) que faziam referência ao protestantismo dos países mais prósperos da Europa e mesmo aos Estados Unidos da América e apontando, por exemplo, para a superação do analfabetismo, da monarquia e do ruralismo de um Brasil que setores engajados com República desejavam deixar para trás. Desta forma, agentes protestantes empregaram esforços em se colocar na sociedade naquele momento em que as condições políticas pareciam-lhes propícias pela primeira vez na história do país⁶³². Sendo, portanto, esses os primeiros registros de uma movimentação em busca de contribuição social e legitimidade.

A valorização de agenda social orientada que coincidia com um ethos protestante em território brasileiro não foi apenas uma leitura aplicada por setores liberais da política nacional, evidenciando, portanto, uma agenda para além das esferas eclesiásticas, cúltricas e evangelísticas, tendo como referência o protestantismo norte-americano. Agenda compartilhada por missionários aqui atuantes e onde o protestantismo norte-americano tinha lugar de destaque. Quanto a este particular, Vasni de Almeida comenta a compreensão que os missionários protestantes tinham do seu papel social no Brasil:

A representação protestante de sociedade a ser alcançada pelos brasileiros era norte-americana. Para os missionários que cuidavam de igrejas e escolas no Brasil, os Estados Unidos, pela influência do protestantismo, tinham vencido os problemas que ainda grassavam na América Latina, Ásia e África. Para os brasileiros atingissem a civilidade e progresso dos norte-americanos, bastava que indivíduos fossem convertidos à fé protestante⁶³³.

Apesar desta compreensão, de valorização do protestantismo como elemento motivador de superação de males sociais, os missionários não incentivavam fórmulas institucionais de transformação social. A razão para tal segue, conforme explicação de Vasni de Almeida:

⁶³² O fato dos missionários estrangeiros serem oriundos de países protestantes que superaram a monarquia, o analfabetismo e o ruralismo, corroborava para o imaginário de modernidade almejada por setores republicanos brasileiros.

⁶³³ ALMEIDA, Vasni. *Religião e Educação...* p.143.

Nesse discurso conversionista não caberia, no entanto, ações políticas de contestação, pois o fundamentalismo das igrejas missionárias implantadas no Brasil, com o mesmo advento da República, negava a ação política [*direta*]. Por meio de estratégias de ensino em escolas, cultos, materiais impressos, o pietismo fincou entre os fiéis brasileiros a ideia de acomodação ao poder político estabelecido⁶³⁴.

Uma manifestação de caráter diretamente político por parte de setores do protestantismo nas primeiras décadas da República, somente seria feita “quando os interesses religiosos e institucionais das igrejas protestantes eram colocados em risco”⁶³⁵.

A Ética individual

Antes, porém, de avançarmos na compreensão das tentativas institucionalizadas de aproximação e influência social do protestantismo no Brasil, é importante ressaltar que no final da década de 1920, crescia a certeza em determinados segmentos do protestantismo de que as maiores influências religiosas dos protestantes na sociedade se daria por via da ética dos seus atores.

Concordando com a proposição acima, pode-se avaliar a argumentação de Vasni de Almeida, que se refere aos movimentos ensaiados pelos protestantes quando da instauração da República: “o protestantismo se imaginava, por meio de sua ética, precursor e defensor da democracia moderna e da ordem e que essas produziriam novos valores dentro do novo regime”⁶³⁶. Citando João Marcos Leitão Santos, também pesquisador do protestantismo, Vasni de Almeida continua, demonstrando o modo de pensar assumido pelos protestantes na época, no que se refere à vida pública: “desde que o homem se converta, isto é, refaça seus referentes éticos-religiosos, tornando-se, pela virtude, apto a implementar o modelo ideal de sociedade, que de resto constitui todo o substrato de toda ética religiosa”⁶³⁷.

⁶³⁴ ALMEIDA, Vasni. *Religião e Educação...* p.143. Grifo meu.

⁶³⁵ ALMEIDA, Vasni. *Religião e Educação...* p.143. Na Era Vargas, com a intensa campanha de reaproximação da Igreja Católica da esfera pública e do poder, surgiram tensões com os protestantes que logo foram sanadas.

⁶³⁶ ALMEIDA, Vasni. *Religião e Educação...* p.145.

⁶³⁷ SANTOS, João Marcos Leitão. *A concepção da ordem...* p.149.

A preferência por uma via ética dos protestantes, uma herança pietista⁶³⁸, como marca de sua presença no Brasil, tornou-se mais signatária no segmento do que a própria defesa do liberalismo republicano, como pontua Antônio Gouvêa Mendonça:

O protestantismo oriundo dos Estados Unidos ostentaria essa face liberal, o que não é verdadeiro, como veremos mais adiante. Preferimos deixar de lado esse aspecto mais ideológico e sua amplitude política e considerar a representação liberal do protestantismo brasileiro quanto aos seus fundamentos teológicos e éticos, isto é, a vida e a ação das igrejas. O liberalismo teológico do protestantismo, cuja história se estende por todo o século XIX e praticamente metade do século XX, parte da convicção de que o cristianismo deve ser prático, deve ser uma religião para a vida, tem de ser eminentemente ético⁶³⁹.

Organizações Para-Eclesiásticas.

Apesar das ênfases educacional e ética, o protestantismo brasileiro, por meio dos ministros que exerciam liderança considerável nos diferentes tipos de protestantismos em operação no país, entendeu que medidas mais orgânicas e de caráter nacional e institucional seriam necessárias para participar, de alguma maneira, do novo ordenamento social. Entretanto, uma das características ontológicas do protestantismo era a sua fragmentação e falta de unidade e de centro que organizasse estratégias que viabilizassem de forma conjunta seus projetos de ocupação de lugar de influência na República. Para superar tal característica, iniciativas são tomadas para estruturar associações que, de alguma forma, desempenhassem o papel de órgão representante dos protestantes no Brasil. Assim, pois, é organizada, em 1890, a Liga Evangélica⁶⁴⁰, com o objetivo de “defender os direitos dos protestantes assegurados pelas instituições

⁶³⁸ O pietismo, movimento ulterior de renovação devocional (ênfase nas orações, leituras bíblicas e reuniões litúrgicas) ocorrido em comunidades luteranas na Alemanha do século XVII, tinha quatro pilares como base: “experiência religiosa; biblicismo; perfeccionismo e reforma eclesiástica”. O movimento ganhou repercussão a partir da publicação de um tratado, “Pia Desideria” (“Sentimentos Piedosos”), pelo principal teórico do movimento Philip Jacob Spener, em 1675. Ela é considerada uma das principais obras da Ortodoxia Protestante. As missões protestantes no Brasil foram influenciadas pelo ideário pietista. Cf. SPENER, Philip Jacob. *Mudança Para o Futuro: Pia Desideria*. São Bernardo do Campo: Editora Encontro e Instituto de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996. Cf. COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Pietismo: Um Desafio à Piedade e à Teologia*. Fides Reformata. São Paulo, IV, 1, janeiro/junho/1999.

⁶³⁹ GOUVÊA, Antônio Mendonça. *República e Pluralidade Religiosa no Brasil*. Revista USP, São Paulo, n.59, p.144-163, set/nov.2003. Disponível em: revistas.usp.br/revusp.

⁶⁴⁰ Após a organização da Sociedade Evangélica que fora criada no mesmo ano com objetivo específico de administrar o Hospital Evangélico, fundado em São Paulo (em abril de 1890). De forma que a Liga Evangélica constituiu a primeira iniciativa do protestantismo brasileiro de organizar uma representação do segmento diante das autoridades e da sociedade brasileira.

republicanas”⁶⁴¹. Em 1893, é organizada a Associação Cristã de Moços (ACM)⁶⁴². E em julho de 1903, sob a liderança do ministro metodista Hugh C. Tucker, a Aliança Evangélica, de caráter fortemente apologético, que perderá força a partir de 1916, com a realização do Congresso do Panamá e a Conferência do Rio de Janeiro, que propunham uma relação amistosa, de aproximação e reconhecimento com o catolicismo.

Em 1920, surge a Comissão Brasileira de Cooperação⁶⁴³, sob a coordenação de Erasmo Braga, ministro presbiteriano, que amplia as ações de inspiração protestante, saindo de uma abordagem apologética na direção de um protestantismo mais proposicional, cooperativo, intelectualizado e engajado com as questões sociais do país.

É, porém, no ano de 1931, um ano após o início da Era Vargas, que as intenções mais claras do protestantismo seriam conhecidas em termos de participação e influência na conjuntura social brasileira. Tal se deu por ocasião da realização do I Congresso Evangélico Brasileiro⁶⁴⁴ e o “Manifesto à Nação Brasileira”, documento publicado pela Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil, em reação à reaproximação católica às esferas do poder constituído, a partir de 1930 com a chegada de Getúlio Vargas à presidência da República. Apesar de contar com um pequeno contingente de setecentos mil⁶⁴⁵ representantes em 1930, o protestantismo, representado na Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil, tentou, à sua maneira, chamar a atenção das autoridades por meio do “Manifesto à Nação Brasileira”. Quanto a esta iniciativa João Marcos Leitão Santos escreve:

O fato é que por razões próprias do tipo de protestantismo aqui implantado, com sua concepção eclesiológica de “Igreja Espiritual”, pela condição minoritária no cenário religioso e por falta de tradição dentro da cultura brasileira, o protestantismo não conseguiu desenvolver

⁶⁴¹ CARVALHO, Agemir Dias; FERREIRA, Valdinei A. *A Sociedade Evangélica Beneficente (SBB): Movimento de Cooperação entre Igrejas no Paraná. História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 43, 2005. Editora UFPR. p.128.

⁶⁴² Associação Cristã de Moços estabelecida no Rio de Janeiro, em 04 de julho de 1893, tinha como foco o trabalho de alcance religioso junto aos jovens estudantes dos grandes centros urbanos. Mesmo sendo fortemente marcada pela influência inglesa (Londres foi o local da organização da primeira Associação Cristã de Moços, em 06 de junho de 1844) e pela orientação norte-americana (a congênere brasileira foi formada pelo jovem missionário presbiteriano, Myron Clark, de Minnesota), a Associação Cristã de Moços no Brasil, desde o seu início, procurou adequar sua atuação levando em conta os “costumes e a cultura do povo brasileiro”. Cf. GIRALDI, Luis Antônio. *A Bíblia no Brasil Império...* p.113.

⁶⁴³ A Comissão Brasileira de Cooperação foi extinta, assim como a Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil e o Conselho Nacional de Educação Religiosa, dando lugar, em 1934, a Confederação Evangélica do Brasil, cuja atuação e relevância como órgão de representação do protestantismo foram consideráveis até sofrer abalos na década de 1960, em face do golpe civil-militar no país.

⁶⁴⁴ Realizado no Rio de Janeiro entre os dias 30 de abril e 04 de maio de 1930.

⁶⁴⁵ GIRALDI, Luis Antônio. *A Bíblia no Brasil Império*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.p.220.

uma significativa produção de reflexões sobre ordem e conjuntura política⁶⁴⁶.

Mas, continua o autor:

O protestantismo, consolidado a esta altura no Brasil, já se achava habilitado a colocar no curso dos debates seus valores políticos, admitir-se com instância legítima para enunciações políticas, e para demonstrar as dimensões de sua ação política⁶⁴⁷.

A década 1930 revelou-se desafiadora para o protestantismo. Nos esforços de se oferecer uma proposição à sociedade brasileira, considerando o ideário republicano e liberal, os protestantes destacaram suas diferenças conceituais com o catolicismo, elencando-o, ao lado do comunismo e do integralismo, como adversários ideológicos. Leonildo Silveira Campos, outro pesquisador do protestantismo, destaca essa perspectiva considerada pelo extrato religioso da época:

Os anos de 1930 marcam a mudança de percepção política dos protestantes brasileiros, que foi se abrindo para outros tipos de perigos, além da “vocação totalitária do catolicismo”, para o comunismo e o integralismo. Nesse contexto, os protestantes brasileiros (agora mais conhecidos como evangélicos) colocariam a seguinte questão: que ação política e que tipo de relacionamento eles deveriam manter com o Estado e com a sociedade para preservar as liberdades, a democracia e a laicidade? O caminho escolhido foi o da participação nas lutas políticas e partidárias, rompendo-se então com o pretense isolamento anterior, que era baseado na alegação de que “a política é suja e os evangélicos não devem botar a mão na sujeira”⁶⁴⁸.

Os esforços de ocupação de espaço de influência social não foram bem sucedidos. A fragmentação do segmento, a não adesão de igrejas locais nas instituições representativas como a Confederação Evangélica do Brasil (fundada em 1934, herdeira da Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil e da Comissão Brasileira de Cooperação), a falta de tradição e raízes na cultura brasileira, as tensões entre grupos com posturas pietistas e os cooperativistas, a inexpressiva presença numérica, a pouca

⁶⁴⁶ SANTOS, João Marcos Leitão. *A concepção da ordem social segundo o protestantismo brasileiro: 1891-193*. PLURA, Revista de Estudos de Religião, Juiz de Fora, MG, V.3, n2. 2012.p.144.

⁶⁴⁷ SANTOS, João Marcos Leitão. *A concepção da ordem social...* p.144.

⁶⁴⁸ CAMPOS, Leonildo Silveira. *O protestantismo de missão no Brasil, cidadania e liberdade religiosa*. Revista Educação e Linguagens, São Paulo, V.17, n.1, 2014. p.81. Disponível em: www.metodista.br/revistas/revistas-metodista.

visibilidade social, além da falta de recursos e personagens capazes de transitar nas esferas de poder, contribuíram para que as medidas não alcançassem qualquer impacto na pretensão de tornar o protestantismo relevante politicamente. Além disso, o protestantismo tinha diante de si a unidade estrutural, histórica e tradicional da Igreja Católica que, através do bem sucedido trabalho de Dom Sebastião Leme, conseguiu a reaproximação com as autoridades constituídas. Foi, portanto, a Igreja Católica, e o não o protestantismo, que terminou ocupando o espaço de guia moral da nação influenciando o ordenamento social do Brasil na Era Vargas.

Candidaturas Políticas.

Tendo abandonado suas intenções de influenciar o ordenamento social enquanto grupo organizado, restou aos protestantes a tentativa de se ocupar espaço político de influência por meio de candidaturas individuais. Mesmo na década de 1920, antes, portanto, dos intentos malogrados dos protestantes na década de 1930, Antônio Primo Salustiano Marques, ministro congregacional em Recife, dirige documento à Convenção Geral dos congregacionais, realizada entre os dias 06 e 13 de maio de 1923, com intenção de, uma vez apreciado, ser encaminhado à Câmara dos Deputados. Evidencia-se, pois, uma preocupação com a participação dos protestantes com eleições:

Hoje, mais do que nunca, afirmamos esse fato, mesmo porque estamos convencidos de que, para melhoria dos costumes políticos nacionais, é imprescindível que os protestantes brasileiros entrem na posse integral de seus direitos cívicos no sentido de exercer o direito de voto [...] pedimos com ardor, que cada crente que estiver no caso, se aliste eleitor, quanto antes, a fim de pelo seu voto livre e criterioso, escolher para cargos públicos os homens bons, os elementos sãos da sociedade, concorrendo destarte, para orientação mais sábia e mais idônea dos negócios e interesses atinentes ao bem geral da nação⁶⁴⁹.

Esta preocupação, com a prática do voto dos protestantes na década de 1920, se transformaria, com o passar do tempo, em oferta de candidaturas entre os próprios protestantes, como foi o caso, por exemplo, de Synésio Lira, ministro congregacional, pastor da Igreja Evangélica Fluminense, que se candidatou para o cargo de Deputado Federal na Assembleia Nacional Constituinte em 1933. Seus intentos eram de

⁶⁴⁹ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.33.

contrapor-se aos representantes da Liga Eleitoral Católica (LEC) e ao integralismo⁶⁵⁰. O ministro congregacional não conseguiu se eleger, obtendo apenas três mil votos, insuficientes, portanto, para o sufrágio.

Diferente resultado foi alcançado pelo candidato ligado à Igreja Metodista, Guaracy Silveira, tornando-se assim o primeiro protestante eleito deputado no Brasil. Como não poderia ser diferente, haja vista as disputas no campo religioso que marcaram as décadas de vinte, trinta e quarenta, o mandato do ministro metodista ficou conhecido pelos embates contra os deputados Luiz Sucupira, Frederico Wolfenbutell e Juarez da Távora, eleitos pela Liga Eleitoral Católica (LEC). Considerável atenção fora dada ao tema do ensino religioso nas escolas, uma bandeira católica que os protestantes consideravam problemática tendo em vista o conceito liberal de laicidade do Estado e, principalmente, e a certeza de que o ensino religioso aplicado nas escolas seria o de confissão católica.

O protestantismo diante do inegável prestígio do catolicismo na Era Vargas, resguardou-se, considerando novas oportunidades de inserção no cenário político e social no Brasil, somente a partir de 1940, década que ficaria marcada pelo fim da ditadura de Getúlio Vargas, em 1945 e início da “Experiência Democrática” que duraria até 1964. É justamente nesse período que dois documentos protestantes, ambos emitidos pela Confederação Evangélica do Brasil, serão publicados. O primeiro em 1945, intitulado “Manifesto aos crentes evangélicos, aos adeptos e simpatizantes, a todos os brasileiros que temem a Deus”. E outro, de 1954, “Manifesto do Evangelismo à Nação Brasileira”.

Os documentos, a despeito, do hiato de nove anos, além do primeiro, “O Manifesto à Nação Brasileira”, publicado em 1931, são significativos para os estudos historiográficos sobre o protestantismo, porquanto são registros intencionais da “trajetória do segmento protestante em busca de renovada presença política e seu diálogo com outros interlocutores que propugnavam por modelos específicos da ordenação do Estado, do regime e das práticas governativas”⁶⁵¹.

Animado pelo franco crescimento numérico, ultrapassando a ordem dos quatro milhões de praticantes, tendo muito da sua expansão relacionada aos processos de

⁶⁵⁰ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.34-35.

⁶⁵¹ SANTOS, João Marcos Leitão. *Jesus Cristo praticou a democracia: duas perspectivas protestantes sobre a ordem política no Brasil de 1945-1955*. Revista de História Comparada, Rio de Janeiro, v.5-1, 2011.p.117. Disponível em: www.revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada.

êxodo rural e urbanização das grandes capitais, os líderes protestantes enxergaram nos anos da experiência democrática a oportunidade de legitimação diante das autoridades.

A procura por relevância social, por parte do protestantismo, durante os anos de 1945 - 1964 pode ser aferida nos exemplos que serão apresentados em sequência. Antes dos tais, é importante ressaltar a afirmação de João Marcos Leitão Santos sobre o contexto brasileiro para o protestantismo, no início da redemocratização:

Com o fim do período Vargas, a experiência pluralista, cuja marca política estava na Assembleia Nacional Constituinte de 1946, foi recebida com entusiasmo pelo protestantismo, o qual via no governo Estado Novo, um afastamento progressivo do seu sonho democrático e via um favorecimento ao culto católico. O protestantismo estava emergindo de suas crises institucionais no período anterior. Em franco crescimento, adentrava discretamente nas classes médias, sobretudo, através dos colégios, ao mesmo tempo em que abria novos espaços de participação política como se mostra na representação parlamentar, mantendo, todavia, restrições quanto à aproximação das forças de esquerda⁶⁵².

Instituições animadas pelo protestantismo organizado tinham como objetivo responder algumas demandas e dinâmicas sociais do país e, para tanto, foram organizadas uma série de ações e mediações institucionais, tais como a criação de departamentos que interagissem com os processos de imigração e colonização e que também fizessem proposições nas áreas da educação e literatura, refletindo sobre os problemas da juventude brasileira. Sempre tendo em vista a cooperação com os governos e esperando dos mesmos a preocupação com temas caros aos protestantes: “frequência dominical de atos escolares, ensino religioso, movimento comunista, casamento religioso, perseguições religiosas”⁶⁵³. Aliás, as alegadas “perseguições religiosas” parecem formar o núcleo das justificativas da necessidade de centralizar ao protestantismo nas primeiras décadas da República⁶⁵⁴.

A partir da década de 1940, em um contexto de recuperação democrática, movida pelo fim da ditadura varguista e pelo colapso de ideologias totalitárias que foram derrotadas na Segunda Guerra Mundial, o protestantismo brasileiro, representado

⁶⁵² SANTOS, João Marcos Leitão. *Jesus Cristo praticou a democracia...* p.120.

⁶⁵³ REILY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2003.p.259.

⁶⁵⁴ REILY, Duncan Alexander. *História Documental...* p.258. Em documento recuperado pelo autor da extinta Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil, há o apontamento: “O movimento reacionário, que agora procura introduzir na nova Constituição do país algumas restrições sobre a liberdade religiosa, tem apressado o movimento pró-federação”.

na Confederação Evangélica do Brasil, exemplificou a procura do segmento em influenciar a sociedade brasileira através de uma série de ações cooperativas que destacassem a atuação dos protestantes, mostrando o que a sociedade e os governos poderiam esperar dos mesmos.

O reposicionamento dos protestantes nesse período considerava que o fim da ditadura de Getúlio Vargas, era mais propício a agenda das igrejas evangélicas, especialmente no que importa a prédica pública e o proselitismo, especialmente pelo fato de que o fim do regime representava a derrocada da aliança quase concordatária entre Estado e Igreja Católica. Relação que sempre foi incômoda aos protestantes e diversas vezes criticada.

As ações, conforme mencionados no texto acima, foram, em um primeiro momento, de orientar os próprios protestantes, por meio dos veículos de imprensa do segmento, acerca da importância do exercício do voto, levando em conta os valores éticos e morais encontrados no Evangelho e o bem estar social que a prática poderia redundar, especialmente, aos trabalhadores:

Quanto às eleições nacionais que para breve se realizarão, recomendamos aos nossos irmãos, que se abstenham de qualquer atuação política que envolva a responsabilidade da igreja, pois esta não tem outra missão a cumprir senão formar o caráter dos seus membros de tal maneira que eles adquiram capacidade individual para o exercício do voto e escolha de partidos que melhor atendam suas tendências sociais... e desde que esses programas não estejam em contradição com o princípios morais e éticos do Evangelho. Entretanto, todos nós nos sentimos obrigados a trabalhar pela adoção de leis que melhorem as condições dos trabalhadores⁶⁵⁵.

Apoio Político

Ainda nos anos quarenta, o protestantismo irá progredir da mera orientação ao voto para um discreto apoio a candidatura presidencial do Brigadeiro Eduardo Gomes, pois o considerava mais afeito à liberdade religiosa do que seu adversário, General Eurico Gaspar Dutra. Em um pronunciamento, Eduardo Gomes, tranquiliza os protestantes:

⁶⁵⁵ CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DO BRASIL. [CEB] *Manifesto aos crentes evangélicos, aos adeptos e simpatizantes, a todos os brasileiros que temem a Deus*. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1945. APUD. SANTOS, João Marcos Leitão. *A concepção da ordem social...* p.123. É notório o caráter moralizante da nota, uma característica típica do protestante brasileiro.

Quando se diz liberdade, não se pode pensar em limitações, senão aquelas que a lei impõe. Sou católico praticante como não é segredo para ninguém. Mas por ser católico, não é que vou exigir todos os meus patrícios o sejam. A liberdade de culto é um dos postulados que constitui a democracia. Falsearia, inteiramente, os ideais democráticos, se pretendesse limitar a liberdade de culto ou a liberdade de pensamento⁶⁵⁶.

Da valorização da ética individual, como ferramenta de transformação social, perpassando para a orientação do exercício do voto e, em seguida, até mesmo cauteloso apoio a candidaturas específicas, os protestantes passaram a considerar a organização de partido político próprio, rompendo, assim, suas raízes pietistas, assumindo uma influência mais puritana⁶⁵⁷, no que tange a prática política.

O Partido Político Protestante.

A primeira reação organizacional de caráter político dos protestantes no período da redemocratização foi a criação da Coligação Nacional Pró Estado Leigo, entre os anos de 1945 e 1946. Os temores orbitavam em torno da influência de importantes atores do catolicismo nas pautas que seriam discutidas na Assembleia Constituinte:

Plena liberdade a todos os brasileiros de se associarem, de se reunirem, de expressarem seus pensamentos, pela imprensa, pela tribuna, pelo rádio, etc, dentro da ordem e da lei;
 Absoluta separação entre a Igreja e o Estado;
 Igualdade de todos os cultos perante a lei;
 Laicidade do ensino em todas as escolas oficiais, de modo que qualquer faculdade de instrução religiosa não interfira com este princípio;
 Nenhuma interferência do Estado nas funções de qualquer igreja;
 Nenhuma intromissão de atos religiosos nas solenidades cívicas, afim de evitar coações ou constrangimentos; nenhuma distinção entre brasileiros e mesmo entre estrangeiros em virtude de maioria de adeptos de qualquer religião, visto que todas as igrejas são iguais perante a lei, funcionam dentro do direito comum, que não reconhece maiorias nem minorias em matéria religiosa.
 Como ação imediata o Movimento Pró-Estado Leigo chama a atenção dos eleitores simpatizantes dos princípios aqui expostos, para as advertências abaixo, que deverão ser observadas com todo rigor:

⁶⁵⁶ SANTOS, João Marcos Leitão. *A concepção da ordem social...* p.125. Trecho de discurso reproduzido nas páginas do Jornal O Globo, em 28 de agosto de 1945.

⁶⁵⁷ O puritanismo inglês foi caracterizado por ânimo religioso com resultados na esfera pública. Diferentemente do pietismo alemão, concentrado que sempre foi, em toda a sua extensão, na dimensão privada de uma fé íntima e individual.

Só deem os seus votos preferenciais a candidatos que seguramente vão defender na Câmara Federal os sãos princípios da separação entre Igreja e Estado;

Procurem influir por todos os modos, o mais depressa possível, com a maior intensidade e com a maior amplitude no círculo de suas relações pessoais, no sentido de convencer o maior número de eleitores, quanto ao dever de todos os espíritos livres exercer o seu voto conscientemente dentro das afirmações deste manifesto.

Dada a urgência de tempo a palavra de ordem é para todos os espíritos livres: “Dê cada um além das suas forças” - Pelo Estado Leigo.

Curitiba, 10-11-1945⁶⁵⁸.

Finalmente, no intuito de se alcançar a pretendida visibilidade e importância na sociedade brasileira, protestantes de diversas regiões organizam um partido político: Partido Republicano Democrático (PRD). De curta duração, apenas três anos, ameaçado de extinção pelo Tribunal Superior Eleitoral em face dos pífios desempenhos eleitorais, tinha sem seu programa as seguintes orientações:

Os principais pontos do seu programa defendiam o regime federativo republicano e um governo democrático, que respeitasse a liberdade de expressão e de culto e o direito de associação e de reunião. Eram ainda reivindicados os direitos de todos os indivíduos ao trabalho e aos meios de remuneração, o direito do povo a educação, a manutenção da propriedade privada, o direito dos empregados a participarem dos lucros das empresas, a extinção dos latifúndios, o direito de greve e a abolição de todos os impostos sobre os gêneros de primeira necessidade visando o barateamento do custo de vida⁶⁵⁹.

Reforçado com a entrada de quadros ligados ao protestantismo paulista e também de outros agentes sem relação confessional, mas, mesmo assim, sem alcançar densidade eleitoral, o Partido Republicano Democrático foi extinto em 1948, dando origem ao Partido Republicano Trabalhista (PRT), sendo, enfim, extinto em 27 de outubro de 1965 com a promulgação do Ato Institucional nº 2. (AI-2).

Entre os principais quadros do Partido Republicano Democrático, estavam ministros⁶⁶⁰ e lideranças leigas⁶⁶¹ das igrejas congregacionais, batistas, presbiterianas,

⁶⁵⁸ SANTOS, João Marcos Leitão. *A Serviço do Povo para a Grandeza da Pátria*. O Partido Republicano Democrático – Um Partido Protestante. file:///C:/Users/IdauroCampos/Downloads/1603-4616-1-SM%20(1).pdf.

⁶⁵⁹ SANTOS, João Marcos Leitão. *A Serviço do Povo...* p.55.

⁶⁶⁰ Por exemplo: Synésio Lira, ministro da Igreja Evangélica Fluminense e da Igreja Congregacional em Rio Comprido (RJ); José de Souza Marques. Vice-presidente da Convenção Batista Brasileira (CBB) e primeiro presidente da Ordem dos Ministros Batistas do Brasil (OMBB) e Deputado Constituinte Efraim Rizzo. Ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, médico e escritor; Guaracy da Silveira, primeiro protestante eleito Deputado Federal na década de 1930.

metodistas que reforçavam as orientações religiosas do partido. Núcleos regionais foram organizados nos Estados Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraíba, Maranhão, Rio Grande do Norte, Ceará, Goiás e Rio de Janeiro.

Fatores como a insistente desconfiança dos protestantes brasileiros com a prática política, a atuação de políticos tradicionais eleitos historicamente com os votos dos protestantes e que disputaram votos com os estreantes do Partido Republicano Democrático (logrando maior êxito) e a reação católica marcaram o mau desempenho do partido protestante, que, três anos após sua fundação, desapareceria formalmente do mapa eleitoral brasileiro.

A década de 1950, para o protestantismo, foi marcada pelo ingresso expressivo de jovens oriundos das igrejas evangélicas nas universidades, pela militância religiosa e pelo crescimento considerável nas áreas urbanas, em especial, próximo a setores da classe média e do operariado. Tais movimentos sociais colaboraram para a eleição de cinco protestantes⁶⁶² para a Câmara dos Deputados Federais para a legislatura de 1955.

Além do desempenho de candidatos evangélicos nas eleições, o protestantismo na década de 1950, mais uma vez, tentou mostrar visibilidade social através da publicação de mais um manifesto, em 1954, onde a problemática política, social e econômica não seria desconsiderada, mas sim levando em conta o ânimo religioso, isto é, o protestantismo acreditava, deixando claro a sua posição no manifesto, que os problemas religiosos e morais do país estavam nas bases da crise social e política:

A crise econômica que nos assola, e a crise moral e de caráter, que se evidencia a todo passo, na corrupção, na literatura pornográfica, no egoísmo, na ganância nos menosprezo dos valores morais, na descrença e no sensualismo, são sintomas que alarmam os mais otimistas e que reclama das forças vivas da nação brasileira uma tomada de posição numa batalha de vida ou de morte (MANIFESTO, 1954, p.3).

[...]

Urge analisar os problemas brasileiros objetivamente como um brado de alerta à opinião pública, contra o desfribilamento moral e o desvirtuamento dos valores, valores estes que têm sido, até agora, o apanágio do povo brasileiro. (MANIFESTO, 1954, p. 4)⁶⁶³.

⁶⁶¹ Josué Cardoso da Fonseca, professor de Educação Religiosa da Confederação Evangélica do Brasil; Euclides Deslandes, funcionário público e Secretário Geral do Departamento de Mocidade da Confederação Evangélica do Brasil; Ernesto Soren, advogado e membro da Igreja Batista, entre outros.

⁶⁶² Lauro Cruz, Nelson Omena, Antunes de Oliveira, Rui Ramos Paulo Abreu e Teixeira Gueiros.

⁶⁶³ CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DO BRASIL. [CEB] *Manifesto do Evangelismo à Nação Brasileira*. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1954. APUD. SANTOS, João Marcos Leitão. *A Serviço do Povo...* p.138.

O manifesto segue em sua análise da realidade dos problemas brasileiros à luz das interpretações religiosas dos protestantes:

Apontando os grandes males que atingem a nossa nacionalidade [...] e declarando, em cada caso, a posição do Evangelismo brasileiro, já deixamos entrever a solução para todos os problemas que atingem a vida da nossa Pátria: volta sincera para Deus [...] (MANIFESTO, 1954, p.27).

Afastar o verdadeiro Deus-Pai da solução dos problemas humanos implica em criar, automaticamente, outros deuses [...] sejam ideologias sociais ou políticas, líderes populares, ou organizações meramente humanas (MANIFESTO, 1954, p. 28)⁶⁶⁴.

Finalmente, a década de 1950, para os protestantes, representou também o início das relações de agentes do segmento com as formas de militância universitária, urbana e operária, o que culminou com a aproximação destes agentes com bandeiras progressistas e ecumênicas⁶⁶⁵. Muitos destes agentes protestantes seriam reprimidos⁶⁶⁶ quando o golpe civil-militar que rompeu com a ordem democrática em 1964. E tais contrariariam a posição majoritária do protestantismo que foi de apoio, reconhecimento, silêncio e legitimidade ao golpe.

As tentativas de organização para ganhar visibilidade e relevância social, acompanhados de publicações de manifestos dirigidos aos evangélicos e também a toda a sociedade, a estruturação e/ou o ingresso em partidos políticos com a consequente oferta de candidaturas, os acenos aos governos, sempre enfatizando, por meio de textos emitidos pela Confederação Evangélica do Brasil e demais congêneres, sua disposição em formar cidadãos que pudessem contribuir com a ordem social e a sujeição às autoridades, revela o quão disposto estava o protestantismo brasileiro para se firmar como sujeito social e agente político na República, tendo, das autoridades, reconhecimento e legitimidade. Ao fazê-lo, o protestantismo, assim como o catolicismo,

⁶⁶⁴ CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DO BRASIL. [CEB] *Manifesto do Evangelismo...* p.139.

⁶⁶⁵ PASSOS TRABUCO, Zózimo Antônio. *“À direita de Deus, à esquerda do povo”*: Protestantismos, esquerdas e minorias em tempos de ditadura e democracia (1974-1994). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2015.p.43-65.

⁶⁶⁶ COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Relatório: textos temáticos / Comissão Nacional da Verdade. – Brasília: CNV, 2014 – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 2). p.176-199. Nas páginas indicadas há vários registros de nomes de agentes protestantes que sofreram repressão pelos órgãos do aparelho estatal nos anos da ditadura civil-militar no Brasil.

reconheceram os sucessivos governos que se estabeleceram na República, dando sua contribuição, na legitimação da ordem social aplicada no Brasil.

3.6 O Apoio Protestante à Ditadura Civil-Militar: Legitimidade, Consenso e Participação.

O apoio a Jango

Concentrando a atenção no papel desempenhado pelo protestantismo brasileiro no processo de legitimação do golpe civil-militar de 1964 e na ditadura que seguiu, dominando o país por 21 anos, antes, porém, importante ressaltar o apoio que setores do protestantismo deram ao presidente João Goulart no turbulento ano de 1963.

No dia 07 de maio de 1963, às 11 da manhã, no Palácio do Planalto, um encontro solicitado pelo deputado federal Aurino Valois (Partido Trabalhista Brasileiro – Pernambuco) e membro da Igreja Congregacional em Vitória de Santo Antão (PE), reuniria o Presidente João Goulart com ministros protestantes, representantes de sessenta igrejas, além de deputados evangélicos, para prestarem solidariedade e também presentear com um exemplar da Bíblia (**ANEXO XXVII**).

Aqui estamos para trazer nossa palavra de solidariedade. Não viemos pedir – pois o povo evangélico não pede – mas para dar nosso apoio moral e nossa assistência espiritual ao governo de Vossa Excelência. A Bíblia nos ensina o respeito às autoridades legalmente constituídas e nos concita à colaboração com aquelas que trabalham para o bem-estar coletivo. É com respeito, e na livre disposição de colaborar com o Governo Federal, que os pastores evangélicos de Brasília vêm a presença do Presidente da República, eleito e confirmado no cargo pela maioria do povo brasileiro. Senhor Presidente João Goulart: receba a nossa palavra de apreço, de conforto, de confiança, de paz, de consideração e de simpatia [...] Tem Vossa Excelência nosso apreço e simpatia, pois sabemos o quão duras tem sido as dificuldades administrativas e como é grave a problemática nacional⁶⁶⁷.

O episódio é importante para os estudos historiográficos, pois demonstra que setores do protestantismo ainda nos tempos de 1963, um ano reconhecidamente turbulento para a política nacional, tentava manter alguma relação de reconhecimento e

⁶⁶⁷ Trecho do discurso proferido pelo ministro batista Éber Vasconcelos (Igreja Memorial Batista de Brasília). MACHADO, Adriano Henrique. *Batistas e Metodistas no Contexto Sociopolítico dos Anos de 1960 e ao Longo da Ditadura Militar*. IN: DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...* p.242.

proximidade com o Presidente da República, reconhecendo, inclusive a necessidade de reformas (O título da matéria no Jornal Batista foi “Pastores Evangélicos Visitam João Goulart: O Brasil Precisa de Reformas”. ANEXO XXVIII), tema caro a João Goulart que vinha anunciando as “reformas de base”. Fortalece essa compreensão o fato de que nem todos os evangélicos presentes ao encontro eram progressistas, como, por exemplo, o Deputado Federal e membro da Igreja Evangélica Fluminense, Daso Coimbra (ANEXO XXIX).

A Oposição a Jango.

Quatro meses (maio – setembro) separariam as relações cordiais de setores do protestantismo com o Governo João Goulart. Não apenas o protestantismo, mas outros segmentos da sociedade, como a imprensa, por exemplo, intensificariam as críticas em face da “Rebelião dos Sargentos”⁶⁶⁸. Acerca deste marco (setembro de 1963), Jorge Ferreira e Angela de Castro Gomes afirmam:

Setembro de 1963. Em visão retrospectiva, pode-se dizer que, a partir desse momento, o processo de radicalização política que vinha tomando conta do país, mas que estava sendo contornada com uma série de medidas encabeçadas pelo presidente, aprofundou-se drasticamente. Nesse sentido, é possível assinalar que a primavera de 1963 não trouxe flores ao governo Goulart. Ao contrário, ela foi o seu outono, demarcando o começo da crise que o levaria à derrocada total⁶⁶⁹.

Em outubro de 1963, uma mudança de postura é identificada, por exemplo, entre os batistas, quando a Faculdade de Teologia do Colégio Batista Brasileiro, realizando uma conferência sobre reforma agrária, convida o padre Felipe Neri Moschini. Em capítulo de livro, intitulado “Da Defesa do Estado Laico à Revolução Enviada por Deus: protestantes históricos e política no Brasil, um breve histórico (1900 – 1970)”, Luciane Silva de Almeida destaca as palavras mais emblemáticas do discurso do padre: “Devemos temer o comunismo, mas, devemos temer muito mais, uma democracia em

⁶⁶⁸ O Supremo Tribunal Federal (STF), depois das eleições, confirmou a proibição de se eleger militares, em 11 de setembro de 1963, o que motivou o estouro, em Brasília, da Revolta dos Sargentos. “Mais de 600 cabos, sargentos e suboficiais da Aeronáutica e Marinha tomaram a base aérea da capital federal, a Rádio Nacional, as centrais telefônicas e alguns prédios públicos”. Cf. <http://www.jornalopcao.com.br/posts/ultimas-noticias/revolta-dos-sargentos-a-importancia-historica-de-um-movimento-pouco-lembrado>.

⁶⁶⁹ FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe...* p.177.

podridão”⁶⁷⁰. A presença do clérigo em uma das instituições do protestantismo brasileiro mais resistentes ao catolicismo revela que o anticomunismo na década de 1960 reunia segmentos que até, então, não dialogavam.

No mês seguinte, precisamente no dia 15 de novembro, feriado da Proclamação da República, o protestantismo brasileiro demonstraria, de forma marcante, a sua descrença com o governo de João Goulart, tomado como incapaz de pacificar o país e superar a crise política e econômica. Sintomática é a fala de Enéas Tognini, expressivo ministro batista à época, e de fácil trânsito entre outras denominações, que convoca os evangélicos brasileiros para o “Dia de Jejum, Oração e Humilhação” para que o “Brasil fosse liberto do perigo do comunismo”⁶⁷¹. Essa convocação foi atendida por diversas igrejas evangélicas no Brasil. Algumas abriram suas portas, dando início aos trabalhos de reunião de oração, a partir das seis horas da manhã, perdurando até à noite, às vinte e uma horas, com revezamento de associações e sociedades internas das igrejas (uniões de mocidade, mulheres, oficiais eclesiásticos e etc), vigília que contou com a simpatia de oficiais de alta patente do II Exército em São Paulo.

Em entrevista para a tese de doutorado de Leandro Seawright Alonso (“Ritos da oralidade: a tradição messiânica de protestantes no Regime Militar Brasileiro”), Enéas Tognini declarou:

Creio que o ponto mais alto do trabalho, que Deus me mandou fazer, contudo, foi no dia 15 de novembro de 1963, quando aconteceu o dia de jejum, oração e humilhação. Os comunistas já estavam agindo, pois apreenderam em Paris, o plano dos chineses para influenciar o Brasil. Já estava tudo pronto! Os grupos de extermínio já estavam prontos aqui no Brasil, mas o povo estava dormindo! Infelizmente, o povo não percebia! No dia 15 de novembro nós mudamos o coração do povo brasileiro. Nós oramos bastante e o temor de Deus caiu sobre todos. Foi uma experiência tremenda! As emissoras chegaram a nos convidar para fazer programas de rádio e de televisão. Tudo isso foi feito para a honra e glória do Senhor Jesus Cristo!⁶⁷²

Enéas Tognini considerava o comunismo uma das maiores ameaças à ordem social das nações. Em 1971, passados os sete primeiros anos do golpe civil-militar, ele publica suas ideias sobre o comunismo:

⁶⁷⁰ DE ALMEIDA, Luciane Silva. *Da Defesa do Estado Laico à Revolução Enviada por Deus: protestantes históricos e política no Brasil, um breve histórico (1900 – 1970)*. IN: DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...* p.178.

⁶⁷¹ DE ALMEIDA, Luciane Silva. *Da Defesa do Estado Laico...* p.178.

⁶⁷² ALONSO, Leandro Seawright. *Ritos da oralidade: a tradição messiânica de protestantes no Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo (USP), 2016.p.129-130.

Precisamos reconhecer que estamos diante de UM PERIGO ATUAL. O comunismo é envolvente. Vede as nações que ele já esmagou. Um terço do nosso globo e talvez mais um pouco, acha-se debaixo do seu tacão. É um rolo compressor terrível. Implacável. É catequista. É missionário. Sacrifica-se pelo Partido. Está organizado e muito bem. Tem planos terríveis para a conquista do mundo. Não dorme. Trabalha dia e noite. Vigia sempre... Reconhece o grande valor da palavra escrita e usa-a em gigantesca escala. Bilhões de porções de seus ensinamentos circulam por toda a terra. Ilude os homens. Procura atraí-los com miragens. Não nos enganemos com o seu canto de sereia. É uma força do demônio. É uma das grandes forças descritas na Bíblia. Ao contrário do que muitos pensaram que seria um poder efêmero, isto é, de pouca duração, ele vem se sustentando em grande poder, vem desafiando as maiores resistências da terra, zomba de Deus e desdenha das forças espirituais⁶⁷³.

Na concepção do ministro protestante de tradição batista, falecido em 2017, com cento e um anos de idade, o que aconteceu em 31 de março de 1964 fora uma resposta divina às orações realizadas pelos protestantes em todo o Brasil. Os militares seriam, então (para ele), instrumentos de salvação nacional, impedindo o avanço comunista⁶⁷⁴. Em 2014 a Revista Isto É⁶⁷⁵ fez uma matéria sobre os evangélicos e a ditadura civil-militar, onde Enéas Tognini foi um dos entrevistados.

Elogios ao Golpe e Ditadura Civil-Militar

Algumas das primeiras reações, ou a ausência delas, de setores do protestantismo ao golpe de 31 de março de 1964, já foram apresentadas no segundo capítulo desta pesquisa. Os congregacionais emitem sua opinião por meio da nota da Confederação Evangélica do Brasil republicada na primeira página do Jornal O Cristão. Além da repercussão protestante acerca do golpe de Estado que marca o início de um período autoritário no Brasil, houve uma série de outras demonstrações de apreço e aceno favorável aos militares. Acenos que partiram de representantes autorizados de igrejas evangélicas, que, nos boletins e órgãos da imprensa oficial de suas denominações, evidenciaram a maneira como atores do protestantismo interpretavam os acontecimentos. Os elogios não deixam dúvida da posição majoritária do segmento, compondo assim o quadro de legitimação religiosa que colaboraria com o Regime.

⁶⁷³ TOGNINI, Enéas. *São Paulo será destruída*. São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1971.p.74-75 IN: ALONSO, Leandro Seawrigh. *Ritos da oralidade...* p.128.

⁶⁷⁴ ALONSO, Leandro Seawrigh. *Ritos da oralidade...* p.132.

⁶⁷⁵ www.istoe.com.br/reportagens/141566_OS+EVANGELICOS+E+A+DITADURA+MILITAR>

Destacando esse aspecto, Adroaldo Almeida, registra, por exemplo, que o golpe foi testemunhado com “entusiasmo, alegria e comemoração”⁶⁷⁶, por parte dos editores do Jornal O Estandarte, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, que lançaram mão de construções conceituais, visando ressignificar a ação dos militares:

O Estandarte operou certa pasteurização dos acontecimentos, re-significando - os por meio do uso circunstancial das palavras: não foi golpe, mas revolução; não foi cassação, mas saneamento; Ato Institucional era “figura jurídica inédita na realidade brasileira que iniciava uma nova ordem na evolução política”. Os redatores do jornal usavam argumentos do próprio governo militar e dos políticos que o defendiam⁶⁷⁷.

Além disso, após o golpe, com a consolidação da ditadura, os elogios seguiram nos editoriais dos impressos denominacionais, conforme pode-se atestar nos exemplos abaixo, em datas distantes, evidenciando que, mesmo com o avanço do regime, o posicionamento favorável permaneceu:

Jornal O Estandarte (Igreja Presbiteriana Independente), de 1972, sobre Emílio Garrastazu Médici:

De fato, é incontestável que o Brasil, na atualidade, trilha o caminho certo do progresso, dentro dum clima de ordem e paz, sob a liderança de um governo forte, capaz, respeitado e operoso como é o que Vossa Excelência preside com descortino e patriotismo. É júbilo que aumenta na medida em que nos certificamos de que a imagem projetada pelo Brasil para o exterior, imagem que lhe assegura respeito e uma posição de liderança entre as nações da terra e lhe granjeou elevado conceito e admiração, vai cada vez mais encontrando correspondência no crescente bem estar do povo brasileiro em todas as suas camadas, graças à tenacidade com que Vossa Excelência vem se desempenhando da sublime tarefa de fazer o homem brasileiro participante dos benefícios da civilização⁶⁷⁸.

No mesmo editorial:

Manda reiteradas vezes o livro de Deus, a Bíblia Sagrada, norma e roteiro de nossa conduta como cidadãos duma pátria terrena, que respeitemos, honremos e obedeçamos as autoridades constituídas,

⁶⁷⁶ ALMEIDA, Adroaldo. *Igreja Presbiteriana Independente e Assembleias de Deus em Tempos de Ditadura Militar no Brasil*. IN: DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra...* p.54.

⁶⁷⁷ ALMEIDA, Adroaldo. *Igreja Presbiteriana Independente...* p.56.

⁶⁷⁸ FERRAZ, José Coelho. *Confederação evangélica do Brasil*. O Estandarte, Ano 80, n.º 19, São Paulo, 15 de outubro de 1972, p. 4. APUD. ALMEIDA, Adroaldo. *Igreja Presbiteriana Independente...* p.71.

porque o poder que elas exercem lhes veio de Deus, de quem são Ministros, e a quem terão de prestar contas⁶⁷⁹.

E ainda:

Receba, assim, Senhor Presidente, nesta data tão significativa para a nossa pátria estremecida, o caloroso aplauso pela sua obra patriótica de governo, o mais profundo reconhecimento pelos sacrifícios que essa obra lhe impôs, a indelével gratidão pelas bases sólidas dum futuro radioso que ela vem construindo e o cordial respeito pela sua figura de estadista, administrador e magistrado, aplausos, reconhecimento, gratidão e respeito que a Vossa Excelência tributam os oito milhões de patrícios seus de confissão evangélica⁶⁸⁰.

A Convenção Batista Brasileira, através de seu periódico oficial, O Jornal Batista, republicou, na primeira página, uma nota na edição de 31 de maio de 1964 (ANEXO. XXX), uma espécie de orientação pastoral de autoria de João Soren⁶⁸¹ sobre a situação política brasileira e de como os batistas da Convenção Batista Brasileira deveriam interpretar as relações dos fatos políticos daquele do momento com as igrejas.

Luciane Silva de Almeida, analisando o texto de João Soren, conclui:

Apesar de teoricamente representar a decisão da Denominação Batista em manter-se alheia a toda e qualquer forma de expressão política, na prática, ele cumpriu a função de encobrir o já visível apoio batista a intervenção militar⁶⁸².

Antes mesmo da nota de João Soren, na edição publicada em 12 de abril de 1964, em um editorial, entre muitos outros que seriam publicados sobre o novo governo, em um reconhecido “esforço para legitimá-lo”⁶⁸³, O Jornal Batista registra (ANEXO XXXI).

Os acontecimentos políticos militares de 31 de março e 1º de abril que culminaram com o afastamento do Presidente da República vieram inegavelmente, desafogar a nação. Por que estávamos vivendo num clima pesado de provocação, de ameaças, de agitações, que nos roubavam o mínimo de tranquilidade necessária para poder trabalhar e

⁶⁷⁹ FERRAZ, José Coelho. *Confederação evangélica do Brasil...* p.71. O trecho é significativo e signatário da Teoria Política Protestante, conforme apresentada nesta pesquisa nas páginas 137-142.

⁶⁸⁰ FERRAZ, José Coelho. *Confederação evangélica do Brasil...* p.71.

⁶⁸¹ João Filson Soren (1908 – 2002). Um dos primeiros capelães evangélicos do Brasil. Serviu na Força Expedicionária Brasileira (1944 – 1945). Ministro da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, uma das primeiras da denominação no Brasil.

⁶⁸² ALMEIDA, Luciane Silva de. *Da Defesa do Estado Laico...* p.179.

⁶⁸³ ALMEIDA, Luciane Silva de. *Da Defesa do Estado Laico...* p.180.

progredir. Necessária, inclusive, para a pregação do Evangelho. Agora as coisas mudaram. Era tempo. [...]

Alegra-nos saber (pelo menos até agora) que o movimento de salvaguarda da democracia verificou-se sem sangue. Os objetivos do movimento estavam de acordo com o que pensa e com o que quer o povo que não houve resistência. Toda a pregação da violência feita com estranha complacência das autoridades, através do rádio, da imprensa, do livro, dos comícios não bastou ainda para mistificar suficientemente a maioria do povo brasileiro. E este agora respira aliviado.⁶⁸⁴

A nota acima é emblemática, pois aponta para a forma como agentes do protestantismo consideraram os primeiros movimentos do golpe. Para tais, a mudança de governo do país era para ser recebida com “alegria”, porquanto foi interpretada pelos editores do jornal denominacional como um instrumento de “salvaguarda da democracia”, e isso sem resistência e violência, conforme a carência de fontes e veículos de informação à época. Além disso, consideraram o evento alinhado com os anseios do povo que poderia “respirar aliviado”. Tais sentenças elogiosas formam, em muito, a compreensão majoritária do protestantismo brasileiro.

Na edição do Jornal Batista, publicada de 23 de agosto de 1964 (ANEXO XXXII), a troca de elogios entre Castelo Branco e os batistas são destacadas:

[O presidente] Fez uma referência aos batistas que diz conhecer desde a sua meninice, no Ceará, dizendo admirá-los porque “mesmo os homens mais simples da roça fazem questão de dar testemunho de sua fé e são homens de vida simples e correta”⁶⁸⁵.

A menção segue com as palavras dos editores batistas em resposta ao presidente:

Daqui dizemos nós, sejamos sempre tais homens, de vida limpa e correta, que merecem essa referência desse ilustre soldado que é o Presidente da República... [...]

Todos os que estavam no Salão da Imprensa do Palácio do Planalto ficaram emocionados com as palavras e a atitude do Presidente Castelo Branco. Notava-se a sinceridade na sua voz e entonação. Esse homem, por quem oramos sempre, como cristãos, merece nosso respeito e admiração⁶⁸⁶.

As palavras escolhidas pelos editores do Jornal O Batista confirmam o conservadorismo dos protestantes brasileiros e, como sugere Márcio Vilela, estudando a

⁶⁸⁴ O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1964.p.3

⁶⁸⁵ O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1964.

⁶⁸⁶ O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1964.

experiência presbiteriana nos anos da ditadura brasileira, tal conservadorismo “se encontra em sintonia com uma racionalidade que permeia vários grupos sociais no Brasil daquele momento”⁶⁸⁷. De acordo com Vilela, é esta sintonia⁶⁸⁸ que aproximou os protestantes no apoio ao golpe e que tal processo é coerente com o alinhamento das forças conservadoras, nos primeiros anos da década de 1960, que tinham no comunismo o adversário comum. Ameaça comunista que insistiam em ver, por exemplo, nas propostas das reformas de base do presidente João Goulart.

Participação em Cerimônias e homenagens

O apoio protestante ao golpe civil-militar foi para além da repercussão positiva do movimento que fez triunfar o golpe de Estado, avaliação essa, com palavras elogiosas, publicada em páginas de periódicos denominacionais. A simpatia protestante em relação ao novo regime fez-se sentir e perceber também em cerimônias cívicas, onde a celebração comprometida com a agenda política da ditadura ganhava a força simbólica das imagens, das palavras de ordem empregadas, assim como da presença de autoridades do governo e de populares. Quanto à presença protestante, de diferentes modos, junto aos militares, Rubem Alves é de opinião que os protestantes viram nos militares a oportunidade que vinha lhes faltando, a despeito de décadas de tentativa de participação no ordenamento social. O prestígio e a importância histórica da Igreja Católica no espaço público sempre dificultaram uma maior inserção dos protestantes na arena social, isto é, nas disputas por uma maior influência. A ditadura militar, com seu conservadorismo anticomunista, representou, para os protestantes, a chance de aproximação das esferas de poder e reconhecimento da parte desses mesmos agentes. Rubem Alves analisa da seguinte forma: “Andando sempre a pé, certos grupos protestantes se apressaram a montar na garupa dos militares [...] Aliando-se aos militares as igrejas protestantes passariam a participar de seu poder...”.

Uma das formas de participar do poder era a presença, por exemplo, em cerimônias públicas onde o civismo era exaltado. O ministro congregacional José Bonifácio de Sousa e Silva recupera uma das memórias acerca disso, destacando matéria publicada no Diário de Pernambuco, em 09 de setembro de 1964, onde o desfile

⁶⁸⁷ VILELA, Marcio. A. F. *Vozes e Silêncio...* p.198.

⁶⁸⁸ Para compreensão do argumento de Marcio Vilela acerca das forças conservadoras que influenciam protestantes a apoiarem o golpe de 1964: Cf. ALMEIDA, Vasni de. *Os Metodistas e o golpe civil militar de 1964*. *Revistas Estudos de Religião*. v.23, n.37, jul/dez.2009.

militar pela passagem do Dia da Independência é noticiado, com destaque para a participação de mais de quinze mil batistas:

Durante quase duas horas, mais de 15 mil batistas de Pernambuco desfilarão anteontem pelas ruas do Recife, terminando diante do Palácio do Governo, onde apresentaram cumprimentos ao governador do Estado e altas autoridades que se achavam no palanque instalado⁶⁸⁹.

O desfile dos batistas fazia parte de uma campanha nacional de evangelização, onde o objetivo seria de promover em todo o país a “revolução de conquistar o Brasil para Cristo”⁶⁹⁰. Ao final do ato religioso, coincidindo com o horário e local da cerimônia cívico-militar, o considerável grupo de protestantes seguiu em direção ao Palácio do Governo, onde estava sendo celebrada a Semana da Pátria⁶⁹¹. Diversas representações denominacionais (colégio, seminários, associações, editora, representações de igrejas e etc)⁶⁹² participaram do referido ato.

Mesmo em anos posteriores ao do golpe civil-militar, e mesmo em outras praças, com outras denominações e agentes do protestantismo, a postura diante da ditadura foi idêntica. É o que se conclui, por exemplo, quando se abre o diário do bispo emérito metodista Isaias Sucasas, onde se registra sua aceitação, de bom grado, ao convite emitido pelo Exército de São Paulo para a presença em um Culto em Ação de Graças no dia 31 de março de 1969. O registro do diário evidencia o pensamento do ministro metodista acerca daquele culto congratulatório (fora acompanhado de seu irmão, Rev. Sucasas, também ministro metodista):

Aprontei-me e fui juntamente com o Rev. Sucasas até o Circulo Militar do 2º Exército em Birapuera. O culto que se realizou foi de Ação Graças, pelo 5ª aniversário da revolução de 1964. O culto foi muito solene, houve muito gente. O sermão foi excelente, pregado pelo Rev. Da I.P. Independente. O coro, só de vozes femininas, foi também da mesma igreja, muito bom coro. O salão

⁶⁸⁹ DIARIO DE PERNAMBUCO. Primeiro Caderno, quarta-feira, 09 de setembro de 1964. APUD. SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.70.

⁶⁹⁰ DIARIO DE PERNAMBUCO. Primeiro Caderno, quarta-feira, 09 de setembro de 1964. APUD. SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.71.

⁶⁹¹ DIARIO DE PERNAMBUCO. Primeiro Caderno, quarta-feira, 09 de setembro de 1964. APUD. SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.71.

⁶⁹² DIARIO DE PERNAMBUCO. Primeiro Caderno, quarta-feira, 09 de setembro de 1964. APUD. SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.71.

estava repleto, uma assistência seleta de civis e militares de todas as patentes⁶⁹³.

Os Encontros com os Presidentes.

Nas disputas pelo lugar de influência no espaço público, não faltaram, por parte dos protestantes, os encontros oficiais com os Presidentes da República. Além do encontro mencionado anteriormente com o Presidente Castelo Branco, outros foram os momentos de aproximação entre os representantes do protestantismo brasileiro e os generais, Presidentes da República. Daso Coimbra, por exemplo, ligado a Igreja Congregacional e Deputado Federal (pela ARENA, partido de sustentação do regime militar) pelo antigo Estado da Guanabara e, depois, pelo Rio de Janeiro, procurou, em todos os seus mandatos, presentear os Presidentes do período da ditadura com exemplares da Bíblia, assim como também a João Goulart, em 1963 e José Sarney, em 1986. Fez discursos elogiosos ao governo militar e, em seus pronunciamentos na Câmara dos Deputados Federais, procurou dar visibilidade social ao congregacionalismo.

Arthur da Costa e Silva, segundo general a assumir a Presidência da República no período da ditadura civil militar no Brasil, se encontrou com um grupo de parlamentares cristãos em uma reunião⁶⁹⁴ promovida no Congresso Nacional, em 1967. Tais reuniões, muitas delas marcadas por orações pelas autoridades constituídas, acompanhadas de almoços de confraternização, mostravam a boa vontade evangélica com o regime militar.

Em 1971, a Igreja Presbiteriana Independente em Brasília envia um Coral⁶⁹⁵ que entoava cânticos no Palácio da Alvorada, diante do Presidente Emílio Garrastazu Médici e de sua esposa, Scila Nogueira Médici (ANEXO XXXIII).

Em 16 de março de 1974, por ocasião da posse do General Ernesto Geisel, um novo encontro com representantes do protestantismo é noticiado. Comentário feito na ocasião pelo Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, General Humberto de Souza

⁶⁹³ SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo: Reflexão, 2014.p.93. A cerimônia cultiva, de caráter ecumênico, com a presença de ministros de distintas confissões do protestantismo, demonstra como, a despeito de prováveis tensões no interior do segmento (haja vista sua característica multifacetada), o protestantismo, de modo geral, reagiu aos acontecimentos políticos da década de 1960 com muita semelhança.

⁶⁹⁴ O ESTANDARTE. São Paulo, ano 75, n.24p. 3,31 dez,1967. APUD. ALMEIDA, Adroaldo. *Igreja Presbiteriana Independente...* p.39.

⁶⁹⁵ O Estandarte, 31 de janeiro de 1971, p. 11.

Melo, ao Deputado Daso Coimbra, chamaria a atenção: “Vejam só estamos aqui três brasileiros e, se se fizesse uma estatística, diriam que cem por cento do Brasil é Protestante”. O comentário se explica pelo fato de que além do próprio general, de tradição batista, e Daso Coimbra (congregacional), estava também na posse o Secretário Geral do Exército, General Daltro Santos, de pertença metodista. O fato de Ernesto Geisel ser de tradição luterana levou setores do protestantismo à comemoração, reforçando a interpretação de oportunidade, legitimação e influência política e social. Nesse sentido, lê-se no periódico O Estandarte, de confissão presbiteriana independente: “Como vemos, Deus tem colocado seus servos em posição de destaque em nosso país”⁶⁹⁶.

Em editorial no mesmo O Estandarte, informando da posse de Ernesto Geisel, uma conclusão acerca da presença protestante na cena pública brasileira é exposta:

Muitas igrejas não gostam de falar em política, mas achamos que já está no tempo de nossos pastores orientarem seus membros (não na hora dos serviços religiosos) quanto à maneira de votar em candidatos evangélicos. Precisamos muito de homens crentes e consagrados, dentro das Assembleias, Câmaras e Senado. Os evangélicos devem assumir cargos importantes no governo, onde terão oportunidade de testemunhar de Cristo e defender os direitos dos Cristãos em qualquer necessidade que surgir⁶⁹⁷.

Em 1977, um novo encontro entre representantes do protestantismo e o Presidente da República. E, novamente, com Ernesto Geisel. Desta vez, o Chefe de Estado compareceu ao 8º Encontro Nacional de Oração, organizado pelo Grupo Parlamentar Cristão, “uma espécie de bloco parlamentar que reunia deputados e senadores, tanto de origem evangélica quanto católica, no Congresso Nacional⁶⁹⁸”.

Os fatos acima narrados, em anos e com atores distintos, definem a questão de como foi acomodação do protestantismo ao período ditatorial que vigorou na política brasileira entre 1964 e 1985. A aceitação do jogo do poder apresentado pelos seus detentores foi amplamente aceito. No ano de 1968, emblemático para os estudos sobre a ditadura-civil-militar, ano de grande contestação pública ao regime e de violenta repressão aos opositores da ditadura, setores do protestantismo seguiram com o apoio ao

⁶⁹⁶ O Estandarte, Ano 82, n.º 12, São Paulo, 30 de junho de 1974, p. 5.

⁶⁹⁷ O Estandarte, Ano 82, n.º 12, São Paulo, 30 de junho de 1974, p. 5.

⁶⁹⁸ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. “*Pelo Senhor, marchamos*”... p.82.

governo, embora procurando reconhecer as pautas estudantis distintas de interesses de grupos que eram considerados subversivos e infiltrados nas assembleias dos estudantes.

É o que se pode atestar ao comparar duas notas publicadas no Jornal Batista, em 14 de abril de 1968, quando o periódico denominacional noticiou o protesto de estudantes no Rio de Janeiro que vitimou o secundarista Edson Luis de Lima Souto:

Tudo começou, ao que contam, com uma reunião de estudantes em seu restaurante. As condições destes são precárias. Há promessas de ampliá-lo e melhorá-lo. Que os estudantes queiram coisa melhor, compreende-se e justifica-se. Estariam, pois, a planejar um movimento no sentido de conseguirem melhores condições quando o conflito começou. Dizem que a polícia atirou e matou o estudante. A polícia nega que tenha atirado. Numa confusão daquela é difícil apurar as responsabilidades e uma comissão de inquérito está tratando desse assunto enquanto escrevemos estas notas⁶⁹⁹.

Após ponderar sobre a legitimidade da reunião, a nota prossegue demonstrando apoio ao governo, destacando que, mesmo que comprovada a ação policial, que a responsabilidade seria individual, do operador da segurança, do autor do disparo, mas não do governo:

Mas, admitindo que tenha saído do revolver de um policial a bala assassina, é um pouco difícil responsabilizar o Governo pela imprudência de um subalterno. Mais difícil ainda é responsabilizar o país [*isto é, os Estados Unidos da América*] que teve sua embaixada apedrejada...⁷⁰⁰.

A nota destaca o que considera aproveitamento de grupos infiltrados no movimento estudantil para atacar o governo:

Mas, a explosão estudantil foi habilmente explorada por quem tinha outros interesses e, assim, o movimento de protesto por uma causa justa, transformou-se num movimento político em que o governo foi atacado enquanto era exaltado o fracassado guerrilheiro Che Guevara⁷⁰¹.

Em uma segunda nota, os editores do O Jornal Batista registraram interpretação do cenário político brasileiro:

⁶⁹⁹ O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1968.p.3.

⁷⁰⁰ O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1968.p.3. Grifo meu.

⁷⁰¹ O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1968.p.3.

No Brasil não estamos sob ditadura. Há um congresso em funcionamento, não há censura prévia à Imprensa, os tribunais estão abertos⁷⁰².

A menção das instituições (congresso, imprensa e tribunais) evidencia um tanto do senso construído em torno da ideia de que desde que havia determinados expedientes em pleno funcionamento, não se configuraria no país um regime ditatorial (“No Brasil não estamos sob ditadura”).

A nota, contudo, prossegue reconhecendo os problemas nacionais, especialmente referentes à educação; legitima o protesto dos estudantes, critica o governo por gastar mais no Carnaval do que em educação e sugere manifestos que cobrem dos governantes, de todas as esferas, melhores condições na educação do país:

Entendemos que os estudantes se levantem e lutem em defesa dessas causas justas da classe. Que façam comícios, que organizem passeatas e apoquentem a não mais poder deputados estaduais e federais, senadores, governadores, ministros e presidentes para conseguirem melhores condições para as suas Faculdades e Escolas. Essa é uma das grandes necessidades nacionais⁷⁰³.

E finaliza em tom de lamento e crítica ao que julga desvios dos movimentos estudantis:

Mas, faz pena ver como se deixam levar por agitadores de tal maneira que as boas causas ficam completamente esquecidas e os movimentos estudantis completamente deturpados⁷⁰⁴.

A nota mencionada é uma reação aos protestos estudantis de março de 1968. O posicionamento ao lado do governo assumido pelos batistas brasileiros é nítido e incontestável. Entretanto, em dezembro do mesmo ano, quando o Ato Institucional nº 5 seria decretado, e a face mais nítida do autoritarismo no Brasil seria exposta, “novas

⁷⁰² O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1968.p.3.

⁷⁰³ O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1968.p.3.

⁷⁰⁴ O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1968.p.3.

interpretações sobre as características daquele governo”⁷⁰⁵ seriam elaboradas pelos batistas, ainda que cautelosamente⁷⁰⁶.

O editorial publicado em O Jornal Batista expõe a forma como determinados setores sociais avaliavam a realidade política do Brasil, ao fim da década de 1960. A negativa de muitos à época em se reconhecer vivendo em uma ditadura exhibe compreensões complexas que desafiam historiadores em suas pesquisas.

Aliás, essa forma de interpretar o momento político que o Brasil atravessava exhibe uma ambiguidade do Regime. A ambiguidade, para Rodrigo Sá Motta, se explica no fato de que distintas concepções teóricas formaram “a ossatura política do regime”⁷⁰⁷, um resultado da “aproximação de grupos ideologicamente distintos”⁷⁰⁸, que tinham no nacionalismo, no liberalismo, no conservadorismo e, principalmente, no sentimento anticomunista a via comum.

As pressões exercidas pelos grupos que se identificavam com os conceitos acima mencionados, sendo tais tão distintos, gerou o paradoxo ao qual se refere o pesquisador:

Tratava-se de um regime político em cujos discursos se afirmavam ao mesmo tempo, os valores democráticos e liberais, a defesa da autoridade e da pátria ‘una e indivisa’ e a exaltação da família e da ordem social tradicional⁷⁰⁹.

Outros aspectos das tensões no interior do regime instalado em 1964 são explorados por Rodrigo Sá Motta:

Para explicar a indecisão do regime militar entre ditadura e respeito a certas instituições liberais há que se levar em conta, também, o fato do seu evento originário (O ‘31 de março’) ser considerado um movimento em defesa das instituições democráticas, suspostamente ameaçadas pela esquerda e por Goulart. Assim, no imaginário na ‘Revolução de 1964’, os temas da liberdade e da democracia ocupavam lugar importante, opondo obstáculos aos que desejavam estabelecer um regime ditatorial puro⁷¹⁰.

⁷⁰⁵ DE ALMEIDA, Luciane Silva. *Da Defesa do Estado Laico...* p.185.

⁷⁰⁶ DE ALMEIDA, Luciane Silva. *Da Defesa do Estado Laico...* p.185.

⁷⁰⁷ DE ALMEIDA, Luciane Silva. *Da Defesa do Estado Laico...* p.52.

⁷⁰⁸ DE ALMEIDA, Luciane Silva. *Da Defesa do Estado Laico...* p.52.

⁷⁰⁹ DE ALMEIDA, Luciane Silva. *Da Defesa do Estado Laico...* p.52.

⁷¹⁰ DE ALMEIDA, Luciane Silva. *Da Defesa do Estado Laico...* p.52.

Esses e outros componentes são corroborados no fato de que a ditadura civil-militar no Brasil manteve aberta e em funcionamento, ainda que com restrições devido às leis de exceção, “instituições liberais como o parlamento e o sistema judiciário”⁷¹¹, seguindo, assim em uma espécie de regime onde a afirmação ideológica central seria o “Desenvolvimento com segurança”⁷¹². Este sendo explicado em um “autoritarismo liberal capaz de garantir estabilidade, afastar os riscos de mudança social” e inibindo formas intensas de repressão que justificasse a luta armada como a única opção de oposição ao regime⁷¹³.

Essas ambiguidades, contradições e paradoxos do regime militar podem ajudar a entender a razão pela qual grupos sociais, como, por exemplo, os protestantes, seguiram (alguns ainda seguem) apresentando outras conclusões acerca da experiência política vivida no Brasil entre os anos de 1964 e 1985. É inegável que o país tenha passado por uma ditadura, entretanto, as justificativas favoráveis ao regime de exceção apresentadas por determinados segmentos continuam concorrendo na disputa da memória daqueles anos. A nota exposta no Jornal O Batista é exemplo emblemático.

A Participação dos Protestantes no Governo

Finalmente, há de se considerar, no processo de legitimação da ditadura por parte do protestantismo, que a forma mais visível de contribuição com o regime militar foi a participação direta nele, isto é, de seus representantes atuarem nas esferas do poder. Não faltaram exemplos nas muitas igrejas espalhadas pelo Brasil,[v] das mais diferentes matizes denominacionais.

Batistas buscaram alianças com políticos ligados ao governo militar. Incentivaram seus membros para que disputassem eleições a fim de seu obter mandatos parlamentares, além de cargos políticos que foram distribuídos. O engajamento dos batistas com o regime militar foi uma realidade como já foi demonstrado nesta pesquisa.

Na Edição de O Jornal Batista, de 14 de abril de 1968, na página 3, uma nota informa acerca da visita à redação do Jornal do General Mario Barreto França, membro da Primeira Igreja Batista de Niterói, colaborador do Jornal e integrante do Conselho Estadual de Educação e da Comissão Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG).

⁷¹¹ DE ALMEIDA, Luciane Silva. *Da Defesa do Estado Laico...* p.53.

⁷¹² DE ALMEIDA, Luciane Silva. *Da Defesa do Estado Laico...* p.53.

⁷¹³ DE ALMEIDA, Luciane Silva. *Da Defesa do Estado Laico...* p.53.

Presbiterianos “lograram altos postos no cenário político brasileiro”⁷¹⁴. Um exemplo foi o do jornalista Sergio Paulo Freddi, que chegou a ser diretor da imprensa oficial da Igreja Presbiteriana Independente (O Estandarte). Nomeado pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici para chefiar a Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República (AERP), em 24 de junho de 1970.

Os congregacionais da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (UIECB) tiveram, a partir de 1969, a presença de militares em seus quadros de comando na denominação. Mesmo sendo, tais ministros, congregacionais de formação, antes mesmo de serem identificados como militares, o contexto da política nacional, porém, pode ter sido decisivo como elemento formador e orientador dos quadros que a denominação precisou valorizar. O Departamento de Serviços Gerais passou a ser gerido por um capitão e a Secretaria Executiva, órgão de articulação entre a presidência da Junta Geral e os setores denominacionais, além das igrejas e ministros, também foi entregue a um oficial militar da aeronáutica.

Entre os metodistas houve também os que estabeleciam pontes entre a denominação e o governo. O mencionado exemplo do General Celso Daltro Santos que, desde o início de década de 1960, ainda nos tempos de Tenente – Coronel exercia representação de sua denominação na Confederação Evangélica do Brasil, e que no Governo de Ernesto Geisel, secretariaria o Exército, é parte do cenário que estabelece as relações entre os protestantes e o governo militar do Brasil. É entre os metodistas que viria dos exemplos mais extremados de participação e colaboração com a ditadura civil-militar instaurada no Brasil: a do ministro – delator. Isto é, daqueles que, movidos por ideologia, decidiram entregar aos agentes do DOPS outros protestantes. Seus irmãos na fé. Tema trabalhado em outra pesquisa⁷¹⁵.

⁷¹⁴ SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Os Congregacionais da UIECB...* p.95.

⁷¹⁵ Na obra “Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil”, Daniel Augusto Schmidt, concentrou sua pesquisa nas relações de colaboração dos irmãos José Sucasas Júnior e Isaias Fernandes Sucasas (ambos ministros da Igreja Metodistas do Brasil) aos agentes do DOPS. Anivaldo Padilha (pai de Alexandre Padilha, ex-ministro da saúde no governo de Dilma Roussef) foi um dos metodistas delatados pelos irmãos Sucasas nos anos da repressão. SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar...* p.79-161.

Considerações Finais

A religião é um fenômeno social. Faz-se presente na vida de coletividades desde a infância, por meio de ritos e cerimônias (batismos e consagrações) e os acompanha em outras fases da vida (crisma, confirmação, aniversários, ações de graças, casamento e cerimônias fúnebres), sendo, também, referência na formação social e política de seus adeptos. Pavimenta, portanto, a via por onde se constrói ou se participa de processos históricos. É, pois, referência que localiza os homens e os situa apontando, inclusive, papéis funcionais que serão exercidos na sociedade. A religião legitima processos históricos e opções políticas.

As instituições religiosas são núcleos sociais. Interagem com a sociedade, portanto. Seus integrantes são atores sociais e reagem conforme o fluxo de ideias e aos fatos políticos. Exigir neutralidade delas, como fazem muitos ministros protestantes que não apreciam a ideia de que houve alguma participação ou posicionamento nos tempos de ditadura civil-militar no Brasil é um erro. Por outro lado, deve importar aos historiadores e demais pesquisadores a inclusão das denominações protestantes quando analisarem e abrirem arquivos históricos para o entendimento do que foram os anos do Regime de Exceção no país. A presente pesquisa é uma tentativa de colaboração no preenchimento desta lacuna.

Nos trabalhos acadêmicos, sejam artigos publicados ou livros, e também simpósios, entrevistas, palestras ou em salas de aulas nos colégios e/ou universidades onde circulam o tema da ditadura civil-militar no Brasil, os campos que sofrem abordagem são sempre os mesmos: personalidades e partidos políticos, imprensa, Igreja Católica, sindicatos, universidades, quartéis militares, resistência armada, artistas, estudantes, ativistas. Pouca discussão, portanto, retratando o comportamento dos protestantes.

A contribuição maior que esta pesquisa pretendeu oferecer foi tentar apresentar como um dos representantes do segmento religioso protestante brasileiro, o congregacionalismo, reagiu aos anos de ditadura civil-militar.

As fontes primárias utilizadas, as entrevistas, as comparações com outros grupos denominacionais, a própria comparação com o catolicismo brasileiro, revelam que as instituições cristãs posicionaram-se. Reagiram, pois, concordando, apoiando,

silenciando, orando, crendo e considerando que determinados acontecimentos políticos estavam em sintonia com a vontade de Deus para o Brasil.

Ao mesmo tempo a pesquisa aponta que as instituições religiosas nunca foram apenas preocupadas com o conteúdo religioso. Prédicas, orações, reuniões eclesiais, evangelização e liturgia constituem os elementos mais marcantes das instituições religiosas. Mas também a participação no ordenamento social e político brasileiro sempre esteve no esteio dos interesses denominacionais. Organizações, aproximação com o poder governamental, a presença em cerimônias públicas, a organização e filiação em partidos políticos, os almoços e jantares e demais audiências com presidentes, ministros e outras autoridades políticas e até mesmo militares, evidenciam quão desejosas as igrejas evangélicas no Brasil estiveram para participar da vida pública nacional.

Com os congregacionais, objeto desta pesquisa, não foi diferente. Apesar de menor quantitativamente entre as denominações do protestantismo brasileiro, através de seus ministros com acesso ao poder e de parlamentares ligados às suas igrejas e das reações institucionais como publicações de notas no *Jornal O Cristão*, o alinhamento, a identificação e a concordância com a ditadura ficariam claras. Sem falar dos posicionamentos assumidos nas reformas dos Estatutos da denominação, onde uma configuração autoritária foi percebida.

O congregacionalismo é uma democracia eclesiástica. A membresia escolhe seus ministros, define suas leis internas e não presta subordinação às instâncias externas. Autonomia, independência e democracia são seus corolários. Verdadeiros postulados. A liberdade de expressão de seus membros, que se pronunciam nas Assembleias de Membros, registrando suas opiniões e decidindo pelos destinos administrativos das congregações locais, são expressões da democracia. O membro congregacional, portanto, tem voz. Além da voz, tem no voto a forma consagrada da tomada das decisões e, estas, sempre da maioria reunida. E, finalmente, tem vez. Coloca-se. Pode apresentar-se como alternativa para atuar dentro dos muitos departamentos e sociedades internas. Entretanto, apesar de familiarizado com tantos mecanismos e expedientes democráticos, não houve estranhamento quando, pensando na sociedade brasileira, a maioria deixou de se manifestar por conta do golpe de 1964. Quando vozes discordantes passaram a ser vistas com suspeição. Quando o direito à opinião foi proibido. Ao contrário. Ao invés de estranhamento e do protesto, o que houve foi silêncio. E até mesmo simpatia e alinhamento. As razões foram expostas na pesquisa. O Golpe teria

sido uma Revolução? Uma forma de salvar o Brasil? Adiantaria a oposição na época mais rígida do regime, a partir de 1968? O que uma denominação protestante poderia fazer contra os que detinham o acesso e o poder das armas? O silêncio teria sido estratégia de sobrevivência? A falta de informações, afetadas pela censura, poderia explicar o porquê de igrejas evangélicas, que encontram no amor de Deus a motivação de sua mensagem, permanecerem quietas quando famílias eram separadas pelos aparelhos da repressão? Estas são perguntas incômodas, porém necessárias. Não para gerar constrangimentos. Não para julgamentos. Mas, sim, pra conhecer a história. E a história de um núcleo social, ainda que pequeno, e aparentemente inexpressivo do ponto de vista quantitativo, algo em torno de onze mil pessoas, pelos idos da década de 1960, pode, sim, colaborar para compor o cenário que exhibe comportamentos e opiniões sobre um dos momentos mais importantes e emblemáticos da História do Brasil.

Referências

Artigos

ALMEIDA, Vasni de. *Os Metodistas e o golpe civil militar de 1964*. *Revistas Estudos de Religião*, v.23, n.37, jul/dez.2009.

BICALHO, Maria Fernanda B. *A França Antártica, o curso, a conquista e a "peçonha luterana"*. *HISTÓRIA*, São Paulo, 27 (1): 2008.

CALVANI, Carlos Eduardo B. *O Anglicanismo no Brasil*. São Paulo: Revista USP, nº. 67.2005.p.36-47.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *O Discurso Acadêmico de Rubem Alves Sobre "Protestantismo" e "Repressão": Algumas Observações 30 Anos Depois*. Rio de Janeiro: *Religião e Sociedade*. 28 (2): p.102-137, 2008.

----- . *O protestantismo de missão no Brasil, cidadania e liberdade religiosa*. *Revista Educação e Linguagens*, São Paulo, V.17, n.1, p.76-116, 2014. Disponível em: www.metodista.br/revistas/revistas-metodista.

CARVALHO, Agemir Dias; FERREIRA, Valdinei A. *A Sociedade Evangélica Beneficente (SBB): Movimento de Cooperação entre Igrejas no Paraná*. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 43, p. 123-146, 2005. Editora UFPR.

DE MELLO, Zuza Homem. *A Era dos Festivais*. Disponível em: <http://institutocravoalbin.com.br/projetos/catalogos-tematicos/no-palco-os-festivais/era-dos-festivais/>.

DE MOURA, Carlos André da Silva. *Representações da Neocrisandade no movimento de Restauração Católica no Brasil e em Portugal: 1910-1937*. (Disponível em: [www. http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/546/389](http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/546/389)).

DIAS, ZWINGLIO M. *Teologia Pública – Uma proposta*. Disponível em: [www.http://koinonia.org.br/periodicos/theologia-publica/teologia-publica-uma-proposta](http://koinonia.org.br/periodicos/theologia-publica/teologia-publica-uma-proposta).

FELDMAN, Alban Krishna Topan. *Implicações históricas e identitárias do dia de Ação de Graças para o indígena estadunidense em uma obra de Sherman Alexie*. Acta Scientiarum. Acta Scientiarum. Language and Culture Maringá, v. 36, n. 3, p. 263-273, July-Sept.2014.p.265.

GOUVÊA, Antônio Mendonça. *República e Pluralidade Religiosa no Brasil*. Revista USP, São Paulo, n.59,p.144-163, set/nov.2003. Disponível em: www.revistas.usp.br/revusp.

HOVLAND, Thor Halvor. *Teologia do Apartheid na África do Sul: Um exemplo de Teologia Ideologizada*. São Leopoldo: Estudos Teológicos, 35 (1). p. 92-108. 1995.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. *Teologia e Revolução: a radicalização teológico – política de Richard Shaull*. Estudos de Religião, v. 26, n. 43.

MATOS, Alderi de Sousa. *Universidades Protestantes: Benefícios e riscos*. Disponível em: www.ultimato.com.br Acesso em: 14 de jul de 2016.

PAIXÃO JÚNIOR, Valdir Gonzalez. *Poder, memória e repressão: a Igreja Presbiteriana do Brasil no período da ditadura militar (1966-1978)*. Bauru: RIDH - Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos v. 2, n. 2, p. 19-40, jun. 2014.

PRADO, André Pires da; SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da. *História das religiões, história religiosa e ciência da religião em perspectiva: trajetórias, métodos e distinções*. Religare v.11, n.1, março de 2014, p.04-31.

REILY, A Duncan. *Os metodistas no Brasil (1889-1930)*. Disponível em: http://periodico.est.edu/index.php/estudos_teologicos.

SANTOS, João Marcos Leitão. *A concepção da ordem social segundo o protestantismo brasileiro: 1891-193*. PLURA, Revista de Estudos de Religião, Juiz de Fora, MG, V.3,n2,p.113-158, 2012.

----- . *Jesus Cristo praticou a democracia: duas perspectivas protestantes sobre a ordem política no Brasil de 1945-1955*. Revista de História Comparada, Rio de Janeiro, 5-1: 116-148, 2011. Rio de Janeiro, v.5-1, 2011.p.117. Disponível em: www.revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada.

SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Índios Evangélicos no Brasil Holandês*. São Paulo: Fides Reformata – Centro de Pós Graduação Andrew Jumper. Vol.II. Número:I, jan – jun, 1997.p.39-58.

----- . *A Serviço do Povo para a Grandeza da Pátria. O Partido Republicano Democrático – Um Partido Protestante*. file:///C:/Users/IdauroCampos/Downloads/1603-4616-1-SM%20(1).pdf.

SILVA, Paulo Julião. *A Igreja Católica e as Relações com o Estado na Era Vargas*. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/>. Acesso em 08, mar de 2018.

Capítulo de Livro:

ALMEIDA, Adroaldo J.S. *Igreja Presbiteriana Independente e Assembleia de Deus em tempos de Ditadura Militar no Brasil*. IN: SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de. *Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: Editora CRV, 2017.p.215-240.

ALMEIDA, Luciane Silva de. *Da Defesa do Estado Laico À “Revolução Enviada por Deus”*: protestantes históricos e política no Brasil, um breve histórico (1900-1970). IN: SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de. *Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: Editora CRV, 2017.p.167-190.

ALMEIDA, Vasni. *Protestantismo e República no Brasil: política, sociedade e educação*. IN: SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de. *Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: Editora CRV, 2017.p.139 - 166.

MACHADO, Adriano Henrique. *Batistas e Metodistas no Contexto Sociopolítico dos anos 1960 e ao longo da Ditadura Militar*. IN: SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de. *Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: Editora CRV, 2017.p.241-268.

REIS, Daniel Aarão. *A ditadura faz cinquenta anos: história, e cultura política nacional-estatista*. IN: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do Golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.p.11-29.

RIDENTE, Marcelo. *As oposições à ditadura*. IN: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do Golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.p.30-47.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A modernização autoritária - conservadora nas universidades e a influência da cultura política*. IN: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do Golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.p.48-66.

TRABUCO, Zózimo. *A Expressão Política da Esperança: protestantismo ecumênico e lutas sociais no Brasil (1962-1989)*. IN: SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de. *Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: Editora CRV, 2017.p.269-294.

VILELA, Marcio A.F. *Vozes, Silêncio e Vigilância: a Igreja Presbiteriana do Brasil e o Estado de exceção*. SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de. *Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: Editora CRV, 2017.p.191-214.

Entrevistas

CARREIRO, Vanderli Lima. *Entrevista a Idauro Campos* [e-mail]. 12 set. 2017.

LEMOS, Delmo Moraes. *Entrevista a Idauro Campos*. Rio de Janeiro, 08 jul. 2017.

LIMA, Daniel Gonçalves. *Entrevista a Idauro Campos*. Rio de Janeiro, 04 set. 2017.

MARTINS, Hélio Rodrigues. *Entrevista a Idauro Campos*. Rio de Janeiro, 05 jun. 2017.

SOUSA E SILVA, José Bonifácio. *Entrevista a Idauro Campos* [e-mail] 02 set.2017.

SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. *Entrevista a Idauro Campos*. Rio de Janeiro, 08 jul. 2017.

Fontes Primárias

ATAS

União das Igrejas Evangélicas e Cristãs do Brasil. Livro de ATAS da Reunião Ordinária e Extraordinária da U.I.C.C. B de 28/03/1961 a 03/01/1968.

Periódicos Denominacionais

O ESTANDARTE. Ano XXXIX, nº 22, São Paulo, 04 de julho de 1931.

O ESTANDARTE. Ano 82, n.º 12, São Paulo, 30 de junho de 1974.

O ESTANDARTE. 31 de janeiro de 1971.

JORNAL O CRISTÃO. Maio/junho de 1964.

JORNAL O CRISTÃO. Agosto/novembro de 1964.

JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1964.

JORNAL O CRISTÃO. Outubro de 1965.

JORNAL O CRISTÃO. Dezembro de 1968.

JORNAL O CRISTÃO. Janeiro de 1971.

JORNAL O CRISTÃO. Nov/dez de 1973.

JORNAL O CRISTÃO. Julho/Outubro de 1974.

JORNAL O CRISTÃO. Setembro/outubro de 1975.

JORNAL O CRISTÃO. Set/out de 1979.

JORNAL O CRISTÃO. Março/abril de 1985.

JORNAL O EXEMPLO. Abril/maio de 1962.

JORNAL O EXEMPLO. Julho/setembro 1962.

JORNAL O EXEMPLO. Out/ dez de 1962.

JORNAL O EXEMPLO. Mai/jun/jul 1980.

JORNAL O EXEMPLO. Abril/maio de 1962.

JORNAL O EXEMPLO. Jul/set de 1962.

JORNAL O EXEMPLO. Out/dez de 1962.

JORNAL O EXEMPLO. Jan/mar 1968.

JORNAL O EXEMPLO. Mai/jun/jul 1980.

O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1964.

O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1964.

O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1964.

O JORNAL BATISTA. ANO LX III. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1963 – Nº 21.

O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1968.

O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro: Ano CXI, Edição 39. 25.09.2011.

O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira: Edição 52, 2016.

Documentos:

Comissão Nacional da Verdade. Relatório / Comissão Nacional da Verdade. – Recurso eletrônico. – Brasília: CNV, 2014. 976 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 1).

Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos / Comissão Nacional da Verdade. – Brasília: CNV, 2014. 416 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 2).

Obras de Referência

A BIBLIA DE GENEBRA. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

ANGLADA, Paulo. *Sola Scriptura: A Doutrina Reformada das Escrituras*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 1998.

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo Tupiniquim: Hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Edições Loyola / Teológica, 2005.

ARMSTRONG, Karen. *Campos de Sangue: Religião e a História da Violência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Brasil: nunca mais. Um relato para a História. Pref. D. Paulo Evaristo Arns. 28ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

BALANDIER, Geoges. *Antropologia Política*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

BAINTON, Roland H. *Cativo à Palavra: A vida de Martinho Lutero*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2017.

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização*. In FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. Vol. 2. São Paulo: Difel, 1984.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter. *Um rumor de anjos. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural* 2ª edição. São Paulo: Vozes, 1997.

BERGER, Peter; Luckmann. *A construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012.

BOFF, Leonardo. *E a igreja se fez povo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

BOURDIER, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRUNEAU, Thomas C. *Catolicismo Brasileiro em Época de Transição*. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

BURNS, Edwards McNall. *História da Civilização Ocidental*. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.

CANCIAN, Renato. *Igreja Católica e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo: Claridade, 2011.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: Missionária Pioneira na Evangelização do Brasil*. São José dos Campos: Edição do Autor, 2005.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

CARREIRO, Vanderli Lima. *Fundamentos e Princípios do Congregacionalismo*. Campinas: Editora Contextualizar, 2016.

-----, *Lições de História do Congregacionalismo*. Curso de História Denominacional. [s.d.]. 77 f. Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro. p. 27.

-----, *Curso de História Denominacional*. Rio de Janeiro: Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro [s.d].

CARVALHO, Marcone Bezerra. *Protestantismo e História: Brasil e França na visão de Émile Léonard*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2013.

CAVALCANTE, Ronaldo. *As Relações entre Protestantismo e Modernidade: história e memória*. São Paulo: Paulinas, 2017.

CAVALCANTI, Robinson. *Cristianismo e Política: teoria bíblica e prática histórica*. Viçosa: Editora Ultimato, 2002.

CHAMPLIM, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado*. Vol: 03. São Paulo: Hagnus, 2009.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia*. V.1. São Paulo: Hagnos, 2011.

CHAMPLIM, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia*. V.5. São Paulo: Hagnus, 2011.

COSTA, Marcelo Timotheo da. *Alceu Amoroso Lima*. Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

DA SILVA, Elizete. *Os Batistas no Brasil*. IN: DA SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni (org.). *Fiel é a Palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: Editora UFFS, 2011.

DARÓZ, Carlos. *A Guerra do Açúcar*. As Invasões Holandesas no Brasil. Recife: Editora UFPE, 2014.

DAWSON, Christopher. *A Divisão da Cristandade: Da Reforma Protestante a Era do Iluminismo*. São Paulo: Editora Nacional, 2014.

DA SILVA, Elizete; SANTOS, Lyndon de Araújo; DE ALMEIDA, Vasni. *Os 500 Anos da Reforma Protestante no Brasil: Um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: Editora CVR, 2017.

DE BOOR, Werner. *Atos dos Apóstolos: Comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003. p.103-107.

DE ALMEIDA, JOSÉ MARIA & DE MOURA, Sergio Lobo. *A Igreja na Primeira República*. IN: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. Vol. 2. São Paulo: Difel, 1985.

DE LIMA, Delcio Monteiro. *Os Demônios Descem do Norte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

DE OLIVEIRA, André Tadeu. *Nazismo e Religião: entre a aliança e o conflito*. São Paulo: Editora Reflexão, 2011.

DE SOUSA, Jaqueline. *Igreja Reformada Potiguar (1625 – 1692): a primeira igreja protestante no Brasil*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2013.

DE SOUZA, Silas Luiz. *Protestantismo & Ditadura: os presbiterianos e o governo militar no Brasil (1964- 1985)*, 2014.

DIAS DUARTE, João de Azevedo. *O Progresso do Peregrino: religião e política na gênese do iluminismo inglês*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

DURKHEIM, David Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: IEDUSP, 2015.

FAUSTINO, Teixeira; MENEZES, Renata. *Religiões em Movimento: O Censo de 2010*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

FEBVRE, Lucien. *O Problema da Incredulidade no Século XVI: A Religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.p.16.

FERNANDES BRAGA, Henriqueta Rosa. *Música Sacra Evangélica no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1961.

FERNANDES, Danilo. *Introdução à História da Filosofia: Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

FERREIRA, Jorge e Angela de Castro Gomes. *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FICO, Carlos [Org. et. al.]. *Ditadura e Democracia na América Latina: Balanço histórico e perspectivas*. São Paulo: Editora FGV, 2008.

FORSYTH, William B. *Jornada do Império*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2006.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: O nascimento do Ocidente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

-----, *A Ditadura Escancarada*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

-----, *A Ditadura Derrotada*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

-----, *A Ditadura Encurralada*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

-----, *A Ditadura Acabada*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2016.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994.

GILBERTO, Antônio. *A Escola Dominical*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

GIRALDI, Luis Antônio. *A Bíblia no Brasil Império*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

GOMES, Joelson. *Os Congregacionais: Uma História da Tradição Congregacional*. João Pessoa: Moura Ramos Gráfica e Editora, 2017.

GOMES, Paulo Cesar. *Os Bispos Católicos e a Ditadura Militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GONZALEZ, Justo L. *A Era das Trevas*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

------. *Uma História Ilustrada do Cristianismo*. Vol. 6: A Era dos Reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GIODARNI, Mario Curtis. *História dos Séculos XVI e XVII na Europa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

GUERRIERO, Silas. *O Estudo das Religiões: Desafios Contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003.

HEITZENRATER, Richard P. *Wesley e o povo chamado metodista*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006.

HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

------. *O Século das Revoluções 1603 – 1714*. São Paulo: UNESP, 2012.

------. *O Mundo de Ponta a Cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

------. *O Eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa*. São Paulo: Companhia, 1988.

HOBBSAWM, Éric J. *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HUIZINCA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida, 1996.p.148.149.

IERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja católica: 1945-1970*. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III. Vol. 2. São Paulo: Difel, 1984.

JARDIM, Amauri. *Administrando a Igreja: Um manual para o pastor e o líder congregacional*. Rio de Janeiro: UNIGEVAN, 2001.

JESÚS HORTAL, S.J. *E haverá um só rebanho*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Martin Claret, 2014.

KARNAL, Leandro. [et al]. *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

KUIPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

LATOURETT, Kenneth Scott. *Uma História do Cristianismo*. Vol.2. São Paulo: Hagnus, 2006.

LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2002.

LEONEL, João. *Novas Perspectivas sobre o protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial / Paulinas, 2010.

LUTERO, Martinho. *Clássicos da Reforma*. Uma Coletânea de Escritos. São Paulo: Edições Vida Nova, 2017.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916 – 1985)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MATOS, Alderi de Sousa. *Uma Igreja Peregrina: História da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1959 -2009*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LLOYD-JONES, David Martyn. *Os Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores*. São Paulo: Editora PES, 1993.

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

MCGRATH, Alister. *Origens Intelectuais da Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O Celeste Por Vir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edusp. 2008.

MILER, Stephen M & HUBER, Robert V. *A Bíblia e sua história*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

MONDONI, Danilo. *O Cristianismo na Idade Média*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MONIZ, Edmundo. *Canudos: A Guerra Social*. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1987.

MONTES, Maria Clara. *As Figuras do Sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.

NIEBUHR, H. Ricard. *As Origens Sociais das Denominações Cristãs*. São Paulo: ASTE, 1992.

NOBBS, Douglas. *Teocracia e Tolerância: Um estudo das Controvérsias no Calvinismo Holandês de 1600 a 1650*. Rio de Janeiro: Editora BV Books, 2017.

OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2001.

PEREIRA, Anthony W. *Ditadura e Repressão*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

PIERINI, Paulo. *A Idade Média*. São Paulo: Paulus, 1998.

PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2014.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja católica: 1945-1970*. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III. Vol. 2. São Paulo: Difel, 1984.

POJO DO REGO, Antônio Carlos. *O Congresso Brasileiro e o Regime Militar (1964 – 1985)*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

PORTO FILHO, M. *Congregacionalismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: DERP, 1997.

RAMALHO, Jether. *Prática Educativa e Sociedade: Um Estudo da Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

RAMALHO, José Ricardo (Org.) *Uma Presença no Tempo: A Vida de Jether Ramalho*. São Leopoldo: Oikos, 2010.

REILY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2003.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do Golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

RÉMOND, René. *Por Uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. *A Construção Social dos Regimes Autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX: África e Ásia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

----- . *A Construção Social dos Regimes Autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005.

SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. *Karl Barth e sua influência na Teologia Latino-Americana: palavra, evento e práxis de libertação*. São Paulo: ASTE – Associação Basileia, 2013.

----- . *100 Anos de Ensino Teológico: História e Missão do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro (1914 – 2014)*. Rio de Janeiro: Contextualizar, 2014.

----- . *Manoel da Silveira Porto Filho: Poeta, Pastor e Mestre*. Rio de Janeiro: UNIGEVAN, 2006.

SANTOS FILHOS, Hildebrando Costa. *Sinopse Histórica da Presença de Cristãos Protestantes no Brasil*. Edição do Autor: São Gonçalo, 2005.

SANTOS FILHO, Hildebrando Costa. *Filosofia e História do Congregacionalismo Brasileiro na vertente portofilhiana*. Itaboraí: Edição do Autor, 2016.

----- *Filosofia e História do Congregacionalismo Brasileiro na vertente salustiana*. Itaboraí: Edição do Autor, 2016.

SANTOS, Lyndon de Araújo. *Os Mascates da Fé: História dos Evangélicos no Brasil (1855 – 1900)*. Curitiba: Editora CRV, 2017.

SANTOS, Lyndon & PRATES, Sergio. *Robert Reid Kalley. Um Missionário – Diplomata na gênese do protestantismo luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1930.

SYNAN, Vinson. *O Século do Espírito Santo: 100 Anos do Avivamento Pentecostal e Carismático*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo: Editora Reflexão, 2014.

TILLICH, Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 2004.

----- *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 2007.

TIMOTHEO, Marcelo. *Alceu Amoroso Lima. Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

TOCQUEVILLE, Alexis. *Da Democracia Americana*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TOSI, Giuseppe, FERREIRA, Lucia de Fátima Guerra. *Contrarrevolução na América Latina: subversão militar e instrumentalização dos sindicatos, da cultura e das igrejas – Tribunal Russel II*. João Pessoa: Editora UFPB, 2014.

TOTA, Antônio Pedro. *Os Americanos*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

----- . *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

WOODS JR, Thomas E. *Como a Igreja Católica Construiu a Civilização Ocidental*. São Paulo: Quadrante, 2014.

ZAGUENI, Guido. *A Idade Moderna*. São Paulo: Paulinas, 2014.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1991.

Sites:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/sebastiao_leme

<http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/03/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-19-de-marco-de-1964>.

CPDOC/FGV. Disponível: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BECKER>. Acesso em 02 fev. 2018.

Sítios Eletrônicos:

<http://www.jornalopcao.com.br/posts/ultimas-noticias/revolta-dos-sargentos-a-importancia-historica-de-um-movimento-pouco-lembrado>.

www.istoe.com.br/reportagens/141566_OS+EVANGELICOS+E+A+DITADURA+MILITAR>

http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/grupos_trabalho/CNV_REUNIAO_A_MPLA_Igrejas_250213.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112528.htm

Trabalhos Acadêmicos

Dissertações

ASSIS KALIL, Luis Guilherme. *A Conquista do Prata: Análise da Crônica de Ulrico Schmidel*. Campinas: Universidade Estadual de Capinas. Dissertação de Mestrado, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP>.

BRAGANÇA, Ubirajara Sampaio. *Movimentos sociais*. “remexendo o caldeirão do beato José Lourenço”: procurando evidências por trás das aparências. Niterói: UNIVERSO – Dissertação de Mestrado em História Social e Política do Brasil, 2017.

DE SOUSA, Jaqueline. *Igreja Reformada Potiguar (1625 – 1692): a primeira igreja protestante no Brasil*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie – Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, 2012. Disponível: <http://up.mackenzie.br/stricto-sensu/ciencias-da-religiao/teses-e-dissertacoes-detalhada/artigo/igreja-reformada-potiguar-1625-1692-a-primeira-igreja-protestante-do-brasil/>

Teses

ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *“Pelo Senhor, marchamos”*: Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Niterói: Universidade Federal Fluminense – Tese de Doutorado, 2016.

ALONSO, Leandro Seawright. *Ritos da oralidade*: a tradição messiânica de protestantes no Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Universidade de São Paulo – Tese de Doutorado, 2016.

MACHADO, Adriano Henrique. *Os evangélicos e a política no Brasil*: posições, alinhamentos e tensões (1960-1976). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – Tese de Doutorado, 2016.

TRABUCO PASSOS, Zózimo Antônio. *A Direita de Deus e à esquerda do povo: protestantismos, esquerdas e minorias em tempos de ditadura e democracia (1974 – 1994)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Tese de Doutorado, 2015.

Anexos

Responsável

Como Coordenador das atividades, necessárias ao preparo e direção do Jornal, incutisse, como é óbvio, da parte de Tesouraria, durante esta fase transitória, figurará o Sr. Milton Marques, membro da Igreja Evangélica Fluminense.

Desta forma, estamos certos, manter-se-á de pé, vivo e atuante, o nosso órgão publicitário, instrumento insubstituível de nossas relações eclesísticas e denominacionais, fator indispensável ao incremento e à solidificação do amor fraternal, da comunhão cristã entre irmãos na fé e igrejas de nossa União.

Orações! Mais Orações! E muitas orações! É o de que estão precisando, para pleno êxito, o "O CRISTÃO", os seus atuais e futuros dirigentes.

Milton Marques

AO NÔVO PRESIDENTE

A Confederação Evangélica do Brasil dirigiu ao Exmo. Sr. *Paulo Humberto de Alencar Castelo Branco*, em quinze de abril, data de sua posse no cargo de Presidente da República, o seguinte telegrama:

MARECHAL, HUMBERTO CASTELO BRANCO
PALACIO PLANALTO
BRASILIA D. Federal

EXCÊNTO PRESIDENTE DA REPUBLICA

A Confederação Evangélica do Brasil entidade representativa pública e ação conjunta Igrejas Evangélicas do Brasil, congratula a Vossa Excelência com o primeiro magistrado eleito pelo povo e votos a Deus continua assistência divina ao Governo de Vossa Excelência e iluminando caminho reconstrução cristã-democrática nossa pátria e assegurando direitos do homem e promovendo justiça social e bem-estar povo e defendendo soberania nacional e cristianizando desenvolvimento sociedade brasileira e conduzindo povo a altos destinos. Excelência torçamos por apoio moral e leal cooperação cristãos evangélicos.

a) *Amarinho Adorno Vassão*
Presidente

a) *Rodolfo Anders*
Secretário Geral

E TUDO RESSURGIU!...

M. PORTO FILHO

E eu, que pensava não haver mais nada sobre a terra!

E eu que temia que, sobre um mundo em derrocada, nada mais poderia existir que se fizesse um motivo pelo qual eu devesse continuar!

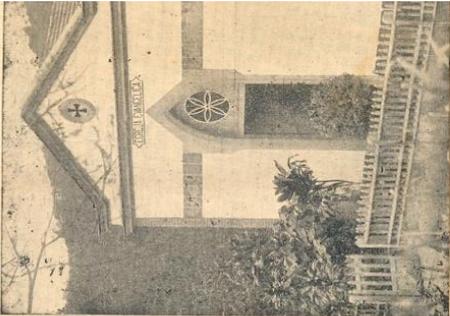
E eu, que via o céu sem luz e sem resposta, vazio, silêncio, e os caminhos da terra sem caminho para eu passar!

— Não vale a pena! Nada vale a pena!

Mas enquanto dentro de mim remois, envenenado, esses pensares torvos, negativos, — eis que, além da janela, um botão de roseira se abriu, tonto de sol, na manhã que rompia e alguém, passando pela estrada, olhou-me num sorriso e disse num sorriso: «Bom dia, meu irmão!»

E toda a treva e toda a morte que eu sentia tomar conta de mim na noite solitária teve uma aurora de ressurreição.

Só porque uma flor se abriu sobre o jardim e alguém me teve por irmão...



Este templo (Passa Três)

Anexo I

HONROSAS

de Janeiro em 5 de...
viagem de adm...
e o Rev. Bispo J...
da United Brethren...
Divisão de Missões...
a qual aquela Igreja...
tem colaboração com...
grejas...
e se achavam acom...
vs. Richard Sem...
ence Brown, foram...
sorto do Galeão pe...
o Filho e Ismael in...
tr. Remigio Braga e...
Fernandes Braga...
um almoço que lhes...
argentina Hotel e do...
alguns líderes dep...
Shaefter e o Bispo...
se em mesa redond...
bros da Junta Geral...
entidades colabora...
tis os Revs. W. B...
tant. Vários assun...
em a obra geral no...
lados, firmándose a...
Evangelical Unio...
ente cooperação que...
a Igreja nacional...
viajaram os ilustres...
s, de onde, após al...
ariam aos Estados

6. — *Testamento, feita que profere*...
muitas isto é, que pratica o perjurio...
out o ato de jurar falsamente, de que...
os *Advers de Deus* on

União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Crisílias do Brasil

Rua Alexandre Mackenzie, 60 — Rio, Ch

Secretaria-executiva

CIRCULAR

Assunto: CONVOCAÇÃO

30-4-64

As Igrejas, Ministros, Juntas, Departamentos e Entidades coo-
peradoras da União;

Nesta data, de ordem do Sr. Presidente da Junta Geral, CON-
VOGO os Srs. Representantes das Igrejas, Juntas, Departamentos e
Entidades cooperadoras, assim como os Srs. Ministros, a se reu-
nem na

X CONVENÇÃO GERAL DAS IGREJAS DA U.L.E.C.C.B.

a realizar-se em Pedra de Guaratiba, do dia 19 a 25 do próximo mês
de julho, nas dependências do Seminário e do Abrigo Evangélico
da Pedra.

São membros da Convenção Geral, conforme art. 32 do Regi-
mento Interno:

- o Pastor e mais dois membros de cada Igreja
- Ministros da União
- Presidentes ou Diretores de Juntas Regionais
- Presidentes ou Diretores de Departamentos e Comissões es-
peciais nomeadas em Convênção Geral
- Um dos diretores de cada entidade cooperadora.

Assuntos magros da CONVENÇÃO:

- a) Dissolução e aprovação do anteprojeto da CONSTITUIÇÃO E REGIMENTO DO INTERNO DA U.L.E.C.C.B.;
- b) Consideração dos relatórios e perspectivas de serviços das Juntas e Departamentos;
- c) Eleições na estrutura da Junta Geral;
- d) Companheirismo, orientação e cultura espiritual das Igrejas.

Informações mais minuciosas, material subsidiário e programas serão remetidos por via postal ou na própria CONVENÇÃO às Igrejas e Srs. Representantes.

Pela JUNTA GERAL E SEU PRESIDENTE

M. PORTO FILHO
Secretário-Executivo

de 1890, acenando e apelo
foi feito pelo Dr. Kallej, que
Rio os irmãos Francisco da Gama
cisco de Souza Jardim e Man
maídes e respectivas famílias
abegara Sr. Vilma Bockler, a
juntou de Dr. Sacer. Bockler, a
quando foi residir em S. Pau
sando-se para a Igreja. Presb
que o orlatou ministro do Evan
O Sr. Francisco da Gama algo
do da Rua Conselheiro Zaca
no Morro da Saúde, onde as
mulhas foram residir. Al come
realizar cultos domésticos, assist
alguns vizinhos. No domingo, 11
Kallej desceu de Petrópolis, para
as suas ovelhas recém-chegadas
domingo, pregou e celebrou, pela
vez primeira, o culto de inverno, a
Sedore, da qual ficaram presb-
teiros: Dr. Kallej, o celebran-
te, Francisca e Maria, Fern-
Francisco e Francisca da Gama;
cisco e Abima Jardim e Willian
Também esteve presente o Sr. V
Esher, pai do Dr. Nicolau Ricardo
do Conto Esher, que ouviu o Evi-
dos lábios do irmão Francisco de
Jardim, que, então, trabalhava, co-
na Arcenal de Marinha. Foi nes-
da Rua Boa Vista que o Dr. Fr-
organizou a Igreja Evangélica
ense, no dia 11 de julho de 188
14 membros: Dr. Robert Reid
e Sr. Pedro Kallej; Willian,
e Mariana Pitt; Francisco e Fra-
da Gama; Manoel, Maria e Fra-
Fernandes; Francisco de Souza
na Jardim; José Pereira de Souza
ro, primeiro crente batizado pelo
Kallej em Petrópolis, no dia 8
vembro de 1887, e Pedro Nolas
Andrade, primeiro crente que o r
Ministro batizou no Rio de Janei-
da referida organização.

Em 7 de setembro de 1889,
Francisco da Gama transferiu sua
fência para a Rua do Propósito
hoje 64 e 66, porque na Rua Boa
Vista não foi possível "continuar a
bisa do culto divino, que tanto in-
dára aos seus vizinhos". Nessa

...sua, meu irmão, Deus pede...
...de valor, para o pastor...
...dominacional, para a...
...ominação. Em sua Igre-
...campo de trabalho...
...lutando contra o pecado...
...42 e seus exércitos...
...se os noços estão nas Igre-
...do lugar devemos notar...
...parte se cumpre em ergor...
...seara que envie ceifeiros...
...Sim, essa é a parte prin-
...be ao crenite realizar. Se...
...opções a culpa não é do...
...Xp. Mas, quando o...
...spectamos de levantar-nos...
...rogar ao Senhor da seara...
...preciamos dedicar momen-
...to nesta supplica, ordenada...
...se crenites precisam dobrar...
...perante o altar do Senhor...
...Ele envie ceifeiros. E no...
...r, pedir com insistência e...
...nos atender, na medida de

...podem viver bem sem uma orientação...
...pastoral. Quando sustentamos um vo-
...parvo de um embaixador de Cristo, al-
...guém que irá onde não podemos ir...
...alguem que fará o que não podemos fa-
...zer...
...Nestas poucas linhas questioneis ab-
...nagat no Senhor, e Ele responderá...
...crentes e às Igrejas; dedicai verba es-
...pecial no orçamento para o sus-
...tento de estudantes nos Seminários de...
...denominação. Precisamos fazer isto e...
...Deus nos há de abençoar com muitas...
...bençãos.

Maífel Mendes

ISTÃO ATINGE AS REGIÕES OS REDATORES REGIONAIS

de O CRISTÃO está muito...
...colocar dentro das pá-
...do Jornal tudo quanto acon-
...tadas em todas as denomina-
...diversas esferas de trabal-
...tamentos da Junta Geral...
...de destaque na publicação...
...gramas e realizações...
...Regionais, da mesma ma-
...chamadas a dar informa-
...de suas realizações, para...
...campo denominacional to-
...do que se faz aqui...
...tor de Departamento da...
...será, por isso, autônomo...
...lador do Jornal, dentro de...
...des. As Juntas Regionais...
...solicitação da Junta Ge-
...partamento de Imprensa e...
...REDATORES REGIONAL-
...são encarregados de trans-
...est. Os redactores da Re-
...que publicaremos em: São Paulo...
...s de Goiás, de São Paulo...
...milen, do Leste Fluminense...
...de Janeiro, da Guanabara...
...sua terão sempre suas ati-
...lidades nas páginas de O

...vidade da Junta Regional e seus seto-
...res e secretarias...
...A partir de Janeiro de 1965 faze-
...mos questão absoluta, da presença, to-
...nos os meses, pois temos certeza mar-
...tada de que o Orgão Oficial de...
...notícias das Regiões, base que umas...
...estimulem as outras na realização de...
...grandes coisas...
...O CRISTÃO SERÁ DIZIMISTA...
...Outro fato que desejamos destacar...
...é o desejo da nova direcção do Or-
...gão denominacional, de cooperar com...
...sua Igreja, quanto ao dinamismo de...
...sua vida, tanto nas Igrejas, quanto...
...reter em sua tesouraria, a partir de...
...Janeiro de 1965, o dizimo do produto...
...da venda do Jornal, obedecendo ao se-
...guinte critério: Quando na Igreja hou-
...verem 100 assinantes, nós enviaremos...
...110 exemplares. Os dez que serão ven-
...ditos, é o dizimo para a Igreja, que...
...mesmo acontecer...
...enviaremos 55 exemplares, quando fo-
...rem 30, enviaremos 33 exemplares, etc...
...A partir de Janeiro de 1965, O CRIS-
...TÃO será dizimista em todas as Igre-

...centes fossem dizimistas não haveria...
...necessidade na Igreja... «Trazed todos...
...o dizimo...»

...As Igrejas são do Senhor. Ele é...
...rico. O dono da Igreja é o Espírito. Se...
...o dono da Igreja é rico, não existe...
...Igreja pobre. O que existe é crenite in-
...sevel: «Vós me roubais no dizimo...»

...Em 1945 a população do Brasil...
...era de 40 milhões de habitantes. Hoje...
...somos, no Brasil, 80 milhões de ha-
...bitantes. O Brasil, nestes 20 anos, do-
...brou de população. E sua Igreja, do-
...brou um número de membros: «Ela vos...
...fazel pescadores de almas...»

...As Igrejas da nossa denomina-
...ção agora precisam estar presentes às...
...reuniões das Juntas Regionais, atra-
...vés de seus representantes leigos. O...
...ministro, por si mesmo não representa...
...a Igreja, porque compõe à Junta, como...
...ministro e não como pastor.

...Porque se criou um clima de dis-
...ciplina e ordem, através da nova Cons-
...tituição, alguns estão se retrahendo da...
...União, por não querearem orden e dis-
...ciplina no trabalho denominacional, por...
...des, até agora, entravado. «Em tudo...
...dai graças...»

...Nossas Igrejas precisam sentir...
...duas coisas fundamentais à obra do...
...Senhor: a) que é preciso evangelizar;...
...b) que é preciso realizar trabalho mis-
...sionário. «Os campos estão brancos...
...para a ceifa» e não podemos deixar que...
...os frutos apodreçam.

...Não se pode compreender um me-
...bro de Igreja que, sem justa razão,...
...deseje de ser aluno da Escola Domina-
...cional. Precisamos da Escola Domina-
...cional, porque nela podemos obedecer a...
...Jesus, que nos ordena: «Examinade as

...para que...
...heleza do teu poder e da tua...
...redenção, estender-nos a tua...
...mano bendita de Salvador e de...
...Pai. Por Jesus, Ten Filho, as-
...sim pedimos, Amém.

M. Porto Filho

O Cristo Vivo Reina

CRISTO reina porque vive e...
...porque vive reina. O seu Reino...
...não terá fim, pois é um reino de...
...glórias e de paz. Não é deste mun-
...do, por isso que não se caracteriza...
...por conquistas políticas.

A sua vitória é espiritual

As convulsões sociais e políti-
...cas em que se debate a humani-
...dade — sem esperanças de me-
...lhores dias e mesmo aterrorizada...
...diante dos presságios de uma...
...guerra sem precedente — tudo...
...isso é a confirmação de que o...
...CRISTO vivo reina e que seus de-
...signios se cumprem. A confiança...
...que nos infunde sua Palavra de...
...que todas as coisas que acontecem...
...são preditas por Ele, nos assegura...
...na paz e tranquilidade, nos mais...
...sombrios vales da existência.

O CRISTO vivo reina! Reina...
...em todo o universo, mas para que...
...tenhas a doce esperança dos re-
...midos é necessário que Ele reine...
...na tua vida. Há dois senhores...
...neste mundo: um mau, outro...
...bom. — Satanaz é o príncipe...
...deste século e deseja aniquilar a...
...alma humana pela preferência às...
...coisas do espírito.

CRISTO deseja dominar a tua...
...vida e reinar no teu coração. E se...
...CRISTO não reinar, Satanaz será...
...o teu Senhor. Entregate, pois, a...
...CRISTO e diz conhecido:

O numero de Igrejas...
...que em nossa União de...
...desafio para um desperdi-
...gelizante.

Somos pouco mais de 1...
...ria com menos de 80 men-
...maiores, em numero men-
...sem 120 membros, e em...
...trapaçam e casa dor 120

Congregações (suas n...
...ficcional, denominacional,
...ções ou pontos de prega-
...ções de se tornarem Igr-
...dentes em matéria de ad-
...disciplina local.

Os membros das Igrej...
...gelizam, salvo raras e bo-
...sões e, muitas vezes, os...
...tores silenciam quanto ac-
...ganhar almas e, não hav-
...zação, não há interesse...
...do, os membros das Igrejas...
...pelo, contrário, diminuem...
...anémicas e algumas, po-
...pareceram.

Junta

A Junta Regional...
...minense acaba de ina-
...sede própria, em Nite...
...Evilásio Silva, 20 —
...Foi no dia 5 de seteml...
...nãio muito concorri...
...presença de quase to...
...tores da Região e mu

Chegou aquela Jun...
...que propôs há algu...
...vê coroado seus esfor...
...ajuda de Igrejas e im...
...de qualquer influênc...
...dependência de Igrej...
...tuições outras, ten...
...liberdade para delibe...
...de sua própria casa, e...
...própria.

O conjunto de sala...
...são de reuniões, cu...
...dade para 60 pessôa...
...ainda possui três

...sua, meu irmão, Deus pode...
 ...os de valor, para o pasto...
 ...mpios missionários, para a...
 ...to, estão alguns que Deus...
 ...lutando contra o pecado...
 ...e seus exércitos...
 ...os meios estão nas Igrej...
 ...nto lugar devemos notar...
 ...parte se cumpre em trogar...
 ...seabra que envie ceifeiros...
 ...Sim, essa é a parte prin...
 ...be ao crente realizar. Se...
 ...vocações a culpa não é do...
 ...Ele nos deixou o modo, o...
 ...operarmos, de levantarmos...
 ...regar ao Senhor da sebra...
 ...precisam deixar a ordem...
 ...e os crentes precisam dobrar...
 ...perante o altar do Senhor...
 ...Ele envie ceifeiros. E ne...
 ...r, pedir com insistência e...
 ...nos atender, na medida de

**ISTÃO ATINGE AS REGIÕES
OS REDATORES REGIONAIS**

de O CRISTÃO está muito
 em colocar dentro das pá-
 o Jornal tudo quanto acon-
 das atividades denomina-
 diversas esferas de traba-
 tamentos da Junta Geral
 de destaque na publicação
 Regiões e realizações. Na-
 chamadas a dar informa-
 de suas realizações para
 campo denominacional to-
 mento do que se faz aqui

tor de Departamento da
 será, por isso, automati-
 des. As Juntas Regionais
 publicação da Junta Ge-
 REDATORES REGIONAIS
 não encarregados de trans-
 que publicaremos.
 s de Goiás, de São Paulo
 minen, do Leste Fluminen-
 de Janeiro, da Guanabara-
 serão sempre suas ati-
 lidades nas páginas de O

podem viver bem sem uma orientação
 pastoral. Quando sustentamos um vo-
 cado para o trabalho de Cristo, al-
 guém que irá onde não podemos ir,
 alguém que fará o que não podemos
 fazer.

Nestas poucas linhas queremos cha-
 mar atenção para o trabalho de Cristo
 a continuidade do trabalho que Deus
 tem posto em nossas mãos: o vocado-
 mado está dentro de cada Igreja; é ne-
 cessário rogar ao Senhor que envie
 ceifeiros; é necessário sustentar os que
 Deus chama, como resultado de nossas
 orações.

Nossa palavra de apelo às Igrejas:
 rogar ao Senhor, para que Ele mande
 obreros. Nossa palavra de apelo aos
 ceifeiros: rogar ao Senhor, para que
 especial no momento para o sus-
 tento de estudantes nos Seminários or-
 denominação. Precisamos fazer isto e
 Deus nos há de abençoar com muitas
 bênçãos.

Rafael Mendes

crentes fossem dizimistas não haveria
 necessidade na Igreja. «Trazel todos
 o dizimo...»

— A Igreja não do Senhor. Ele é
 rico. O dono da Igreja é riquíssimo. Se
 Igreja pobre. O que existe é crente mi-
 serável. «Vós me roubais no dizimo...»

— Em 1945 a população do Brasil
 era de 40 milhões de habitantes. Hoje,
 somos, no Brasil, 80 milhões de ha-
 bitantes. O Brasil, nestes 20 anos, do-
 brou de população. E sua Igreja, do-
 brou em número de membros? «Eu vos
 farei pescadores de almas».

— As Igrejas da nossa denomina-
 ção agora precisam estar presentes às
 reuniões das Juntas Regionais, atra-
 vés de seus representantes legítimos,
 ministro, por si mesmo não representa
 a Igreja, porque compõe à Junta, como
 ministro e não como pastor.

— Porque se criou um clima de dis-
 ciplina e ordem, através da nova Com-
 tituição, alguns estão se retraindo da
 União, por não quererem ordem e dis-
 ciplina no trabalho denominacional, por
 eles, até agora, entravado. «Em tudo
 dai graças...»

— Nossas Igrejas precisam sentir
 duas coisas fundamentais à obra do
 Senhor: a) que é preciso evangelizar;
 b) que é preciso realizar trabalho mis-
 sionário. «Os campos estão brancos
 para a ceifa» e não podemos deixar que
 os frutos apodreçam.

— Não se pode compreender um me-
 bro da Igreja que, sem justa razão,
 deixe de estudar na Escola Dominical.
 Precisa estudar na Escola Dominical,
 porque nela podemos obedecer a
 Jesus, que nos ordena: «Examinai as

crentes fossem dizimistas não haveria
 necessidade na Igreja. «Trazel todos
 o dizimo...»

— A Igreja não do Senhor. Ele é
 rico. O dono da Igreja é riquíssimo. Se
 Igreja pobre. O que existe é crente mi-
 serável. «Vós me roubais no dizimo...»

— Em 1945 a população do Brasil
 era de 40 milhões de habitantes. Hoje,
 somos, no Brasil, 80 milhões de ha-
 bitantes. O Brasil, nestes 20 anos, do-
 brou de população. E sua Igreja, do-
 brou em número de membros? «Eu vos
 farei pescadores de almas».

— As Igrejas da nossa denomina-
 ção agora precisam estar presentes às
 reuniões das Juntas Regionais, atra-
 vés de seus representantes legítimos,
 ministro, por si mesmo não representa
 a Igreja, porque compõe à Junta, como
 ministro e não como pastor.

— Porque se criou um clima de dis-
 ciplina e ordem, através da nova Com-
 tituição, alguns estão se retraindo da
 União, por não quererem ordem e dis-
 ciplina no trabalho denominacional, por
 eles, até agora, entravado. «Em tudo
 dai graças...»

— Nossas Igrejas precisam sentir
 duas coisas fundamentais à obra do
 Senhor: a) que é preciso evangelizar;
 b) que é preciso realizar trabalho mis-
 sionário. «Os campos estão brancos
 para a ceifa» e não podemos deixar que
 os frutos apodreçam.

— Não se pode compreender um me-
 bro da Igreja que, sem justa razão,
 deixe de estudar na Escola Dominical.
 Precisa estudar na Escola Dominical,
 porque nela podemos obedecer a
 Jesus, que nos ordena: «Examinai as

crentes fossem dizimistas não haveria
 necessidade na Igreja. «Trazel todos
 o dizimo...»

— A Igreja não do Senhor. Ele é
 rico. O dono da Igreja é riquíssimo. Se
 Igreja pobre. O que existe é crente mi-
 serável. «Vós me roubais no dizimo...»

— Em 1945 a população do Brasil
 era de 40 milhões de habitantes. Hoje,
 somos, no Brasil, 80 milhões de ha-
 bitantes. O Brasil, nestes 20 anos, do-
 brou de população. E sua Igreja, do-
 brou em número de membros? «Eu vos
 farei pescadores de almas».

— As Igrejas da nossa denomina-
 ção agora precisam estar presentes às
 reuniões das Juntas Regionais, atra-
 vés de seus representantes legítimos,
 ministro, por si mesmo não representa
 a Igreja, porque compõe à Junta, como
 ministro e não como pastor.

— Porque se criou um clima de dis-
 ciplina e ordem, através da nova Com-
 tituição, alguns estão se retraindo da
 União, por não quererem ordem e dis-
 ciplina no trabalho denominacional, por
 eles, até agora, entravado. «Em tudo
 dai graças...»

— Nossas Igrejas precisam sentir
 duas coisas fundamentais à obra do
 Senhor: a) que é preciso evangelizar;
 b) que é preciso realizar trabalho mis-
 sionário. «Os campos estão brancos
 para a ceifa» e não podemos deixar que
 os frutos apodreçam.

— Não se pode compreender um me-
 bro da Igreja que, sem justa razão,
 deixe de estudar na Escola Dominical.
 Precisa estudar na Escola Dominical,
 porque nela podemos obedecer a
 Jesus, que nos ordena: «Examinai as

Junta Regional do Centro Aprova o Artigo 4 da Nova Constituição da U.I.E.C.C.B.

O jornal "Oeste, Evangelico", Orgão Oficial da Junta Regional do Centro, publicou em seu numero de 15 de maio de 1954, a seguinte matéria: "A Junta Regional do Centro, em sessão extraordinária, sobre o Artigo 4 da Nova Constituição da U.I.E.C.C.B.:"

"O artigo 4º da nova Constituição da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil, aprovada na Convenção Geral em Curitiba, em 1952, estabelece que as Igrejas participantes da União, independentes em matéria administrativa e disciplinar local, SE OBRIGAM a cumprir as decisões das Juntas e Assembleias da União". (O grifo nosso).

No nosso entendimento isto vem apenas disciplinar uma conduta que existe em todas as Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil, em conformidade com a Constituição da União.

Do fato, como membros desse corpo — a União — cada Igreja age em acordo com as regras pelas quais se governa esse mesmo corpo.

Creemos que isso vem qualificar nossas Convenções — geral e regional, e as Juntas — geral e regional. Não um ajuntamento para um hinc e para um haic, mas para a realização de responsabilidade.

1. Responsabilidade das Convenções e Juntas em deliberar sobre e justamentar as decisões da União. Não se trata de mais ser possível. Porque lá estão as Igrejas que vão cumprir, e de certo o farão com prazer, porque é parte de sua própria existência.

2. Responsabilidade das Igrejas, que devem pensar e pesar bem os assuntos, os

SAUDAÇÃO À MOCIDADE CRISTÃ-CONGREGACIONAL DO BRASIL

Saudamos a Mocidade Cristã-Congregacional do Brasil que realiza o seu 7.º Congresso Nacional.

Desejamos que o núcleo cristão-congregacional, compreendendo que "Grande é o Senhor", possa encontrar em Deus as energias necessárias para guardar-se incontaminado do mundo, ainda que vivendo em meio de uma geração perversa e corrupta.

Sabendo que "Grande é o Senhor", possa o núcleo cristão-congregacional ser "o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé e na pureza".

SE VOCE QUISEER,

"O CRISTÃO" SAIRÁ DUAS VÉZES POR MÊS

Assumindo a direção do nosso órgão denominacional, trago o propósito de tudo fazer para regularizar a sua publicação.

O penúltimo n.º de "O CRISTÃO" foi publicado no mês de julho, sob a responsabilidade do Rev. Jonatas Tomaz de Aquino e do irmão Milton Marques.

A Convenção Geral que aprovou a Nova Constituição, outorgou poderes à Diretoria da Junta Geral para indicar os responsáveis pelos diversos Departamentos que integram o trabalho da U.I.E.C.C.B.

Reunida no mês de setembro, a Junta Geral, conforme carta publicada na "Mensagem do Diretor", homologou o meu nome para o Departamento de Imprensa e Publicações, cabendo-me, "ipso-fato", a incumbência de dirigir o jornal denominacional.

Existem umas coisas tristes na vida do nosso jornal. São até humilhantes para nós congregacionais de todo o Brasil. Você sabia que "O CRISTÃO" é o mais antigo jornal evangélico

OS

esl: cu vés mi des to veí vos ves que ma qu ne Ne lo co de tr qu es el m a q d a v h d d v

DEPARTAMENTO DE MISSÕES

COMISSÃO DIRETORA DE MISSÕES

MACAÉ — UMA IGREJA FILHA DE MISSÕES

A Delegação Leste Fluminense de Missões entregou à Junta Regional Leste Fluminense e à Denominação, a Igreja de Macaé, já organizada, que será instalada, oficialmente, no dia 10 de Janeiro de 1965.

O trabalho em Macaé, no Estado do Rio, foi iniciado há menos de um ano. Pois bem, o missionário Constantino Bequell e sua esposa, Edna Bequell, deram de seus esforços tudo, ganhando almas e reunindo os salvos, que hoje formam uma grande Igreja, contando com 37 membros arrolados e mais 12 que serão recebidos no dia da instalação oficial.

DIRETORES DA JUNTA GERAL EM AÇÃO

- O presidente da Junta Geral, Rev. Nilson Pinto Corrêa, visitou, desde sua posse, as Juntas Regionais do Sul, do Centro, do Rio de Janeiro, do Leste Fluminense e do Oeste Fluminense.

O 1.º Vice-Presidente, Rev. Arlindo Ribeiro, que reside em Goiânia, esteve presente em todas as reuniões da Junta Regional do Centro, visitando, também, alguns diretores, e participou em todas as reuniões e congressos, como todos os demais diretores, no Rio de Janeiro.

O 2.º Vice-Presidente, Rev. Mauro Ramalho, visitou, no mesmo período, as Juntas Regionais do Sul, da Guanabara, do Leste Fluminense e do Oeste Fluminense e da Bahia.

O Secretário da Junta, Rev. Prof. Manoel Porto Filho, visitou as Juntas Regionais do Sul, do Rio de Janeiro, da Guanabara e da Bahia. Compareceu a todas as reuniões da Conferência Evangélica Brasileira.

Os Secretários, Rev. João Azeiteiro Costa e Dr. Jerrey Ferreira da Rosa estiveram nas Juntas Regionais do Sul e do Leste Fluminense.

O tesoureiro, Dr. Anauary de Souza

EXPLICANDO O ART. 4 DA NOVA CONSTITUIÇÃO

Pouco licença aos queridos irmãos pastores, para uma conversa direta com os membros de suas Igrejas, a respeito do artigo n.º 4 da Nova Constituição, aprovada pela 10.ª Convenção Geral.

Por ocasião da Convenção Geral de 1.955, precisamente no dia 21 de julho, apresentei uma proposta que objetivava exatamente aquilo que pretendo, o conteúdo do artigo 4 da Nova Constituição.

A minha proposta foi baseada, mais ou menos, nos seguintes termos: "Considerando que a denominação, a respeito de ser a mais antiga, é uma das menores do Brasil; considerando que uma das causas do nosso estacionamento é a falta de unidade e uniformidade, muitas vezes reconhecida e proclamada em nossa Denominação; considerando que esta situação emana da natureza das nossas Convenções, cujas resoluções têm o caráter de recomendação, e não de lei; e considerando que o congregacionalismo adotado nas Igrejas locais, onde as resoluções tomadas pela maioria constituem lei para a Igreja, as quais a minoria deve acatar, deve ser aplicado, este mesmo congregacionalismo, nas Convenções, para que as resoluções tomadas pela maioria das Igrejas constituam lei para a Denominação, com o devido acatamento da minoria, sem quebra de soberania da Igreja local, na exata compreensão do princípio congregacional, democrático e cristão que nos rege."

Muito embora, o artigo 4 inclua as decisões das Juntas, é óbvio que as Juntas nada poderão decidir em desacordo com as resoluções adotadas pelas Assembleias Locais e pelas Assembleias Regionais. Exclusivamente aos assuntos de interesse geral, porque em matéria de administração e disciplina local, as Igrejas continuam independentes.

É tudo muito simples. Não há "bicho de sete cabeças" no artigo 4. Experimentem praticá-lo as Igrejas. Se der certo, graças a Deus por isso. Se não der certo, aguardem a próxima Convenção Geral e se unam para jogá-lo abaixo. Isto é Congregacionalismo!

UM EXEMPLO A SEGUIR

A primeira carta, que o novo diretor de

O CRISTÃO

Órgão Oficial da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais
e Cristãs do Brasil

ANO 74

NOVEMBRO
DEZEMBRO DE 1965

N.º 2

Viajando ao Planalto

Membros da diretoria da Junta Geral estiveram visitando o Planalto Central, percorrendo as Igrejas da denominação, sentindo o progresso e as necessidades do trabalho.

Tinha esta viagem uma finalidade especial. A instalação da Igreja de Brasília, dentro do Plano Piloto, bem no coração da nova Capital do País.

Representavam a Junta os Revs. Nilson Pinto Corréa — presidente; Mauro Ramalho — 2.º vice-presidente e Roberto de Souza Côrtes — procurador. Saíram os três do Rio de Janeiro na manhã do dia 22, de outubro, em ônibus, que 24 horas depois chegava a Brasília em uma viagem normal, graças a Deus.

Da Estação Rodoviária o Deputado Daso Coimbra, em seu automóvel, conduziu os diretores da JG à casa do Rev. Joaquim Maria Duarte. No dia 23, à noite, era solenemente instalada a

IGREJA EVANGÉLICA CRISTÃ

CONGREGACIONAL DE BRASÍLIA

com 33 membros, animados em firmarem, definitivamente, as estacas do trabalho de nossa denominação, o que prometem fazer confiados na orientação de Deus e nas orações das demais Igrejas.

O Rev. Joaquim Maria Duarte é o pastor da nova Igreja, recebendo seu sustento pelo Departamento de Missões. Os irmãos Pedro Dutra da Silveira e Erival Marinho Vidal foram escolhidos e consagrados Presbíteros da Igreja de Brasília, sendo diáconos os irmãos Antônio de Oliveira Régo, Antônio Teodoro Filho e Gilvaldo de Oliveira.

A solenidade de instalação, no templo da Igreja Episcopal — sede provisória do trabalho, foi bem decorrida, obedecendo a presidência do Pastor da Igreja. O Rev. Mauro Ramalho oficiou no ato da instalação e o Rev. Nilson Pinto Corréa entregou a mensagem. Foram consagrados os oficiais e batizados três novos convertidos.

Foi nota de destaque, no culto de instalação da Igreja Evangélica Cristã Congregacional de Brasília a apresentação, pela primeira vez, de seu Departamento Coral, sob a regência do jovem Samuel Telles. Tem ainda, a nova Igreja, uma boa Escola Dominical, dirigida pelo consagrado jovem Ivolnei Machado e a irmã Luíza Câmara Segurado é a Presidente da União Feminina. É Secretária Eclesiástica a Srta. Maria Eunice Segurado.

Parabéns irmãos de Brasília pelo belo início que está tendo o trabalho cristão, congregacional na Cidade da Esperança, Brasília, que tanto precisa de Cristo, a Única Esperança.

A quem honra... honra

Por convocação especial, a Junta Regional Rio de

O Cristão

Veemente Protesto do Deputado

O deputado congregacional, Dr. Daso de Oliveira, Côimbra, que os evangélicos do Estado do Rio de Janeiro mandaram para a Câmara Federal, já marcou a sua basagem pelo Congresso Nacional como viçoso discurso contendo o seguinte governo de Cr\$ 117.484.000,00 (cento e sete milhões, quatrocentos e oitenta e quatro mil cruzeiros), para pagamento da viagem dos bispos católicos brasileiros que foram participar do Concílio Eclesiástico em Roma.

Provando a inconstitucionalidade do projeto orçado de mensagem do Poder Executivo, à luz do artigo 31 da Constituição brasileira, que veda à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios estabelecer ou subvencionar cultos religiosos ou embalsamar-lhes o exercício; o deputado Daso Côimbra elogiou o pensamento dos grandes juristas brasileiros Pontes de Miranda e Eduardo Spinola, os quais, considerando o referido dispositivo constitucional, afirmaram que "a liberdade de pensamento, de consciência e de culto, numa democracia sem religião oficial, aconselha a abstenção de atos que se traduzam em preferência de um culto ou de uma igreja."

Referiu-se, também, o nosso deputado, ao parecer do presidente da Comissão de Constituição e Justiça, da Câmara Federal, então em exercício deputado Djalma Maranhão, o qual assim se expressou: "Como católico, em plenário, votarei favoravelmente a este projeto, pelo seu mérito; porém, como presidente da Comissão de Constituição e Justiça, voto contrariamente, pela sua flagrante inconstitucionalidade."

Firmado-se nesses argumentos, o representante evangélico do Estado do Rio de Janeiro na Câmara Federal apelo para os seus colegas, no sentido de que votassem contra o discutido projeto, em face da taxativa proibição da Carta Magna brasileira, mostrando a necessidade de se respeitar a separação que a Lei consagra entre a Igreja e o Estado.

Concluindo o seu discurso, o deputado Daso Côimbra assim se expressou:

"No momento em que o Governo não encontra meios de atender a uma série de reclamos do povo; no instante em que vemos as cortadas a várias instituições de

em Bra

NOSSA LINHA DE CRISTÃO

A linha de conduta do CRISTÃO, a partir do número, está baseada no comando do apóstolo Paulo, contida no versículo capítulo quatro da carta aos romanos.

O nosso pensamento, transformado em mensagem para os nossos leitores, inspira em tudo o que fazemos, honesto, justo e amável e de boa fama que na sua divulgação, louvor e bom proveito.

Ocuparemos o nosso tanto quanto possível das limitações humanas da prática dos divinos em atos do Mestre, de acordo com a tremenda responsabilidade que Jesus nos impôs, afirmou que "de toda obra ociosa que os homens não fizerem não de dar com o juízo".

Os problemas domésticos necessariamente tiveram à luz pelas páginas do CRISTÃO, não de ser tratado qualquer preço, que colunas se transformem em padão que firmam a humana, o caráter e sensibilidade espiritual quer irmão.

Quando ao trato de doutrinas, teológicas, bíblicas, de outros grupos evangélicos, mos a formula d

Mensagem do Diretor

Em relação às despesas naturais da impressão do jornal e outras que se impuserem, lembramos que foi deliberado pela última Convenção que, em virtude das dificuldades atuais de nosso jornal, ele fosse editado pelo Departamento de Missões até ulterior deliberação da Junta. Não estando ainda composto regularmente o Departamento, sugerimos ao irmão que, em contato com o Presidente da Junta Geral e o atual tesoureiro em exercício do Departamento, acordem o que seja necessário para termos, o mais breve possível, o novo número de nosso jornal entre as mãos.

Sendo o que me cumpre agora comunicar-lhe, somos fraternalmente vos Cristão (As.) M. Porto Filho — secretário geral.

Não é uma cortesia; é uma esperança. E, para prevenir dúvidas futuras, caso os meus esforços não me conduzam ao que sinceramente me proponho a realizar para a emancipação financeira do nosso velho e muito estimado jornal, quero transcrever, dentro desta minha primeira mensagem, as cartas que recebi da Junta Geral, que definem as condições em que, a partir de hoje, o "O CRISTÃO" passa a ser dirigido pelo irmão e amigo que espera receber a generosa colaboração de todos os congregacionais que ansiam o desportar de melhores dias para a querida Denominação que nos legaram Kallely, Santos, Souza e tantos outros grandes vultos do passado, que inspiram o presente para um futuro que glorifique o nome excelso do Senhor Nosso Deus e de Cristo Jesus, nosso Amado Salvador.

"Rio, 28 de setembro de 1.964

Meus queridos leitores: Estou assumindo hoje a responsabilidade que me deu a Junta Geral do U.I.E.C. C.B. ao convidar-me para dirigir o Departamento de Imprensa e Publicações, ao qual se incluiu o nosso velho órgão denominacional, o "O CRISTÃO". Sei que me está reservada uma tarefa grande e difícil, mas com a inspiração de Deus e ajuda de todos os irmãos que aceitem o bem e o progresso da Denominação que tanto amamos, espero desempenhá-la satisfatoriamente para honra e glória do Senhor.

Aceitei o convite para dirigir o jornal denominacional, confiado na certeza que me deu a Junta Geral de que não faltariam recursos para manter a sua publicação em dia, de maneira a assegurar aos nossos leitores o recebimento mensal do "O CRISTÃO", levantando, assim, o interesse de todos pelo órgão informativo

"Rio, 19 de novembro de 1964.

É Cristão-Congregacional o Prefeito de Goiânia

Escreve:
Rev. João Batista da Silva Pinto.

Nosso irmão, Dr. Iris Rosen de Machado, membro da Igreja Cristã Evangélica de Campinas, em Goiânia, da qual somos pastor, acaba de ser eleito, por grande maioria de votos, Prefeito de Goiânia, GO.

O irmão Iris nasceu na cidade de Cristinópolis, GO, num lar tradicionalmente evangélico. Aos quinze anos de idade, acompanhando seus pais, ficou residência no populoso bairro de Campinas, passando a frequentar a Igreja Cristã Evangélica local para a qual se transferiu toda a família. Foi batizado pelo Rev. Archibald Tipler no dia 13 de abril de 1932, contando nessa data com 17 anos de idade. Tornou-se líder da sua sociedade e ocupou diversos cargos eclesásticos.

Em 1936 ingressou na Escola Técnica Federal de Goiânia, passando mais tarde para o Ateneu Don Bosco, onde terminou o seu curso secundário. Em seguida matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade Federal, onde terminou o seu curso superior em 1941.

Começou a sua vida pública fazendo política estudantil, revelando-se logo um grande líder. Foi presidente de vários grupos escolares, desde quando cursava a escola se-

condária até mesmo na época do seu curso universitário.

Em 1958, com 23 anos de idade, foi eleito vereador, obtendo a maior votação já vista em Goiânia. Naquela ocasião foi presidente da Câmara Municipal pelo espaço de dois anos consecutivos. Como tal, ocupou a Prefeitura de Goiânia, durante 17 dias, quando assumiu toda a Administração Municipal.

Em 1962, foi eleito deputado estadual, alcançando a maior votação em todo o estado que nunca outro candidato alcançara. Como deputado foi eleito no primeiro ano legislativo vice-presidente da Assembleia e líder do Governo Estadual. No segundo ano do seu mandato foi eleito presidente do Legislativo goiano.

Nas últimas eleições foi o deputado Iris eleito prefeito de Goiânia, grande cidade e uma das capitais que mais cresce no Brasil, obtendo, também, a maior votação já obtida por candidato a Prefeitura.

Pedimos as orações em favor do irmão Dr. Iris Rosen de Machado, a fim de que ele seja um grande administrador, sempre um homem honrado e que dignifique, onde quer que se encontrar, o maior título que possui e que também é possuidora a sua grande e honrada família: cristão congregacional.

I CONGRESSO DAS UNIÕES DE HOMENS DA REGIÃO GUANABARA

Rev. Antônio da Silva Pinto Filho

Dentro de um clima de alta espiritualidade, em que se refletia a satisfação dos senhores representantes, reuniram-se os varões da Região Guanabara em seu primeiro Congresso Regional, no templo da Igreja Evangélica Campograndense, nos dias 4 e 5 de fevereiro passado, com abertura através de uma brilhante mensagem apresentada pelo Rev. Manoel da Silveira Porto Filho.

O lema foi baseado nas palavras de Paulo registradas na II carta a Timóteo, cap. 2, versículo 15: "Procure apresentar-se a Deus aprovado". O texto foi usado pelo Rev. Myrton Pinto da Costa para apresentar os congressistas com uma interessante preleção devocional.

É de se destacar também o estudo apresentado pelo Rev. Mauro Ramalho, quando falou sobre "o evangelismo — sua importância e dinamização através das Uniãos de Homens".

Em algumas das resoluções tomadas:

- 1) Aprovar o PADRÃO DE HONRA para as Uniãos de Homens e confeccionar o material necessário;
- 2) Aprovar os Estatutos das U.A.A.H.H. e providenciar sua impressão;
- 3) Que a Federação de Homens da Guanabara elabore seus estatutos, enviando-os à Junta Regional para aprovação, após haver sido apresentado às Uniãos em reunião especialmente convocada para isto;
- 4) Que a Federação encaminhe à IV Assembleia Regional Guanabara, uma proposta, no sentido de que seja

criado um curso noturno de preparação de obreiros leigos, nos moldes do que ocorreu no Seminário Teológico do Rio de Janeiro;

5) Acelar o oferecimento da União Auxiliadora de Homens da Igreja de Jardim da Luz, para hospedagem do II Congresso desta Federação;

6) Eleger a nova diretoria da Federação Guanabara de Homens, que ficou assim constituída: presidente, Práxedes Francisco Porto, vice-presidente, Práxedes César Gomes Coelho, 1º Sec. Dr. Enio da Silva Novaes; 2º Sec. Práxedes Alcides Pereira de Lima e Teodoro de S. Odebrecht Cabral Soares.

O "O CRISTÃO", que ali representado pelo seu secretário, constituiu objeto de estudo, sendo que os congressistas resolveram, com toda a satisfação, colocar no "Padrão de Honra", 19 pontos para a União que apresentou a totalidade de seus membros com o seu exemplar. Bo exemplo que deve ser lido pelas demais Federações e bem organizadas em sua União de Igrejas!

Finalizando, queremos destacar que várias foram as atividades que se fizeram representar, notadamente a 1ª Regional Guanabara, as Federações Feminina e Juvenil, Seminário Teológico do Rio de Janeiro, Delegação Guanabara de Mães e Junta Regional Oeste Fluminense.

Que Deus corra de braço a novel Federação, organizando os varões da Região Guanabara no trabalho que se executa na Casa do Espirito.

JUVENIS EM CONGRESSO

Alton Correia Leitão

A Federação Rio de Juvenis realizou, nos dias 31 de janeiro e 1 e 2 de fevereiro, o seu II Congresso Regional, nas dependências da Igreja Evangélica Fluminense, no seja, no Edifício Kallier.

No culto solene de abertura, pregou o Rev. João Arantes Costa, pastor da igreja que hospedava o conclave, discorrendo sobre o tema "Não se faça negligente para com o dom que há em ti" (I Tim. 4:14), falando de modo direto aos juvenis ali presentes.

COMPARECIMENTO EM MASSA

Todas as Uniãos Juvenis componentes da região estiveram representadas no Congresso, o que deu maior brilho ao conclave, fazendo com que as reuniões fossem mais proveitosas e as resoluções chegassem ao conhecimento de todas as uniões.

Tal ocorrência é digna de

nota, pois é bastante difícil um comparecimento tão maciço a movimentos daquela natureza, o que prova que os juvenis estão, realmente, interessados no trabalho geral.

MESA MODERADORA & PLENARIAS

Para dar andamento ao Congresso, foi eleita a seguinte mesa moderadora: Presidente: Rogério Bertolotti; Vice-Presidente: Cláudio Correia Leitão; 1º Secretário: Júlio César Pereira Cardoso; 2º Secretário: Jackson Gomes da Silva; 1ª Cronometrista: Bete Lopes de Souza e 2ª Cronometrista: Sérgio Miranda de Araújo.

Com a ordenação da Profa. Abigail Costa, os citados elementos puderam levar até ao fim todos os trabalhos do II Congresso Regional, sempre dirigidos com eficiência através do trabalho de cada um, em seu setor. Por tal motivo,

as reuniões plenárias sempre foram alegres e os dirigentes do Congresso puderam sentir o quanto são queridos entre seus companheiros, e as resoluções tomadas serão de grande valor para os juvenis da região Rio de Janeiro.

VISITANTES & NOVA DIRETORIA

No decorrer dos trabalhos, o II Congresso Regional da região Rio teve a honra de receber os seguintes visitantes, que foram motivo de satisfação para os que ali se encontravam reunidos: Rev. Nilson Pinto Correia, Presidente da Junta Geral da U.E.C.H.; Rev. Júlio Ignácio Cardoso, pastor da Igreja Congregacional de Cordovil; e as senhoras Isabel Duarte de Oliveira e Eunice Costa, além dos ares. Heloísa Di Giacomo e Carvalho Filho, conselheiros das Juvenis das igrejas de Bras de Pina e Fluminense, respectivamente, es-

tes tendo dirigido algumas palavras de elogio e incentivo aos juvenis.

Para administrar a Federação Rio de Juvenis, foi eleita a seguinte Diretoria, que se compõe como principal meta trabalhar a contribuição para as Uniãos para a Federação através de contatos pessoais de 10% sobre suas reuniões e de movimentos especiais em favor do grupo regional. Presidente: Cláudio Correia Leitão; Vice-Presidente: Rogério Bertolotti; 1º Secretário: Júlio César Pereira Cardoso; 2º Secretário: Maria de Fátima dos Reis e Trevisan; Cronometrista: Rogério Bertolotti; Cronometrista: Eunice Costa; 1ª Secretária: Eunice Costa; 2ª Secretária: Bete Lopes de Souza; 1ª Secretária: Bete Lopes de Souza; 2ª Secretária: Bete Lopes de Souza.

Ao término do conclave, juvenis saíram em procissão de suas igrejas, para o culto proposto de louvor a Deus, obra de Deus através do Espírito Santo, e da bênção de Deus sobre as Uniãos.

Anexo IX

NOVO GOVERNO BRASILEIRO

Com a grave enfermidade que acometeu o Presidente Marechal Arthur da Costa e Silva, em fins de setembro do ano passado, assumiu a direção do Governo, por sua determinação, os militares militares — Augusto Rademaker Grunewald, da Marinha; Aurélio de Lyra Tavares, do Exército e Márcio de Souza e Melo, da Aeronáutica. No dia 25 de outubro, foram eleitos pelo Congresso Nacional os candidatos da ARENA, General Emílio Garrastazu Médice e o Almirante Rademaker Grunewald, presidente e vice-presidente da República Federativa do Brasil, respectivamente. A posse verificou-se no dia 30. O Ministério do novo Governo ficou assim constituído: Justiça, Prof. Alfredo Bussid; Exército, General Orlando Geisel; Marinha, Almirante Adalberto de Barros Nunes; Aeronáutica, Sr. Márcio de Souza e Melo; Agricultura, Sr. Cirne Lima; Minas e Energia, Sr. Dias Leite; Indústria e Comércio, Sr. Fábio Yasuda; Trabalho, Sr. Júlio Barata; Interior, Sr. Costa Cavalcanti; Educação, Coronel Jarbas Passarinho; Comunicações, Coronel Higino Casiano Corsetti; Transporte, Coronel Mário Andreza; Fazenda, Sr. Delfim Neto; Saúde, Sr. Francisco da Rocha Lagoa; Planejamento, Sr. João Paulo dos Reis Velloso e Exterior, Sr. Mário Gibsons Barbosa.

A MORTE TRÁGICA DE UM APOSTATA

O Rev. James E. Pike, ministro da Igreja Episcopal dos Estados Unidos da América do Norte, conseguiu ser eleito Bispo. Tempos depois, tornou-se apostata, pois afirmou que não cria nas doutrinas fundamentais do Cristianismo, como o Nascimento Virginal de Jesus etc. a Trindade, a Ressurreição de Jesus etc. O bispo honesto desligou-se da sua Igreja.

MARECHAL ARTHUR DA COSTA E SILVA

Faleceu, inesperadamente, no dia 17 de dezembro de 1969, este ilustre brasileiro, que foi presidente da República Federativa do Brasil durante o período de 15 de março de 1967 até 30 de outubro de 1969, quando o Congresso Nacional elegu o General Emílio Garrastazu Médice seu substituto. Quando veio de Brasília ao Rio, na sua última viagem, tinha em vista resair o Congresso Nacional, em 30 de setembro de 1969. A grave enfermidade que lhe deu no leito, impediu-o de realizar o seu intenso desejo. O Obito verificou-se às 15.45 horas, no Palácio das Laranjeiras, no Rio, Guanabara. O Presidente Médice suspendeu uma reunião do Ministério por 8 dias. Seu sepultamento nacional poro no dia seguinte, no Cemitério de São João Batista, com honras de Chefe de Estado. Foi vítima, segundo o laudo médico, de um enfarte fulminante. Tinha 67 anos e era natural do Rio Grande do Sul.

ISRAEL, O POVO DE DEUS

Os maiores inimigos de Israel, presentemente, são o General Gamal Abdel Nasser, presidente da Republica Árabe Unida (RAU) e Yasser Arafat, chefe da Organização para a Libertação da Palestina. De 22 a 24 de dezembro do ano passado, esteve reunido todo o mundo árabe, em Rabat, capital de Marrocos, com o objetivo de estudar o meio de exterminar o povo israelense. Esse mundo é composto das seguintes 14 nações: Arábia Saudita, Argélia, Líbia, Iraque, Jordânia, Kuwait, Libano, Tunísia, Marrocos, Síria, Sudão, Turquia, Iêmen do Norte e Iêmen do Sul. A presidência esteve a cargo do rei Hassan II, de Marrocos. Depois de três dias de discussões, nada resolveram, pois houve muita divergência de opiniões. A única resolução tomada foi a de fornecer ao Egito

Instantâneos

19, às 1.16 horas. Conrad foi o primeiro a descer, seguido logo por Bean. Depois de recolherem algumas pedras lunares e diversas peças da nave Surveyor que pousara, há dois anos, no Mar das Tormentas, de hastearam a bandeira norte-americana e de realizarem outras pequenas missões, ambos regressam ao Módulo Lunar. Ligaram o grande motor de ascensão e, após o acolapamento com a Nave de Comando, na qual permaneceu Gordon, começaram o regresso à Terra. Logo depois, o Módulo Lunar é desligado e lançado à Lua. A viagem correu bem e, na segunda-feira, às 17.58 horas, os cosmonautas pousam no Pacífico, onde os helicópteros, porta-aviões Hornet, De Aguiar, são levados para bordo e recolhidos no vagão de vidro e alumínio, onde ficaram de quarentena até o dia 19 de dezembro. O Presidente Richard Nixon, pelo telefone, saudou-os e convidou-os para um almoço. No dia 12 de março, deverá ser lançada ao espaço, em direção à Lua, a Apollo-13.

D. EUNICE WEAVER

Dormiu no Senhor, no dia 9 de dezembro do ano findo, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Sara Eunice Weaver, membro da Igreja Metodista do

NOVO GOVERNO BRASILEIRO

Com a grave enfermidade que acometeu o Presidente Marechal Arthur da Costa e Silva, em fins de setembro do ano passado, assumiu a direção do Governo, por sua determinação, os ministros militares — Augusto Rademaker Grunewald, da Marinha; Aurélio de Lyra Tavares, do Exército e Márcio de Souza e Melo, da Aeronáutica. No dia 25 de outubro, foram eleitos pelo Congresso Nacional os candidatos da ARENA, General Emílio Garrastazu Médica e o Almirante Rademaker Grunewald, presidente e vice-presidente da República Federativa do Brasil, respectivamente. A posse verificou-se no dia 30. O Ministério do novo Governo ficou assim constituído: Justiça, Prof. Alfredo Bussald; Exército, General Orlando Geisel; Marinha, Almirante Adalberto de Barros Nunes; Aeronáutica, Sr. Márcio de Souza e Melo; Agricultura, Sr. Cirne Lima; Minas e Energia, Sr. Dias Leite; Indústria e Comércio, Sr. Fábio Yasuda; Trabalho, Sr. Júlio Baraia; Interior, Sr. Costa Cavalcanti; Educação, Coronel Jarbas Passarinho; Comunicações, Coronel Higinio Casiano Corsetti; Transporte, Coronel Mário Andreauza; Fazenda, Sr. Delfino Neto; Saúde, Sr. Francisco da Rocha Leão; Planejamento, Sr. João Paulo dos Reis Velloso e Exterior, Sr. Mário Gibson Barbosa.

A MORTE TRAGICA DE UM APOSTATA

O Rev. James E. Pike, ministro da Igreja Episcopal dos Estados Unidos da América do Norte, conseguiu ser eleito Bispo. Tempos depois, tornou-se apostata, pois afirmou que não crê nas doutrinas fundamentais do Cristianismo, como o Nascimento Virginal de Cristo, a Trindade, a Ressurreição de Jesus etc. Quando o bispo morreu desligou-se da sua Igreja.

Instantâneos

19, às 1.14 horas. Conrad foi o primeiro a descer, seguido logo por Bean. Depois de recolherem algumas pedras lunares e diversas peças da nave Surveyor que pousara, há dois anos, no Mar das Tormentas, de hastearam a bandeira norte-americana e de realizaram outras pequenas missões, ambos regressam ao Módulo Lunar. Ligaram o grande motor de ascensão e, após o acoplamento com a Nave de Comando, na qual permaneceu Gordon, começaram o regresso à Terra. Logo depois, o Módulo Lunar é desligado e lançado à Lua. A viagem correu bem e, na segunda-feira, às 17.58 horas, os comandantes pousam no Pacífico, onde aguardava o porta-aviões Hornet. De helicóptero, são levados para bordo e recolhidos no vagão de vidro e alumínio, onde ficaram de quarentena até o dia 19 de dezembro. O Presidente Richard Nixon, pelo telefone, saudou-os e convidou-os para um almoço. No dia 12 de março, deverá ser lançada ao espaço, em direção à Lua, a Apollo-13.

D. EUNICE WEAVER

Dormiu no Senhor, no dia 9 de dezembro do ano findo, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a Sara Eunice Weaver, membro da Igreja Metodista do

MARECHAL ARTHUR DA COSTA E SILVA

Faleceu, inesperadamente, no dia 17 de dezembro de 1969, este ilustre brasileiro, que foi presidente da República Federativa do Brasil durante o período de 15 de março de 1967 até 30 de outubro de 1969, quando o Congresso Nacional elegeu o General Emílio Garrastazu Médica seu substituto. Quando veio de Brasília ao Rio, na sua última viagem, tinha em vista reabrir o Congresso Nacional, em 30 de setembro de 1969. A grave enfermidade que acometeu seu corpo impediu-o de realizar o seu intenso desejo. O Obito verificou-se às 13.45 horas, no Palácio das Laranjeiras, no Rio, Guanabara. O Presidente Médica suspendeu uma reunião do Ministério por 8 dias. Seu sepultamento nacional por 8 dias. Seu sepultamento realizou-se no dia seguinte, no Cemitério de São João Batista, com honras de Chefe de Estado. Foi vítima, segundo o laudo médico, de um enfarte fulminante. Tinha 67 anos e era natural do Rio Grande do Sul.

ISRAEL, O POVO DE DEUS

Os maiores inimigos de Israel, presentemente, são o General Gamal Abdel Nasser, presidente da Republica Árabe Unida (RAU) e Yasser Arafat, chefe da Organização para a Libertação da Palestina. De 22 a 24 de dezembro do ano passado, esteve reunido todo o mundo árabe, em Rabat, capital de Marrocos, com o objetivo de estudar o meio de exterminar o povo israelense. Esse mundo é composto das seguintes 14 nações: Arábia Saudita, Argélia, Egito, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Marrocos, Síria, Sudão, Tunísia, Turquia do Norte e Iêmen do Sul. A presidente do Norte e Iêmen do Sul, A presidente árabe, esteve a cargo do rei Hassan II, de Marrocos. Depois de três dias de discussões, nada resolveram, pois houve insubordinação de opinião. A única resolução tomada foi a de fornecer ao Egito

NOVO GOVERNO BRASILEIRO

Com a grave enfermidade que acometeu o Presidente Marechal Arthur da Costa e Silva, em fins de setembro do ano passado, assumiu a direção do Governo, por sua determinação, os ministros militares — Augusto Rademaker Grunewald, da Marinha; Aurélio de Lyra Tavares, do Exército e Márcio de Souza e Melo, da Aeronáutica. No dia 25 de outubro, foram eleitos pelo Congresso Nacional os candidatos da ARENA, General Emílio Garrastazu Médica e o Almirante Rademaker Grunewald, presidente e vice-presidente da República Federativa do Brasil, respectivamente. A posse verificou-se no dia 30. O Ministério do novo Governo ficou assim constituído: Justiça, Prof. Alfredo Bussald; Exército, General Orlando Geisel; Marinha, Almirante Adalberto de Barros Nunes; Aeronáutica, Sr. Márcio de Souza e Melo; Agricultura, Sr. Cirne Lima; Minas e Energia, Sr. Dias Leite; Indústria e Comércio, Sr. Fábio Yasuda; Trabalho, Sr. Júlio Baraia; Interior, Sr. Costa Cavalcanti; Educação, Coronel Jarbas Passarinho; Comunicações, Coronel Higinio Casiano Corsetti; Transporte, Coronel Mário Andreauza; Fazenda, Sr. Delfim Neto; Saúde, Sr. Francisco da Rocha Leão; Planejamento, Sr. João Paulo dos Reis Velloso e Exterior, Sr. Márcio Gberson Barbosa.

A MORTE TRAGICA DE UM APOSTATA

O Rev. James E. Pike, ministro da Igreja Episcopal dos Estados Unidos da América do Norte, conseguiu ser eleito Bispo. Tempos depois, tornou-se apostata, pois afirmou que não crê nas doutrinas fundamentais do Cristianismo, como o Nascimento Virginal de Cristo, a Trindade, a Ressurreição de Jesus etc. Quando o bispo morreu desligou-se da sua Igreja.

Instantâneos

19, às 1.14 horas. Conrad foi o primeiro a descer, seguido logo por Bean. Depois de recolherem algumas pedras lunares e diversas peças da nave Surveyor que pousara, há dois anos, no Mar das Tormentas, de hastearam a bandeira norte-americana e de regressaram em outras pequenas missões, ambos regressam ao Módulo Lunar. Ligaram o grande motor de ascensão e, após o acoplamento com a Nave de Comando, na qual permaneceu Gordon, começaram o regresso à Terra. Logo depois, o Módulo Lunar é desligado e lançado à Lua. A viagem correu bem e, na segunda-feira, às 17.58 horas, os comandantes pousam no Pacífico, onde aguardava o porta-aviões Hornet. De helicóptero, são levados para bordo e recolhidos no vagão de vidro e alumínio, onde ficaram de quarentena até o dia 19 de dezembro. O Presidente Richard Nixon, pelo telefone, saudou-os e convidou-os para um almoço. No dia 12 de março, deverá ser lançada ao espaço, em direção à Lua, a Apollo-13.

D. EUNICE WEAVER

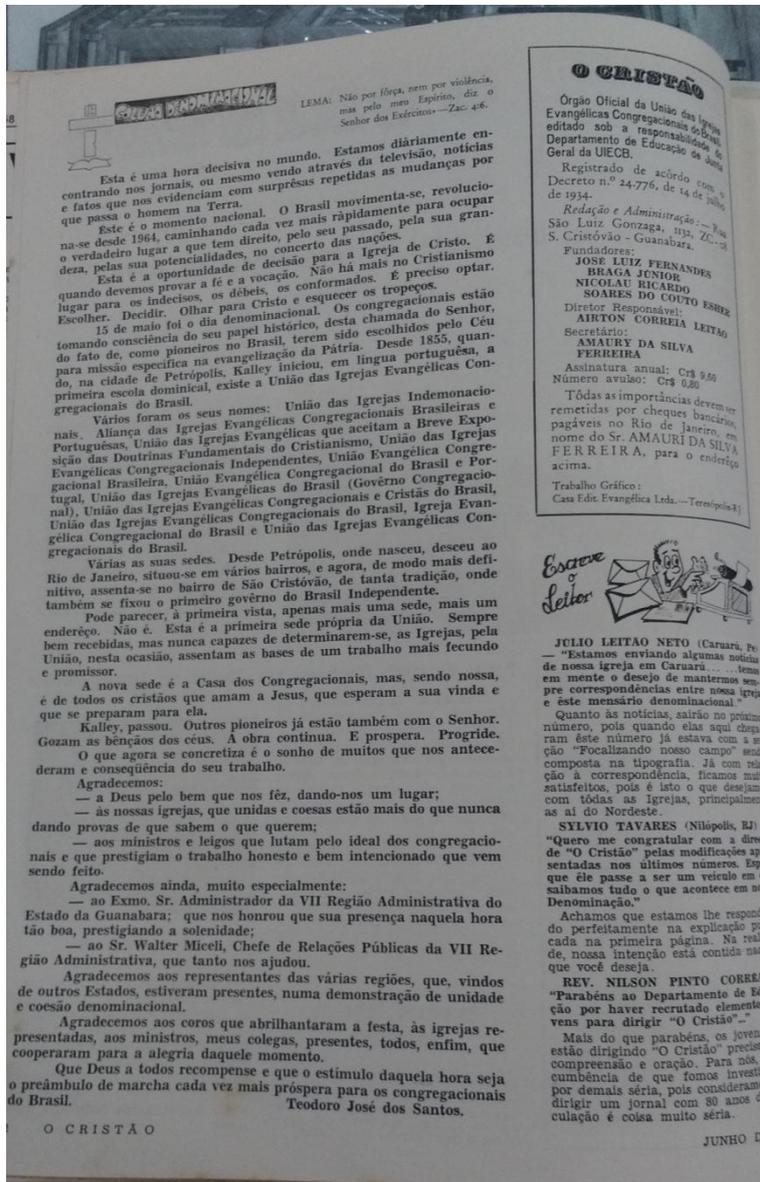
Dormiu no Senhor, no dia 9 de dezembro do ano findo, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a Sara Eunice Weaver, membro da Igreja Metodista do

MARECHAL ARTHUR DA COSTA E SILVA

Faleceu, inesperadamente, no dia 17 de dezembro de 1969, este ilustre brasileiro, que foi presidente da República Federativa do Brasil durante o período de 15 de março de 1967 até 30 de outubro de 1969, quando o Congresso Nacional elegeu o General Emílio Garrastazu Médica seu substituto. Quando veio de Brasília ao Rio, na sua última viagem, tinha em vista reabrir o Congresso Nacional, em 30 de setembro de 1969. A grave enfermidade que o afetou deu no leito, impediu-o de realizar o seu intenso desejo. O Obito verificou-se às 13.45 horas, no Palácio das Laranjeiras, no Rio, Guanabara. O Presidente Médica suspendeu uma reunião do Ministério por 8 dias. Seu sepultamento nacional por 8 dias. Seu sepultamento verificou-se no dia seguinte, no Cemitério de São João Batista, com honras de Chefe de Estado. Foi vítima, segundo o laudo médico, de um enfarte fulminante. Tinha 67 anos e era natural do Rio Grande do Sul.

ISRAEL, O POVO DE DEUS

Os maiores inimigos de Israel, presentemente, são o General Gamal Abdel Nasser, presidente da Republica Árabe Unida (RAU) e Yasser Arafat, chefe da Organização para a Libertação da Palestina. De 22 a 24 de dezembro do ano passado, esteve reunido todo o mundo árabe, em Rabat, capital de Marrocos, com o objetivo de estudar o meio de exterminar o povo israelense. Esse mundo é composto das seguintes 14 nações: Arábia Saudita, Argélia, Egito, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Marrocos, Síria, Sudão, Tunísia, Turquia do Norte e Iêmen do Sul. A presidente do Norte e Iêmen do Sul, A presidente árabe, esteve a cargo do rei Hassan II, de Marrocos. Depois de três dias de discussões, nada resolveram, pois houve recusa vergueira de opiniões. A única resolução tomada foi a de fornecer ao Egito



CASAMENTO RELIGIOSO

A atual legislação brasileira permite que o casamento religioso tenha efeito civil. Entretanto, há pastores que, não conhecendo bem a referida legislação, cometem erros, alguns bem graves. Soubemos, há anos, que, em determinada Igreja Evangélica, foi realizado um casamento e que o ministro oficiante deixou de cumprir determinado item da lei em vigor. Tempos depois, um dos cônjuges faleceu. Verificou-se, então, que ambos não estavam legalmente casados! Felizmente, não possuíam eles bens e nem filhos. O cônjuge que sobreviveu foi considerado como solteiro e não como viúvo perante a lei!

Agora, o Rev. Abdias d'Ávila, que está bem a par da lei que rege o assunto, escreveu-nos, dizendo: "Acho oportuno ressaltar... que o casamento religioso, com efeito civil, atualmente, está regulado pelo Artigo 167, parágrafo 2.º e 3.º da nova Constituição Brasileira e não mais pelo Artigo 163, conforme preceituava a antiga legislação.

"O oficiante jamais poderá celebrar o casamento, sem a competente habilitação civil, expedida pelo Oficial do Registro Civil. O Pastor oficiante não deverá esquecer de encaminhar, logo após o ato religioso, a certidão ao Cartório e o requerimento ao Juiz da Comarca, para que o referido casamento produza os efeitos legais".

Aí fica esse oportuno esclarecimento aos pastores que realizam casamentos religiosos, com efeito civil.

* * *

CASAL HARRY-FRIDA BRIAULT

O Rev. Harry G. e D. Frida Briault trabalharam muitos anos no Nordeste brasileiro, como missionários da União Evangélica Sul Americana (UESA). Conheceram o casal em 1939, quando visitamos o nosso campo na Paraíba e em Pernambuco. Hospedamo-nos em seu lar, em João Pessoa. Em companhia do Rev. João Climaco Ximenes, de saudosa memória, e do Rev. Briault, e no automóvel deste, percorremos diversas cidades da Paraíba.

Mais tarde, o casal Briault passou a trabalhar na Aliança pró Evangelização de Crianças. Seus últimos anos, no Brasil, foram dedicados à referida Aliança e ao Instituto Bíblico da Pedra, onde dava um Curso Especial de Evangelização de Crianças. Os alunos o estimavam bastante, bem como à D. Frida. Em 28 de setembro de 1956, deixou a nossa Pátria, para ir trabalhar na Inglaterra. Nesses 12 anos, porém, nunca se esqueceu do Brasil.

Com data de 1 de agosto passado, recebemos uma carta do Rev. Briault, a quem estamos enviando O CRISTÃO, cuja leitura ele faz com prazer. Depois de referir-se a diversas notícias que leu, dentre as quais os falecimentos do Rev. Daddy Cooper e do Pastor Macário Costa, diz ele: "Lamentamos os excessos da RENOVACÃO... Oxalá que Deus opere no coração de cada um renovador, a fim de revelar-lhe a origem dos excessos dessas manifestações espirituais. Realizou-se em Londres, recentemente, uma Reunião de Curas (Healing Meeting), dirigida por Oral Roberts, que estava na plataforma com Billy Graham... Li um relatório dessa reunião em The Christian (O CRISTÃO), um jornal da Associação de Billy Graham. O Westminster Central Hall ficou repleto de doentes de toda a espécie. Houve bastante confusão. Uma senhora começou a falar línguas. Foi necessário levá-la para fora, onde caiu sem sentidos. Ninguém ficou curado e parece que a reunião foi um grande fra-

Instantâneos

caso. A credulidade do povo vai além da imaginação! Quantas pessoas ficam decepcionadas! É uma coisa triste! Diariamente, oramos pelos irmãos do Nordeste do Brasil, no sentido de Deus os livrar dessas coisas.

"No meado de abril, internei-me num Hospital e fui operado. E somente agora é que me estou sentindo mais forte. Por três meses não pude comer alimentos sólidos e emagreci muito. O reumatismo tem-me causado bastante dor e tenho dificuldade em me locomover. Graças a Deus, D. Frida, apesar das responsabilidades aumentadas, tem gozado boa saúde, mas fica muito cansada. Felizmente, o reumatismo está desaparecendo e agora posso me movimentar um pouco mais. Há quatro meses que não podia ir à Igreja.

"Ficamos contentes em ler a respeito do Dr. Remigio Braga, que completou 63 anos recentemente. Dê-lhe os nossos parabéns. Em outubro, completo 78 anos e D. Frida tem 77.

"Muitas lembranças ao Rev. João Arantes Costa e à Espósa dele. Estou ansioso em receber notícias das possibilidades da Aliança pró Evangelização de Crianças organizar trabalhos nas escolas do Rio, como realiza em S. Paulo. É uma maravilha!..."

Aos irmãos pedimos orem em favor do casal Briault. Seu atual endereço é: Rev. Harry G. Briault, 14, Ostrich Lane, Longham, Derecham, Norfolk, England.

* * *

VIVENDA DA LUZ

Fundada há cerca de dez anos, existiu em Morro Agudo, município de Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, um orfanato com o bonito nome acima. Seus diretores eram Abel Marques, que foi comissário de menores, e sua esposa, Edilse Barbosa. Nêles estavam internadas 47 infelizes crianças. Agora, numa devassa feita pela polícia, ficou constatado que o referido casal, que dirigia a Vivenda da Luz, não passava de dois verdadeiros carrascos! Eles espancavam as indefesas crianças, não lhes davam alimentos, amarravam-nas com correntes e davam-lhes ponta-pés!

Um Repórter disse a Abel:

— O senhor é um monstro!

— Sou.

— Porquê?

— Eu já lhe disse que sou e chega.

Uma ajudante dos carrascos, D. Carminda Pereira da Silva, afirmou à polícia que Abel determinava que não fornecesse alimentos às crianças magras, para que morressem de fome!

A polícia, na recomposição dos crimes praticados pelos monstros, ouviu o menor Paulo da Luz, de sete anos, que explicou os castigos a que eram submetidos os infelizes internos da malfadada Vivenda da Luz: Rapadura, flexões do corpo, num movimento de abaixar e levantar; Pron-tidão, que consistia em ficar numa posição como a de sentido, sempre no sol (era o caso, por exemplo, de alguém que urinava na cama e devia segurar o len-

çol até secar); Joelho, ajoelhar-se, com as mãos para o alto e Caldo de Cana, que era permanecer de pé, com uma perna cruzada sobre a outra. Paulo disse que o único que comia bem era o Bolão (Luiz Marques, filho do casal), lembrando que uma vez lhe obrigaram a cheirar uma galinha assada sem tocá-la!

Felizmente, uma comissão de parlamentares fluminenses vai apurar se existem outros antros como o da Vivenda da Luz.

Os dois criminosos estão sendo processados e o seu orfanato foi fechado.

* * *

"ONDE D. HELDER QUER CHEGAR?"

O Arcebispo de Diamantina, Minas, D. Geraldo de Proença Sigaud, num programa de televisão, em Belo Horizonte, declarou que a infiltração comunista na Igreja Católica Romana "é fato tão visível que somente o desejo de salvar um aspecto da vida católica (romana), ou de não alarmar os fiéis, explica que sacerdotes e bispos afirmem que essa infiltração não existe... É negável essa infiltração nos nossos seminários. Acabo de receber relatório de um grupo de seminaristas do Sul do Brasil, que se referem, com verdadeira dor, ao fato de vários colegas serem completamente comunistas. E sei de outro seminário em que o programa mais ouvido é o da Rádio de Moscou, às 19 horas. Isto significa muita coisa".

Referindo-se ao plano de Movimento de Pressão Moral que D. Helder deseja lançar no Brasil, em 2 de outubro próximo, diz D. Sigaud que, "na ocasião, ele expôs as suas idéias, falando da "não violência", como método que quer empregar e da organização de grandes núcleos comandados por um centro, a fim de fazer pressão sobre o Governo e os políticos a respeito de questões sociais e políticas do Brasil. Não fiz, na oportunidade, um ataque propriamente; apenas pedi um esclarecimento nestes termos: "D. Helder, V. Ex.ª nos falou da situação do Brasil; expôs-nos o instrumento que V. Ex.ª quer pôr em ação, para modificar a atual situação. Eu desejava dar uma contribuição positiva e perguntar qual o pósto de chegada, a que sistema, a que espécie de sociedade V. Ex.ª quer levar o Brasil?" Depois de formular cinco perguntas a D. Helder, que ele recusou a responder, disse D. Sigaud: "D. Helder, se eu tomo um bonde, quero saber para onde é que ele vai. E, por isso, para entrar no Movimento de V. Ex.ª, desejo saber qual o ponto de chegada. Porém V. Ex.ª não quer dizer-nos ou não pode dizer; talvez ache que não é conveniente dizer". E eu fiquei realmente sem saber qual o tipo de sociedade que ele deseja constituir. (Ver O GLOBO, do Rio, de 16 de agosto último, página 16).

Como vemos, a acusação a D. Helder, que tem sido acusado de agitador, subversivo e comunista, é feita por um seu colega de arcebispo. Em O JORNAL DO BRASIL, de 24 de maio do ano em curso, foi publicado que D. Helder não se surpreendeu com a nota de um jornal de Recife, de que "está ele fichado como agitador na Delegacia Auxiliar do DOPS e que para tirar uma folha corrida na Polícia de Pernambuco tem de declarar, de público, que não é comunista, obedecendo a uma praxe comum nesses casos".

Não cremos que D. Helder seja comunista. Mas não compreendemos as suas atitudes e porque não respondeu as perguntas de D. Sigaud. Daí a pergunta acima: "ONDE D. HELDER QUER CHEGAR?" — I. S. J.

"O CRISTÃO"

No dia 20 de Janeiro de 1969, comemorará o seu 77.º aniversário de fundação e iniciará o 78.º de vida jornalística. Seus fundadores foram os então jovens José Luiz Fernandes Braga Junior e Nicolau Ricardo Soares do Couto Esher. Substituiu "O Bíblia", dirigido pelo saudoso Rev. Salomão Luiz Ginsburg.

Até dezembro de 1913, foi órgão particular, pertencente à Família Fernandes Braga. De janeiro de 1914 em diante, passou a ser órgão oficial da União de nossas Igrejas.

Em março do corrente ano, assumimos a sua direção, mais uma vez. Mandamos circular a todas as nossas igrejas, a alguns irmãos reconhecidamente amigos dele e às nossas Juntas, Geral e Regionais, pedindo auxílios, para que pudesse continuar a ser publicado, sem qualquer interrupção. Alguns responderam, outros silenciaram. E o que é bastante grave é que alguns pastores levaram as circulares ao conhecimento de suas igrejas! Temos a certeza absoluta de que nenhuma Igreja se negaria a dar ao seu Órgão Oficial a quantia mensal que lhe solicitamos. Não obstante essa má vontade, O CRISTÃO tem saído regularmente. Era nosso pensamento publicá-lo com 12 páginas. Isso, porém, não foi possível. Tem saído com apenas 8 páginas, mas, segundo cartas e testemunhos pessoais que temos recebido, tem agradado a um grande número de igrejas e irmãos.

No número passado, publicamos uma lista dos Amigos de "O Cristão". Neste, sai a segunda. Por elas, a Denominação poderá conhecer os nomes dos que desejam ver o nosso amado órgão circulando mensalmente. Há um regular número de igrejas que estão devendo quantias bem regulares, referentes aos números que lhes têm sido remetidos para a revenda entre os seus membros. No próximo número, publicaremos os seus nomes.

Com a publicação do número de janeiro, termina a nossa responsabilidade como Diretor de O CRISTÃO. Caberá à Assembléia, que se reunirá dos dias 26 a 31, eleger o nosso substituto.

Richard M. Nixon

Em 20 de janeiro de 1969, em substituição ao Sr. Lyndon Johnson, assumirá a presidência dos Estados Unidos da América do Norte o Sr. Richard Nixon, eleito no dia 5 de novembro do corrente ano. Como todos os seus antecessores, com exceção do Sr. John Kennedy, que era católico romano, o Sr. Nixon é crente evangélico e pertence à Igreja da Sociedade dos Amigos, ou Igreja dos Quakers, fundada por George Fox, no Século XVII, na Inglaterra. Sua esposa, Pat, e membro da Igreja Metodista. Sua mãe, uma crente fervorosa, desejava que estudasse para o Santo Ministério, a fim de que pudesse melhor servir a sua Igreja. Não obstante, ambos cooperaram com as igrejas dos locais em que residem, Congregacionais, Batistas, Episcopais, Presbiterianas... Seus filhos são alunos da Escola Dominical. Realizam diariamente o culto doméstico. O Sr. Nixon é amigo dos Revs. Billy Graham e Norman Vincent Peale, dois grandes pregadores norte-americanos. Tem por hábito tomar notas dos sermões que ouve. Para ele a Religião Cristã é a base da força da América. Sabe tocar órgão e é professor da Escola Dominical. Sua mãe, dele, disse: "É um homem intensamente religioso, mas ele evita se restringir aos



quakers compreenderão meu filho. Eles sabem porque ele tem sido o centro de tantas controvérsias. Os quakers são pessoas gentis e tolerantes, mas são também firmes em defender as suas opiniões e obstinados em perseguir os seus ideais".

Cegou-se para não mais roubar

José Rodrigues Dias, com 10 anos de idade, perdeu o seu pai, ficando com a responsabilidade de sustentar a mãe e tres irmãos menores, em Bicas, Minas. Um dia, roubou com reis do avô e foi expulso de casa. Veio para o Rio de Janeiro, indo residir no Morro do Saiqueiro, onde, em contacto com diversos marginais, tornou-se ladrão. No mundo do crime, era conhecido por Boca Rica. Por diversos crimes que cometeu, foi condenado a 30 anos de prisão. Da cadeia, fugiu 1.º vez. Seu desejo, entretanto, era não roubar mais. Chegou a fazer um pacto com o Diabo. Entregou-lhe a alma, sob a condição de não permitir que continuasse a roubar. Mas, logo depois, sem dinheiro, voltou a roubar. Foi preso e levado à Penitenciária Ferreira Vieira, onde recebeu uma Bíblia, que passou a ler com alegria. Certo dia, orando, disse: "Eu não quero mais roubar, meu Deus!... Ajuda-me, Senhor! Ajuda-me!". Depois de algum tempo de meditação, concluiu que só a cegueira o livraria da mania de roubar. Um dia, ao realizar a faxina num depósito da Penitenciária, viu uma lata sonda cáustica. Não perdeu tempo. Jogou o seu conteúdo sobre os olhos, ficando completamente cego. José Rodrigues Dias frequentava a Igreja da Assembléia de Deus de Pôrto da Madama, em Niterói. E, do Rio, acompanhado sempre por um soldado. Batizou-se no dia 2 de outubro de 1966. Começou a pregar. Tornou-se um novo homem. Hoje, é pastor da Igreja em que se batizou.

José Rodrigues Dias pediu indulto ao Conselho Penitenciário do Estado do Rio, de que é presidente o Desembargador Agenor Rabelo. Depois de ouvir a sua história, o Conselho deferiu o seu pedido. Hoje, embora cego, é feliz, porque está servindo a Cristo, o seu Salvador.

REVISTA DO PREGADOR

De quando em vez, recebemos pedidos de informações sobre quando sairá o 3.º número da Revista do Pregador (Nova Fase).

Queremos avisar a essas pessoas amigas, que, como dissemos, só sairá o 3.º, depois que fôr pago o 2.º número.

Aos irmãos que nos estão auxiliando a vender a referida Revista, pedimos o favor de nos enviarem o resultado dos exemplares vendidos, a fim de que providenciemos a publicação do 3.º número.

Congresso Norte-Americano

Com as eleições de 5 de novembro último, esse Congresso, de senadores e deputados, passou a ter a seguinte representação: Católicos Romanos, 111; Metodistas, 90; Presbiterianos, 82; Episcopais, 67; Batistas, 53; Igrejas Unidas de Cristo, 29; Judeus, 19; Luteranos, 14; Igreja dos Discípulos de Cristo, 13; Ciência Cristã, 5; Ortodoxos Gregos, 3; Quakers (Igreja de que é membro o Presidente Nixon), 3; Igreja Evangélica Livre, 2; Igreja Reformada da América, Schwenkfeld, Cristã Apostólica, Aliança Cristã e Adventista do 7.º Dia, 1 cada. Doze membros declararam-se protestantes, sem, entretanto, nomear a denominação a que pertencem. Apenas 3 não pertencem a qualquer religião. É com esse Congresso que irá governar o Presidente Nixon.

Ato Institucional

Tendo em vista a crise política surgida com a atitude da Câmara dos Deputados, que negou o pedido do Supremo Tribunal Federal para processar um dos seus membros, o Presidente da República, depois de ouvir o Conselho de Segurança Nacional, editou o 5.º Ato Institucional, que concede "ao Governo da República os meios necessários e os instrumentos legais adequados para, assegurando a ordem e a tranquilidade, realizar os propósitos e os fins da Revolução de Março de 1964". Por esse Ato, que foi referendado por todos os ministros de Estado, o Presidente da República fica com todos os poderes, podendo decretar o Recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas Estaduais, das Câmaras de Vereadores e a intervenção nos Estados e Municípios; suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos; cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais; decretar o Estado de Sítio, o confisco de bens de quantos tenham enriquecido ilícitamente no exercício de cargo ou função pública e baixar Atos Complementares. Está, ainda segundo o referido Ato, suspensa a garantia do Habeas Corpus nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e a economia popular. E, finalmente, estão excluídos de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com o mesmo Ato e os Atos Complementares que forem editados.

Também foi editado o Ato Complementar n.º 38, que determina o Recesso do Congresso Nacional. Ambos os atos entraram em vigor na data das assinaturas, 13 de dezembro de 1968.

Consórcio de Veículos

Foi fundada em S. Paulo a "Missão Informadora do Brasil, entidade evangélica, sem finalidades lucrativas, e cujo principal objetivo é servir os missionários aqui radicados". Essa nova entidade resolveu, "através de sua Junta Executiva, lançar um Consórcio de Veículos, em cooperação com a Willys Overland do Brasil S/A. e Ford Motor do Brasil S/A., destinado, exclusivamente, aos pastores brasileiros e missionários que militam nesta Terra".

Estes são trechos de uma circular que nos foi enviada, assinada pelo Sr. Frank A. Ineson, secretário executivo da Missão Informadora do Brasil. Os interessados poderão pedir novos esclarecimentos à referida Missão, cujo endereço é: Rua S. Bento, 290, 1.ª Sobre-Loja, sala 14, ou Caixa Postal, 1498, S. Paulo, Capital.

O CRISTÃO

Órgão Oficial da Igreja Evangélica
Congregacional do Brasil

Fundadores: Srs. José Luiz Fernandes
Braga Junior e Dr. Nicolau Ricardo
Soares do Couto Esher

ANO 77



RIO, DEZEMBRO DE 1968



N.º 12

Ano Novo, Vida Nova

Sempre que se aproxima o término de um ano, ouvimos este adágio popular, tanto dos lábios de pessoas crentes, como das bocas de indivíduos que não temem a Deus: "Ano Novo, Vida Nova".

Mudar de vida, abandonando uma série interminável de pecados, eis uma excelente atitude! Acontece, porém, que inúmeros votos feitos, no início de um ano novo, são, dentro de poucos dias, completamente esquecidos, para serem outra vez renovados quando o ano novo se transforma em ano velho.

Nossa responsabilidade, diante da onisciência divina, é tremenda, quando deixamos de cumprir os votos feitos, consciente e voluntariamente. Deus não obriga a que tomemos esta ou aquela resolução, certa ou errada, mas exige que realizemos o que, de *motu próprio*, lhe prometemos. Moisés, em Deut. 23:21, dá-nos este conselho: "Quando fizeres algum voto ao Senhor teu Deus, não tardarás em cumpri-lo; porque o Senhor teu Deus o requererá de ti".

O início de um ano novo oferece-nos boa ocasião para mudarmos de rumo, esquecendo-nos das grandes derrotas passadas, tanto no domínio material, como espiritual. "Crescer na graça e no conhecimento de Jesus Cristo", 2.^a Ped. 3:18, eis um bom lema para um ano novo. Executando-o, com entusiasmo e fidelidade, só realizaremos atos que redundarão na honra e glória do nome santo do Senhor nosso Deus.

Precisamos, por outro lado, manifestar a nossa gratidão para com Deus, não nos esquecendo dos benefícios incontáveis com que a sua divina graça nos distinguiu durante todo um ano.

Davi, o mavioso vate de Israel, no Salmo, 103: 1 a 5, cantando a misericórdia de Deus, escreve: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor... e não te esqueças de nem um só de seus benefícios... Ele é quem te farta de bens". Estes podem ser de duas naturezas — espirituais e materiais.

Os espirituais são quatro e se resumem nestas solenes declarações:

1) — "Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades". O perdão tem um valor incalculável. Quando Deus perdoa, depois de lhe manifestarmos sincero arrependimento, temos a certeza plena de que o nosso passado, por mais negro que tenha sido, foi por Ele completamente esquecido. Em outro Salmo, Davi afirma: "Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada e cujo pecado é coberto", 32:1. A justificação é o perdão divino implicando plena pacificação. Daí a afirmativa de Paulo: "Justificados pela fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo", Rom. 5:1.

2) — "Ele é quem sara todas as tuas enfermidades" — As doenças tanto podem ser do corpo como da alma, tomando as desta caráter mais grave e alarmante. Com efeito, um corpo doente pode possuir uma alma sadia, salva. Porém, uma alma enferma é sinal evidente de desgraça eterna, caso não venha a ser curada pelo Médico dos médicos, Jesus Cristo, que não tem, na sua terapêutica divina, outro remédio a receitar senão este — *arrependimento e fé na sua divina Pessoa*.

3) — "Ele é quem redime a tua vida" — A redenção, eis o antídoto da perdição. O remido pelo sangue de Cristo jamais sofrerá as penas da desgraça eterna. A redenção é a maior manifestação da bondade de Deus, que nos deseja libertar da *segunda morte*, do abismo do inferno. "Se o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres", João, 8:36, afirmou Jesus.

4) — "Ele é quem te coroa de graça e de misericórdia" — Coroa é sinal de glorificação. Um dia, na glória celeste, receberemos de Jesus a nossa glorificação final e definitiva. Será esse o momento mais feliz para nós, pois marcará a posse de uma felicidade eterna.

Os bens materiais resumem-se nesta expressão: "Ele é quem enche de bens a tua boca" — Isso é tudo o que necessitamos. E o havemos de conseguir, se buscarmos "o Reino de Deus... em primeiro lugar", Mat. 6:33, no início de um novo ano. "Ano Novo, Vida Nova" — I. S. I.

Porque devemos dar graças a Deus?

Col. 3:15

1 — **Pelo Dom dos dons**, Jesus Cristo, o único Salvador dos homens. O velho Simeão exclamou: "Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua Palavra, porque os meus olhos já viram a tua salvação", Luc. 2:29-30.

2 — **Pelo perdão de pecados** — Davi, depois de haver quebrado três mandamentos do Decálogo — 6.º, 7.º e 10.º —, foi perdoado por Deus. Para agradecer essa grande bênção, compôs uma ode, na qual lemos: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor e não te esqueças de nem um só dos seus benefícios. Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades e quem sara todas as tuas enfermidades", Salmo 103:2-3.

3 — **Pela regeneração de nossas almas** — Quando o pecador ouve e aceita o Evangelho, é regenerado, torna-se uma nova criatura em Cristo. Por experiência própria, Pedro escreveu: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos", 1.^a Ped. 1:3.

4 — **Por já sermos súditos do Reino de Cristo** — Enquanto multidões ainda vivem no reino de Satanás, nós, os cristãos, já fazemos parte integrante do Reino de Jesus Cristo. São de Paulo estas palavras: "Deus nos libertou do império das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados", Col. 1:13-14.

5 — **Pela vitória que alcançamos sobre o mal** — Só os verdadeiros crentes em Jesus é que alcançam essa extraordinária vitória. Paulo, cantando um hino de louvor, disse: "Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo", 1.^a Cor. 15:57.

6 — **Pelo consolo que recebemos nas tribulações** — Paulo, que foi bastante atribulado, escreveu: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo... o Deus de toda a consolação! E Ele que nos conforta em toda a nossa tribulação"... 2.^a Cor. 1:3-4.

7 — **Pela resposta às nossas orações** — Antes de haver ressuscitado a Lázaro, Jesus, dirigindo-se a Deus, disse: "Graças te dou, ó Pai, porque tu me ouviste", João, 11:41.

Nossa gratidão a Deus manifesta-se quando:

1 — **Pregamos e vivemos o Evangelho**, que é "o poder de Deus para a salvação de todo o que crê" Rom. 1:16.

2 — **Somos liberais para a Causa de Cristo**, que, às vezes, sofre por falta de recursos, lembrando-nos sempre das palavras de Cristo: "Dai e dar-se-vos-á" e "Coisa mais bem-aventurada é dar do que receber", Luc. 6:38 e Atos, 20:35.

3 — **Somos fiéis a Cristo, à Igreja e à Sociedade:**

a) — A Cristo, vivendo a vida que Ele viveu.

b) — A Igreja, auxiliando-a no trabalho que realiza, visando a salvação dos

"O CRISTÃO"

No dia 20 de Janeiro de 1969, comemorará o seu 77.º aniversário de fundação e iniciará o 78.º de vida jornalística. Seus fundadores foram os então jovens José Luiz Fernandes Braga Junior e Nicolau Ricardo Soares do Couto Esher. Substituiu "O Bíblia", dirigido pelo saudoso Rev. Salomão Luiz Ginsburg.

Até dezembro de 1913, foi órgão particular, pertencente à Família Fernandes Braga. De janeiro de 1914 em diante, passou a ser órgão oficial da União de nossas Igrejas.

Em março do corrente ano, assumimos a sua direção, mais uma vez. Mandamos circulares a todas as nossas igrejas, a alguns irmãos reconhecidamente amigos dele e às nossas Juntas, Geral e Regionais, pedindo auxílios, para que pudesse continuar a ser publicado, sem qualquer interrupção. Alguns responderam, outros silenciaram. E o que é bastante grave é que alguns pastores levaram as circulares ao conhecimento de suas igrejas! Temos a certeza absoluta de que nenhuma Igreja se negaria a dar ao seu Órgão Oficial a quantia mensal que lhe solicitamos. Não obstante essa má vontade, O CRISTÃO tem saído regularmente. Era nosso pensamento publicá-lo com 12 páginas. Isso, porém, não foi possível. Tem saído com apenas 8 páginas, mas, segundo cartas e testemunhos pessoais que temos recebido, tem agradado a um grande número de igrejas e irmãos.

No número passado, publicamos uma lista dos Amigos de "O Cristão". Neste, sai a segunda. Por elas, a Denominação poderá conhecer os nomes dos que desejam ver o nosso amado órgão circulando mensalmente. Há um regular número de igrejas que estão devendo quantias bem regulares, referentes aos números que lhes têm sido remetidos para a revenda entre os seus membros. No próximo número, publicaremos os seus nomes.

Com a publicação do número de janeiro, termina a nossa responsabilidade como Diretor de O CRISTÃO. Caberá à Assembléia, que se reunirá dos dias 26 a 31, eleger o nosso substituto.

Richard M. Nixon

Em 20 de janeiro de 1969, em substituição ao Sr. Lyndon Johnson, assumirá a presidência dos Estados Unidos da América do Norte o Sr. Richard Nixon, eleito no dia 5 de novembro do corrente ano. Como todos os seus antecessores, com exceção do Sr. John Kennedy, que era católico romano, o Sr. Nixon é crente evangélico e pertence à Igreja da Sociedade dos Amigos, ou Igreja dos Quakers, fundada por George Fox, no Século XVII, na Inglaterra. Sua esposa, Pat, e membro da Igreja Metodista. Sua mãe, uma crente fervorosa, desejava que estudasse para o Santo Ministério, a fim de que pudesse melhor servir a sua Igreja. Não obstante, ambos cooperaram com as igrejas dos locais em que residem, Congregacionais, Batistas, Episcopais, Presbiterianas... Seus filhos são alunos da Escola Dominical. Realizam diariamente o culto doméstico. O Sr. Nixon é amigo dos Revs. Billy Graham e Norman Vincent Peale, dois grandes pregadores norte-americanos. Tem por hábito tomar notas dos sermões que ouve. Para ele a Religião Cristã é a base da força da América. Sabe tocar órgão e é professor da Escola Dominical. Sua mãe, dele, disse: "É um homem intensamente religioso, mas ele evita se restringir aos



quakers compreenderão meu filho. Eles sabem porque ele tem sido o centro de tantas controvérsias. Os quakers são pessoas gentis e tolerantes, mas são também firmes em defender as suas opiniões e obstinados em perseguir os seus ideais".

Cegou-se para não mais roubar

José Rodrigues Dias, com 10 anos de idade, perdeu o seu pai, ficando com a responsabilidade de sustentar a mãe e tres irmãos menores, em Bicas, Minas. Um dia, roubou com reis do avô e foi expulso de casa. Veio para o Rio de Janeiro, indo residir no Morro do Saiqueiro, onde, em contacto com diversos marginais, tornou-se ladrão. No mundo do crime, era conhecido por Boca Rica. Por diversos crimes que cometeu, foi condenado a 30 anos de prisão. Da cadeia, fugiu 1.º vez. Seu desejo, entretanto, era não roubar mais. Chegou a fazer um pacto com o Diabo. Entregou-lhe a alma, sob a condição de não permitir que continuasse a roubar. Mas, logo depois, sem dinheiro, voltou a roubar. Foi preso e levado à Penitenciária Ferreira Vieira, onde recebeu uma Bíblia, que passou a ler com alegria. Certo dia, orando, disse: "Eu não quero mais roubar, meu Deus!... Ajuda-me, Senhor! Ajuda-me!". Depois de algum tempo de meditação, concluiu que só a cegueira o livraria da mania de roubar. Um dia, ao realizar a faxina num depósito da Penitenciária, viu uma lata sonda cáustica. Não perdeu tempo. Jogou o seu conteúdo sobre os olhos, ficando completamente cego. José Rodrigues Dias frequentava a Igreja da Assembléia de Deus de Pôrto da Madama, em Niterói. E, do Rio, acompanhado sempre por um soldado. Batizou-se no dia 2 de outubro de 1966. Começou a pregar. Tornou-se um novo homem. Hoje, é pastor da Igreja em que se batizou.

José Rodrigues Dias pediu indulto ao Conselho Penitenciário do Estado do Rio, de que é presidente o Desembargador Agenor Rabelo. Depois de ouvir a sua história, o Conselho deferiu o seu pedido. Hoje, embora cego, é feliz, porque está servindo a Cristo, o seu Salvador.

REVISTA DO PREGADOR

De quando em vez, recebemos pedidos de informações sobre quando sairá o 3.º número da Revista do Pregador (Nova Fase).

Queremos avisar a essas pessoas amigas, que, como dissemos, só sairá o 3.º, depois que fôr pago o 2.º número.

Aos irmãos que nos estão auxiliando a vender a referida Revista, pedimos o favor de nos enviarem o resultado dos exemplares vendidos, a fim de que providenciemos a publicação do 3.º número.

Congresso Norte-Americano

Com as eleições de 5 de novembro último, esse Congresso, de senadores e deputados, passou a ter a seguinte representação: Católicos Romanos, 111; Metodistas, 90; Presbiterianos, 82; Episcopais, 67; Batistas, 53; Igrejas Unidas de Cristo, 29; Judeus, 19; Luteranos, 14; Igreja dos Discipulos de Cristo, 13; Ciência Cristã, 5; Ortodoxos Gregos, 3; Quakers (Igreja de que é membro o Presidente Nixon), 3; Igreja Evangélica Livre, 2; Igreja Reformada da América, Schwenkfeld, Cristã Apostólica, Aliança Cristã e Adventista do 7.º Dia, 1 cada. Doze membros declararam-se protestantes, sem, entretanto, nomear a denominação a que pertencem. Apenas 3 não pertencem a qualquer religião. É com esse Congresso que irá governar o Presidente Nixon.

Ato Institucional

Tendo em vista a crise política surgida com a atitude da Câmara dos Deputados, que negou o pedido do Supremo Tribunal Federal para processar um dos seus membros, o Presidente da República, depois de ouvir o Conselho de Segurança Nacional, editou o 5.º Ato Institucional, que concede "ao Governo da República os meios necessários e os instrumentos legais adequados para, assegurando a ordem e a tranquilidade, realizar os propósitos e os fins da Revolução de Março de 1964". Por esse Ato, que foi referendado por todos os ministros de Estado, o Presidente da República fica com todos os poderes, podendo decretar o Recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas Estaduais, das Câmaras de Vereadores e a intervenção nos Estados e Municípios; suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos; cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais; decretar o Estado de Sítio, o confisco de bens de quantos tenham enriquecido ilícitamente no exercício de cargo ou função pública e baixar Atos Complementares. Está, ainda segundo o referido Ato, suspensa a garantia do Habeas Corpus nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e a economia popular. E, finalmente, estão excluídos de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com o mesmo Ato e os Atos Complementares que forem editados.

Também foi editado o Ato Complementar n.º 38, que determina o Recesso do Congresso Nacional. Ambos os atos entraram em vigor na data das assinaturas, 13 de dezembro de 1968.

Consórcio de Veículos

Foi fundada em S. Paulo a "Missão Informadora do Brasil, entidade evangélica, sem finalidades lucrativas, e cujo principal objetivo é servir os missionários aqui radicados". Essa nova entidade resolveu, "através de sua Junta Executiva, lançar um Consórcio de Veículos, em cooperação com a Willys Overland do Brasil S/A. e Ford Motor do Brasil S/A., destinado, exclusivamente, aos pastores brasileiros e missionários que militam nesta Terra".

Estes são trechos de uma circular que nos foi enviada, assinada pelo Sr. Frank A. Ineson, secretário executivo da Missão Informadora do Brasil. Os interessados poderão pedir novos esclarecimentos à referida Missão, cujo endereço é: Rua S. Bento, 290, 1.ª Sobre-Loja, sala 14, ou Caixa Postal, 1498, S. Paulo, Capital.

"O CRISTÃO"

No dia 20 de Janeiro de 1969, comemorará o seu 77.º aniversário de fundação e iniciará o 78.º de vida jornalística. Seus fundadores foram os então jovens José Luiz Fernandes Braga Junior e Nicolau Ricardo Soares do Couto Esher. Substituiu "O Bíblia", dirigido pelo saudoso Rev. Salomão Luiz Ginsburg.

Até dezembro de 1913, foi órgão particular, pertencente à Família Fernandes Braga. De janeiro de 1914 em diante, passou a ser órgão oficial da União de nossas Igrejas.

Em março do corrente ano, assumimos a sua direção, mais uma vez. Mandamos circulares a todas as nossas igrejas, a alguns irmãos reconhecidamente amigos dele e às nossas Juntas, Geral e Regionais, pedindo auxílios, para que pudesse continuar a ser publicado, sem qualquer interrupção. Alguns responderam, outros silenciaram. E o que é bastante grave é que alguns pastores levaram as circulares ao conhecimento de suas igrejas! Temos a certeza absoluta de que nenhuma Igreja se negaria a dar ao seu Órgão Oficial a quantia mensal que lhe solicitamos. Não obstante essa má vontade, O CRISTÃO tem saído regularmente. Era nosso pensamento publicá-lo com 12 páginas. Isso, porém, não foi possível. Tem saído com apenas 8 páginas, mas, segundo cartas e testemunhos pessoais que temos recebido, tem agradado a um grande número de igrejas e irmãos.

No número passado, publicamos uma lista dos Amigos de "O Cristão". Neste, sai a segunda. Por elas, a Denominação poderá conhecer os nomes dos que desejam ver o nosso amado órgão circulando mensalmente. Há um regular número de igrejas que estão devendo quantias bem regulares, referentes aos números que lhes têm sido remetidos para a revenda entre os seus membros. No próximo número, publicaremos os seus nomes.

Com a publicação do número de janeiro, termina a nossa responsabilidade como Diretor de O CRISTÃO. Caberá à Assembléia, que se reunirá dos dias 26 a 31, eleger o nosso substituto.

Richard M. Nixon

Em 20 de janeiro de 1969, em substituição ao Sr. Lyndon Johnson, assumirá a presidência dos Estados Unidos da América do Norte o Sr. Richard Nixon, eleito no dia 5 de novembro do corrente ano. Como todos os seus antecessores, com exceção do Sr. John Kennedy, que era católico romano, o Sr. Nixon é crente evangélico e pertence à Igreja da Sociedade dos Amigos, ou Igreja dos Quakers, fundada por George Fox, no Século XVII, na Inglaterra. Sua esposa, Pat, e membro da Igreja Metodista. Sua mãe, uma crente fervorosa, desejava que estudasse para o Santo Ministério, a fim de que pudesse melhor servir a sua Igreja. Não obstante, ambos cooperaram com as igrejas dos locais em que residem, Congregacionais, Batistas, Episcopais, Presbiterianas... Seus filhos são alunos da Escola Dominical. Realizam diariamente o culto doméstico. O Sr. Nixon é amigo dos Revs. Billy Graham e Norman Vincent Peale, dois grandes pregadores norte-americanos. Tem por hábito tomar notas dos sermões que ouve. Para ele a Religião Cristã é a base da força da América. Sabe tocar órgão e é professor da Escola Dominical. Sua mãe, dele, disse: "É um homem intensamente religioso, mas ele evita se restringir aos



quakers compreenderão meu filho. Eles sabem porque ele tem sido o centro de tantas controvérsias. Os quakers são pessoas gentis e tolerantes, mas são também firmes em defender as suas opiniões e obstinados em perseguir os seus ideais".

Cegou-se para não mais roubar

José Rodrigues Dias, com 10 anos de idade, perdeu o seu pai, ficando com a responsabilidade de sustentar a mãe e tres irmãos menores, em Bicas, Minas. Um dia, roubou com reis do avô e foi expulso de casa. Veio para o Rio de Janeiro, indo residir no Morro do Saiqueiro, onde, em contacto com diversos marginais, tornou-se ladrão. No mundo do crime, era conhecido por Boca Rica. Por diversos crimes que cometeu, foi condenado a 30 anos de prisão. Da cadeia, fugiu 1.º vez. Seu desejo, entretanto, era não roubar mais. Chegou a fazer um pacto com o Diabo. Entregou-lhe a alma, sob a condição de não permitir que continuasse a roubar. Mas, logo depois, sem dinheiro, voltou a roubar. Foi preso e levado à Penitenciária Ferreira Vieira, onde recebeu uma Bíblia, que passou a ler com alegria. Certo dia, orando, disse: "Eu não quero mais roubar, meu Deus!... Ajuda-me, Senhor! Ajuda-me!". Depois de algum tempo de meditação, concluiu que só a cegueira o livraria da mania de roubar. Um dia, ao realizar a faxina num depósito da Penitenciária, viu uma lata soda cáustica. Não perdeu tempo. Jogou o seu conteúdo sobre os olhos, ficando completamente cego. José Rodrigues Dias frequentava a Igreja da Assembléia de Deus de Pôrto da Madama, em Niterói. E, do Rio, acompanhado sempre por um soldado. Batizou-se no dia 2 de outubro de 1966. Começou a pregar. Tornou-se um novo homem. Hoje, é pastor da Igreja em que se batizou.

José Rodrigues Dias pediu indulto ao Conselho Penitenciário do Estado do Rio, de que é presidente o Desembargador Agenor Rabelo. Depois de ouvir a sua história, o Conselho deferiu o seu pedido. Hoje, embora cego, é feliz, porque está servindo a Cristo, o seu Salvador.

REVISTA DO PREGADOR

De quando em vez, recebemos pedidos de informações sobre quando sairá o 3.º número da Revista do Pregador (Nova Fase).

Queremos avisar a essas pessoas amigas, que, como dissemos, só sairá o 3.º, depois que fôr pago o 2.º número.

Aos irmãos que nos estão auxiliando a vender a referida Revista, pedimos o favor de nos enviarem o resultado dos exemplares vendidos, a fim de que providenciemos a publicação do 3.º número.

Congresso Norte-Americano

Com as eleições de 5 de novembro último, esse Congresso, de senadores e deputados, passou a ter a seguinte representação: Católicos Romanos, 111; Metodistas, 90; Presbiterianos, 82; Episcopais, 67; Batistas, 53; Igrejas Unidas de Cristo, 29; Judeus, 19; Luteranos, 14; Igreja dos Discípulos de Cristo, 13; Ciência Cristã, 5; Ortodoxos Gregos, 3; Quakers (Igreja de que é membro o Presidente Nixon), 3; Igreja Evangélica Livre, 2; Igreja Reformada da América, Schwenkfeld, Cristã Apostólica, Aliança Cristã e Adventista do 7.º Dia, 1 cada. Doze membros declararam-se protestantes, sem, entretanto, nomear a denominação a que pertencem. Apenas 3 não pertencem a qualquer religião. É com esse Congresso que irá governar o Presidente Nixon.

Ato Institucional

Tendo em vista a crise política surgida com a atitude da Câmara dos Deputados, que negou o pedido do Supremo Tribunal Federal para processar um dos seus membros, o Presidente da República, depois de ouvir o Conselho de Segurança Nacional, editou o 5.º Ato Institucional, que concede "ao Governo da República os meios necessários e os instrumentos legais adequados para, assegurando a ordem e a tranquilidade, realizar os propósitos e os fins da Revolução de Março de 1964". Por esse Ato, que foi referendado por todos os ministros de Estado, o Presidente da República fica com todos os poderes, podendo decretar o Recesso do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas Estaduais, das Câmaras de Vereadores e a intervenção nos Estados e Municípios; suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos; cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais; decretar o Estado de Sítio, o confisco de bens de quantos tenham enriquecido ilícitamente no exercício de cargo ou função pública e baixar Atos Complementares. Está, ainda segundo o referido Ato, suspensa a garantia do Habeas Corpus nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e a economia popular. E, finalmente, estão excluídos de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com o mesmo Ato e os Atos Complementares que forem editados.

Também foi editado o Ato Complementar n.º 38, que determina o Recesso do Congresso Nacional. Ambos os atos entraram em vigor na data das assinaturas, 13 de dezembro de 1968.

Consórcio de Veículos

Foi fundada em S. Paulo a "Missão Informadora do Brasil, entidade evangélica, sem finalidades lucrativas, e cujo principal objetivo é servir os missionários aqui radicados". Essa nova entidade resolveu, "através de sua Junta Executiva, lançar um Consórcio de Veículos, em cooperação com a Willys Overland do Brasil S/A. e Ford Motor do Brasil S/A., destinado, exclusivamente, aos pastores brasileiros e missionários que militam nesta Terra".

Estes são trechos de uma circular que nos foi enviada, assinada pelo Sr. Frank A. Ineson, secretário executivo da Missão Informadora do Brasil. Os interessados poderão pedir novos esclarecimentos à referida Missão, cujo endereço é: Rua S. Bento, 290, 1.ª Sobre-Loja, sala 14, ou Caixa Postal, 1498, S. Paulo, Capital.

... Sé o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé e na pureza.— 1 Tim. 4:12

O EXEMPLO

Publicação feita em homenagem à 1.ª Convenção da Mocidade Evangélica Congregacional do Distrito Federal

Ano I Rio de Janeiro, 12 de Abril de 1945 N.º 1

Dedicando

A MENSAGEM DE CRISTO NA HORA PRESENTE

Razões indiscutíveis autorizam-nos a conchamar que a hora presente, é uma

Homenagem



Dr. Jether Pereira Ramalho

Representa esta publicação que intitulamos "O Exemplo", uma síntese especialmente conjugada para demonstrar aos queridos jovens congregacionais o nosso particular caso, acendado interesse e intraduzível entusiasmo pela nossa juventude que se acha reunida em convenção, acatando, assim, nas páginas históricas dessa estimada denominação, mais e etapa de intensa opressão com perspectivas de grande projeção.

Saudando a 1.ª Convenção, promovida pela Federação da Mocidade das Igrejas Congregacionais do Distrito Federal, "O Exemplo" sai à luz da página, inflamado do mais vívido dos entusiasmos, sugerindo a concretização ideal da publicação de um periódico que sirva de contribuição efetiva para orientar e difundir os trabalhos juvenis evangélicos.

A mocidade congregacional, dedicada à presente impressão de "O Exemplo", com vibrantes e espontâneas estações de amor cristão. Exoro as luzes que faça brotar, flores e reproduzir-se no âmago da vida cristã, o festinamento eloquentemente salutar exemplo.

Inspirando o jovem Timóteo, o apóstolo São Paulo assim se expressou: "Seja o exemplo dos fiéis, na palavra, na caridade, no espírito, na pureza".

vos exorto, jovens irmãos! Sejam a Cristo—Sede exemplos...

Salustiano Pereira Cesar

hora de profundo congestionamento moral, é uma hora de prostração, de sofrimentos e de dissecção espiritual pelo histri da verdade.

Mas a hora presente é também uma hora de grandes aspirações, de súbitos anseios, de ardentes desejos, de energias salutares e de poderes construtivos. Assim sendo, com o mais puro sentimento cristão e cheio do desejo de corresponder às expectativas no momento que se escoa, eu passo a comunicar, autorizado pela Carta Magna do Cristianismo — a Bíblia Sagrada: — **A Mensagem de Cristo na hora presente.** Mensagem que conforta e reconforta, que anima e satisfaz, que atende a todas as manifestações da alma humana.

Foi num destes momentos de esgarçamento espiritual, de incerteza e insegurança, quando o temor e a perturbação se esboçava no semblante dos discípulos de Jesus que Ele, com a Sua palavra veemente e eloquente declarou-lhes: «Deixo-vos a Paz, a minha Paz vos dou; não vós dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize».

A mensagem de Cristo na hora presente é a mensagem da Paz. Ela é a urgente necessidade do homem. E Jesus Cristo, o maior amigo dos pecadores, vai sempre de encontro às suas necessidades.

Por toda a parte, em todos os recantos da terra, ouvem-se gemidos inexprimíveis, erguem-se vozes roufenhas e abafadas, implorando um lenitivo para o seu sofrimento, um bálsamo suavizador para a sua angústia, um poder restaurador para a sua alma.

Sómente o poder de Deus, por Jesus Cristo poderá habilitar o homem a vencer com serenidade os embates das vagas procelosas do mar da existência.

Vitória é o anelo dos soldados que se degladiam no campo da batalha. Vitória é o anelo do pobre e do rico; é o reclamo dos orfãos, das viúvas, das mulheres e das crianças. Mas notemos, é Jesus quem nos adverte: «Que

"...Se o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no agir, no espírito, na fé e na pureza". — 1 Tim. 4:12.

O EXEMPLO

Orgão Oficial da Mocidade Cristã Congregacional do Brasil

Año III Rio de Janeiro, DEZEMBRO de 1947 Nº 33

O EVANGELHO QUE

ROBERT KALLEY PREGAVA



NATAL

GLÓRIA a Deus nas alturas! Foi assim que começou o primeiro céu do Natal e não se demorou a achar-se a sua interpretação. Todos se recordam de que foram os pastores os primeiros que o ouviram naquela noite, mas nem sempre nos lembramos de que os cantores eram uma multidão de anjos, e que seu principal objetivo não era entreter os pastores, mas levar a Deus Pai. A música rompeu os limites do mundo e a terra ouviu!

Mas o céu celeste foi também uma mensagem a este triste mundo. "Paz, boa vontade para com os homens" era o tema do cântico. Deus enviava a suprema revelação do seu amor à terra: "E que hoje vos nasceu na cidade de Davi um Salvador, que é Cristo Senhor." Foi uma promessa de paz na terra e boa vontade. A boa vontade e a paz são inseparáveis. Se não cultivarmos a boa vontade Deus não pode cumprir em nós sua promessa de um mundo onde há paz.

* * *

SE PAIRA sobre vós uma pesada nuvem de desespéro, não podeis compreender o regozijo do Natal. Se a consciência de culpa prende o vosso espírito, não é possível cantar os cânticos do Natal. Se perdestes a capacidade de cantar, perdestes a alegria de vossa alma.

O segredo para manter essa alegria é aceitar a Jesus como nosso Salvador. Nossa carga torna-se mais leve, nosso rosto fica mais radiante, pelo cântico da alma, e o gizo do Natal penetra o coração para permanecer. A nossa atitude para com o Universo se torna triunfante, porque nos nasceu na cidade de Davi um Salvador, que é Cristo o Senhor. Estas grandiosas palavras dos anjos soam com um novo esplendor porque teremos compreendido o seu significado.

* * *

TENDES agradecido a Deus a maravilhosa dádiva do Natal?

Erguestes o coração a Ele em cânticos, como os anjos, cânticos que ressoam em todo o mundo, e que apagam os sons de ódio, tristeza, amarguras e dúvidas?

Se a maioria dos povos da terra tivessem recebido a Cristo nos seus corações, seria possível que continuassem as presentes condições neste mundo?

O nascimento de uma criança próxima os céus da terra. Deus quer que cada criança traga um pouco do céu ao lar e ao coração humano. O nascimento de uma criança lança um novo desafio para que se viva uma vida nova, que se tenham novos ideais, novas esperanças. Cada Natal é um desafio e prepara do mundo para a vinda do Príncipe da Paz.

...ficamos satisfeitos em ouvir a respeito de Kalley. Não resta dúvida que ele é uma honra especial à nossa denominação. Foi o iniciador do trabalho evangélico no Brasil e o líder da Igreja Evangélica Fluminense, quando estamos envolvidos em companhia, no sentido de despertar a consciência de nossa gente para o asseio do evangelho de Cristo, é preciso que ressaltamos, mais uma vez, a obra do Dr. Kalley. Ele, como método que era, compreendeu desde cedo a magnitude do Evangelho. Sim, o Evangelho positivo e integral: o que cura a alma e não esquece de mitigar a dor do corpo. Foi essa a norma doador de nossa denominação. E nós estamos fazendo?

Atualmente, têm sido feitos esforços para diversos fins, mas a obra de Deus social está sendo esquecida. Os fumantes, a velhice desamparada, os órfãos e velhos desamparados. Evidentemente não é o Evangelho de Cristo, quando estere na terra, quando vem ao corpo e à alma e aos Seus discípulos que fizeram a Igreja primitiva também em assistência. A Igreja primitiva também seria o problema de assistência à nossa Denominação precisa

noltar as vistas, novamente, para o Evangelho que Kalley pregava. Nos nossos primeiros dias, o progresso era acentuado e o trabalho aumentava sempre. Kalley apresentava o caminho para a salvação das almas e ordenava à sua Igreja que não abandonasse os órfãos e a velhice. Os pobres eram socorridos de uma forma especial, nunca eram abandonados.

Relembramos esses fatos para perguntar: Quando teremos o nosso Abrigo para órfãos e velhice desamparada? Quando vamos praticar, na íntegra, o Evangelho de Cristo? Será que ainda não é tempo de se fazer algo de positivo para que o Abrigo da Pedra venha a funcionar? Repetimos a frase do nosso artigo anterior, essa é uma questão de moral para a nossa denominação.

Olhem para a ilustração dessa página: a mãe está olhando indiferente para o clamor de seus filhos. Estará a nossa denominação olhando assim para os seus órfãos e velhos desamparados?

Gostaríamos que os nossos líderes pensassem nestas perguntas: Que diria o Dr. Kalley, se estivesse vivo, vendo a situação afiliva dos órfãos e da velhice desamparada? Se ele ainda visse, seria o Abrigo Evangélico da Pedra não estaria funcionando? Estamos certos que assim!

J. P. R.

Anexo XX

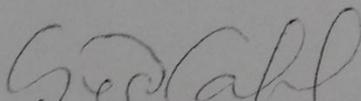


SOMANDO FORÇAS

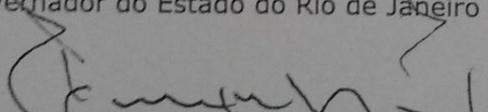
SECRETARIA DE
ASSISTÊNCIA SOCIAL
E DIREITOS HUMANOS**TERMO DE REPARAÇÃO**

Aos **27 dias do mês de abril do ano de 2011**, na cidade do Rio de Janeiro, o **GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**, representado pelo Excelentíssimo Governador Sérgio Cabral Filho e Excelentíssimo Secretário de Direitos Humanos Rodrigo Neves, reconhece o direito à reparação de **DJALMA PRADO DE LEMOS**, de acordo com a Lei Estadual n. 3.744/2001, regulamentada pelo Decreto n. 31.995/2002, que dispõe sobre reparação a pessoas detidas sob acusação de terem participado de atividades políticas entre os dias 01 de abril de 1964 e 15 de agosto de 1979, e que tenham ficado sob a guarda dos órgãos públicos no Estado do Rio de Janeiro.

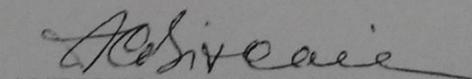
Rio de Janeiro, 27 de abril de 2011.


SÉRGIO CABRAL FILHO

Governador do Estado do Rio de Janeiro


RODRIGO NEVES

Secretário de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos


ANTONIO CARLOS BISCAIA

Subsecretário de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos

O CRISTÃO
 ÓRGÃO OFICIAL DA UNIÃO DAS IGREIAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL
 "... nós pregamos a Cristo..." | Co 1.23.
 ANO 94 - MARÇO/ABRIL DE 1985 - Nº 2

Valeu, Tancredo!
O Povo Agradece



Fotos: Copyright Agência O Globo

NESTE NÚMERO

Não Chores	Pág. 2	Igreja Bíblica Congregacional do	Pág. 7
Editorial	Pág. 3	Rio de Janeiro	
Culto à Rainha do Céu	Pág. 3	20ª Região Administrativa	
Tancredo de Almeida Neves,		Realiza Assembleia	Pág. 7
um Herói sem Coroa	Pág. 4	Notícias da Seara Congregacional	Pág. 8
Lições do Dr. Tancredo	Pág. 4	Ajuda e Pregadores Leigos	Pág. 13
Palavra do Presidente	Pág. 5	Rápidas Congregacionais	Pág. 14
Rev. Samuel Pereira Lopes - 25 anos de		Com Jesus em Morada Feliz	Pág. 15
Ministério	Pág. 6	Sociais	Pág. 16

DEZEMBRO DE 1968

O CRISTÃO

79

O FUTURO DA RÚSSIA

Leitura bíblica: Ex. 38:1-12; 39:1, 2

Introdução:

1. A profecia bíblica em geral.

a. Divide-se em 4: MESSIANICA (Cristo); HEBRAICA (Israel); GENTILICA (Nações); ECLESIASTICA (Igreja). Cristo está em todas; e conjuga todas.

b. Interpretação da Profecia bíblica. Há regras para a sua interpretação, tais como: 1) Lei de dupla referência, cf. Mt. 24:37; 2) profecia quanto ao futuro será cumprida como o foi no passado, "... pois a Escritura não pode falhar"; 3) No VT a maior parte é Hebraica, sendo que as Nações (outras) aparecem somente na medida que estão relacionadas com Israel.

2. Profecia bíblica e Israel.

Gn. 12:1-3 fala, profeticamente da criação de Israel.

Embora rejeitada, temporariamente, Israel será plenamente restaurada dentro da sua terra; não mais será a "cauda" das nações, mas a "cabeça", Dt. 28:13; será a sua sorte mudada, Dt. 30:3; Am. 9:14, 15; Jl. 3:1, 2; Ez. 39:25-27; Rm. 11:25-27.

As 70 semanas (de anos) de Dn. 9:24-27, das quais 69 já passaram para a história, oferecem um resumo do futuro da nação. Resta, pois, uma semana, a 70ª, para o pleno cumprimento desse futuro, sendo que a mesma fica dividida em duas partes, cada qual de 3 1/2 anos. A última, chamada "a grande tribulação", Mt. 24:21; Mc. 13:24; Ap. 7:14; é "o tempo da angústia de Jacó", Jr. 30:7. E devido à natureza da política da Rússia, mormenmente o seu antisemitismo, esta grande nação estará presente, nos últimos tempos, participando da última arrancada contra Israel, todavia, para a sua desgraça e ruína.

3. Somente uma mentalidade bíblica que poderá discernir e ver o papel que Rússia há-de cumprir no último grande motim das nações contra Jeová e o Ungido, cf. Sl. 2:1-5, no qual se descrevem 4 grandes confederações de nações com os seus olhos virados para Israel e sua terra. São elas:

a. Confederação do restaurado Império Romano, cf. Ap. 13:1-10.

b. Confederação do rei do Sul (Egito), cf. cap. 11.

c. Confederação dos reis do Oriente, cf. 16:12.

d. Confederação do rei do Norte, Ez. 38, 39; Jr. 6:22, 23; Jl. 2:20, 21.

e. E com esta, a Confederação da banda do Norte, que vamos tratar.

A Rússia e a sua História

a. É uma das nações jaféticas, Dt. 32:8; Gn. 9:19, 27; Ez. cap. 38.

b. A "conversão" da Rússia ao Cristianismo foi realizada de acordo com a caça, isto é, em massa; e em 988 o rei Romiro foi "batizado" na fé cristã.

c. O Czarismo, que prevaleceu até 1917, era um produto "cristão", baseado no despotismo, no eclesiasticismo e no semitismo.

d. A revolução bolchevista de 1917 deu origem ao atual sistema socialista, ateu e materialista, com a denúncia oficial do Judaísmo e do Cristianismo.

e. Infelizmente, a guerra fria da atualidade, identifica a democracia doente como o Judaísmo e o Cristianismo.

A Rússia e a sua Política

Jr. 1:13-15 descreve perfeitamente a política, que é filosofia de Engles, Marx e Lenin. É "uma panela a ferver... isto é, agitação, subversão, guerrilha, motimismo, lavagem cerebral etc."

2. Geograficamente, Jerusalém fica no mesmo meridiano que Moscou, está exatamente ao Norte daquela.

3. No oculto, tal política é revolta contra Deus e contra o seu Ungido; e contra o seu antigo povo, Israel. "Do Norte se derramará o mal...", pois a história se repetirá, cf. Jr. 1:14.

III. A Rússia e a sua Ruína

1. "Como foi... assim será", e a Rússia tem de ser amaldiçoada, cf. Gn. 12:3. Ela invadirá Israel e, por uma intervenção cataclísmica de Deus, será destruída.

2. A profecia de sua ruína se encontra em Ez. caps. 38 e 39, que ensinam, juntamente com Ap. 9:13-21, o horror da destruição e carnificina pelos três flagelos de Deus. Será, aparentemente, no meio da 70ª semana já mencionada, Ez. 38:11.

Conclusão: A Rússia jamais será um império mundial. Será arruinada e destruída por uma intervenção cataclísmica de Deus dentro da terra de Israel. Mas "o reino do mundo se tornará de nosso Senhor e do Seu Cristo e Ele reinará pelos séculos dos séculos", cf. Ap. 11:13.

Oliver Martin Thomson

Coisas que acontecem...

No início da minha vida evangélica, alguém contou-me que, certo crente, ficando empolgado com a pregação de um missionário, não se conteve e, na saída, no cumprimento-lo, fez-lhe alguns elogios. Este, num espírito humilde e, ao mesmo tempo, agressivo, retrucou: "Satanás antes já me havia dito isto", apertando o golpe que poderia ter atingido a sua vaidade!...

Não sei com que espírito o crente dirigira tais palavras e a razão do pregador em ter respondido daquele modo. Mas, francamente, se não houve caridade foi da parte do pastor.

A resposta do crente, se fosse mais esmero, seria esta: "Desculpe, não sabia que Satanás apreciava tanto os seus sermões".

Isto vem a propósito de ser ou não conveniente que o crente se manifeste quanto às suas impressões; se há ou não certo conforto ou animação para o pregador!

Creio que não há mal algum, se o ouvinte da Palavra de Deus disser: — "Pastor, a sua mensagem me fez um grande 'bem', ou 'que Deus continuou a usá-lo e abençoá-lo em seu ministério'".

A propósito, quero lembrar o que se deu com certo crente, segundo me contaram, quando o pregador terminou o seu longo... sermão: "Pastor, o seu sermão foi o mesmo que uma espada"...

— Obrigado, respondeu o pregador. E o crente concluiu — Foi cumprido e chatol!...

Não sei se isto é anedota; o certo é que há gente para tudo.

Quantos não dirão às ocultas, palavras descaridas ao seu pastor... Não serão línguas compridas e chatas?... Ler Tiago Cap. 3.

A. C. Montenegro

Crônica Evangélica

Discorrendo, com profundidade, sobre o tema — Como perder a fé — o Padre Waldemar Valle Martins disse o seguinte:

"Já se disse, um acerto, que o erro é uma verdade enlouquecida. Parece-me que os sintomas de loucura, em certas áreas do pensamento filosófico e religioso, originam-se — quero admitir — da paixão pela verdade e por certeza num clima de radicalizações, que prejudica a própria pesquisa. Louvem-se as intenções. Mas, isso não impede que tenhamos resultados tão desalentadores e, por sua vez, tão questionáveis, como os argumentos invocados para prová-los."

Creio que a atitude mental de quem se propõe, com espírito largo e sincero à busca da verdade, pode manifestar-se nestes propósitos práticos:

— Estudo sério da História, procurando conhecer os fatos e descobrir, no encadeamento dos seus rumos. Pesquisas que se faz sem apriorismos ou preocupações de provar as nossas teses pessoais. Para o cristão, impõe-se um aprofundamento teológico que ponha também as luzes da revelação divina (teologia História).

— Estudo desapassionado da Sagrada Escritura, para conhecer o núcleo da mensagem de Deus, mais além das premissas culturais de uma época, rael, Igreja primitiva) ou dos estudos de canonizar todas as instituições religiosas, surgidas ao correr dos tempos.

Mais adiante, acrescentou:

"Já disse, noutra ocasião, e torto repetir: sempre desconfiei de todas as coisas cegas, acatamentos incondicionais reverentes, "esquadrões da fé" como expressão de vitalidade religiosa. São, antes, apêgos à autoridade religiosa — às vezes, por comodismo do que adesões a Deus."

Como se pode perceber, o culto do dote católico e apaixonado de livre exame.

Augusto Paes

NOTICIÁRIO

(Conclusão da)

Sr. Eduardo Bianco — Dormiu no dia 30 de novembro último sepultado no Cemitério de em Santos. Era membro da Igreja Católica e leitor assíduo do órgão. A cerimônia fúnebre foi realizada pelos Revs. Augusto Paes de Almeida e Cleciano Cavalcanti.

Paz e Guerra — A União Soviética demonstrou, através de um acordo com diversos países, principalmente Estados Unidos da América, o desejo de que exista a paz. Entretanto, acaba de aprovar uma parcela para gastos militares de paz: 17.700 bilhões de rublos de SETE QUATRILOES DE REIS E VINTE TRILHOES DE REIS ANTIGOS. Bem diziam os antigos: vis pacem, para bellum! Para a paz, prepara-te para a guerra. Quanto isso, os E.U.A.N. cortam de TRES BILHOES DE DÓLARES EM SEU ORÇAMENTO MILITAR. Cerca de um trilhão e cem bilhões de cruzeiros antigos



Anexo XXV

terra (...) agradecemos aos militares que, com grave risco de suas vidas, se levantaram em nome dos supremos interesses da Nação, e gratos somos a quantos concorreram para libertarem do abismo iminente.



Clero e militares: Dom Hélder Câmara cumprimenta o presidente marechal Humberto Castelo Branco; ele está acompanhado de Dom Fernando Gomes (arcebispo de Goiânia), à esquerda; e Dom Eugênio Sales (arcebispo de Salvador), à direita. Esses encontros se sucederam ao longo dos anos de 1964 e 1966 para tratar da crescente tensão envolvendo setores da Igreja e das Forças Armadas.

Editorial

Estatos de Israel

Comemorou-se em 29 de mês p. passado em todo o mundo judaico o 15.º aniversário do Estado de Israel. Fez naquela data 15 anos que os filhos de Israel, tendo cumprida uma promessa que se prolongou por 2.000 anos, voltou à terra de seus pais. A vida e a história do povo de Israel constituem um dos grandes milagres e provam, do mesmo passo, a inspiração das Escrituras. E' um milagre, porque nenhum outro povo resistiu e permaneceu como povo apesar de expatriado, espalhado por todos os quatro cantos da terra, perseguido ferrocemente não poucas vezes, como ainda ocorreu na II Guerra Mundial, quando Hitler desencadeou todo o seu ódio contra essa raça, premeditando mesmo o seu cruel extermínio. E aqui ocorre à nossa lembrança um fato que não deve ser esquecido. Nos dias de maior poder nazista, quando as hostes násticas levavam de vencida toda a Europa e parecia até trípito e ridículo pensar-se numa vitória dos aliados, disse em Vitoria, E. S., um oficial da marinha, nosso irmão em Cristo e muito fiel observador dos fatos, e o disse a um meio germânico, muito entusiasmado com os retumbantes triunfos da Alemanha hitlerista.

— Parece que a Alemanha vai vencer, mas afinal, será derrotada.

— Como assim, perguntaram-lhe rindo.

— Porque ela começou perseguindo os judeus, e a sorte já está lançada.

O diálogo foi ligeiro, desmanchou-se uns sorrisos amarelos entre os circunstantes, mas a plena realidade se verificava alguns anos depois. Dizem que pediram certa vez ao Imperador Frederico o Grande, da Alemanha, que ele desesse uma palavra que provasse a ve-

racidade das Escrituras, e Frederico respondeu: JUDEUS!

Como cristãos, é incontestável que nos alegramos com o restabelecimento do Estado de Israel. Alegrem-nos as notícias de seu grande progresso material, cultural e doutra espécie. Famílias hebreias de todos os ângulos do globo estão chegando diariamente aos portos da Palestina e ali já encontram condições para se localizarem e se estabelecerem, com casa, emprego e outras circunstâncias favoráveis. Parece que se estão cumprindo as palavras proféticas: "Abrirrei rios em lugares altos, e fontes no meio dos vales; tornarei o deserto em tanques de águas, e a terra sêca em mananciais." Isaías 41:18.

Neste nosso regozijo não vai nenhuma preconceito racial contra quem quer que seja, ou a favor, mas simplesmente a alegria íntima de vermos, aos poucos, Israel chegando ao lugar em que nele se cumprirão as profecias que culminam no Messias, ou Cristo. Resumindo e adaptando dum estudo encontrado num dos nossos comentários, aprez-nos apresentar aqui o grande, sublime e a certos títulos, inigualável papel de Israel na história e na providência divina. ISRAEL recebeu seu nome do neto de Abraão, primeiramente chamado Jacó. Israel não foi vocacionado por mero capricho, que tal não se poderia conhecer na mente divina, mas com sublimes e universais propósitos. Cabe assim a Israel um quadruplo propósito: 1) Primariamente, testemunhar a unidade de Deus no meio de universal idolatria, Deut. 6:4; Isaías 43:10, 12; 2) Ilustrar e exemplificar diante das nações a bênção de servir o verdadeiro Deus, Deut. 32:26-29; I Crón. 17:20, 21; Salmo 144:15; 3) receber, preservar e transmitir as Santas Escrituras, Deut.

4:5-8; Rom. 3:1, 2; 4) manifestar, quanto à Sua humanidade, o Messias, Gên. 3:15; 22:3; 22:18; 28:10-14; 49:10; II Sam. 7:12-16; Isa. 7:14; 9:6; Mateus 1:1; Rom. 1:3.

Com a mesma confiança e esperança com que sempre aguardamos a restauração de Israel como Estado, porque nunca pusemos em dúvida a inspiração e veracidade das Santas Escrituras quer do Velho quer do Novo Testamento, agora aguardamos a plena restauração de Israel, a sua redenção espiritual no Messias. De acordo com as profecias, Israel, recolhida de todas as nações, restaurada em sua própria terra e convertida, terá ainda a sua grande glória terrena, e exaltação espiritual.

Estas coisas nos causam regozijo. Daqui destas colunas estendemos à Embaixada de Israel nesta Cidade a nossa saudação fraternal, o nosso abraço felicitativo com os votos de que Israel consiga não somente superar as crises que por vezes o assolam mas que consiga com os seus vizinhos uma convivência de legítima compreensão internacional, eliminando-se, o mais breve possível, os atritos ainda existentes. Reforçamos pois aqui à República de Israel, parabens os mais sinceros pela data feliz que acaba de festejar, o 15.º aniversário de sua restauração civil.

E encerramos com a bênção de Israel: "O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz." Números 6:24-26.

10 de Maio de 1963.

Almir Donalves

NOTAS DA REDAÇÃO

Visitas

Estiveram na Redação do JB, ultimamente, os seguintes irmãos: Joaquim Pedrosa de Oliveira, IB de Castelo, ES; Ivanildo Neves do Aragão, IB de Bento Ribeiro, onde ocupa o cargo de superintendente da ED; Pastor Walter dos Santos, Sua Exma. Esposa e filhinhos, da IB Central de São João de Meriti, RJ; Missionário Gilberto Fickering, do Grupo do Summer Institute of Linguistics, atuando entre os índios Apurina, no Amazonas.

Marcelino recebe título: Pastor Honorário

A IB Quinze de Dezembro, em São João de Meriti, RJ, acaba de conceder o honroso título de Pastor Honorário ao Pastor Antônio Marcelino de Oliveira, da IB Quinze de Novembro, CB, pelas relevantes serviços prestados durante o tempo em que a serviu como pastor.

Lar Promissense faz Congresso

A IB de Promissão, SP, pastoreada pelo nosso ilustre amigo Pastor William de Souza, promoveu de 11 a 13 este último interessante congresso visando dar orientação segura aos lares.

Grêmio Ernesto Soren: Colônia de férias

No dia 5 deste, às 9 horas, foi lançada a Pedra Fundamental da Colônia de Férias do GES, em Saquarema, RJ. É uma notícia alegre para os evangélicos.

Itapora: Igreja organizada

Com 26 membros, todos vindos da IB de Dourados, MT, foi organizada, no dia 1 de janeiro do corrente ano a IB de Itapora, MT. O endereço da nova grel. é Caixa Postal 54, Itapora, MT. É seu pastor o Rev. Benedito Francisco Manhães.

Dr. Celso de Oliveira é o novo presidente da JEDEM

Na última reunião da Junta de Escolas Dominicais e Mocidade da Convenção Batista Brasileira foi eleito para sua presidência o nosso nobre irmão e amigo, Dr. Celso de Oliveira, advogado em nossa cidade e assíduo colaborador do JB.

Festival de Música Sacra: Coral Excelsior

Conforme já noticiamos o Coral Excelsior promoverá de 27 deste a 1.º de junho, um Festival de Música Sacra em comemoração ao seu 14.º aniversário de organização. Todas as reuniões estão programadas para a IB do 26, na rua Hermenegarda 31.

Enlace Marlene Jorge

Realizar-se-á hoje, dia 25, às 17-30 horas, no Templo da IB de Ipiranga, a cerimônia do matrimônio dos jovens Marlene e Jorge. Ela é filha dileta do casal General Mário Barreto França e D. Lygia M. Souza França.

PROFESSOR MERVAL ROSA PRESTA IMPORTANTE DEPOIMENTO...

Conclusão da pág. 1

lhes confiou, e que receberam no Recife o seu treinamento. Está o nosso Seminário, pois, realizando uma obra que visa a glorificação do nome de Deus, e reconhecemos a nossa grande responsabilidade nesse sentido.

— No presente temos três cursos regulares de Teologia, que se desdobram no Curso de Bacharel, com a duração de quatro anos, e o Curso Abreviado, com a duração de três anos. Temos o Curso de Educação Religiosa, que neste ano forma a sua primeira turma. Reconhecemos que é uma grande necessidade para as Igrejas Batistas do Brasil a preparação de obreiros com especialidade nesse setor. Precisamos já de cuidar não somente daquela fase desbravadora da evangelização, mas também da edificação espiritual daqueles que se convertem e se congregam nas nossas igrejas. E para isso não podemos viver de improvisações. Precisamos de um trabalho metódico, planejado, com pessoas capacitadas e especificamente preparadas para essa tarefa. Temos também um curso que visa a preparação para um outro setor igualmente importante das atividades das nossas igrejas — o Curso de Música Sacra, que também forma neste ano a sua primeira turma.

— Prof. Merval, nesta hora em que o assunto educação teológica está empolgando a tantos, gostaríamos de ouvir a sua opinião sobre a estratégia que estamos presentemente adotando nesse capítulo da educação. Estamos fazendo o melhor; ou carece o nosso programa de educação teológica de transformações? E em caso positivo, que transformações?

— Acredito que nenhuma instituição dedicada ao preparo de obreiros evangélicos no Brasil tem a pretensão de haver alcançado o máximo, a perfeição. Todos reconhecemos que evangelicamente falando somos uma nação muito nova, de maneira que não temos a experiência que possuem instituições congêneres de outros países. Contudo, temos de reconhecer que es-

Continua na pág. 8

Pastores Evangélicos Visitam Presidente Goulart: O Brasil Precisa de Reformas

(Reportagem de Rolando de Nassau)

Audiência Especial com o Presidente — Vinte e quatro Pastores Evangélicos no Alvorada — Povo Evangélico não Pede, oferece colaboração — A Emoção do Presidente João Goulart — Bom Humor Durante a Palestra — Profunda Repercussão Nacional



Deputado Aurino Valois apresenta os pastores evangélicos.

A pedido do Deputado Federal AURINO VALOIS (Partido Trabalhista Brasileiro, Pernambuco, Congregação do Distrito Federal, representando cerca de 60 igrejas, foram recebidos, no Festival do Planalto, em Brasília, às 11 horas de terça-feira, 7 de maio, em audiência especial, pelo Excecioníssimo Senhor Presidente da República, o Doutor JOÃO BELCHIOR MARQUES GOULART. Falou, em nome dos ministros evangélicos, saudando e ofertando uma Bíblia ao Presidente Goulart, o Reverendo EBER VASCONCELOS, pastor da Igreja Memorial Batista de Brasília.

EVANGÉLICOS DE BRASÍLIA

SOLIDARIOS COM PRESIDENTE GOULART

Prestigiamos o importante acontecimento as seguintes personalidades evangélicas: pastor Jesé Moreira, da IB Central de Taguatinga; pastor Antônio Cassiano da Silva, da PIB do Núcleo Bandeirante; pastor Edvaldo Dias Carvalho, da PIB de Cristalina, GO; pastor Eudalton Seraine Teles, da PIB de Formosa, GO; pastor Jonas Borges da Luz, da PIB de Gama; missionário James Acree Lunsford, da SIB do Plano Piloto; missionário Edward Grady Berry, da Junta Executiva da CBDF; Roberto Torres Holanda, Redator do «Liberador Evangélico»; pastor Almir Pereira Bahia, da IM de Brasília; pastor Carlos Teixeira Alves, da IM da Asa Norte; missionário Kenneth Traxler, da IM da Asa Sul; missionário William Loft, da Igreja de Cristo em Taguatinga; missionário William Metz, da IC no Gama; pastor Silas Silveira, da IPI do Plano Piloto; pastor José Bezerra de Lima, da Missão Presbiteriana em Brasília; pastor Alvaro Almeida Campos, da IP do Núcleo Bandeirante; missionário James Wighth, da IP do Sobradinho; pastor Eudaldo Silva Lima, da IP Nacional; pastor Newton Arantes

continua na pág. 5

JUVENTUDE BATISTA

VOCE JÁ ADQUIRIU O SEU N.º DE MAIO? NOVO — ATRAENTE — DINÂMICO



QUAL A SUA DÚVIDA?

O Subjuntivo

Gilberto Maia

Temos observado que mesmo brasileiros e portugueses hesitam às vezes no emprego do subjuntivo. Os estrangeiros, então, fazem uma confusão tal, que dificilmente conseguem arrumar as frases ditas e descrever o que querem dizer. Tem razão, entretanto. Tem-na principalmente os irmãos de língua inglesa, língua em que apenas há vestígio de um subjuntivo que existia em séculos que já vão longe.

No português, porém, o subjuntivo tem largo uso e tende a aumentar dia a dia e, por isso, é bom familiarizarmos-nos com ele. Carlos Pereira declara: «...é atualmente mais empregado o modo subjuntivo do que o era no período clássico e anteclassico. Em muitas frases em que, até Vieira e Bernardes, a língua preferia o indicativo, tem hoje preferência o subjuntivo. Ex.: Prometeu-lhe ser uma mordoma, se lhe dava saúde (até de desastres).»

Pastores Evangélicos Visitam Presidente Goulart: O Brasil Precisa de Reformas



Presidente Goulart agradece as palavras de solidariedade e a visita dos pastores evangélicos.

EXPEDIENTE
o jornal BATISTA
Órgão da Convenção Batista Brasileira

Doutrinário e Noticioso
Subordinado à Junta de Escolas Dominical e Mocidade da Convenção Batista Brasileira.

Director: Almir S. Gonçalves
Fundador: W. E. Entenminger

O Jornal Batista é uma publicação semanal. Preço das assinaturas: Brasil e os demais Países: Anuidade Individual, anual - Cr\$900,00 (Ao pastor, desconto de 50%, se o solicitarem). Parte avião (somente para o Brasil): Anuidade de Países: Cr\$950,00. As igrejas que assinam pagam de 10 ou mais exemplares para Distribuição Gratuita e pagam trimestralmente 20% de desconto. As igrejas e representantes que compram pacotes de 10 ou mais exemplares, para revender e pagam trimestralmente, 20% de desconto. Venda Avulsa - - - - - Cr 20,00

A Direção é responsável perante a lei por toda a matéria publicada. Perante a denominação as colaborações assinadas são da responsabilidade dos seus autores. Esses artigos não representam necessariamente a opinião do jornal. Toda a matéria para publicação a ser enviada - artigos, notícias, reportagens, - deve ser remetida à Redação de O Jornal Batista, Caixa Postal 328-22-00, Rio de Janeiro. Correspondência de pedidos assinaturas, reformas, renovações, etc., deve ser endereçada à CASA PUBLICADORA BATISTA, Caixa Postal 328-22-00, RIO DE JANEIRO, podendo também ser entregue pessoalmente na rua Paulo Fernando, 21, Praça da Bandeira, Endereço Telefônico: BATISTA - Rio de Janeiro - 22-7033. Oficinas: Rua Silva Vale, Nº. 781, Tomaz Coelho - Rio - Gb.

do-me que tenhas chegado. Quero que ele saia. Espero que me obedeam.

(2) Após verbos ou expressões imperativas: Ex.: E preciso, importa, convém, é possível, é bom, é necessário. Vejamos as frases seguintes: E preciso que eu diminua. Importa que a reunião comece na hora. Convém que todos cantem. É possível que haja muita gente, etc.

(3) Após certas condições: a fim de que, a menos que, antes que, se bem que, para que, por pouco que, uma vez que, conquanto que, até que, embora, sem que, e os seus sinônimos. Ex.: Irei vê-lo antes que ele parta. A terra não se esteriliza, uma vez que salhamos cultivá-la. Podes ir, contanto que chegues às dez horas. O irmão Pedro, embora vruha atrasado, é bom companheiro. (3).

- (1) W. Stannard Allen, B. A. - Living English Structure
(2) Carlos Pereira - Gramática Histórica
(3) Braehet et Dusouchet - Grammaire Française



Diretriz Evangélica

Fatos e Comentários

INAUGURADAS AS PRIMEIRAS CASAS-LARES NA CIDADE BATISTA DA CRIANÇA

Foi enorme a multidão que no dia 1º de Maio compareceu à Cidade Batista da Criança em Campo Grande. Após a parte Devocional, seguida do ato de inauguração da Bandeira e oração pela Pátria, teve lugar o Ato Inaugural das Primeiras Casas-Lares. Foi uma cerimônia fofocante, que a todos emocionou. Quantos visitaram as Casas recém-construídas, ficaram encantados com o que viram. Em Junho será instalado o LAR BATISTA DO ANCIÃO Assin, vai tomando vulto a Obra Social dos Batistas Cariocas. Agora, nota importante: A Junta de Serviço Social, por nosso intermédio, faz veemente e caloroso apelo às Igrejas, para que aninjam, o Alvo de Três Milhões de Cruzeiros, para o prosseguimento da construção da Cidade Batista da Criança. REFORMA AGRÁRIA EMPOLGA A NAÇÃO. Continua o grande debate. De todo lado surgem as manifestações a propósito do tema. A Convenção Unitarista em Curitiba, infelizmente, tomou posição contra a revisão constitucional, único caminho, para uma Reforma Agrária profunda e autêntica, de acordo com a nossa realidade. É o mal a União Democrática Nacional. Cometeu erro clamoroso e por ele vai pagar. Foi suicídio, como o disse um dos seus eminentes próceres, o ilustre Governador de Minas Gerais. Mas, por outro lado, forças novas

se manifestam a favor da Reforma Agrária, verbalmente e sem softens. E o caso dos Bispos Católicos, que agora lançam Manifesto, pela Reforma Agrária, não falando, expressamente, em indenização, mediante pagamento com títulos da dívida pública. Fizeram bem. Deste modo, toma corpo o grande Movimento, que, esbarradamente, há de ser vitorioso, não tenham dúvida. É justo. É justíssimo. Imperativo.

Uma pergunta: por que tanto se fala em revisão constitucional, para a realização da Reforma Agrária? Muito simples. É que a Constituição condiciona qualquer desapropriação de terras, ao pagamento prévio e em dinheiro aos antigos proprietários. Assim, para desapropriar uma área, mesmo improdutiva e pertencente a um latifundiário, será necessário pagar o preço, previamente, em dinheiro. É o que diz o parágrafo 16 do Art. 141 da Constituição. Pois bem, é este dispositivo que tem de ser modificado, para que o pagamento se faça com títulos da dívida pública, respectivamente posteriormente. Não é simples? Não é justo?

ORGANIZACAO DOS ESTADOS AMERICANOS QUER VIOLENTAR SOBERANIA DOS SETES MEMBROS. Deixou fazer investigações, por seu Conselho (a decisão foi d'isto) nas nações membros, sem o consentimento e convite de todas. Verdadeira intervenção. O Brasil não só votou contra, mas já advertiu que tal não permitiria em seu território. E cada um... Esta não!...

RESPIGANDO

PERDI UM AMIGO NA TERRA, MAS AGUARDO ENCONTRA-LO NO CÉU

A. Pyltampo

A notícia me surpreendeu. Era uma quarta-feira quando após a reunião de oração, alguém da Igreja me informou o passamento do estimado amigo DR. SILAS BOTELHO. Senti não poder vê-lo pela última vez aqui na terra. Ele sempre foi sincero e amigo de todos. Homem trabalhador e incansável na obra do nosso mestre. Mesmo nos últimos dias de sua vida não deixou de comparecer às reuniões da nossa convenção em Vitória. Ele sempre esteve presente em todos os problemas denominacionais, dando um pouco de sua inteligência, quer escrevendo ou discutindo nas assembleias. Muitas vezes tomei posição contrária às suas idéias, mas ao terminar os trabalhos o Dr. Silas era o mesmo, sempre sorridente e profundamente emocional.

Verdadeiramente caiu um príncipe em Israel. O seu nome ficará sempre lembrado na história dos batistas em S. Paulo. Bom pregador e firme recusador de desigualdades. Toloço auto-didata, exemplo de esforço e dedicação. Perdeu a Igreja de Perdizes um dos seus melhores membros e a denominação uma voz livre e democrática.

Na qualidade de chefe de família era um prazer visitá-lo. Bem esposo e dedicado pai; o lar era o seu pequeno céu na terra. Com ele, privilegiados momentos de agradáveis recordações. Dr. Silas era uma nota diferente em todas as reuniões. Durante muitos anos foi o diretor do Colégio Batista Brasileiro, onde deixou marcas indeléveis na qualidade de administrador e orientador educacional. Dr. Silas morreu em posição de sentido. Bem poderia dizer, nos últimos momentos de sua vida, como exclamou o apóstolo Paulo: «Com-

hatei o bom combate acabei a carreira e guardo a fé.» Oltimamente, entradas de primeira grandiosa estioo desapareceu do cenário da nossa denominação. Grande responsabilidade para os moços de hoje. Os lugares deixados por um Teóó Alberto Augusto, Dr. Manoel Avelino de Souza, Dr. Alberto Mazzoni de Andrade, Dr. Silas Botelho, e tantos outros heróis, precisam ser preenchidos. E momento para pensarmos nas letras do hino nº 434, do C. C. da jena do saudoso missionário Salomão L. Ginsburg: Oh, onde os obreiros para trabalhar, nos campos tão vastos a lourejar? A causa requer prontidão, vigor! Oh, quem quer ceifar com desenvolvimento e ardor?

Caiu mais um soldado na grande batalha contra o mal. Não deixou corvo, nem escudo, nem espada. Seu nome deve ser lembrado. Obrigado, Dr. Silas pelo estímulo que sempre encontrei em suas palavras! os presentes ficaram muito bem impressionados com a calorosa acolhida presidencial. A todo momento, o Presidente agradeceu a visita e as palavras do Pastor Eber Vasconcelos, entregou ao Presidente João Goulart uma Bíblia em luxuosa encadernação, tendo dedicatória gravada em letras de ouro, sob os aplausos dos parlamentares e pastores presentes. O Dr. Roberto Torres Holanda ofereceu ao Presidente uma coleção do jornal «Liberdade Evangélica», publicação trimestral da Convenção Batista do Distrito Federal, pioneira da imprensa evangélica de Brasília. O Presidente Goulart, que estava executando um programa oficial muito movimentado, fez questão de manter uma conversação bem humorada com os evangélicos, num ambiente de sincera cordialidade. Todos

Conclusão da pág. 2

Cunha, da I. Cristã Evangélica de Sobradinho; Allen Martin, da Livraria Cristã Unida; Antônio Varini Junior, da Sociedade Bíblica do Brasil; Rodolfo Anders, da Confederação Evangélica do Brasil; pastores da Assembleia de Deus Alexandre Moreira de Assis, do Plano Piloto; João Bezerra da Costa, do Núcleo Bandeirantes; Severino Elias Assis, da Vila Planalto; Cristiano Alves Rodrigues e Salomão Ribeiro, de Sobradinho; deputados federais Geronímus Fontes e Daso Colimbar.

EBER COMOVE JANGO

Depois de breve introdução pelo Deputado Aurino Valois, em comento alocução, o Pastor Eber Vasconcelos dirigiu ao Presidente João Goulart as seguintes palavras: «Excelentíssimo Senhor Presidente: Aqui estão os pastores evangélicos do Distrito Federal, representando cerca de 60 igrejas, numa sincera e desinteressada homenagem a Vossa Excelência. Aqui estamos para trazer nossa palavra de solidariedade. Não viemos pedir, — pois o povo evangélico não pede — mas para dar nosso apoio moral e nossa assistência espiritual ao governo de Vossa Excelência. A Bíblia nos ensina o respeito às autoridades legalmente constituídas e nos convida à colaboração com aquelas que trabalham para o bem-estar coletivo. E com respeito, e na livre disposição de colaborar com o Governo Federal, que os pastores evangélicos de Brasília vêm à presença do Presidente da República, eleito e confirmado no cargo pela maioria do povo brasileiro. Senhor Presidente João Goulart: Receta a nossa palavra de apreço, de conforto, de confiança, de paz, de consideração e de simpatia. Para sermos obedientes à Bíblia, nossa única regra de fé e de conduta, devemos prestar nossa colaboração aos poderes públicos, em prol do engrandecimento do Brasil. Tem Vossa Excelência nosso apreço e simpatia, pois sabemos que duras têm sido as dificuldades administrativas e como é grave a problemática nacional! Por isso, as igrejas evangélicas do Distrito Federal acompanham a atuação do Governo e humildemente rogam a Deus que abençoe ao Presidente João Goulart, confortando-o seu coração e exercendo uma influência benéfica e salutar sobre a sua administração. Que a seriedade, característica principal do Presidente Goulart, continue a orientar as suas decisões, ditadas pelo ideal cristão de bem servir à comunidade! Temos aqui, como oferta carinhosa ao Presidente do Brasil, feita pela Igreja Memorial Batista de Brasília, um exemplar das Sagradas Escrituras, a Bíblia, sabendo que Vossa Excelência, a Bíblia, sabendo que Vossa Excelência, em sua atenciosa leitura, encontrará a divina orientação na luta pelo desenvolvimento nacional, na esperança de que trará ao seu coração a tranquilidade necessária ao desempenho de tão honroso quanto espinhoso cargo. Receba, Presidente Goulart, com esta Bíblia, as nossas expressões de carinho e respeito.»

Valientemente emocionado, assim respondeu o Presidente Goulart à brilhante e oportuna saudação do Pastor Eber: «Senhores Parlamentares e Pastores Evangélicos: É com profunda emoção que agradeço as

carinhosas palavras de vosso fiel e inteligente intérprete, que calaram muito fundo em meu espírito. Das muitas manifestações de apreço que tenho recebido nesta fase de minha vida, como Presidente do Brasil, esta homenagem certamente guardarei, dada a sua enorme significação: os pastores evangélicos de Brasília, sincera e desinteressadamente trazem esta palavra de solidariedade, sem nada pedir. Realmente, valiosa tem sido, através desta ato e cooperação da comunidade evangélica ao Governo. E são mais de cinco milhões de brasileiros, nas diversas igrejas evangélicas, que lealmente cooperam com o Governo, na árdua tarefa de melhorar as condições de vida de nosso povo! Sou grato aos evangélicos do Brasil pela obra social e educacional que têm realizado. Estamos todos comprometidos na luta pelo desenvolvimento econômico e social de nossa pátria. Nesta hora, em que são urgentes as reformas estruturais, em que é grave a realidade nacional, em que as paixões políticas, os ânimos partidários, os interesses de grupos e os debates ideológicos ficam mais acirrados, faz-se necessária a palavra equilibrada e pacificadora. E os evangélicos muito têm a fazer, para que continuemos respirando um clima de liberdade e respeito! Desejo que as reformas de base se processem dentro da paz na etnal e das normas legais! Por isso, espero contar com o apoio dos evangélicos para levarmos avanti o desenvolvimento brasileiro, nesta fé atribuída da vida nacional. Mais uma vez, agradeço a vossa visita de solidariedade e as palavras de vosso representante, Pastor Eber Vasconcelos. Guardo, profundamente emocionado, esta Bíblia, fazendo votos que possamos trabalhar juntos para o progresso do Brasil. Através da Bíblia, os homens públicos podem encontrar a inspiração para orientar o país dentro de sentimentos cristãos, no sentido da paz, do entendimento e da fraternidade. Aqui estarei, Senhores, à disposição dos evangélicos, para ajudar em tudo o que estiver ao meu alcance e atender o interesse nacional. Mais uma vez, expreso



Presidente João Goulart recebe a Bíblia das mãos do Pastor Eber Vasconcelos, oferecida pela Igreja Memorial Batista.



QUAL A SUA DÚVIDA?

O Subjuntivo

Gilberto Maia

Temos observado que mesmo brasileiros e portugueses hesitam às vezes no emprego do subjuntivo. Os estrangeiros, então, fazem uma confusão tal, que dificilmente conseguem arrumar as frases ditas e descrever o que querem dizer. Tem razão, entretanto. Têm-na principalmente os irmãos de língua inglesa, língua em que apenas há vestígio de um subjuntivo que existia em séculos que já vão longe.

No português, porém, o subjuntivo tem largo uso e tende a aumentar dia a dia e, por isso, é bom familiarizarmos-nos com ele. Carlos Pereira declara: «...é atualmente mais empregado o modo subjuntivo do que o era no período clássico e anteclassico. Em muitas frases em que, até Vieira e Bernardes, a língua preferia o indicativo, tem hoje preferência o subjuntivo. Ex.: Prometeu-lhe ser uma mordoma, se lhe dava saúde (até de desastres)» (2). Vejamos, pois, algumas estacas a que devemos seguir-nos para manejar bem o subjuntivo:

- (1) Após os verbos que exprimem dúvida, desejo, temor, surpresa, surpresa, vontade, etc. Ex.: Não sei se ele sabe a lição. Desejo que ele venha. Temho que ele parta. Surpreen-

do-me que tenhas chegado. Quero que ele saia. Espero que me obedeam.

(2) Após verbos ou expressões imperativas. Ex.: E preciso, importa, convém, é possível, é bom, é necessário. Vejamos as frases seguintes: E preciso que eu diminua. Importa que a reunião comece na hora. Convém que todos cantem. É possível que haja muita gente, etc.

(3) Após certas condições: a fim de que, a menos que, antes que, se bem que, para que, por pouco que, uma vez que, consoante que, até que, embora, sem que, e os seus sinônimos. Ex.: Irei vê-lo antes que ele parta. A terra não se esteriliza, uma vez que salhamos cultivá-la. Podes ir, contanto que chegues às dez horas. O irmão Pedro, embora vrasse atrasado, é bom companheiro. (3).

O assunto é vasto. Voltaremos a ele em ocasião oportuna.

- (1) W. Stannard Allen, B. A. — Living English Structure
- (2) Carlos Pereira — Gramática Histórica
- (3) Braehet et Dusouchet — Grammaire Française



Diretriz Evangélica

Fatos e Comentários

INAUGURADAS AS PRIMEIRAS CASAS-LARES NA CIDADE BATISTA DA CRIANÇA

Foi enorme a multidão que no dia 1º de Maio compareceu à Cidade Batista da Criança em Campo Grande. Após a parte Devocional, seguida do ato de inauguração da Bandeira e oração pela Pátria, teve lugar o Ato Inaugural das Primeiras Casas-Lares. Foi uma cerimônia fofocante, que a todos emocionou. Quantos visitaram as Casas recém-construídas, ficaram encantados com o que viram. Em Junho será instalado o LAR BATISTA DO ANCIÃO Assin, vai tomando vulto a Obra Social dos Batistas Cariocás. Agora, nota importante: A Junta de Serviço Social, por nosso intermédio, faz veemente e caloroso apelo às Igrejas, para que aninjam, o Alvo de Três Milhões de Cruzeiros, para o prosseguimento da construção da Cidade Batista da Criança.

REFORMA AGRÁRIA EMPOLGA A NAÇÃO

Continua o grande debate. De todo lado surgem as manifestações a propósito do tema. A Convenção Unionista em Curitiba, infelizmente, tomou posição contra a revisão constitucional, único caminho, para uma Reforma Agrária profunda e autêntica, de acordo com a nossa realidade. É o mal a União Democrática Nacional. Cometeu erro clamoroso e por ele vai pagar. Foi suicídio, como o disse um dos seus eminentes próceres, o ilustre Governador de Minas Gerais.

Mas, por outro lado, forças novas

se manifestam a favor da Reforma Agrária, verbalmente e sem softens. E o caso dos Bispos Católicos, que agora lançam Manifesto, pela Reforma Agrária, não falando, expressamente, em indenização, mediante pagamento com títulos da dívida pública. Fizeram bem. Deste modo, toma corpo o grande Movimento, que, guardardamente, há de ser vitorioso, não tenham dúvida. É justo. É justíssimo. Imperativo.

Uma pergunta: por que tanto se fala em revisão constitucional, para a realização da Reforma Agrária? Muito simples. É que a Constituição condiciona qualquer desapropriação de terras, ao pagamento prévio e em dinheiro aos antigos proprietários. Assim, para desapropriar uma área, mesmo improdutiva e pertencente a um latifundiário, será necessário pagar o preço, previamente, em dinheiro. É o que diz o parágrafo 16 do Art. 141 da Constituição. Pois bem, é este dispositivo que tem de ser modificado, para que o pagamento se faça com títulos da dívida pública, respectivamente posteriormente. Não é simples? Não é justo?

ORGANIZACAO DOS ESTADOS AMERICANOS QUER VIOLENTAR SOBERANIA DOS SETES MEMBROS

Deseja fazer investigações, por seu Conselho (a decisão foi desta) nas nações membros, sem o consentimento e convite destas. Verdadeira intervenção. O Brasil não só votou contra, mas já advertiu que tal não permitiria em seu território. E cada um... Esta não!...

RESPIGANDO

PERDI UM AMIGO NA TERRA, MAS AGUARDO ENCONTRA-LO NO CÉU

A. Pyltampo

A notícia me surpreendeu. Era uma quarta-feira quando após a reunião de oração, alguém da Igreja me informou o passamento do estimado amigo DR. SILAS BOTELHO. Senti não poder vê-lo pela última vez aqui na terra. Ele sempre foi sincero e amigo de todos. Homem trabalhador e incansável na obra do nosso mestre. Mesmo nos últimos dias de sua vida não deixou de comparecer às reuniões da nossa convenção em Vitória. Ele sempre esteve presente em todos os problemas denominacionais, dando um pouco de sua inteligência, quer escrevendo ou discutindo nas assembleias. Muitas vezes tomei posição contrária às suas idéias, mas ao terminar os trabalhos o Dr. Silas era o mesmo, sempre sorridente e profundamente emocional.

Verdadeiramente caiu um príncipe em Israel. O seu nome ficará sempre lembrado na história dos batistas em S. Paulo. Bom pregador e de recursos inigualáveis. Toloço auto-didata, exemplo de esforço e dedicação. Perdeu a Igreja de Perdizes um dos seus melhores membros e a denominação uma voz livre e democrática.

Na qualidade de chefe de família era um prazer visitá-lo. Bem esposo e dedicado pai; o lar era o seu pequeno céu na terra. Com ele, privilegiados momentos de agradáveis recordações. Dr. Silas era uma nota diferente em todas as reuniões. Durante muitos anos foi o diretor do Colégio Batista Brasileiro, onde deixou marcas indeléveis na qualidade de administrador e orientador educacional. Dr. Silas morreu em posição de sentido. Bem poderia dizer, nos últimos momentos de sua vida, como exclamou o apóstolo Paulo: «Com-

me profundo agradecimento... UMA BIBLIA PARA O PRESIDENTE»

O Reverendo Eber Vasconcelos, em nome da Igreja Memorial Batista de Brasília, entregou ao Presidente João Goulart uma Bíblia em luxuosa encadernação, tendo dedicatória gravada em letras de ouro, sob os aplausos dos parlamentares e pastores presentes. O Dr. Roberto Torres Holanda ofereceu ao Presidente uma coleção do jornal «Liberador Evangélico», publicação trimestral da Convenção Batista do Distrito Federal, pioneira da imprensa evangélica de Brasília. O Presidente Goulart, que estava executando um programa oficial muito movimentado, fez questão de manter uma conversação bem humorada com os evangélicos, num ambiente de sincera cordialidade. Todos

os presentes ficaram muito bem impressionados com a calorosa acolhida presidencial. A todo momento, o Presidente agradecia a visita e as palavras do Pastor Eber Vasconcelos. A todo momento, o Presidente agradecia a visita e as palavras do Pastor Eber Vasconcelos. A todo momento, o Presidente agradecia a visita e as palavras do Pastor Eber Vasconcelos. A todo momento, o Presidente agradecia a visita e as palavras do Pastor Eber Vasconcelos.

Pastores Evangélicos Visitam Presidente Goulart: O Brasil Precisa de Reformas



Presidente Goulart agradece as palavras de solidariedade e a visita dos pastores evangélicos.

EXPEDIENTE

o jornal BATISTA

Órgão da Convenção Batista Brasileira

Doutrinário e Noticioso

Subordinado à Junta de Escolas Dominical e Mocidade da Convenção Batista Brasileira.

Diretor: Almir S. Gonçalves

Fundador: W. E. Entenminger

O Jornal Batista é uma publicação semanal. Preço das assinaturas: Brasil e os demais Países: Anuidade Individual, anual - Cr\$90,00 (Ao pastor, desconto de 50%, se o solicitarem).

Parte aérea (somente para o Brasil): Anuidade de Países: Cr\$95,00

As Igrejas que assinam pontos de 10 ou mais exemplares para Distribuição Gratuita e pagam trimestralmente 20% de desconto.

As Igrejas e representantes que compram pontos de 10 ou mais exemplares, para revender e pagam trimestralmente, 20% de desconto. Venda Avulsa - - - - - Cr 20,00

A Direção é responsável perante a lei por toda a matéria publicada. Perante a denominação as colaborações assinadas são da responsabilidade dos seus autores. Esses artigos não representam necessariamente a opinião do jornal.

Toda a matéria para publicação a ser - artigos, notícias, reportagens, - deve ser remetida à Redação do Jornal Batista, Caixa Postal 328-20-00, Rio de Janeiro. Correspondência de pedidos assinaturas, reformas, renovações, etc., deve ser endereçada à CASA PUBLICADORA BATISTA, Caixa Postal 328-20-00, RIO DE JANEIRO, podendo também ser entregue pessoalmente na rua Paulo Fernando, 21, Praça da Bandeira, Endereço Telefônico: BATISTA - Rio de Janeiro - 22-703

Oficinas: Rua Silva Vale, Nº. 781, Tomaz Coelho - Rio - Gb.

Conclusão da pág. 2

Cunha, da I. Cristã Evangélica de Sobradinho; Allen Martin, da Livraria Cristã Unida; Antônio Varini Junior, da Sociedade Bíblica do Brasil; Rodolfo Anders, da Confederação Evangélica do Brasil; pastores da Assembleia de Deus Alexandre Moreira de Assis, do Plano Piloto; João Bezerra da Costa, do Núcleo Bandeirantes; Severino Elias Assis, da Vila Planalto; Cristiano Alves Rodrigues e Salomão Ribeiro, de Sobradinho; deputados federais Geremias Fontes e Dasso Coimbra.

EBER COMOVE JANGO

Depois de breve introdução pelo Deputado Aurino Valois, em comento alocução, o Pastor Eber Vasconcelos dirigiu ao Presidente João Goulart as seguintes palavras: «Excelentíssimo Senhor Presidente: Aqui estão os pastores evangélicos do Distrito Federal, representando cerca de 60 Igrejas, numa sincera e desinteressada homenagem a Vossa Excelência. Aqui estamos para trazer nossa palavra de solidariedade. Não viemos pedir, — pois o povo evangélico não pede — mas para dar nosso apoio moral e nossa assistência espiritual ao governo de Vossa Excelência. A Bíblia nos ensina o respeito às autoridades legalmente constituídas e nos convida à colaboração com aquelas que trabalham para o bem-estar coletivo. E com respeito, e na livre disposição de colaborar com o Governo Federal, que os pastores evangélicos de Brasília vêm à presença do Presidente da República, eleito e confirmado no cargo pela maioria do povo brasileiro. Senhor Presidente João Goulart: Receta a nossa palavra de apreço, de conforto, de confiança, de paz, de consideração e de simpatia. Para sermos obedientes à Bíblia, nossa única regra de fé e de conduta, devemos prestar nossa colaboração aos poderes públicos, em prol do engrandecimento do Brasil. Tem Vossa Excelência nosso apreço e simpatia, pois sabemos que duras têm sido as dificuldades administrativas e como é grave a problemática nacional! Por isso, as Igrejas evangélicas do Distrito Federal acompanham a atuação do Governo e humildemente rogam a Deus que abençoe ao Presidente João Goulart, confortando-o seu coração e exercendo uma influência benéfica e salutar sobre a sua administração. Que a seriedade, característica principal do Presidente Goulart, continue a orientar as suas decisões, ditadas pelo ideal cristão de bem servir à comunidade! Temos aqui, como oferta carinhosa ao Presidente do Brasil, feita pela Igreja Memorial Batista de Brasília, um exemplar das Sagradas Escrituras, a Bíblia, sabendo que Vossa Excelência, em sua atenciosa leitura, encontrará a divina orientação na luta pelo desenvolvimento nacional, na esperança de que trará ao seu coração a tranquilidade necessária ao desempenho de tão honroso quanto espinhoso cargo. Receba, Presidente Goulart, com esta Bíblia, as nossas expressões de carinho e respeito.»

Viavelmente emocionado, assim respondeu o Presidente Goulart à brilhante e oportuna saudação do Pastor Eber: «Senhores Parlamentares e Pastores Evangélicos: É com profunda emoção que agradeço as

carinhosas palavras de vosso fiel e inteligente intérprete, que claram muito fundo em meu espírito. Das muitas manifestações de apreço que tenho recebido nesta fase de minha vida, como Presidente do Brasil, esta homenagem certamente guardarei, dada a sua enorme significação: os pastores evangélicos de Brasília, a sincera e desinteressada assistência sua palavra de solidariedade, sem nada pedir. Realmente, valiosa tem sido, através da união e cooperação da comunidade evangélica ao Governo. E são mais de cinco milhões de brasileiros, nas diversas Igrejas evangélicas, que lealmente cooperam com o Governo, na árdua tarefa de melhorar as condições de vida de nosso povo! Sou grato aos evangélicos do Brasil pela obra social e educacional que têm realizado. Estamos todos comprometidos na luta pelo desenvolvimento econômico e social de nossa pátria. Nesta hora, em que são urgentes as reformas estruturais, em que é grave a realidade nacional, em que as paixões políticas, os ânimos partidários, os interesses de grupos e os debates ideológicos ficam mais acirrados, faz-se necessária a palavra equilibrada e pacificadora. E os evangélicos muito têm a fazer, para que continuemos respirando um clima de liberdade e respeito! Desejo que as reformas de base se processem dentro da paz na etnal e das normas legais! Por isso, espero contar com o apoio dos evangélicos para levarmos avanti o desenvolvimento brasileiro, nesta fé atribuída da vida nacional. Mais uma vez, agradeço a vossa visita de solidariedade e as palavras de vosso representante, Pastor Eber Vasconcelos. Guardo, profundamente emocionado, esta Bíblia, fazendo votos que possamos trabalhar juntos para o progresso do Brasil. Através da Bíblia, os homens públicos podem encontrar a inspiração para orientar o País dentro de sentimentos cristãos, no sentido da paz, do entendimento e da fraternidade. Aqui estarei, Senhores, à disposição dos evangélicos, para ajudar em tudo o que estiver ao meu alcance e atender ao interesse nacional. Mais uma vez, expresso



Presidente João Goulart recebe a Bíblia das mãos do Pastor Eber Vasconcelos, oferecida pela Igreja Memorial Batista.

I Encontro de Líderes da Juventude Batista Latino - Americana

O JORNAL BATISTA

Rio, domingo, 31 de maio de 1964
Nº 22 - Ano LXIV

ÓRGÃO OFICIAL DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

A Igreja em Face das Injunções Políticas

Matéria de Orientação Pastoral para os Membros da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Publicamos neste número, atendendo a oportuníssima sugestão, a carta-pastoral dirigida, recentemente, pelo Dr. João Soren aos membros de sua Igreja. Trata-se de importante pronunciamento, que merece leitura e releitura de um número muito maior de leitores. Por essa razão, o publicamos e nos congratulamos com o ilustre líder batista pela maneira por que orienta sua Igreja.

A Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo é uma entidade de natureza religiosa, cuja missão e tarefa são de qualidade precípua e essencialmente espiritual.

Um dos mais graves perigos que a Igreja se tem defrontado desde os primórdios de sua existência, é o perigo da secularização. Esse perigo é tanto mais ameaçador por ser insidioso. A tentação mais ardilosa que o Diabo arma no seu emprego de derrubar o Senhor da Igreja, foi a tentativa de envolvimento secularizador de sua missão redentiva neste mundo.

Defrontou-se Jesus Cristo repentinamente com essa ameaça no seu ministério terreno, circunstância que O levou a declarar preempertamente que o Seu Reino não é deste mundo.

O grande desvio doutrinário e a conseqüente deformação institucional da Igreja de Roma, tiveram como ponto de partida histórico o processo de secularização iniciado no tempo do Imperador Constantino, que reinou em Roma no século IV A. D. Esse imperador, animado das melhores intenções, como também de desmedida ambição política, entendeu de fazer da Igreja de Cristo a igreja oficial do seu império. As conseqüências funestas de tão desastrosa medida perduram até hoje. O processo de secularização tanto desfigurou a Igreja de Roma, a ponto de se lhe obliterarem as características das Igrejas apostólicas do Novo Testamento.

A observância do chamado princípio de separação entre a Igreja e o estado, é um dos mais poderosos baluartes de defesa da Igreja contra o perigo da secularização. O citado princípio consiste, em suma, no reconhecimento de que são distintas as esferas de ação, estrutura e finalidade, respectivamente da Igreja e do estado.

Cabe observar, outrossim, que em nenhum outro setor, mais do que no terreno desse princípio, tem se verificado mais luta e conflito na história do Cristianismo. Tal luta persiste no presente. A história dos batistas é, em grande parte, a história dessa luta sem fim, em que os batistas se caracterizaram na história com paladinos da liberdade religiosa.

O aspecto contemporâneo dessa luta tradicional dos Batistas apresenta algumas facetas novas em conseqüência da evolução nos conceitos políticos e sociológicos. Há, entretanto, mais dois fatores que concorrem para reanudar essa luta. Um deles é a pobreza da cultura teológica, de modo geral, que por sua vez responde pela indefinição e insegurança das idéias e das convicções. Ao doutrinarismo dos cristãos, inclusive evangélicos, desta geração, falta resistência à erosão produzida pela correnteza do pensamento secular. Outro fator, que também é de fundo teológico, se prende à confusão muito encontrada entre os próprios crentes, sobre o que na realidade são a natureza e a missão da Igreja de Jesus Cristo.

Em nossa Pátria, o interesse crescente em assuntos sociais e políticos, aliado a uma série de outros fatores, apunhou alguns crentes, inclusive ir-

deres evangélicos, doutrinariamente desprevenidos, e que tomados de entusiasmo, afoitos, embora bem intencionados, tendem a incidir em confusões no que diz respeito às prerrogativas individuais dos crentes e às atribuições e responsabilidades da Igreja como tal.

A confusão a que aludimos acima, vem apontando, sob o aspecto de periculosidade, por isso que põe em risco a missão da Igreja, precisamente numa conjuntura, delicada, em que as Igrejas de Jesus Cristo devem estar comprometidas de sua missão, como também desimpedidas e desembaracadas para cumprí-la com segurança e desassombro.

O cuidado pastoral pelo bem-estar do Rebanho Anáado, bem como a responsabilidade que sente pelo seu bom doutrinarismo levam o Pastor a fazer algumas considerações em torno dos aspectos específicos e concretos em que esse perigo se evidência.

1. Incompetência política da Igreja. Não compete à Igreja, como o Corpo de Cristo que é qualquer prerrogativa em função política. Tais prerrogativas lhe são estranhas, quanto são alheias ao Estado as atividades e atribuições religiosas e eclesiológicas.

Também não compete à Igreja a chamada função politizadora. Compete isto aos órgãos políticos e não aos eclesiológicos. É fato incompatível a ação politizadora com as atribuições de uma Igreja, quanto são às funções do Estado o doutrinarismo teológico e a formação religiosa dos cidadãos.

O que veli dito acima não significa em absoluto que as atividades políticas sejam incompatíveis com a vida cristã, ou que os crentes devam permanecer alheios e à margem dos acontecimentos e dos movimentos políticos. Ao contrário, desde que não haja a certeza que a política é um campo que muito necessita da atuação, da influência e do testemunho dos Filhos da Luz. Essa atuação há de ser exercida, entretanto, na qualidade de cidadãos, e não na qualidade de porta-vozes ou de representantes das Igrejas.

2. Pronunciamentos e manifestos eclesiológicos de natureza política. Tais pronunciamentos, quando emitidos por Igrejas, ou por entidades vinculadas a Igrejas, constituem transgressão do princípio de separação entre a Igreja e o estado. Tanto direito assiste à Igreja de emitir pronunciamentos sobre injunções políticas, quanto tem o estado de pronunciar-se sobre injunções eclesiológicas.

Verificaram-se recentemente reclamações energicas de políticos situados em várias áreas da política partidária do nosso País, contra a ostensiva intervenção eclesiológica em assuntos políticos. Tais protestos são de todo procedentes, porque essas intervenções, além de extemporâneas, criam condições irritantes. Digo também, de passagem, que essas proclamações políticas — eclesiológicas são praticamente destituídas de sentido doutrinário e de valor teológico. Valem elas pelo prestígio político que têm, ou que possam vir a ter, as entidades que fazem esses pronunciamentos.

Não podemos fugir à bilateralidade do princípio de separação entre a Igreja e o estado. Se repelimos qualquer tentativa da parte do poder temporal no sentido de indiscutir-se na esfera religiosa e eclesiológica, só nos assiste autoridade moral para fazê-lo desde quando nos abstermos de invadir a esfera do poder estatal como Igrejas, denominações e organizações religiosas.

3. Vinculação da Igreja a organizações e movimentos políticos.

A Igreja, a ser fiel à sua missão, não poderá aliar-se a organizações ou movimentos políticos, ideológicos

ou partidários, mesmo quando tais correntes desfraldam bandeiras e ostentem legendas que afeinem com os ideais da Igreja e do Evangelho.

Não deve a Igreja formar, quer na «marcha dos camponeses», quer na «marcha da família». Trata-se de movimentos políticos cujas fidelidades as Igrejas não devem engrusar. Outra, muito outra é a marcha da Igreja de Jesus Cristo. Sempre que a Igreja se deixa prender e aliar a tais movimentos, não só se afasta ela do seu autêntico roteiro divino e espiritual, como também perde em prestígio, tanto da parte a que se alia, como também da parte divergente e politicamente adversa.

4. Penetração político-partidária no ambiente eclesiológico.

Assiste aos crentes individualmente o direito de preferências político-partidárias, mas não lhes assiste o direito de utilizarem a sua qualidade de membros das Igrejas para os fins de propaganda ou contra-propaganda política através das instituições, reuniões, e demais serviços mantidos pelas Igrejas. Tal abuso acarreta inevitavelmente conseqüências desastrosas. Além de transferir para a Igreja as tensões de refregas e atribuições seculares, atenta frontalmente contra a dignidade autônoma das Igrejas.

Explicio. O Estado dispõe de legislação que regula a atividade política, bem como de órgãos incumbidos de supervisionar tal atividade e as organizações que nela se empenham. A verificação de atividades políticas na vida interna de uma Igreja, acarreta o envolvimento de tal Igreja nos dispositivos legais que regem as atividades e agremiações políticas. Causa um hábito em nosso País, bem como em outros, de Igrejas e outras entidades religiosas sofrerem a intervenção de órgãos estatais por força de tal equívoco, de vez que estavam elas abrigando atividades e movimentos políticos.

Algo de violência e ofensa à liberdade religiosa, etc. Tais protestos, entretanto, pouco valem. O Estado estava com a razão.

É necessário que nos acatemos contra o perigo de extravasamento de entusiasmo ou de paixões político-partidárias e ideológicas em nossas Igrejas, para que não arrastemos para elas uma situação comprometedoras e vexatória.

5. A Igreja e os regimes políticos.

Se não cabe a vinculação da Igreja em partidos políticos, também não é cabível vinculá-la a regimes de governo. Tempo houve em que o regime monárquico de governo convivia compatível com o Cristianismo por força do chamado «direito divino dos soberanos». Ninguém hoje em dia

Quando da realização do X Congresso da Aliança Batista Mundial, em 1960, no Rio de Janeiro, os líderes da moridade latino-americana se reuniram e, sentindo a necessidade de tratar de problemas peculiares à Juventude, sugeriram a realização de três encontros. O primeiro seria realizado em Cuba, para os líderes oriundos da América Central. O segundo, na Colômbia, para o Norte da América do Sul. E o terceiro, em Porto Alegre, para o Sul da América Latina. Os líderes argentinos por várias vezes manifestaram o desejo de participarem do encontro do Sul. Em 1963, na VI Conferência Mundial da Juventude Batista, realizada em Beiruth, os líderes latino-americanos acertaram os detalhes da reunião de Porto Alegre, que ficou marcada para 1 a 3 de maio do corrente. Assim, o Departamento de Treinamento da JEDM da Convenção Batista Brasileira tomou a iniciativa da convocação, que foi feita a seis países: Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai e Bolívia. Determinadas seriam a natureza e a finalidade da reunião, o número de participantes, a programação, etc. O Departamento de Treinamento, o Pastor Luiz Schettini Filho assistiu a esse primeiro Encontro, voltando de Porto Alegre, o pr. Schettini foi procurado pelo JB, a fim de prestar informações sobre o encontro.

Como funcionou o Encontro. Alguns meses antes do Encontro, todos os delegados dos seis países começaram a receber informações sistemáticas sobre o processamento das reuniões, a fim de chegarem a Porto Alegre devidamente preparados para uma produção razoável. Com essa mesma antecedência, foi preparada uma agenda provisória de trabalho acóro com todos os países participantes. Essa agenda foi confirmada na primeira reunião, e constava das seguintes assuntões: Programa editorial de literatura permanente para a América Latina; Escritório Central de Intercâmbios; Instituto Latino-Americano de Líderes; Congresso Latino-Americano da Juventude Batista; Análise e Crítica da Atual Estrutura da Mocidade Batista.

Os quarenta e oito delegados foram divididos em seis grupos de trabalho, e estudaram os assuntos a eles destinados durante dois dias. No último dia do Encontro, apresentaram seus pareceres em reuniões plenárias.

Em uma das noites, foi realizado um programa inspirativo de natureza missionária, tendo em vista a obra da Convenção Batista Brasileira, através da Junta de Missões Estrangeiras. Nesse programa, que contou com a assistência das Igrejas batistas de Porto Alegre, falaram os presidentes das delegações de cada país, quando demos ênfase aos relatos da Bolívia e do Paraguai. Pregou e sermão da noite o pastor José Misson, da Igreja Batista de Villa Morra, em Assunção (Paraguai), representando assim a mais nova campanha de missões estrangeiras de nossa Convenção.

Repercussão do Encontro. Formos recebidos em Porto Alegre pela mocidade da capital, que ofereceu hospedagem gratuita a todos os delegados, além de tomar todas as providências locais para o êxito do Encontro. A divulgação na cidade atraiu a atenção dos jornais, emissoras radiofônicas e da Televisão. Assim é que, minutos após as resoluções mais importantes, não somente a cidade mas também outros Estados já tomavam delas conhecimento, devido ao interesse das emissoras de rádio. Vale ressaltar a cooperação da Junta Estadual e do Colégio Batista.

Resultados do Encontro. Um dos resultados de importância foi o próprio Encontro, porque es-

CRISTO, A ÚNICA ESPERANÇA

A Oração Do Justo Pode Muito. Ore Diariamente Pela Campanha. PARTICIPE DAS JORNADAS DE ORAÇÃO. PRÓXIMA JORNADA: 1 A 6 DE JUNHO!

NESTE NÚMERO: A Ceia de Senhor Restrita (João Partida de Mendonça) 2 Espiritualidade e Verdadeira Fé (Davidson Editorial) 3 A Missão de Cristo e a Nossa Missão (Kenneth Wolff) 5 Um Fenômeno Religioso 5 A Mocidade Batista Brilha no Norte do Brasil (Bill H. Lecher) 7 Três Elementos Indispensáveis à Maturação (J. J. Soares Filho) 8

O JORNAL BATISTA

EXPEDIENTE

Orgão Oficial da Convenção Batista Brasileira - Semanário Doutrinário e Notícias

Diretor J. REIS FERREIRA

Redator - Secretário ERNANI S. FREITAS

W. E. INTZINGER

Preço das assinaturas: Anual R\$ 1.800,00

Para o exterior R\$ 2.400,00

Para o estrangeiro (inclusive Brasil) R\$ 360,00

A Direção é responsável perante a lei por toda a matéria publicada. Pesante a responsabilidade dos colaboradores quanto à veracidade das informações e não se responsabiliza, especialmente, a opinião de jornal.

A matéria a publicar deve ser enviada à redação: O JORNAL BATISTA, Caixa Postal 133 22-000, Rio de Janeiro, encaminhada a tempo e com o endereço de retorno para o responsável (CASA PUBLICADORA BATISTA), no mesmo envelope.

Tudo o que não for enviado ao prazo será entregue diretamente à redação ou enviado ao endereço de retorno do remetente.

Tipografia: Rua Silva Val, 781, Terezinha, Guanabara.

Publicação da Junta de Escolas Dominicais e Meiodia da Convenção Batista Brasileira.

IGREJA E MINISTERIO

Página 8

enfermidade e todo o mal... (Mat. 10:1-8)

A reunião chamada de posse por mim, regulada pelos três escritórios, foi muito solene, e parece não ter sido simplesmente de posse, mas de ordenação ou consagração e posse, reunião da igreja, portanto, sob a presidência de Jesus.

DESENVOLVIMENTO DO MINISTERIO

O evangelista Lucas é um dos escritores sagrados que revela maior interesse na evangelização dos povos, tanto na gestão do território de Jesus como na gestão do Espírito Santo. Ainda no Ministério terreno de Jesus Cristo, ele dá um registro de aumento considerável do ministério estabelecido na igreja. Assim descreve ele o aumento do ministério para evangelismo: «E depois disso designou o Senhor ainda outros setenta, e mandou-os adiante da sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir...» (Luc. 10:1-24).

TRABALHO COMPLETO

Na gestão, ou melhor, na dispensação do Filho, ou seja, no ministério terreno do Senhor Jesus, a igreja e o ministério foram estabelecidos com os poderes necessários. Devemos ainda considerar que, o que parece ao disciplinar do Jesus, como se ainda não existisse igreja, é apenas falta de compreensão de alguns acontecimentos, como, por exemplo, a maneira de dizer do evangelista Marcos, quando trata da eleição dos doze: «E subiu no monte e chamou para si os que ele quis; e vieram a ele. E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse pregar.» (Mar. 3:13-19). O que devemos entender da frase «chamou para si os que ele quis» é o mesmo que entendemos hoje por «chamada divina» a algum membro da igreja; e como a igreja o considera «vocacionado» dá o seu voto reconhecendo-o ao ministério. Este texto obscuro deve ser esclarecido com um claro como em Luc. 6:12-13.

Igreja e Ministério foram, pois, entregues à direção do Espírito Santo, cuja posse foi dada por ocasião de Pentecostes, como se deve compreender em Atos 2:1-47.

Ministério Batista AFASTAMENTO

O pr. Emílio Nêris dos Anjos, IB de Volta Nova, Teresopolis (Est. do Rio), comunica seu afastamento do Ministério Batista, por motivo de incompatibilidade no lar. A comunicação tem a data de 9 de março corrente.

AVISO

A Igreja Batista em Itatiaia, Estado do Rio de Janeiro, avisa ao irmão José Filipe que se comunique com a mesma dentro do prazo de noventa dias a contar desta publicação; caso contrário, será excluído por abandono à mesma.

Pela Igreja, Jeslam A. dos Reis, secretário Augusto T. Corrêa, pastor.

CONVOCAÇÃO

A Igreja Batista de Cerâmica, em Nova Iguaçu (Est. do Rio), em sessão de 8 de março último, resolveu promover a consagração ao Santo Ministério da Palavra, do irmão José Gomes Martins, recém formado pelo Seminário Teológico Betel, no dia 2 de maio próximo. Qualquer comunicação ou objeção pode ser dirigida ao atual pastor, residente à rua Marques, 7, Comendador Soares (Est. do Rio). Fraternalmente, Elson Barbosa da Silva, Pastor.

JORNAL do Secretário

ENCONTRO DOMINICAL

TRABALHO PARA O PROGRESSO

O segundo compromisso que assumimos quando aceitamos o Pacto das Igrejas Batistas é o de trabalhar para o progresso da igreja no comprometimento, na santidade, no conforto e na espiritualidade.

Quero crer que esse conhecimento se refina à ciência da Palavra de Deus, a nossa regra de fé e prática. Neste sentido, o participante deve cooperar com a Escola Dominical (a propósito do nome da Escola da Bíblia, penso que a designação tradicional não diz bem o que é a coisa; ela deveria chamar-se Escola Bíblica, ou Escola Bíblica Dominical, e não simplesmente Escola Dominical). Há muitos membros de Igreja que estão deixando de observar este ponto do Pacto, por não darem a menor importância aos estudos bíblicos que a igreja promove aos domingos ou no meio da semana.

Outro compromisso é o de trabalhar para o progresso da igreja na santidade. Como Nova de Cristo, a Igreja deve perseguir a pureza. Seus membros não se devem conformar com o presente século, mas devem ser santos em toda a sua maneira de viver. O pecado na vida de um membro é algo capaz de impedir a marcha progressiva da Igreja. Como o medo, a iniquidade possui o dom de paralisar o progresso da Agência do Reino.

Deve ainda o crente, trabalhar para o progresso da igreja no conforto. O que o Pacto quer dizer com isto? Será conforto material? Acridito que sim... O membro deve cooperar para que o ambiente da igreja seja o melhor possível, neste sentido. O ideal (como os leitores desta coluna já sabem) é a posse pela igreja de um templo funcional. Mas, se isto não é possível, deve-se providenciar a melhor acústica, a melhor ventilação, a melhor visibilidade e a melhor iluminação possíveis para o local onde a igreja se reúne.

E, finalmente, reza o segundo compromisso que o crente deve trabalhar para o progresso da igreja na espiritualidade. Assim, deve ele ser um crente ativo, alguém que esteja preocupado em que o Senhor lhe ouça a voz através da oração. Deve, outrossim, procurar ouvir a voz de Deus, na leitura meditativa da Bíblia. E outra prestimosa cooperação que o membro pode prestar à espiritualidade da igreja é a de ser reverente. A espiritualidade que está quebrando o Pacto das Igrejas, pela também há muitos membros que estão quebrando o Pacto das Igrejas, pela também há muitos membros que assumem na Casa de Deus.

UNAe

Está publicado em episódio mimeografado o «Projeto de Criação da União Nacional dos Artistas Evangélicos UNAe». Suas razões de origem são as seguintes:

1. Os artistas evangélicos de todas as denominações não são convenientemente aproveitados nas Igrejas a que pertencem.

2. Não são artisticamente bem conhecidos.

3. Tampouco se conhecem bem a si próprios os seus trabalhos dos irmãos.

4. Vivem dispersos, afastam-se da Igreja, onde geralmente não encontram o devido apoio para a apresentação e desenvolvimento de sua arte.

5. Carecem, como qualquer outro grupo artístico, de uma associação de classe.

Informações podem ser obtidas na antiga Casa Pastoral da Igreja Presbiteriana do Rio, à rua Silva Jardim, 23, a alguns passos da Praça Tiradentes, onde telefones 21-4418. Seu idealizador, é o poeta Cleber Neves de Araújo, já realizou reuniões preliminares para a criação desta idéia. Interessados, artista evangélico, na UNAe.

Respiros

O primeiro respiro de hoje é um pedido: por favor, não confundam respiro com... respiros. O ene, na segunda linha, faz uma diferença enorme. — Para a Cultura de Pessoas do Joazeiro dos Santos «O Evangelho Social é um evangelho de leite-em-pó...» (pr. Antônio Pacheco, pregando sermão doutrinal no IB de Campos Elíais, Ribeirão Preto (SP), em 15 de março último. — Cartaz no salão social da Igreja Metodista em Ribeirão Preto

NOTAS REDATORIAIS

1. Endereços Pr. José Guilherme de Moraes — Rua Clemente Caldas, 8 — Nazaré, Bahia; pr. Elson José Pinheiro — IB de Nova Esperança — Caixa Postal 191 — Nova Esperança — Paraná (Norte); pr. José Lopes — Poceirão — Via Maranhão (Minais).

2. Pastores O pr. José Guilherme de Moraes assumiu o pastoreado da 1ª IB de Nazaré, Ba.

3. E assim se deve ler «Ainda não se tratasse das guerras púnicas...» e assim que está no Editorial de pr. Almir S. Gonçalves, no JB de 28 de março, coluna 2, linha 41. Deixa ser exatamente o contrário: ainda quando não se tratasse das guerras púnicas... E assim que se deve ler.

4. Vistas Estiveram na redação: pr. Benedito Sampaio, da IB de Austin (RJ); pr. Antônio Ambrósio de Oliveira, Sec. Cor. da Junta Executiva da Convenção Batista Espiritosantense.

5. Outra corrigenda No artigo FACETAS, nº 1, do pr. Almir S. Gonçalves, entre as linhas 24 e 25, onde está invadido, deve estar incluído: Escaparam no mesmo artigo e outros, do mesmo número, alguns lições sem de revisão que os leitores facilmente descobrirão e corrigirão por si mesmos.

Responsabilidade dos Crentes nesta hora

Os acontecimentos políticos milhares de 31 de março e 1º de abril que culminaram com o afastamento do Presidente da República vieram, inevitavelmente, desafogar a nação. Porque estávamos vivendo num clima pesado de provocações, de ameaças, de agitações, que nos roubavam o mínimo de tranquilidade necessária para poder trabalhar e progredir. Necessária inclusive para a pregação do Evangelho. Agora as coisas mudaram. Era tempo.

Esse clima artificial, estranho à índole brasileira, estava sendo mantido por uma desabusada minoria que, paulatinamente, ia exercendo influência nas más diversas seções da vida nacional. Reformistas à maneira comunista. Como em todos os outros lugares, tratava-se de uma minoria mas ativa, diligente, corajosa, esperta e oportunista. Quando sabíamos de certas medidas tomadas no Brasil e certos planos levávamos com alguma apreensão de fatos semelhantes ocorridos há bem pouco tempo e aos quais, ao que nos parecia, nossos líderes não estavam dando a devida atenção. Referimo-nos à Checoslováquia e à Hungria. Democratas ali se uniram aos comunistas em favor da pátria, para depois serem superados e sacrificados pelos aliados da véspera. Ir-se-ia repetir o drama no Brasil? Deixar-se-iam os democratas brasileiros enganar, apesar de todas as advertências da história recente?

Preocupava-nos a posição do Presidente da República. Como cristãos devíamos-lhe toda o respeito aconselhado nas Escrituras. Era objeto constante de nossas orações. Mas suas atitudes eram-nos, muitas vezes, inexplicáveis. Muitos de nós, veteranos de 37, pensávamos: de val fazer com os comunistas o mesmo que Vargas fez com os integristas. Está dando certo, fazendo-os crer que está com eles. Esse pensamento, entretanto, não tranquilizava, porque sabíamos muito bem que os métodos comunistas são muito mais eficientes e sua organização muito mais perfeita que a de nossos líderes integristas. Numa vitória comunista, o presidente iria ter um fim inglorio, tipo Masaryk.

Agora, enquanto escrevemos estas notas, parece que tudo acabou. O Presidente que estava fazendo um jogo extremamente perigoso foi afastado. A democracia já não está mais ameaçada. A vontade do povo foi entendida e respeitada. Porém é preciso que se diga que o povo brasileiro pela sua índole, pela sua formação, repete os regimes totalitários e muito particularmente o regime comunista. O povo brasileiro não aceita um sistema materialista na sua filosofia e que tem por método a violência e a mentira. Muitos estavam enganando o povo e muitos legitimamente se estavam deixando enganar. Mesmo em nossas igrejas havia infiltrações. Havia a idéia louca de acusação dos mesmos ideais. Mas a história contemporânea prova, cabalmente, que é impossível cooperar com os comunistas, que a política da não estenidade é impraticável quando não é suicídio, que todos que acreditaram nas boas intenções comunistas acabaram liquidados quando estes venceram.

É lamentável assinalar que até mesmo em algumas igrejas houve infiltração. Micos cheios de ideal e com a impaciência natural da mocidade julgaram que apoiando os totalitários veríamos consecutivas reformas salutares para o Brasil. Não tinham perspectiva suficiente, não tinham conhecimento suficiente das lídies da História embora tão próximas. Por isso deixaram-se enganar. E deixaram-se levar até ao ponto de justificar uma luta armada, uma revolução sangrenta, para impor novas estruturas ao Brasil. Esqueceram-se, por um momento, que eram cristãos e que o cristão é pacífico. Cristianismo e guerra não combinam. Mas sendo micos compreendem-se que se deixassem levar pela propaganda insidiosa, demorada, constante, eficiente, bem feita.

Alguns não sabem (pelo menos até agora) que o movimento de salvaguarda da democracia erigiu-se sem sangue. Os objetivos do movimento estavam tão de acordo com o que pensa e o que quer o povo, que não houve resistência. Toda a pregação da violência feita com estranha complicidade das autoridades através do rádio, da imprensa, do livro, dos conícios, não bastou ainda para mistificar suficientemente a imensa maioria do povo brasileiro. E este agora respira aliviado. Agora é possível prosseguir na conquista de tanta coisa que é, realmente, necessária para que tenhamos um Brasil melhor.

Entre essas coisas necessárias, estão diversas reformas, a começar pela reforma agrária. Uma reforma agrária que dê terra a quem a quer e que não sabe trabalhar; uma reforma agrária que dê assistência aos que não lavrar a terra; uma reforma agrária que dê estradas para o transporte fácil dos produtos da terra; uma política agrária que desbaste esses sertões brasileiros num outro movimento de banditismo inconspicivelmente ainda não completado. Mas uma reforma sem odio, sem vingança, uma reforma segundo a inspiração cristã.

Segundo a inspiração cristã. Como será isso possível? A responsabilidade do povo de Deus aumenta agora. Estamos certos, por exemplo, de que Deus atende às orações incessantes de seu povo pela pátria. Porque o que aconteceu agora é, sob certos aspectos, verdadeiro milagre. Quando tudo parecia turvo, quando os defensores da Democracia pareciam estar desviados uns com os outros, quando parecia que todos estavam mistificados, tudo se esclareceu e viu-se, por exemplo, que as forças armadas brasileiras não estavam tão infiltradas como se supunha; que a disciplina não tinha dominado os quartéis, e que o regime democrático podia contar nos seus defensores. Era milagre de Deus, atendendo às orações de seu povo. E o que cremos. Agora é preciso continuar. Oraç mais do que nunca. Trabalhar mais do que nunca na pregação do Evangelho. Já dissemos mais de uma vez que esse é o grande remédio. Já dissemos que só acreditamos em Cristo como a esperança. Os crentes tem que viver à altura das circunstâncias atuais. A vitória da

Completa Oitenta Anos a Maior Igreja Batista do Brasil

O JORNAL BATISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Rio, domingo, 23 de agosto de 1964
Ano LXIV — n.º 34

A GRANDE CAMPANHA VISITA OS TRÊS PODERES DA REPÚBLICA



O Pastor Rubens Lopes falando ao Presidente da República. Vêem-se na fotografia o Pastor José Moreira, Dona Alzira Brito, Pastor Eber Vasconcelos, Pastor Henrique Pescock e, meio encoberto, o Deputado Adrião Bernardes.



O Pastor Rubens Lopes cumprimentando a Presidente da Câmara dos Deputados, Dr. Ranieri Mazzilli.

"Excelência, viemos comunicar-lhe que há uma Revolução em marcha no Brasil". Com essas palavras, começou o Pastor Rubens Lopes o breve discurso em que se dirigiu ao Marechal Castelo Branco, Presidente da República, na visita que lhe fez, no dia 5 deste mês, no Palácio do Planalto, em Brasília. Acompanhado do secretário-geral da Campanha, dos pastores Eber Vasconcelos e José Moreira e da senhora Alzira Coelho de Brito, e apresentado pelo Deputado Batista Adrião Bernardes, Rubens Lopes transmitiu ao Presidente da República as saudações dos batistas brasileiros e falou-lhe da Grande Campanha que está em preparação para comunicar aos brasileiros que Cristo é a única esperança. Terminando sua alocação, entregou ao Marechal Castelo Branco um Novo Testamento em nome do povo batista brasileiro.

O Presidente da República estava extremamente emocionado, ao responder. "Essa Revolução", disse ele, "vai ultrapassar, em processos e efeitos, aquelas que são feitas com a força das armas e num ambiente político e material". Mais adiante, declarou: "Recebo a exortação dos pastores batistas para andar nos caminhos de Deus com toda a humildade". Fez uma referência aos batistas, que disse conhecer desde sua meninice, no Ceará, dizendo admirá-los porque "mesmo os homens mais simples da vida fazem questão de dar testemunho de sua fé e são homens de vida limpa e correta". Dequi, dizemos nós: sejam sempre tais homens, de vida limpa e correta, que mereceram essa referência desse ilustre soldado que é o Presidente da República. Com vidas limpas e corretas é que nossa Campanha há de ser vitoriosa. Porque, para repetir as palavras de Gladstone, um só exemplo vale mais que cem argumentos.

Todos que estavam reunidos no Salão de Imprensa do Palácio do Planalto ficaram emocionados com as palavras e atitude do Presidente Castelo Branco. Notava-se a sinceridade na sua voz e entonação. Esse homem por quem oramos sempre, como cristãos, merece nosso respeito e apreciação.

No mesmo dia, o presidente da Grande Campanha visitou também o Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Ranieri Mazzilli; o Presidente do Senado, Senador Auro Soares de Moura Andrade, e o Supremo Tribunal Federal, onde foi recebido pelo Presidente de nossa mais alta



O Pastor Rubens Lopes entregando ao Marechal Castelo Branco um Novo Testamento, em nome dos batistas brasileiros.

Côrte, Ministro Ribeiro da Costa, e alguns dos outros Ministros, inclusive o Dr. Antônio Villas Boas, nosso irmão em Cristo.

Os três poderes da República receberam assim a visita de nossa Campanha e com toda a atenção e cordialidade. Tanto o Presidente, como o Deputado, o Senador e os Ministros ouviram a palavra de Rubens Lopes, que além das saudações falou de Cristo, a única esperança; foi a voz do evangelho que soou também nesses paços onde se assenta o poder executivo, legislativo e judiciário da nação, poderes em que esperamos, pela graça de Deus, a influência do evangelho de Jesus Cristo venha a tornar-se cada vez maior. Para isso, vamos realizar essa Campanha e a ela nos dedicar de corpo e alma.

Dia de Oração e Congratamento de Pastores

A Comissão Estadual de Preparação da Grande Campanha, na Guanabara, resolveu marcar o domingo 6 de setembro para uma reunião de congratamento e oração dos pastores batistas cariocas, tendo em vista a Grande Campanha.

O encontro foi marcado para a Capela do Seminário, às 9 horas da manhã. Lá os pastores passarão o dia, devendo o Seminário fornecer almoço e lanche.

O Pastor Rubens Lopes apresentará a mensagem principal do dia.

A Comissão espera muito dessa reunião, para a aglutinação das forças batistas cariocas na grande arrematada de 1965.



Templo da 1ª Igreja do Rio, fotografado nesta semana.

Em 24 de agosto de 1884 o Missionário William Buck Bagby, sua esposa e mais duas irmãs, uma inglesa e outra escocesa, fundaram a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. A fundação da Igreja foi um desses atos de fé bem característicos daquele nosso pioneiro. Fé bem recompensada como se pode ver hoje pelo monumento que é a Primeira Igreja do Rio.

Fomos visitá-la e ao seu pastor, Dr. João F. Soren, neste mês em que comemora seus oitenta anos. Não tentaremos contar a história da Igreja; para isso seria preciso um livro, como já foi escrito um livro sobre o Pastor Francisco Fulgêncio Soren, o construtor do majestoso templo da rua Frei Caneca. Aqui vamos dizer apenas algumas coisas que constituirão nossa homenagem a essa Igreja realmente grande e não apenas pelo edifício e pelo número de membros.

Parece-nos que umas das razões por que a Primeira Igreja cresceu tanto está no fato de que nesses oitenta anos só teve três pastores: da fundação até a posse de P. F. Soren esteve à sua frente o missionário Bagby; de 1901 até 1934 F. F. Soren e de 1935 até agora lá está João Soren. Há pastores que defendem entre os batistas uma espécie de sistema metodista não permanecendo na mesma Igreja mais do que 4 ou 5 anos. A experiência das grandes igrejas nos longos pastorados é muito digna de observação.

Quando João Soren recebeu o pastorado da Igreja que seu pai tão puramente havia pastoreado por mais de 30 anos, havia no rol de membros cerca de 450; hoje a Primeira Igreja está com 2.400. Em número de membros a maior Igreja Batista da América Latina. Cremos que só nos Estados Unidos podem ser encontradas igrejas maiores.

Esse número tão grande de membros não significa que a Igreja não tenha organizado outras; nesses oitenta anos a Primeira Igreja organizou 14 outras Igrejas no Estado da Guanabara: Engenho de Dentro, V. dureira, Tijuca, Laranjeiras, Ricardo de Albuquerque, Benfica, Cambuca, Ramos, Santa Cruz, São Cristóvão, Bonsucesso e S. Francisco Xavier. Se fossemos agora contar as igrejas organizadas por essas filhas da Primeira Igreja chegaríamos a mais de cinquenta.

Página 7

BILHETE DO DIRETOR

Amigo leitor:

Em nossa coluna editorial de hoje recebemos um hóspede. O assunto que traz é de tanta importância que lhe cedemos o lugar habitual em que expomos nosso ponto de vista aos batistas brasileiros. Por isso queremos chamar sua atenção para o apelo que lá se encontra. Uma das Causas mais caras aos batistas brasileiros colapsa-se em perigo, se não de colapso pelo menos de sérios impedimentos. Contudo, portanto, com sua compreensão e sua ajuda. A nossa marcha não pode parar.

NESTE NÚMERO

	Página
Em defesa de um manifesto (Arlindo dos Santos)	2
Um apelo que comove até às lágrimas (Editorial)	3
Ele tinha o mundo no coração (Undécimo capítulo da vida de Guilherme Carey)	4
Página da Escola Dominical	5
Efeitos do Calvário sobre a Campanha Nacional de Evangelização (F. R. Melo)	8
Os três grandes fatores da vitalidade da Igreja primitiva (Almir S. Gonçalves) — 2.º de uma série de dois artigos	8



O Pastor Rubens Lopes falando aos Ministros do Supremo Tribunal Federal. Vêem-se da direita para a esquerda os Ministros Vitor Nunes Leal, Cândido Mota Filho, Ribeiro da Costa, Presidente do Supremo, e Antônio Villas Boas.

O ESTANDARTE

ANU 79 || São Paulo, 31 de janeiro de 1971 || N.º 2

SR. AGENTE: Quarta devol.
por Esta Jornal à Caixa 508
— SÃO PAULO, SEM OUTRO EN-
comprado o destinatário.

PORTE PAGO

O Côro e o Presidente Médici



I. P. I. CENTRAL DE BRASÍLIA CANTA PARA O PRESIDENTE

Em seu primeiro ano após as maratonas, as festas do fim de ano, o Presidente Médici recebeu, no Palácio do Alvorada, a visita do Côro da Igreja Presbiteriana Independente Central de Brasília, que cantou para o chefe da Nação evangélica de Natal, sob a regência do Professor Humberto Damasceno Mazzali Scifitz. O diretor do I.P.I., Rev. Sebastião Gomes Moreira, que estava presente, fez a entrega ao Presidente Garibaldi Médici de um disco "song-play", com músicas religiosas, apudando pelo próprio Côro, e explicou uma situação interessante, em favor da Pátria, do Presidente Médici e de toda a sua equipe de Governo. O Professor Euzébio A. de Carvalho, que é membro do Côro, fez a apresentação dos componentes do conjunto, ressaltando as diferentes modalidades de canto em sua totalidade e seu espírito de unidade, de fé, servindo a Deus, e a Pátria, com sua voz. O Presidente, após agradecer a visita, ofereceu a todos um refrigerante e café, acompanhando ainda durante algum tempo com eles, manifestando o valor da religião na vida do homem, e manifestando o seu descontentamento porque os homens, hoje em dia, cada vez mais procuram fugir das responsabilidades da vida e da própria responsabilidade em seu funcionamento para a vida da sociedade, ficando só o lado do grande edifício da Nação. Por isso Médici problematizou com que nos dias de hoje, tanta falta de compreensão e de amor, o Presidente considerou aquele grupo muito bem representativo da religião, que a a purificação da sociedade, afirmando que essa unidade de fé está em os corações, e manifestou-se profundamente agradecido a Deus porque tem auxiliado em seus Ministros essa unidade, com presença e perfeito entendimento.

Um dos solistas trabalhou na Presidência. A ele, quando cumprimentou a todos, o Presidente Garibaldi Médici disse: "Então você tem mais esta qualidade, hoje e em todo o dia. Adura sei." E ele ainda, no decorrer da conversa de

fez, disse ao Rev. Sebastião Gomes Moreira: "Talvez eu ainda venha a pressionar esse côro." Médici disse que se consista logo se colocarem inteiramente à disposição da Presidência.

O côro nos mostra um aspecto de visita, no âmbito em que o Côro do I. P. I. Central de Brasília cantou em 1969. Na sala onde todos estavam há um enorme espelho. A foto foi feita por um dos Côros, por isso parte dos seus membros é visível de costas. Ao fundo, refletido no grande espelho, vê-se o grupo no palco. Enunciado um espelho há há um sofá, onde se vêem o Presidente Garibaldi Médici, de costas, e sua esposa, D. Sylvia Médici.

D. Sylvia Médici foi pródigo em elogios, argumentou à Sr. Márcia Damasceno Mazzali Scifitz: "Você pôs um Rd boca de cada um? Eles cantam tão bem!" E, dirigindo-se ao marido: "Pena que a gravadora esteja fora, não é? Então quem vai gravar esses lindos sons?"

A visita do Côro no Alvorada em apenas duas visitas. E visita rápida, como foram rápidas as visitas feitas pelo Côro à 2ª apresentação da cidade, onde recebeu elogios e reconhecimento da Igreja em alguns lugares da cidade. Estas visitas constaram apenas da cântica de dois minutos de Natal, após apertar a campainha, e de uma oração feita pelo pastor, à porta, sem que se entrasse na casa. Tudo de uma maneira muito simples e muito de acordo com a doutrina foi prontamente combinada. Ali o momento surpreso não poderia mesmo prevalecer. Mas tanto o Presidente e sua esposa D. Sylvia como seu ministério ficaram-se satisfeitos com a simplicidade da visita. Foi esse Côro que ofereceu ao Presidente Médici o disco "Volvo os dias a Cristo", o que ainda serve para demonstrar a quanto de responsabilidade tem a Igreja Central de Brasília. Em fim, de oportunidade de diferente das demais Igrejas do Brasil.

Anexo XXXIII

Fonte: ALMEIDA, Adroaldo José Silva. Pelo Senhor, marchamos?: Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Niterói: Universidade Federal Fluminense – Tese de Doutorado, 2016.p.75.